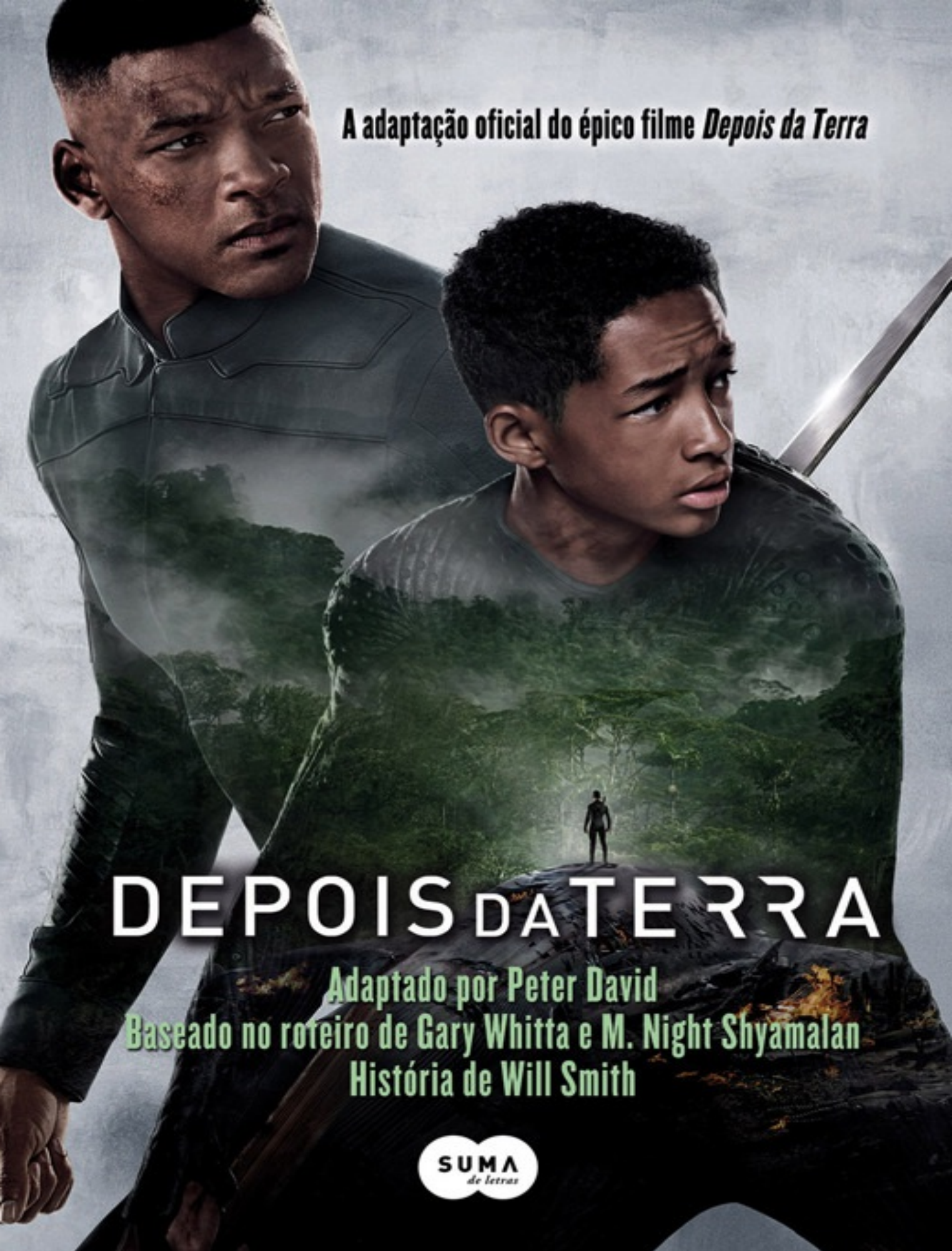

A adaptação oficial do épico filme *Depois da Terra*
DEPOIS DA TERRA
Adaptado por Peter David
Baseado no roteiro de Gary Whitta e M. Night Shyamalan
História de Will Smith
SUMA
de letras

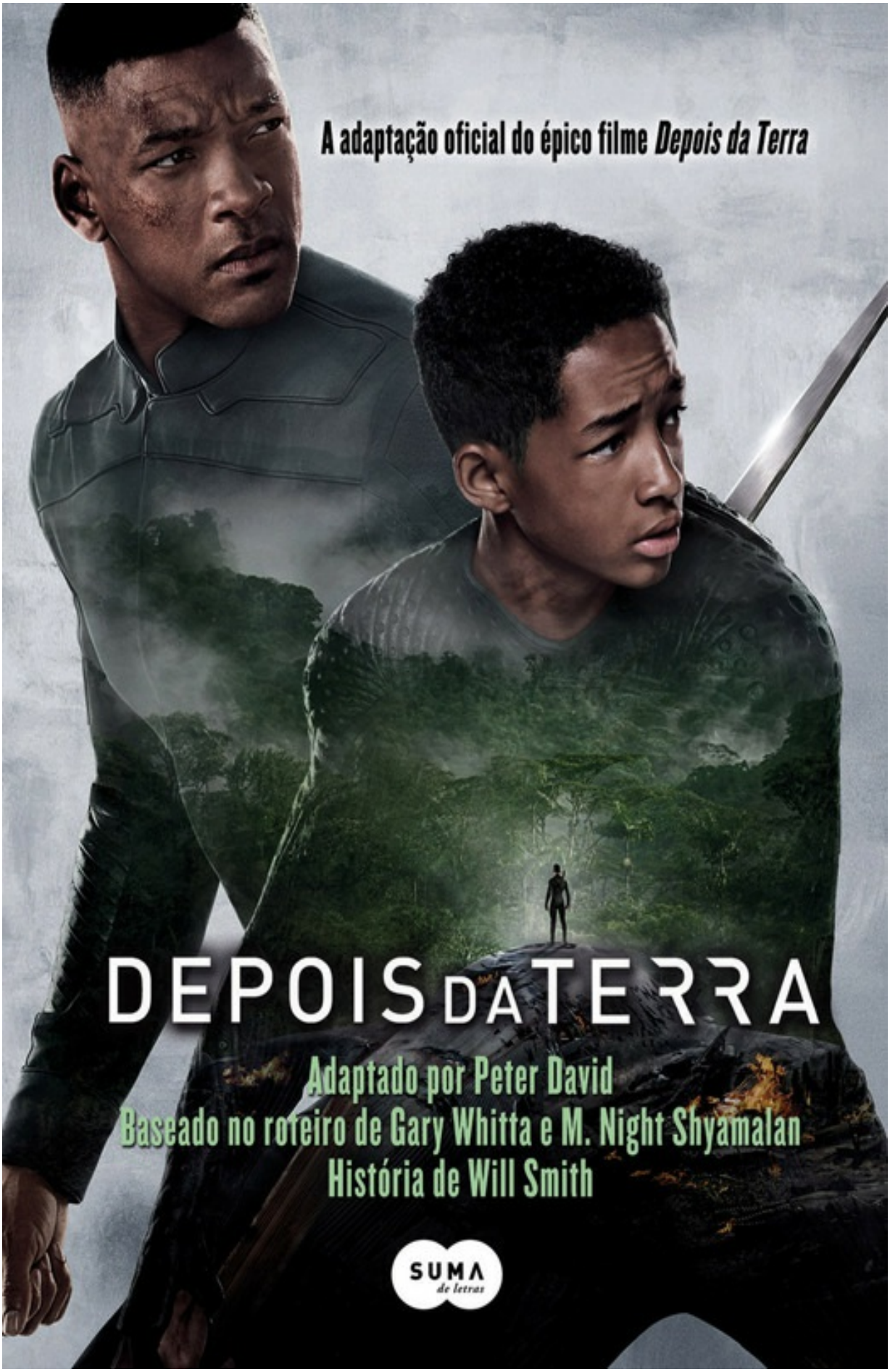
Copyright

Esta obra foi postada pela equipe **Le Livros** para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura a àqueles que não podem comprá-la. Dessa forma, a venda desse eBook ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação **é totalmente condenável** em qualquer circunstância.
A generosidade e a humildade são marcas da distribuição, portanto distribua este livro livremente. Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e à publicação de novas obras. Se gostou do nosso trabalho e quer encontrar outros títulos visite nosso site:

Le Livros

http://LeLivros.com




A adaptação oficial do épico filme *Depois da Terra*
DEPOIS DA TERRA
Adaptado por Peter David
Baseado no roteiro de Gary Whitta e M. Night Shyamalan
História de Will Smith
SUMA
de letras

Adaptado por Peter David
Baseado no roteiro de Gary Whitta e M. Night Shyamalan
História de Will Smith

DEPOIS DA TERRA

Tradução
Rodrigo Santos

SUMA de letras

Copyright © 2013 by After Earth Enterprises, LLC. All rights reserved.
Used under authorization. This translation is published by arrangement with Del Rey,
an imprint of The Random House Publishing Group, a division of Random House, Inc.

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro – RJ – Cep: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
After Earth – Novelization

Revisão
Joana Milli
Cristiane Pacanowski

Coordenação de e-book
Marcelo Xavier

Conversão para e-book
Abreu's System Ltda.

PRISA EDIÇÕES

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D274d

David, Peter
Depois da Terra [recurso eletrônico] / Peter David ; tradução Rodrigo Santos. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2013.
recurso digital : il.
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
209p. ISBN 978-85-8105-164-2 (recurso eletrônico)
1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Santos, Rodrigo. II.

Título.
13-00835 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Sumário

CAPA

FOLHA DE ROSTO

CRÉDITOS

DEDICATÓRIA

AGRADECIMENTOS

PRELÚDIO

1000 DT – CAMPO DE TREINAMENTO DOS GUARDIÕES

1000 DT - NOVA PRIME

2065 DC – SEDE DAS NAÇÕES UNIDAS, MANHATTAN

1000 DT – NOVA PRIME

1000 DT – PORTO ESPACIAL DOS GUARDIÕES

2072 DC – ANTÁRTICA, TERRA

1000 DT – TERRA

1000 DT – TERRA

651 DT – NOVA PRIME

1000 DT – NOVA PRIME

933 DT – NOVA PRIME

1000 DT – TERRA

1000 DT – TERRA

995 DT – CIDADE DE NOVA PRIME

1000 DT – TERRA

1000 DT – EM ALGUM LUGAR DO ESPAÇO

Para Bob e Mike, dois dos meus melhores amigos de todos os tempos

AGRADECIMENTOS

Este livro existe por causa de Will Smith e Caleeb Pinkett. Eu também gostaria de agradecer a Gaetano Mastropasqua, Clarence Hammond e Kristy Creighton pela ajuda. Na Random House, o editor Frank Parisi e o publisher Scott Shannon mostraram graça mesmo sob pressões impossíveis.

PRELÚDIO

Kitai está dormindo profundamente, sonhando com o futuro.

Não é um sonho incomum. É um que se repete o tempo todo. Um sonho simples e incrivelmente consistente. Ele está correndo, sempre correndo, pelos platôs que serviam como campo de treinamento para os Guardiões. Ele não se vê mais velho do que é agora: 8 anos de idade. Oito é quase 18, sua mãe sempre diz. Kitai não entende muito bem o que isso quer dizer, mas toda vez que ela diz isso as palavras vêm acompanhadas de um grande sorriso, o que deixa claro que não é um insulto. Por isso, ele não fica ofendido.

No sonho, Kitai está correndo ao lado de outros membros do Corpo dos Guardiões. Os outros não são crianças como ele. São grandes, fortes e confiantes. Todos estão carregando alfanjes, a arma formidável que os Guardiões usam para realizar o trabalho para o qual tanto treinam. Eles são adultos.

E Kitai está ultrapassando todos eles.

A velocidade de Kitai é simplesmente inigualável. Ele se move de forma tão rápida e ágil que é impossível para os outros alcançarem-no.

— Vai mais devagar, Kitai! Você está acabando com a gente, garoto! — Comentários como esses se multiplicam enquanto ele corre, mas ele decide ignorá-los. A falta de velocidade dos outros não é problema dele. Tudo o que importa é ser o mais rápido e ser o melhor. Ser o maior Guardião da história de... bom, ser o maior Guardião de todos.

Se tem um assunto que Kitai conhece é grandes Guardiões. A família dele é composta inteiramente de grandes Guardiões e ele está determinado a superar todos eles, inclusive o general.

Kitai corre, desliza, salta e pula. Em um momento, ele salta de um penhasco e realmente voa pelo céu, livre como um pássaro, enquanto os outros Guardiões apontam e gritam, concordando coletivamente que ele é, sem dúvida, o melhor de todos.

Em algum lugar distante, ele ouve um choro. Não

significa nada para ele: somente outro som alto para servir como distração. Mas ele nunca se distrai. Ele é grandioso e glorioso demais como Guardião para sucumbir a essas coisas.

De repente, Kitai acorda assustado. Ele se senta na cama, ouvindo a própria respiração, surpreso ao perceber que estava dormindo. A última coisa de que se lembrava era de se deitar na cama, lendo um livro. Ele se orgulhava de estar sempre acordado e pronto para qualquer coisa. O fato de Kitai ter caído no sono era ruim; ter sido acordado por um choro era ainda pior. Era vergonhoso, na verdade. Ou teria sido, se ele estivesse acordado o suficiente para entender o perigo.

Ele leva mais alguns segundos para entender que o choro, na verdade, é uma sirene do alarme de ataque aéreo. Os inimigos alienígenas da colônia, os Skrel, estavam atacando. Mas não se ouvia nenhuma explosão. Se não estão nos bombardeando, então o quê...?

Ursas.

As criaturas já persistem em Nova Prime há alguns anos. Os Guardiões, liderados pelo pai de Kitai, conseguiram aniquilar a maior parte deles, mas os Ursas continuam a ser uma ameaça real para os colonos. Ainda restava um número desconhecido deles, e os monstros atacavam a cidade sem aviso e sem padrão.

Mas e se o alerta realmente tivesse sido causado pelos Ursas? A ideia paralisou Kitai. Se os Ursas estavam sendo liberados no meio dos humanos, tudo estava acabado. Até onde ele sabia, os Ursas poderiam ter chegado ao interior do complexo. Podia ser um ou cem. Como cada um deles podia matar centenas de humanos, não fazia muita diferença. Cada Ursa era uma máquina mortífera. E, levando em consideração que o apartamento dos Raiges ficava somente no segundo andar, a casa deles estava bem no caminho da destruição.

Kitai está em perigo imediato. Ele confronta o fato. Isso o deixa nervoso.

Ele só tem 8 anos. Eles atualmente estão fazendo planos para a celebração do Dia do Pouso: o dia, há séculos, em que pousaram em Nova Prime, o mundo que se tornou seu novo lar. O Dia do Pouso é a maior celebração no calendário de Nova Prime. É cheio de dança, banquetes e presentes para as crianças.

Ultimamente, o Dia do Pouso tem ocupado toda a

atenção de Kitai. Apesar dos perigos enfrentados pelos colonos diariamente, a ideia de que ele poderia não viver para ver o Dia do Pouso nunca passara pela cabeça dele, até agora.

— Eu quero o Dia do Pouso — sussurra ele. — Eu não quero morrer. Eu quero o Dia do Pouso.

Kitai consegue ouvir passos apressados a distância. O apartamento da família dele é um de muitos aglomerados em uma área densamente habitada e ele ouve vozes encaminhando as pessoas para um abrigo de sobrevivência. Os apartamentos são ótimos para a vida do dia a dia, mas quando os Skrel ou uma de suas criaturas está ameaçando os colonos, o procedimento padrão é procurar um abrigo para se proteger. Os abrigos são estruturas altamente reforçadas com paredes bem grossas e só uma entrada, que pode ser protegida por um esquadrão de Guardiões armados.

Nesse momento, Kitai ouve Guardiões passando pelo corredor, certificando-se de que todos estão indo para onde devem ir.

Uma voz feminina em particular se sobressai na gritaria que chega até ele.

— Senshi? — grita ele, mas ninguém pode ouvi-lo. A voz dele é muito pequena e o barulho dos outros muito grande.

O apartamento em si é integrado na face de uma colina enorme. Os apartamentos demoraram anos para serem escavados na rocha; durante esse tempo, a humanidade residiu em abrigos provisórios nas areias vermelhas do chão. Mas isso não era um problema, pois a raça alienígena conhecida como Skrel ainda não havia percebido a presença da humanidade em Nova Prime. Os ataques ainda não haviam começado. Quando começaram, quando as naves apareceram, disparando contra os colonos, tentando matá-los das alturas, os apartamentos na colina concederam a proteção que a humanidade precisava.

Algumas centenas de anos mais tarde, tudo mudou.

Quando os Ursas pousaram.

Isso, é claro, foi séculos antes de Kitai nascer. Ele não sabe muito sobre isso. Os anos não têm o mesmo significado para ele que têm para os adultos. Tudo o que ele sabe com certeza é que as pessoas todas ao redor dele estão tentando não entrar em pânico. Em vez disso, estão tentando se

comportar da maneira que foram treinadas. Kitai também foi treinado. Por que ele não está fazendo o que deveria?

Porque ele tem 8 anos de idade, é óbvio. Isso seria uma desculpa aceitável em outro tempo e lugar. Aqui e agora não é, e Kitai sabe disso.

Ainda assim, ele permanece congelado na cama, como se esperasse que uma parte de sua mente decidisse levá-lo para dormir novamente. Que talvez aquele mundo de sonho de felicidade e superioridade seja o real e tudo isso, um mundo de medo e pânico incontido, seja ficção.

— Senshi! — grita ele novamente, dessa vez mais alto e mais forte.

Por um momento, ninguém responde. Mas depois, ele a ouve na distância.

— Kit? — Kitai ouve uma voz familiar.

Ele afunda aliviado contra o travesseiro enquanto grita por ela novamente.

Há barulho de pés vindo na direção dele. Os véus de tecido inteligente que servem de porta para seu quarto são puxados de lado alguns segundos depois e ele vê a expressão preocupada no rosto de sua irmã.

Senshi tem 19 anos. Relativamente jovem para uma Guardiã; ela está sendo promovida a patentes mais altas. A maioria de suas atribuições a mantém dentro da cidade. Ela não tem muita experiência em trabalho de campo. Isso é ótimo para a mãe dela. Para o pai, nem tanto. Para Kitai, no momento, é fantástico.

— Kitai! — grita ela, frustrada. — Por que você não está no corredor? Por que não veio quando deveria?

Ele não sabe ao certo. O que deveria dizer? "Eu estava assustado?"

— Não importa — complementa ela. — Kit, temos que ir. Agora.

Apesar dos perigos em potencial esperando por eles, ele não sentiu nada além de confiança em sua irmã. Ela parece valente no uniforme de Guardiã. Por um momento, ele se lembra de quando a viu de uniforme pela primeira vez, toda orgulhosa. Um enorme sorriso em seu rosto se refletia no rosto do pai deles, que não tinha o costume de sorrir. Senshi está empunhando o alfanje, pronta para atacar qualquer coisa que a ameace.

— Agora! — repete ela, mais alto e enfática.

A cama dele é somente uma rede suspensa no quarto, que está cheio de roupas e brinquedos. Quando ele tenta sair, seu pé fica preso nas cordas. Em vez de descer da cama, ele cai de frente no chão, se enrolando na rede.

— Ah, pelo amor de Deus — murmura ela, enquanto vai na direção dele para soltá-lo.

É aí que um rugido muito alto e aterrorizante rasga o ar.

Kitai congela. Ele não faz isso conscientemente. O rugido é um som alienígena que o imobiliza completamente.

A cabeça de Senshi se vira na direção do rugido. As lâminas do alfanje, um grande bastão de metal desenhado, aparecem dos dois lados.

— Isso foi...? — Kitai consegue emitir um sussurro abafado.

Senshi confirma com a cabeça. Alguma coisa muda na aparência dela, na maneira como se porta. Ela está séria, completamente profissional. Como se estivesse meramente fingindo ser uma Guardiã até aquele momento.

— Eles nos surpreenderam — explica ela a Kitai. — Estão sempre invadindo a cidade em momentos aleatórios... — Ela anda para a frente e golpeia com o alfanje na direção dele.

Kitai solta um grito de susto quando a arma corta as cordas de sua cama. As presilhas se partem imediatamente e ele cai ao chão. Rapidamente, Kitai começa a se livrar dos restos de corda. Enquanto isso, Senshi pergunta severamente:

— Você não está com medo, está?

— Não — responde Kitai. Então, eles ouvem outro rugido agudo de fúria animal e ele salta ao ar. — Sim — admite ele, sentindo-se envergonhado, mas compelido por sua tendência de dizer sempre a verdade.

A segunda fonte de rugido é muito mais alta, o que significa que está muito mais próxima do que a anterior. Senshi se vira e olha para trás. Kitai não consegue ver a expressão no rosto dela. Por algum motivo, ele fica feliz por isso. Ele suspeita que não iria gostar se visse.

— Kit — diz ela suavemente —, vá para debaixo da cama.

Não há muito uma cama para se esconder, mas é o suficiente para ele. Kitai se arrasta para baixo na rede torcida

e rasgada, inútil para suportá-lo, mas boa o suficiente para escondê-lo. Depois de puxá-la completamente sobre a cabeça, Kitai vai para um canto. Se conseguir se espremer como uma bolinha, ele tem certeza de que não pode ser visto por ninguém nem por nada debaixo das cobertas.

— Senshi, vem logo — ele a chama. A situação é simples, pelo que ele sabe. Eles se escondem juntos e esperam outra pessoa dar um jeito no Ursa. Para ele, essa é a maneira mais sensata de lidar com a situação atual.

Ele fica confuso ao ver Senshi ainda olhando o quarto. Os olhos dela se fixam em uma caixa retangular com algumas plantas. É o jardim de Kitai, ou ao menos o que pretendia ser.

Rapidamente, Senshi pressiona um botão em uma das extremidades. A tampa se abre. Senshi gira o alfanje e o prende nas costas com o fecho magnético. Então, começa a retirar as plantas da caixa rapidamente. Ela joga tudo no chão, espalhando terra por todos os lados.

Kitai observa confuso. Ele não tem ideia do que ela está fazendo. Momentos depois, ele descobre quando Senshi coloca a caixa de lado e a desliza na direção dele.

— Entra aqui, tá bom?

— Mas... por quê?

— Ele obedece mesmo enquanto questiona.

— Para que ele não consiga farejar você. Rápido!

Kitai entra e puxa as pernas, livrando-se dos restos da rede. No momento que ele fica completamente dentro da caixa, sua irmã lhe entrega um controle remoto.

— Segure isso.

— Mas pra que é isso? — pergunta ele.

— Você vai usar quando eu mandar. Ou quando outro Guardião mandar. Se não for assim, não saia. Não importa o que acontecer. Isso é uma ordem — acrescenta ela seriamente, pois sabe que Kitai sempre respeita essas palavras.

Então, coloca as mãos no rosto dele. Os lindos olhos dela estão emotivos e muito sérios.

— Você ouviu o que eu disse, irmãozinho?

— Sim, Senshi...

Ele nem consegue completar a frase porque outro rugido monstruoso ressoa. Dessa vez, muito mais perto.

Kitai começa a dizer o nome dela novamente, mas ela não espera para ouvir. Ela toca no botão do controle remoto na mão de Kitai e puxa a mão antes que a caixa se feche. Agora, ele está completamente fechado e vê Senshi puxando o alfanje das costas.

É uma arma A-20. Ele sabe disso porque ela ficou se gabando quando trouxe a arma pela primeira vez. Ele se lembra claramente de Senshi demonstrando pela casa. Se movia tão rápido na mão dela que era impossível ver as lâminas. Sua mãe ficou impressionada. Seu pai apontou as coisas que ela estava fazendo de errado e passou duas horas com ela repassando todos os erros. Ela aceitou as correções sem nenhum comentário ou evidência de frustração. Esse era o jeito dela.

Com o alfanje na mão, ela digita um código no cabo da arma. Ele responde instantaneamente, como se mil fibras metálicas se estendessem em cada lado. Elas formam pontas afiadas que podem ser usadas para cortar o couro do Ursa e acertar diretamente o coração.

O alfanje agora está com dois metros de comprimento e pronto para ser usado. Kitai sente algum conforto em vê-lo. Ele sabe que depois que sua irmã está com a arma nada é capaz de passar por ela. É uma Guardiã. Foi treinada exatamente para este tipo de situação.

Então, ele vê uma sombra no quarto anexo. É um cômodo usado pela mãe deles para criar vários objetos artesanais. O quarto de relaxamento, como ela chama. Costumava ser o quarto de Senshi, mas não é mais o caso desde que ela passou a morar no alojamento dos Guardiões. Então o quarto foi reformado.

Agora, com a sombra passando por lá, o quarto se tornou um lugar perigoso.

Senshi vê a sombra. Ela não se importa muito com ela. Não grita nem aponta. Ela simplesmente gira o alfanje na mão para deixá-lo pronto para atacar.

Então, olha uma última vez para Kitai. Ela acena com a cabeça confiante e faz um gesto com a mão, indicando que ele deve permanecer escondido, que vai ficar tudo bem.

Senshi vai para o quarto seguinte, girando o alfanje na mão e golpeando. Enquanto faz isso, ela fala em um tom baixo e sério, e Kitai percebe que está falando com outros

Guardiões. Ela está dando informações a eles, avisando que está enfrentando um inimigo e que quanto antes eles chegarem melhor será para todos os envolvidos.

É então que Kitai vê a criatura entrar no quarto anexo.

Ele não consegue distinguir a criatura muito bem. O que ele vê é que é algo enorme, movendo-se vagarosamente em seis pernas. Pelo menos, foram quantas ele conseguiu contar na sombra. Ele está rosnando baixo, vendo o inimigo, pronto para atacar.

Senshi continua movendo o alfanje para cima e para baixo, para a frente e para trás. Ela gira tão rápido que Kitai mal consegue seguir. Ele tem certeza de que o Ursa tem o mesmo problema.

É aí que Senshi de repente ataca. Ela está tentando dar um golpe rápido para expulsá-lo do quarto e do apartamento.

O Ursa, pelo que Kitai percebe, não cai na armadilha. Em vez de atacá-la, ele dá vários passos para trás. Um golpe rápido com uma das patas e móveis voam por todos os lados.

Senshi dá um passo para o lado, desviando dos fragmentos que voam em sua direção. Ao mesmo tempo, o Ursa tenta investir contra ela. Senshi esquiva e golpeia. A criatura empurra a ponta da arma dela para o lado, mas falha em arrancá-la de sua mão.

Por alguns segundos demorados, a troca de golpes se prolonga. Então, o Ursa encolhe as poderosas pernas traseiras e salta sobre ela. Senshi se abaixa, levantando o alfanje em um movimento que certamente empalará a criatura.

Mas não funciona.

Em vez disso, o Ursa cai longe do alfanje. Foi um movimento inesperado para Senshi, que tenta mover novamente o alfanje para rasgar o corpo da criatura.

Se ela foi lenta demais ou a criatura rápida demais, Kitai nunca saberá com certeza. Ele só sabe que o Ursa ataca com as garras e atinge sua irmã. Uma das garras atinge o ombro direito dela, que grita de dor e recua para fora do alcance da criatura.

Ou pelo menos foi isso que ela quis fazer. O recuo dela é lento demais, claramente prejudicado pela dor.

Kitai continua sem conseguir ver o monstro claramente, escondido atrás do tecido que separa os cômodos. Mas ele consegue ouvi-lo. Por Deus, ele consegue ouvi-lo. Ele

ouve Senshi tentando atacar com o alfanje, ele ouve o alfanje sendo arrancado da mão dela e caindo no chão. Ele consegue ver brevemente a sombra dela, enquanto tenta recuperar a arma e ouve o rugido triunfante do Ursa, que consegue interceptá-la.

Mais um golpe com a garra e o som da pele, da carne de sua irmã, sendo rasgada no corpo, tão alto e profundo que Kitai não consegue pensar em nada além de gritar, aterrorizado. E ele ouve o grito de agonia de Senshi. Kitai vê brevemente a imagem dela segurando uma parte do tronco, provavelmente onde o Ursa a acertou. Então, subitamente, dessa forma, ela cai. E é aí que Kitai percebe que o Ursa a derrubou.

A criatura avança na direção dela, soltando um rugido ensurdecedor que se mistura ao grito de terror de Senshi.

A distância, Kitai consegue ouvir passos apressados, os gritos de outros Guardiões. Ele diz para si mesmo que vão chegar a tempo e resgatar Senshi. Vai ficar tudo bem e, daí a alguns anos, todos estarão rindo da vez em que Senshi quase morreu enfrentando um Ursa para proteger seu irmãozinho.

É nesse momento que Kitai pensa em sair de seu invólucro e atacar o Ursa. Ele ouviu o alfanje de Senshi cair no chão e consegue ver que está caído não muito longe. Ele só precisa sair do esconderijo e pegá-lo para atacar o Ursa sozinho. Ele tem certeza de que consegue matar a criatura. Pode atacar, dar uma estocada com o alfanje e acertar o monstro onde ele não está esperando.

Ele pode fazer isso. Ele pode enfrentar a criatura. Pode derrotá-la. E ele sabe disso com certeza absoluta.

Mas não faz nada. Fica lá paralisado em seu esconderijo, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Kitai não consegue se mover. Está apavorado.

Então, há um último som de ossos quebrando e ele ouve Senshi. Ela não soa mais como uma Guardiã. Soa apenas como uma garotinha apavorada e só uma palavra passa por seus lábios.

— Pai — diz ela, suavemente.

E não é por ele ter entrado ali para salvá-la.

Kitai sabe que seu pai não está nem perto. Está em uma "missão", o que quer que isso signifique. Talvez Senshi esteja chamando o pai por o estar vendo na própria mente. Ou

talvez esteja pedindo desculpas por tê-lo decepcionado. Ou talvez esteja somente assustada.

Então, ele ouve mais mastigações e um suspiro final de Senshi. Assim ela se foi, e Kitai está sozinho no mundo.

O Ursa prende o corpo de Senshi com os dentes e levanta para perto da janela mais próxima. A forma despedaçada de Senshi aparece no campo de visão e Kitai ouve os colonos gritando a distância.

Eles estão com tanto medo quanto Kitai, talvez até mais. Kitai ouve os passos enquanto eles correm e o rugido triunfante do Ursa. Então, a criatura larga o corpo no chão.

Ela está lá, com o rosto virado na direção de Kitai. Ele a vê olhando para ele como se o estivesse acusando e ele tenta virar o rosto. Mas não consegue. Só consegue continuar olhando para ela, com os olhos arregalados de terror, pelo que parece um longo tempo. Finalmente, ele consegue olhar para o outro lado, mas continua sentindo como se a tivesse abandonado de alguma maneira.

O Ursa salta para fora do quarto e vai procurar outra presa. Kitai fica deitado lá no invólucro, sem olhar para Senshi, com o olhar fixo na parede de vidro do abrigo improvisado por sua irmã.

Passa-se quase uma hora até que os Guardiões o encontrem. Não é culpa de ninguém em particular, exceto de Senshi, talvez, que mandou que ele ficasse lá até um Guardião aparecer. E isso não acontece até depois que os Guardiões que chegaram tentassem fazer tudo possível para trazer Senshi de volta. Só aí eles passaram a pensar na possibilidade de haver mais algum sobrevivente no apartamento.

Até então, Kitai permanecera silencioso e imóvel, com as lágrimas secando no rosto.

Ele só recomeça a chorar quando já está nos braços de sua mãe. Fica dizendo as mesmas coisas repetidamente:

— Me desculpe. Por favor, me desculpe. — Ele se culpa pelo que aconteceu, mas não importa o que diga, sua mãe se recusa a aceitar seus pedidos de desculpas... pois ela sabe muito bem que poderia ter perdido dois filhos esta noite.

Estranhamente, saber disso não deixa Kitai mais tranquilo.

1000 DT

Campo de Treinamento dos Guardiões

i

O alarme acordou Kitai com um susto.

Ele se sentou, tentando recuperar o fôlego. Estivera sonhando, mas não conseguia se lembrar do sonho. Tinha uma vaga noção de que era algo a ver com sua irmã, mas não tinha certeza.

Devo ter sonhado com ela. Era o que acontecia na maioria de seus pesadelos.

Kitai deitou novamente na cama e lá ficou, apesar do barulhento alarme. Passaram-se longos instantes enquanto o aparelho continuava gritando. Por fim, ele se esticou e deu um tapa forte no alarme, que cessou a gritaria e permitiu que ele permanecesse mais alguns momentos na cama. Outra pessoa teria ficado tentada a rolar e dormir mais um pouco. Mas esse não Kitai Raige. Ele só precisava de um choque para acordar. Depois, estaria pronto para o dia.

Kitai se sentou novamente, esfregando o rosto. Conseguiu se forçar a olhar para o lado de fora para ter uma ideia de como seria o dia. Afinal, esse era o dia dele e era importante ter uma ideia de como estaria o clima. É claro, céu limpo ou chuva torrencial, não fazia a menor diferença. Hoje era o dia. E se ele tivesse que fazer tudo no chão encharcado, que fosse, então.

Não significava que ele quisesse isso. E quando ele olhou para fora e viu que o dia prometia ser decente, ele agradeceu silenciosamente aos céus. Não podia ter certeza absoluta, pois ainda estava escuro lá fora. Mas o pouco que vira parecia promissor.

Por um momento, ele se permitiu voltar ao sonho. As lembranças eram vagas na melhor das hipóteses, mas ele estava razoavelmente certo de que estava sonhando com aquele dia terrível, há cinco anos, quando ele se escondeu do perigo enquanto sua irmã querida era brutalmente despedaçada.

A ideia de que ele havia feito isso, de que ele havia revivido a culpa profunda que ainda o corroía, era uma das coisas mais difíceis para ele encarar. Ainda assim, o sonho se repetia com uma frequência quase doentia. Ele fazia o melhor que podia para apagar todas aquelas lembranças.

Ainda assim, o esforço nunca parecia funcionar por muito tempo.

Parte dele de vez em quando brincava com a possibilidade de ir a um psiquiatra, mas sempre que pensava seriamente no assunto, acabava rejeitando a ideia. Isso não cairia bem com o pai dele. Membros da família Raige simplesmente não se envolviam com pessoas que trabalhavam mexendo com a cabeça dos outros.

"Você é quem você é", dissera seu pai quando Kitai tocou no assunto sutilmente (pensou ele) de psiquiatras. "E você tem que viver com as qualidades que tem." E foi basicamente isso.

O Kitai de 13 anos de idade rolou da cama e se alongou. Ele não acordava da mesma maneira que as outras pessoas. Havia um procedimento. Primeiro, vinha uma série de exercícios isométricos de alongamento. Depois, ele ia para o chão e fazia cem flexões e cem polichinelos contados rapidamente. Por fim, ele cruzava a sala até a barra instalada no quarto quando ele tinha 11 anos e fazia o máximo de repetições que conseguia: vinte nesta manhã.

Nada mal. Não foi ótimo, mas também não foi nada mal. Talvez ele estivesse se guardando para o tempo que passaria em campo nesta manhã.

Sim, isso fazia muito sentido. Ele sabia o que o aguardava neste dia e o quão importante seria. O pai dele estaria em casa à noite, esperando ansiosamente a novidade que todos queriam ouvir. Era o trabalho de Kitai garantir que as notícias fossem boas.

— Kitai! — soou a voz de sua mãe, Faia, chamando das escadas. — Você já está acordado?

— Estou sim. E porque você acordou tão cedo?

— Eu fiz seu café da manhã. Achei que hoje seria importante.

Kitai ficou surpreso ao ver que ela tivera esse cuidado. As horas de trabalho na fábrica de turbinas eram longas e as manhãs eram o único horário que ela tinha para colocar o sono em dia. Normalmente ela não estava nem acordada antes de Kitai sair de casa de manhã. O fato de sua mãe ter acordado cedo por ele foi tocante.

— Tá bom, eu já vou descer. — Só depois ele se tocou que deveria dizer algo como "obrigado". Mas chegou à conclusão de que acabaria soando fraco e indeciso. Só acenou com a cabeça para se lembrar de agradecê-la ao descer as escadas.

Nesta manhã, ele tomou um banho de verdade. A água estava escassa recentemente. Apesar de ainda não ser o período de seca, as pessoas estavam cuidadosas com o uso da água ultimamente. Não se podia reparar nada de muito diferente. Só uma pequena mudança no aroma geral das pessoas. Não era grande coisa. Ao decidir ignorar o cheiro do corpo das outras pessoas, você acaba se acostumando. No entanto, com a correria

que ele faria hoje, era uma boa ideia começar limpo.

Enquanto se banhava, ele decidiu dar uma olhada no próprio corpo. Alto e magro, ele estava quase chegando à altura do pai. A pele dele era negra, com a cabeça triangular e o cabelo cortado à moda dos Guardiões, que era um pente acima do corte à máquina. Ele flexionou os bíceps no chuveiro. Os músculos eram sólidos, compactos. Fez alguns movimentos aeróbicos no chuveiro e repetiu uma sequência de defesa pessoal até ficar satisfeito.

Alguns minutos depois, ele se enxugou e se vestiu com o uniforme cinza e branco de cadete dos Guardiões. Faltavam as condecorações que eram comuns em um uniforme completo de Guardião, o que obviamente fazia sentido. Como alguém poderia aspirar se tornar um Guardião já tendo todas as condecorações?

Desceu as escadas rapidamente e viu que Faia preparara dois ovos mexidos e uma salada de frutas locais. Sua mãe sorriu ao vê-lo descendo a escada. Ainda vestia uma camisola com um robe colocado por cima. Até onde Kitai podia prever, ela voltaria para a cama para aproveitar mais uma hora de sono.

— Achei que você ia gostar disso, pra variar — disse ela, com um sorriso. — É bem melhor do que barras de proteínas, com certeza.

Isso era verdade. Normalmente ele pegava uma única barra para o café da manhã e partia para as atividades do dia. Isso era bem diferente.

— Obrigado — disse ele. — Quer dizer, por acordar e preparar isso tudo. Uhm... obrigado.

— Pode parar de me agradecer, Kitai. Não precisa.

Ele assentiu e começou a devorar os ovos. Eles estavam bons demais. Dava para sentir o sabor do queijo no meio dos ovos. Ela obviamente tinha usado um pouco.

— Gostoso — disse ele, engolindo. — Muito gostoso.

— Que bom. — Faia estava sentada em frente, com os dedos cruzados. Ela estava sorrindo para ele, mas havia algo estranho no sorriso... faltava alguma coisa. Era isso. Estava faltando alguma coisa.

— O que houve de errado? — perguntou ele.

— Hmmm?

— De errado. Qual é o problema? — Ele não desacelerou da comida. Restos de ovo caíam pelo canto da boca.

— Nada. Não tem nada de errado.

— Tem alguma coisa sim — insistiu ele. Colocou os talheres na mesa e a olhou preocupado. — O que está acontecendo?

Ela hesitou e deu de ombros.

— Eu só quero que você faça o seu melhor hoje. Eu sei o quanto isso

é importante. Então... você sabe... dê o seu melhor. Você só precisa se preocupar com isso.

— Eu não estou preocupado — rebateu Kitai.

— Querido, eu sou sua mãe. — Ela esticou o braço e segurou a mão dele. — Você pode admitir...

— Não tem nada pra admitir. Eu vou fazer o que tenho que fazer. Eu vou pra prova hoje e vou terminar em primeiro em todas as matérias. E quando eu encontrar você hoje à noite, eu vou ser um Guardião. Só isso. — Ele hesitou e olhou para ela preocupado. — Você não tem um problema com isso, tem?

— O quê? Não! É claro que não. — Ela deu uma risada forçada. — Por que você acharia isso?

Porque você tem medo de que eu fique igual ao papai.

— Por nada — respondeu ele. — Não teria porquê.

— Que bom. Eu não quero que você faça nada menos do que o seu melhor.

— Isso não vai ser problema — declarou Kitai, confiante. — E eu vou deixar você orgulhosa.

A mão dela ainda estava sobre a dele. Ela a apertou e, com um sorriso, disse:

— Você já me deixa muito orgulhosa.

Essas palavras deveriam ser reconfortantes. Porém, por algum motivo que ele não conseguia entender, elas o deixavam nervoso.

ii

Os sóis ardiam sobre os trinta e dois cadetes dos Guardiões — vinte homens e doze mulheres — enquanto corriam pela pista de provas que determinaria seus futuros. O terreno era vermelho e pedregoso, com picos tão altos que pareciam arranhar o céu.

Kitai estava mais ou menos no meio dos competidores, em uma posição que o ajudava a prosseguir apesar das desvantagens que tinha que encarar simplesmente por causa de sua condição física. Para começar, apesar de seu corpo estar em forma, ele tinha pelo menos vinte centímetros a menos do que todos os outros candidatos.

Por consequência, quando o grupo passava por um terreno difícil, ele precisava dar dois passos para cada um dos outros. Ele trabalhava para manter um ritmo constante de inspiração e expiração, mas não era nada fácil. Deveria manter um passo constante, mas estava praticamente

correndo para se manter junto com os outros.

Um enorme rio cortava as montanhas avermelhadas. Os dois sóis estavam a pino, castigando a superfície do planeta. Kitai se lembrava de ter lido alguns textos antigos de ciência sobre a Terra — de quando ainda havia uma Terra — que jurava que planetas capazes de sustentar a vida não poderiam existir em sistemas biestelares e que os planetas seriam esmagados pela competição gravitacional entre os sóis. Ele se perguntou o que aqueles cientistas, mortos há milhares de anos, diriam sobre Nova Prime.

Não deixe sua mente perder o foco. Preste atenção no que está acontecendo ao redor.

Kitai pisoteou pelo rio, jogando água para todos os lados, assim como os outros. Porém, o rio também o ajudou a se posicionar na multidão. Os outros desaceleraram por algum motivo e Kitai conseguiu aproveitar a oportunidade para chegar bem mais perto da liderança. Ao chegar à outra margem, ele havia conseguido avançar tanto que só dois ou três outros cadetes permaneciam à frente.

Mas ele sabia que dois ou três não eram o suficiente. Quando chegassem ao fim da trilha, ele precisaria estar em primeiro. Era a tradição da família Raige. Não segundo nem terceiro. Nada além de primeiro serviria.

O trajeto da corrida os levou por uma estação de cultivo. Era uma estrutura enorme de tecido aberto que protegia as hortaliças do clima severo. Permitia que a umidade chegasse até as plantas, mas as protegia do calor e da chuva em excesso. A estação parecia interminável, apesar de Kitai saber que só tinha algumas centenas de hectares.

Kitai sentiu seu fôlego se renovando e aproveitou para acelerar a corrida. Ele viu que Bo estava na liderança do grupo e começou a mover as pernas ainda mais rápido, ignorando o fato de Bo parecer uma árvore perto dele. Bo tinha 16 anos e estava muito mais avançado do que Kitai em tudo: era maior, mais esperto e mais rápido. Mas também estava respirando com um pouco mais de esforço do que Kitai. Obviamente, o stress da corrida estava começando a desgastá-lo, e isso era tudo o que Kitai queria.

Houve um declive-surpresa no terreno à frente deles. Bo cortou para a esquerda para evitá-lo, o que deu a Kitai a oportunidade que ele precisava. Em vez de contornar o obstáculo, ele acelerou e saltou diretamente sobre ele. O truque era pousar com perfeição e Kitai conseguiu fazê-lo majestosamente. Ele tocou o chão descendente à frente, desequilibrando um pouco, e continuou correndo. Um salto, e de repente ele estava na liderança.

Bo, atrás dele, gritou:

— Isto não é uma corrida, cadete!

Kitai não dava a mínima para o que Bo pensava do assunto. Não era

uma corrida até Bo estar atrás dele. E agora que Kitai estava na liderança, não tinha a menor intenção de deixá-la escapar.

Em vez de ouvir o conselho de Bo, Kitai apertou o passo. Os braços dele pulsavam e as pernas se moviam ainda mais rápido do que antes. Lenta, mas de maneira progressiva, ele deixou o resto do grupo para trás, se separando mais de quinze metros do líder e de todos os que estavam próximos dele.

A linha de chegada estava a um quilômetro de distância, mas podia muito bem estar diretamente à sua frente. Ele não desacelerou nem por um instante, com os pés voando pelo terreno. Em um segundo estava à frente dele e no instante seguinte ele a havia passado. Kitai bateu palmas de felicidade em autocongratulação e se virou para ver o resto dos cadetes, preparado para receber a congratulação deles também.

Em vez disso, um por um, eles passaram correndo por ele. O triunfo que ele sentiu ao cruzar a linha de chegada em primeiro foi, de certo modo, derrotado por ninguém parecer disposto a reconhecê-lo. É verdade que ninguém estava preocupado com o tempo que levaria para os cadetes percorrerem o caminho, mas seria tão ruim assim reconhecer o triunfo pessoal de Kitai?

Aparentemente sim. Bo mal olhou para ele, balançando a cabeça devagar, como se o feito de Kitai não significasse nada.

Tudo bem. Pode agir desse jeito, então. Kitai tentou não deixar a irritação tomar conta dele. Claro, os outros cadetes podiam não estar interessados em reconhecer seu feito. Mas certamente os oficiais dos Guardiões estavam olhando de algum lugar remoto e tomariam conhecimento disso. Eles, pelo menos, entenderiam: não era o suficiente que Kitai simplesmente passasse pela prova e fosse nomeado Guardião. Ele precisava ser o melhor. Sem dúvida eles entenderiam isso.

E daí se os outros cadetes não queriam se importar com isso? Ele se importava. Os Guardiões que estavam julgando também. No fim das contas, era isso que importava.

Depois que os cadetes se recuperaram por alguns minutos, os Instrutores dos Guardiões, conhecidos como IGs, reuniram todos e os levaram a um cânion a um quilômetro e meio de distância. Kitai percebeu que vários cadetes estavam conversando entre si. Porém, ninguém parecia interessado em conversar com ele.

Tudo bem, sem problemas. É assim que eles querem fazer? Então é assim que eu vou fazer também.

Ao se aproximarem do cânion, Kitai viu os IGs no topo. Eles traziam pequenos aparelhos com várias camadas que faziam leituras individuais em cada Guardião. Kitai sabia exatamente para que serviam. Eles mediam os

níveis de medo, porque os Guardiões estavam prestes a serem atacados lá, nas curvas do cânion. As leituras dariam um diagnóstico preciso da reação deles e uma pontuação geral chamada de "prospecto de medo".

O medo era um sentimento sobre o qual os Guardiões deveriam triunfar. O medo era uma fraqueza que podia acabar matando um Guardião. E todos sabiam por quê.

Porque os Ursas conseguiam perceber o medo em suas presas. Eles podiam farejá-lo.

Ao longo das últimas centenas de anos, os Skrel haviam colocado mais ou menos meia dúzia de gerações de Ursas para caçar a humanidade. A leva mais recente das criaturas era a mais formidável que os humanos haviam enfrentado. Eram monstros de seis pernas, com bocarras enormes cheias de dentes e com uma habilidade de se camuflar no ambiente que os tornava praticamente invisíveis.

Mas a habilidade deles de farejar feromônios e de se fixar na vítima com uma concentração inabalável era o que os tornava as criaturas mais mortais já conhecidas.

Portanto, não havia habilidade mais importante para um Guardião do que o domínio sobre o medo. Mais importante do que a habilidade com o alfanje, mais importante do que praticamente qualquer coisa. Era por isso que Kitai estava determinado a gabaritar esta parte do teste. Isso, mais do que qualquer outra coisa, determinaria sua viabilidade de se tornar um Guardião, e não havia chance nenhuma de ele falhar agora.

Os guardiões se reuniram na entrada do vale. Alguns estavam olhando para cima, para os IGs que os monitorariam. Mas não Kitai. Ele já os havia visto e guardado o conhecimento no fundo da mente. A presença deles não fazia mais diferença para ele. Só o desafio que enfrentariam no vale importava.

— Tudo bem, cadetes — começou o IG que estava junto ao grupo. — Peguem seus equipamentos.

Um cavalete de equipamentos fora montado para eles. Só havia dois tipos de objetos nele, com quantidade suficiente para cada um dos cadetes: um capacete de proteção e um alfanje de treinamento. Esse tipo de alfanje não mudava de forma. Eles não eram nem afiados. Serviam somente para praticar combate. Isso não significava que alguém não podia se machucar com eles, mas era muito mais difícil.

Kitai colocou o capacete. Levantou a mão rapidamente, olhando-a de frente e de trás, para garantir que sua visão estava perfeita. Parece tudo bem.

Assim que os cadetes estavam completamente equipados, o IG que falou antes começou a falar novamente.

— Cadetes, entrem no campo de combate! — Ele apontou para a entrada de um campo estreito que ficava no meio do vale.

— Senhor, sim, senhor! — gritaram todos os cadetes, que marcharam diretamente rumo ao desconhecido.

Se houvesse algum modo de os Guardiões jogarem alguns Ursas no cânion sem terem que se preocupar com cadetes mortos, eles o teriam feito. Mas até os Guardiões tinham limites e ninguém com capacidade de comando colocaria três dúzias de cadetes em uma situação de combate mano a mano contra as máquinas mortíferas mais perigosas de Nova Prime. Haveria desafios esperando por Kitai e pelos outros, mas seriam mais do tipo humano.

Kitai estava novamente no meio do grupo, que caminhava lentamente pelo vale. Isso, porém, era mais por escolha própria do que qualquer outra coisa. O posicionamento dele significava que os outros cadetes seriam atacados primeiro, dando a ele mais tempo de reação. Ele olhava para todos os lados, tentando descobrir pontos de perigo em potencial ao redor, certo de que os IGs teriam preparado algo especial para os cadetes desta vez.

Lá!

Ele reagiu antes de ver claramente. Pelo canto do olho, ele viu um rápido clarão de luz. Poderia não ser nada, mas provavelmente era alguma coisa.

— Esquerda, esquerda! — gritou ele, correndo na direção da luz. — Eu peguei você!

— Cadete! — Chamou Bo, claramente cansado do que ele considerava petulância de Kitai. — Volte pra formação!

Kitai não deu atenção para ele. Em vez disso, ele acelerou o passo e os outros cadetes simplesmente saíram da frente.

No fim das contas, ele fez a coisa certa.

Um IG que estava escondido atrás de um campo de invisibilidade o moveu cuidadosamente para que pudesse ser visto. Ele estava com seu cajado preparado quando Kitai saltou, golpeando com o alfanje de treinamento.

As duas armas de treinamento se chocaram no ar. O IG se desequilibrou com o impacto e Kitai deu um chute na barriga dele. O instrutor soltou um grito assustado e se curvou, o que Kitai entendeu como uma oportunidade de bater com o cajado na lateral do pescoço dele. O IG apoiou-se em um joelho, o que era um feito e tanto. Uma pessoa normal provavelmente estaria desacordada no chão.

Kitai saltou para trás dele, se virou e se preparou para acertá-lo mais uma vez com o alfanje de treinamento com toda a força.

Então, ele perdeu a visão.

Por uma razão que ele não podia entender, Kitai não podia ver nada. A tela se virou horizontalmente, bloqueando sua habilidade de ver a área ao redor.

— Estou no escuro, estou no escuro! — gritou Kitai, enquanto tentava alcançar as presilhas do capacete para arrancá-lo da cabeça.

Antes que pudesse fazê-lo, a tela reapareceu em sua frente. De repente, ele podia enxergar novamente e o que ele viu foi um IG extremamente irritado correndo na direção dele. Antes que Kitai pudesse se mover ou reagir, o IG o jogou por cima de suas costas.

Kitai caiu de costas, mas se levantou rapidamente. Com a visão restaurada, ele atacou mais rápido do que nunca. Ele desferiu uma série de golpes contra o capacete e o torso do IG. Mas por mais rápido que os ataques dele fossem, não eram nada em comparação com os de um Guardião veterano. O IG aparou os golpes, permitindo que Kitai desse o melhor de si. Em um dos golpes, o homem se esquivou e Kitai errou completamente. Antes que pudesse se recuperar, o IG puxou as duas pernas de Kitai. E ele foi ao chão outra vez.

— Você está fora — informou o IG. — Está fora.

Isso é o que nós vamos ver.

Novamente, ele começou a se levantar. Ele o fez com menos certeza do que antes, mas ainda tinha força e determinação.

Infelizmente para Kitai, a paciência do IG já havia se esgotado.

Como resultado, antes de Kitai conseguir se levantar completamente, o IG deu um chute no queixo dele. Kitai soltou um grito de dor ao cair pela terceira vez e, dessa vez, não tentou se levantar. Não por falta de tentativa. Ele certamente queria. Mas o IG, cansado de lutar com ele, colocou o pé no pescoço dele. Mesmo assim, Kitai não desistiu imediatamente, tentando deslocar o pé do homem com as mãos.

— Você! Está! Fora! — O som da voz do IG deixou bem claro que se Kitai continuasse a lutar, ele pressionaria o pé na garganta dele. Na melhor das hipóteses, isso o impediria de respirar. Na pior das hipóteses, dependendo do humor do IG, que não parecia especialmente generoso, isso significaria que Kitai nunca mais respiraria.

O pior de tudo era que o resto da equipe havia se reunido, fora de formação, para se divertir com Kitai lutando para respirar. Pela primeira vez, Kitai estava se sentindo constrangido. Ele parou de lutar e levantou as mãos, se rendendo.

Mesmo assim, o IG estava obviamente furioso com a agressividade de Kitai. Ele olhou para o resto dos cadetes e gritou, furioso:

— Todos vocês! Fora!

Assim, o exercício terminou. Os demais cadetes prosseguiram para

o próximo exercício, removendo os capacetes ao fazê-lo. Todos eles estavam relaxados, conversando entre si. Ninguém se importou em falar com Kitai ou ajudá-lo a se levantar. Bo deu apenas uma olhada perturbada para ele e balançou a cabeça.

Kitai se sentou, esfregou a garganta e tossiu algumas vezes. Depois de recuperar o fôlego, ele se levantou e se juntou aos outros. Eles continuaram a ignorá-lo. Ele continuou convencido de que estavam todos com inveja de sua agressividade e determinação. Bom, tudo bem. No fim das contas, as pessoas no comando sabiam com quem estavam lidando. Eles veriam as habilidades dele e o considerariam corretamente.

No fim das contas, era isso que importava.

iii

A face rochosa era só uma diversão agradável para Bo.

Ele escalara esse obstáculo em particular diversas vezes no passado e estava totalmente confiante em sua habilidade de ultrapassá-lo sem problemas. Ela tinha mais de 200 metros de altura, mas Bo conhecia a melhor rota de escalada e tinha certeza de que ninguém na tropa poderia escalá-la mais rápido ou com mais confiança do que ele.

E "ninguém" certamente incluía Kitai Raige.

Bo não tinha nenhum sentimento de raiva contra Raige. Na verdade, bem no fundo, ele até admirava o garoto. Não que ele fosse admitir isso, é claro. As coisas simplesmente não eram assim. Mas havia muito que se admirar sobre Kitai Raige em termos de como ele se portava e em sua determinação de ser o melhor em tudo.

Com sorte, Kitai amadureceria e passaria desta fase. Sobreviver como um membro dos Guardiões era muito mais do que terminar em primeiro ou em segundo lugar. Sobreviver significava chegar ao fim do dia sem perder nenhum pedaço do corpo. Ao longo do tempo, Kitai aprenderia isso e seria potencialmente um membro valoroso dos Guardiões.

Isso se o deixarem entrar para os Guardiões, é claro. E isso não estava nem perto de ser uma certeza. Não se ele continuasse a ter os pequenos ataques que tivera durante os testes.

Bem, isso era problema de Kitai, não de Bo. Este, por sua vez, estava concentrado na parede de pedra.

O arnês em seu peito concedia suporte adicional e certamente era essencial para escalar uma parede como essa. Ele estava preso em cordas que haviam sido instaladas muitos anos antes. Não que Bo realmente

achasse que precisava disso. Mas elas estavam lá por segurança, então por que não aproveitar?

De repente, ele ouviu algo vindo de debaixo dele, movendo-se muito mais rápido do que ele poderia pensar. Considerando a velocidade com que ele estava subindo, era difícil imaginar quem poderia estar alcançando.

Ele olhou para baixo e realmente sentiu o coração acelerar no peito.

Era Kitai. É claro que era Kitai. E o pior é que ele estava em escalada livre. Ignorando a queda que o aguardaria se ele perdesse a pegada, Kitai estava praticamente correndo pela face da pedra.

— Cadete! — gritou Bo. — Prenda o arnês!

Kitai estava se aproximando dele.

— Ele me atrasa! — gritou Kitai de volta.

Bo tentou redobrar os esforços, mas não serviu de nada. Kitai passou voando por ele. Era totalmente chocante para Bo. Momentos antes ele estava na liderança. Agora, estava atrás de Kitai e ficando para trás rapidamente. A parte dele que o avisava que terminar em primeiro não significava nada estava perdendo a batalha. A frustração interior e o orgulho ferido o levaram a tentar acelerar o passo para ultrapassar Kitai novamente.

Isso não aconteceu e ele nem chegou perto.

Em vez disso, ele observou.

Kitai chegou a um ponto bem próximo ao topo. Estava em uma plataforma de seis centímetros logo abaixo de uma face com mais de noventa graus negativos de escalada. Isso deveria tê-lo feito hesitar. Afinal, ele estava enfrentando o maior medo de todo alpinista: escalar no vazio. Normalmente, esse tipo de movimento exigia longos instantes de preparação.

Mas não para Kitai. Sem a menor hesitação, ele se balançou, pendurado a mais de 200 metros de altura da base do cânion. Sem ter velocidade suficiente no primeiro arco, ele se balançou para a frente e para trás mais duas vezes, a fim de pegar impulso. Na terceira vez, ele conseguiu se lançar para cima e cair no topo da colina de cabeça para baixo.

Kitai levantou-se rapidamente para ficar de pé sobre a colina. Lá estava ele, com os braços abertos e Bo pôde ouvir algo a distância. Demorou alguns instantes para entender o que era. Kitai estava fazendo eeeehhhh como se uma grande audiência o estivesse observando e aplaudindo sua conquista.

Aquele idiotinha, pensou Bo, enquanto escalava o resto do caminho.

Kitai ainda estava emulando os sons de uma plateia empolgada quando Bo chegou para se juntar a ele no topo.

— Isso foi idiota — informou Bo, apesar de saber com certeza que Kitai não daria a mínima para a opinião dele.

E estava correto.

— Eles não dão estátuas pra ninguém por ter medo.

— É, mas dão belíssimas lápides para quem morre!

Kitai só deu um sorriso de escárnio enquanto se prendia a uma linha de tirolesa futurística. Bo pensou, morbidamente, se Kitai não pensaria em simplesmente abrir mão da tirolesa e se jogar do alto da colina para tentar flutuar nas ondas de sua própria grandeza.

Ele estava destinado a se desapontar, pois Kitai se prendeu à linha antes de saltar do penhasco. A tirolesa se esticou e Kitai foi embora, a caminho do chão. Bo se prendeu à linha e saltou também.

Enquanto desciam, Bo reparou na vista de Nova Prime que se abria diante de si: estruturas ondulantes no cânion, torres de moinhos de vento e rodas d'água que usavam a energia limpa que Nova Prime concedia. Ao longe, viam-se várias naves prontas para decolar em direção a vários destinos no sistema solar e além.

Nada mal. Considerando que nós chegamos aqui há alguns séculos com os conteúdos das arcas e nada mais, isso definitivamente não é nada mal. Um belo testemunho sobre a astúcia da humanidade.

Da frente, ele ouviu Kitai soltando um grito de guerra para celebrar nada além da velocidade com que ia para o chão.

Esse garoto não presta atenção a nada ao redor dele e nem percebe. Isso vai custar caro um dia. Muito caro.

Ao longo dos vinte minutos seguintes, o resto dos cadetes chegou, um por um, pela linha de tirolesa. Era a última tarefa do dia e Bo sabia que, no dia seguinte, os resultados chegariam. Ele estava bem confiante de que teria uma pontuação alta o suficiente para passar para a fase seguinte. E tinha confiança em 80 por cento dos cadetes.

Só não conseguia se decidir sobre Kitai.

Quando os Guardiões restantes se juntaram, Kitai não fez esforço nenhum para falar com nenhum deles. Ficou de lado, se alongando e fazendo flexões. Bo simplesmente balançou a cabeça. Ele não se lembrava de ter visto ninguém como Kitai Raige na vida. Se perguntou se o pai de Kitai fora como ele quando tinha a mesma idade. Ele quase foi lá perguntar, mas se lembrou de que Kitai não gostava muito de falar sobre o pai, exceto em termos reverentes. Portanto, um debate honesto sobre como seu pai fora no passado estava fora de questão.

Kitai terminou as flexões e, sem se sentar, se recostou em uma pequena projeção de pedra. A respiração dele estava perfeitamente controlada. Então, com um sorriso tímido, ele saudou Bo.

— Desculpe por passar correndo por você lá atrás — comentou ele, apontando para a colina. — Às vezes eu fico um pouco... — Ele deu de ombros como se não conseguisse encontrar a palavra certa para descrever seu comportamento.

Obsessivo? Competitivo? Maluco?

Já que nenhuma das palavras que vinham à mente de Bo pareciam soar melhor, ele só deu de ombros.

— Não se preocupe com isso.

Kitai se inclinou para a frente, pronto para falar sério outra vez.

— Você acha que todos passaram no RV?

O RV era o teste de Reação Ventax, desenvolvido pela doutora Abigail Ventax algumas décadas atrás. Ele media o grau de medo que os humanos sentiam em condições como as do teste pelo qual os cadetes passaram. Os Guardiões em potencial eram monitorados cuidadosamente o tempo todo.

— Todos? — Bo desdenhou a ideia. — É melhor perguntar se alguém passou... e eu tenho quase certeza de que a resposta é não.

Kitai olhou para Bo, chocado.

— Espera. Você não passou?

Balançando a cabeça, Bo falou com um ar de desgosto e desconforto claro:

— Aranhas.

Foi durante uma de suas perseguições em alta velocidade por uma caverna. Tudo estava indo bem até Bo dar de cara com uma enorme teia cheia de aranhas. Ele soltou um grito de susto, que acabou fazendo com que engolisse uma das teias. Então, passou os trinta segundos seguintes tossindo violentamente para expeli-la do pulmão.

— Eu odeio aranhas — admitiu ele e, por coincidência, Kitai disse a mesma coisa ao mesmo tempo. Eles se entreolharam surpresos. Então, bateram os punhos em sinal de camaradagem. Era estranho para Bo e ele suspeitava que fosse também para Kitai.

Mas também... eram aranhas. O que se pode fazer contra aranhas?

— Pra que servem as aranhas? Qual é a função delas? — perguntou Bo.

As arcas que trouxeram os humanos para Nova Prime transportaram amostras genéticas de todas as espécies da Terra. Não poderiam ter deixado a família aracnídea de fora?

— Eu não entendo — revelou Bo, frustrado.

Kitai estava prestes a responder quando uma voz feminina os interrompeu:

— Ouvi dizer que eles capturaram um Ursa.

Kitai e Bo viraram a cabeça em resposta a isso. A interlocutora era Rayna. Na verdade, Rayna parecia ainda menos uma Guardiã do que Kitai, pois era meia cabeça mais baixa do que ele. Mas era extremamente inteligente e formidável no combate corpo a corpo. Bo tinha muito respeito por ela, assim como Kitai. Quando ela anunciou que um Ursa fora capturado, isso naturalmente atraiu a atenção deles.

Matar um Ursa não era uma situação incomum em Nova Prime. É claro que não era nada fácil, mas já havia acontecido muitas vezes. Capturar um vivo, no entanto, era definitivamente incomum. Vários outros cadetes que escutaram o pronunciamento de Rayna se aproximaram para ouvi-la falar.

Ouviram-se várias exclamações de "Impossível!", "Você está brincando!" e "Tem certeza?".

Rayna simplesmente assentiu com a cabeça e com os braços cruzados.

— Certeza absoluta — declarou ela. — Ouvi o relatório pelo Naviband. — Ela tocou no aparelho de comunicação no pulso. — Vocês deviam prestar mais atenção nessas coisas.

— Quem? — perguntou Kitai. — Quem capturou?

— Quem você acha? Os Fantasmas, é óbvio. — respondeu ela.

Kitai assentiu, sentindo-se um pouco tolo. Qualquer cadete ali sabia que quando um Ursa era visto, pelo menos um Fantasma era sempre enviado ao local.

Rayna continuou:

— E eles vão levá-lo para um lugar onde possam estudá-lo.

— Fantasmas. Quer dizer, como o pai do Kit? — perguntou Bo.

— Pode ter sido ele mesmo. Ou alguém como ele. Estava lá na selva, em algum lugar. Seu pai está na selva, não está Kitai? — questionou Rayna.

De repente, fez-se um silêncio. Todos esperaram Kitai responder.

Era como se o Kitai superconfiante e agressivo tivesse desaparecido. Por alguns momentos, ele parecia incerto de tudo. Então, limpou a garganta e, de um modo falso demais para enganar qualquer um, disse formalmente:

— Não tenho certeza. Eu sei que ele vai voltar pra casa amanhã. Aí eu pergunto a ele.

— E como é isso? — perguntou um dos cadetes.

Kitai olhou confuso.

— Como é o que?

— Ah, você sabe! Ser filho do Fantasma Original!

— É ótimo — respondeu Kitai. — Ele é um cara ótimo. Tudo é ótimo.

Os cadetes se entreolharam e vários deram risadinhas. Antes que

alguém pudesse insistir na pergunta, um dos IGs saiu de uma base de comando improvisada próxima e falou:

— Amanhã, onze horas no quartel-general dos Guardiões. Vocês receberão os resultados. — Isso foi tudo o que ele falou sobre o assunto. Depois, se virou e foi embora.

Kitai aproveitou a oportunidade para dar o fora de lá. Rayna até o chamou, mas ele a ignorou. O cadete que antes nunca se cansava de falar de si mesmo agora parecia totalmente dedicado a se distanciar o máximo possível dos outros cadetes.

Bo não sabia dizer se era estranho ou simplesmente triste.

iv

Kitai se alongou na rede em seu quarto aquela noite, virando lentamente as páginas de seu livro.

Seu. Livro.

Era bem raro esse romance que ele tinha. Impresso no século XXI, muito antes de a Terra ser abandonada, era uma história antiga sobre um homem obcecado por uma baleia chamada Moby Dick. A tiragem do livro não foi muito grande e essa cópia rara passou de mão em mão durante os séculos, chegando à família Raige por Senshi, com quem permaneceu desde então. Kitai teve a sorte de pôr as mãos nele.

Tinha lido trechos durante as últimas noites. Era bem fácil. Alguém lhe disse que quando ele terminasse o romance saberia muito mais sobre como caçar baleias do que precisaria algum dia. Depois de ler mais ou menos um terço do livro, concluiu que essa avaliação estava correta.

Kitai ouviu os passos da mãe se aproximando do quarto. Ela parecia estar andando com dificuldade, o que não surpreendeu Kitai nem um pouco. Pelo menos ele terminava o dia antes do fim da tarde. Já sua mãe, quase nunca chegava em casa relativamente cedo.

Alguns segundos depois, sua mãe surgiu, com uma aparência totalmente desgastada. Ela estava com um casaco empoeirado. A exaustão dela se refletia em seus olhos, mas ela claramente a escondera para falar com seu filho.

— Oi, meu amor. Me desculpe pelo atraso. Você quer que eu prepare...

— Alguma coisa pra comer? — Ele balançou a cabeça. — Não precisa não, eu já comi. Você está bem?

— Muitos picos hoje — tentou explicar ela. — Nós tivemos muitos

levantamentos orográficos. — Ela pausou e perguntou, desafiadora: — Você sabe o que são levantamentos orográficos?

Kitai estava preparado para isso, simplesmente porque não estar preparado não era uma opção.

— É a força vertical exercida sobre o ar por características do terreno, como montanhas.

Ela assentiu, aprovando.

— Excelente. Um dia, quando você se cansar de correr por aí batendo nas coisas, pode assumir a divisão de pesquisa de turbinas comigo.

Ele sorriu, bem-humorado com a ideia.

— Claro, mãe.

Ela retribuiu o sorriso, pois ambos sabiam que não era uma proposta séria. Para Kitai, a carreira de Guardião era uma certeza. O único detalhe a ser resolvido era quanto tempo demoraria.

— Como foram os testes?

— Vou descobrir amanhã. — Ele manteve a expressão impassível pelo máximo de tempo que conseguiu. Então, um sorriso apareceu em seu rosto quando já não conseguia mais prender.

A mãe acabou vendo o sorriso.

— Me parece que você está bem confiante no seu desempenho.

— É só que... vai ser ótimo contar ao general que eu entrei pro programa dos Guardiões no aniversário de Senshi. Vai ser ótimo, não vai?

— Nem todo mundo entra pro programa na primeira tentativa.

— Eu sei, mas os que não conseguem são fracos — explicou Kitai.

Ela sorriu com a afirmação.

— É — afirmou ela com confiança. — Ele vai ficar feliz. — Então, ela notou o livro nas mãos dele. — Quando você começou a ler isso?

— Eu estou tentando terminar antes de o general chegar em casa.

Kitai fez que sim, certo de que se ele fosse um Guardião recém-graduado, isso seria o suficiente para fazer com que seu pai ficasse em casa pelo menos mais um pouco. Ele apontou o livro.

— Alguns trechos estão sublinhados. Isso significa que o general e a Senshi gostaram desses trechos?

— Eu não sei.

— Talvez eu deva decorar um deles. Você acha que ele gostaria disso?

— Eu acho que ele vai gostar do fato de você estar lendo o livro.

— Nós vamos fazer um bolo? — perguntou ele, mudando de assunto repentinamente.

— Não, não vamos ter bolo amanhã. Só vamos ficar juntos. — Depois de um instante de silêncio, ela espanou a calça, tirando um pouco de terra.

— Eu vou lavar essa poeirada. Fiquei o dia todo nas colinas.

— Mãe...?

Faia estava prestes a ir embora, mas algo na voz dele chamou a atenção dela. Então, ela se voltou para ele. Kitai levou alguns instantes para encontrar as palavras e, mesmo assim, ela não entendeu completamente de primeira.

— Como foi quando o papai virou o primeiro? Como ele conseguiu?

— O primeiro? — Inicialmente, ela olhou para ele sem compreender. Então, ela entendeu do que ele estava falando. — Ah. Você quer dizer...

— O primeiro Fantasma. Como ele conseguiu? Eu tentei pesquisar, mas não encontrei nada. É tudo muito... vago.

— O quão vago?

Ele passou a língua pelos lábios, organizando os pensamentos.

— Bem... todo mundo sabe que os Ursas não têm olhos. Que eles nos encontram pelo olfato. E que o que eles farejam é o nosso medo. É assim que eles funcionam. Eles nos rastreiam pelo medo. Eles nos caçam pelo medo. Tudo com eles é medo. E os Guardiões tentam fazer de tudo para controlar o medo, mas é quase impossível.

"Os Ursas são monstruosos e atacam com tudo o que têm. E não é pouco. Seis pernas, dentes afiados, veneno paralisante... tudo. É quase impossível enfrentar um deles e não ter medo nenhum. Mas o papai conseguiu. Quer dizer... ele simplesmente foi lá e fez isso. Ele fez uma coisa que ninguém mais na humanidade conseguiu. E todos o chamaram de Fantasma. O primeiro da história. Então eu só queria saber como foi a primeira vez. Como ele conseguiu."

— Meu amor...

Ele percebeu que a mãe não estava olhando para ele. Em vez disso, olhava para o vazio como se parte de sua mente tivesse se ausentado. Kitai esperou que ela organizasse as lembranças do momento.

Por um longo tempo, ela não disse nada. Então, finalmente:

— Você já tentou perguntar a ele?

— Já. Ele, hmm... — Kitai deu de ombros. — Ele só deu de ombros. E disse que o medo é algo que pode ser controlado e que simplesmente conseguiu fazê-lo. Mas ele nunca entrou em detalhes e eu só...

— Você parou de perguntar.

— É.

Ela passou a mão no cabelo dele e suspirou.

— Bem, eu também. Talvez ele lhe conte algum dia.

Kitai assentiu sem dizer nada. Não parecia servir de muita coisa. Se havia algo que Kitai tinha aprendido depois de tanto tempo era que tudo o que dizia respeito a seu pai caía no reino no "talvez" e do "algum dia". O

problema era que Kitai não sabia se estaria por lá quando o talvez ou o algum dia realmente se concretizassem.

1000 DT

Nova Prime

O pai de Kitai olhou para ele. Só olhou.

Kitai aproveitou a oportunidade para praticar suas reações. Primeiro, ele abriu um grande sorriso. Porém, decidiu que isso o fazia parecer muito bobo e mudou para algo bem mais modesto. Depois, tentou uma expressão intermediária. Durante todo o tempo em que sorriu, ele praticou várias expressões orais diferentes que iam de "eu sempre soube que conseguiria" a "eu acho que eles estão sendo generosos" e várias outras. O tempo todo, o pai de Kitai manteve a mesma expressão dura e sem emoção.

— Raige! Mexa-se!

Ele assentiu para ninguém em particular e se virou na direção de Bo, que estava chamando de um dos elevadores. O pai dele permaneceu imóvel, o que era de se esperar: ele não estava lá de verdade. Era só uma imagem, uma estátua esculpida na parede ao lado de outras seis pessoas. Eles eram os sete Fantasmas da história dos Guardiões. Seu pai, Cypher Raige, foi o primeiro. Ao longo do tempo, outros seis também desenvolveram a habilidade de desvanecer. Kitai se perguntou se ele desenvolveria essa mesma habilidade um dia. Uma coisa de cada vez. Primeiro, se torne um Guardião. Deixe o resto para depois.

Ele deixou a estátua do pai e foi se juntar aos outros cadetes no elevador. Alguns momentos depois, estavam todos entrando no quartel-general dos Guardiões. Ouvia-se um bate-papo generalizado entre os cadetes. Todos eles estavam compreensivelmente apegados às suas preocupações individuais que, por acaso, eram todas as mesmas: Será que eu consegui?

Kitai olhou para os que estavam mais perto dele. Todos pareciam nervosos. Kitai tentou esconder sua autoconfiança deles. Isso só serviria para irritá-los.

O elevador os deixou no destino desejado: uma série de escritórios na parte mais alta do QG. Quanto mais alto se estava, mais importante era o escritório. A vista da cidade nesses andares era espetacular e dizia-se que era uma das vantagens do comando.

Não havia bancos ou assentos de espera do lado de fora do escritório do comandante Velan. Era o trabalho de Velan supervisionar o desenvolvimento dos cadetes em Guardiões e ele tinha a palavra final sobre

quem estava qualificado para fazer o salto. Kitai tinha toda a confiança nas habilidades de tomada de decisão de Velan. O homem tinha um olho afiado para reconhecer o talento e Kitai tinha certeza de que veria facilmente a capacidade dele, apesar das tentativas de outros de impedi-lo.

Três outros cadetes foram chamados antes de Kitai. Ele ficou parado, recostado na parede. Ninguém falava, exceto quando um cadete saía do escritório de Velan. Nesta leva, cada um dos três que voltou trazia em mãos um alfanje modelo C-10. Isso, é claro, significava que eles haviam passado e cada um recebia os parabéns de todos os outros. Mãos foram apertadas e abraços foram dados. Kitai fez o mesmo que os outros, dando as boas-vindas aos novos protetores de Nova Prime. Era estranho, é claro, pois as pessoas que lhes davam as boas-vindas esperavam receber o mesmo quando saíssem.

— Raige! — ecoou uma voz de dentro do escritório. Kitai ficou na posição de sentido, respirou fundo e expirou lentamente. Não havia dúvidas de que ele receberia seu próprio C-10, mas isso não significava que ele não poderia ser humilde quanto a isso.

Ele entrou e as portas se fecharam atrás de si. Kitai manteve a postura de sentido, com o queixo à frente e os olhos em Velan, que estava sentado à mesa. O comandante estava olhando algum material holográfico que Kitai interpretou serem relatórios sobre seu desempenho no dia anterior.

— Sua pontuação nos testes foi muito impressionante —, declarou Velan. — Você tem a mente de um Guardião. Sem dúvida.

Kitai teve de se esforçar muito para não abrir um grande sorriso. Ele não esperava nada diferente e era bom saber que os Guardiões que estavam fazendo a pontuação perceberam isso. A única preocupação que ele tinha era que eles ficassem tão perturbados pela determinação e pela habilidade dele que talvez tentassem impedi-lo de passar por pura hostilidade. Ele percebeu que não deveria ter se preocupado com isso. Os Guardiões não agiam assim e ele certamente se lembraria disso quando...

— Mas eu não vou graduar você este ano.

Kitai sentiu como se o mundo tivesse repentinamente sido puxado debaixo de si, deixando-o em queda livre. As palavras o atingiram uma de cada vez como pedras, sendo as duas mais pesadas "não" e "graduar".

Como era possível? Ele quase pediu a Velan que as repetisse... quase. Mas, de alguma forma, não o fez.

Estava tão atordoado que não conseguiu ver a compaixão no rosto de Velan. No mundo de Kitai, não havia lugar para compaixão. Ele só se importava em cumprir suas metas, e Velan as estava estilhaçando.

Todas as coisas que ele desejava fazer na vida, incluindo a mais

importante que era deixar seu pai feliz, dependiam de ele se tornar um Guardião. E lá estava Velan, sentado calmamente após dizer que ele seria um grande Guardião e informá-lo de que não o graduaria. Era loucura. Não fazia nenhum sentido.

— Você assume riscos desnecessários — prosseguiu Velan. Kitai não sabia se o comandante estava ciente do choque e da raiva que revolviam no peito dele. Na verdade, não faria diferença se ele soubesse. Velan tinha um ponto de vista e ele o deixaria claro. — Você é emocionalmente imprevisível. Avalia os riscos de forma incorreta e confunde coragem com displicência, o que no fim das contas é muito mais perigoso do que ter medo. É claro que você pode tentar novamente no ano que vem.

Tentar novamente no ano que vem? Passar mais um ano de seu tempo fazendo os mesmos cursos, os mesmos testes preliminares para acabar sendo reprovado novamente? Isso não fazia sentido! Era ridículo! Como ele...?

O conflito interno de Kitai, obviamente, não era relevante para Velan. Depois de dar as notícias e destruir o dia de Kitai, possivelmente junto com o resto de sua vida, o comandante simplesmente disse:

— Dispensado. — Com um gesto casual da mão, ele tirou da vista o arquivo holográfico de Kitai e puxou o próximo para inspeção. Nem se preocupou em olhar novamente para o rapaz. Ele havia jogado de lado as informações, conquistas e a vida de Kitai para ver o próximo cadete.

Velan levantou os olhos e piscou, surpreso ao ver que Kitai ainda estava de pé lá, sem mover um músculo. Não havia raiva no rosto de Velan. Ele só parecia confuso por Kitai ainda estar lá.

Lutando contra a necessidade de respirar depressa, Kitai praticamente gritou ao dizer:

— Senhor! Permissão para me dirigir ao comandante, senhor!

— Negada. — Não havia nada a se condenar ou julgar na resposta dele. Era simplesmente um homem com muito a fazer e que não viu motivo para perder tempo em uma discussão inútil com um garoto que queria ser Guardião.

Foi como se Kitai não o tivesse ouvido. Como se Velan não tivesse lhe negado o direito de falar. Afinal, quem faria uma coisa dessas? Ele continuou falando no mesmo tom que falara antes.

— Senhor, eu sou dedicado, estudei e exibi uma conduta correta para me tornar um Guardião, senhor! Eu solicito que o comandante reconsidere a avaliação, senhor!

Velan olhou para ele incrédulo. Desobedecer uma ordem direta, como Kitai acabara de fazer ao dirigir-se a ele, dava o direito a Velan de fazer praticamente qualquer coisa que desejasse em resposta, inclusive bani-lo do

programa dos Guardiões indefinidamente. De uma só vez, Kitai estava arriscando jogar fora todo o futuro que ele acreditava estar tentando alcançar.

Então, o rosto de Velan relaxou um pouco.

— Eu entendo como é ver alguém morrer na sua frente. Eu sei o efeito disso em você.

Kitai se enrijeceu. Era como se Velan tivesse lhe dado um tapa na cara com toda a força. Isso o parou imediatamente e Velan continuou sem ser interrompido.

— Eu sou amigo de seu pai há muitos anos, Raige. Seu amigo também, mesmo que você não saiba disso. Eu sei o choque que a perda de sua irmã causou para ele, para você e para a sua mãe. E eu sei que você não mostrava nenhum interesse em se tornar um Guardião até a morte dela. Você está tentado... não. Esqueça. — Ele fez uma pausa. — Eu não vou falar o que você pensa porque você já sabe. O que eu vou lhe dizer é o seguinte: você está correndo para enfrentar uma situação a qual você não está emocionalmente preparado para enfrentar, na minha opinião. Se eu endossar a sua graduação, isso pode ser catastrófico e seus pais podem ter que enfrentar o resto da vida sem nenhum filho. Eu não vou fazer isso com eles e certamente não vou fazer isso com você. Estamos entendidos?

Kitai fez tudo o que pôde para controlar as lágrimas. Ele se controlou, tentando se estabilizar novamente. Quando voltou a falar, foi uma luta para soltar cada frase. As palavras dele não teriam relevância na decisão de sua graduação como Guardião. Ele tinha certeza disso. Ainda assim, eram as únicas palavras que lhe restavam e, além disso, eram as únicas que realmente importavam.

— Senhor — a voz dele era pouco mais do que um sussurro —, meu pai está voltando para casa hoje. Esse é um dia especial para a nossa família. Eu não o vejo há muito tempo... e eu tenho que poder dizer a ele que eu passei para a Fase 2. Eu tenho que poder dizer a ele que eu sou um Guardião, senhor.

O rosto de Velan não se moveu um centímetro. Ele simplesmente continuou olhando para Kitai pelo que pareceram os momentos mais longos de sua vida. Durante esses poucos segundos, parecia a Kitai que qualquer coisa era possível.

No fim das contas, ele estava errado.

— Diga ao seu pai que eu desejei boas-vindas.

Kitai não podia acreditar. Como Velan podia fazer isso com ele? Ele admitiu que Kitai tinha tudo o que era preciso para ser um Guardião dos melhores. Tudo bem, ele tinha alguns problemas para controlar sua impulsividade. E daí? Se passasse para a Fase 2, certamente seria algo que

poderia ser resolvido. Por que impedi-lo de prosseguir? O que poderia...?

As sobrancelhas de Velan se levantaram e os olhos dele ficaram sombrios. Ele estava claramente desgostoso pela relutância de Kitai em aceitar sua decisão, e suas palavras seguintes confirmaram isso.

— Sua lição de disciplina começa agora. Você pode sair desta sala com a dignidade e o decoro de um cadete. Ou eu posso mandar escoltarem-no para fora. A escolha é sua.

Por meio segundo, Kitai chegou a considerar a segunda escolha. Ser arrastado para fora gritando sobre o modo como fora tratado...

Mas seus pensamentos não passaram disso. Se ele realmente saísse assim da sala, sendo jogado para fora por Guardiões, ele de fato estaria acabado. Tudo o que as pessoas falariam seria: "Ficaram sabendo? Kitai Raige foi arrastado para fora do QG esperneando, só porque não era bom o bastante. Que perdedor. Que idiota." Ele estaria acabado. Esse não era o tipo de imagem pública da qual ele poderia se livrar facilmente.

— Senhor, sim, senhor — foi tudo o que ele disse. Então, se virou e saiu.

Ele emergiu para o lobby, para os olhares questionadores dos outros. Todos perceberam que ele não estava carregando um alfanje C-10 e isso responde a primeira pergunta de todos. Antes que qualquer um pudesse perguntar alguma coisa, oferecer palavras de consolo ou até se divertir com a falha dele, Kitai cruzou o corredor e entrou em um dos elevadores. A porta se fechou e, quando finalmente estava sozinho, as lágrimas que ele tinha conseguido segurar se liberaram da barreira e rolaram por seu rosto, incontidas.

2065 DC

Sede das Nações Unidas, Manhattan

Era possível sentir a tensão aumentar a cada bloco enquanto Skyler Raige II se aproximava do secretariado no trigésimo nono andar do prédio das Nações Unidas, no lado leste de Manhattan. As pessoas que normalmente andavam rápido pela cidade de Nova York estavam caminhando ainda mais rápido, com os ombros curvados, ignorando todos os outros ao redor. Os passos pareciam decididos, mas transpareciam medo.

Raige percebeu que as lojas estavam quase todas embarreiradas. As poucas que estavam abertas exibiam uma lista dos produtos que estavam em falta. A limpeza urbana também parecia estar de folga, pois a brisa que vinha do rio levava poeira ao ar. Havia um cheiro desagradável e ele precisou piscar algumas vezes quando grãos de areia entraram em seus olhos.

O Guardião não tinha certeza do motivo de ter sido convocado ao escritório do secretário-geral das Nações Unidas, mas era um soldado e seguia ordens. O compromisso dele era às dez e meia da manhã e Raige, engomado à perfeição, chegara da base do Corpo dos Guardiões da Alemanha algumas horas antes. Estava cansado e se mantinha abastecido somente por uma xícara de café, mas tinha adrenalina suficiente correndo por suas veias para mantê-lo alerta durante a conversa que viria.

Nos últimos nove anos, ele servira como Guardião, vendo partes do mundo sobre as quais havia lido na escola, sem nunca imaginar que estaria na Argélia, no Sudão, em Brazzaville, em Portugal e na Alemanha durante um mesmo ano. O paletó dele estava começando a lembrar um guia Michelin e ele se arrependia por só ter podido conhecer as partes mais conflituosas desses países, que os guias costumavam omitir. Ainda assim, gostava de conhecer um pouco da cultura local quando o tempo permitia. Qualquer coisa era melhor do que as RPCs, Refeições Prontas para Comer, que ele comia a caminho dos fronts.

Raige se orgulhava da própria adaptabilidade, se ajustando entre as culturas com facilidade. Ele fazia amigos por todos os cantos onde passava, sempre jogando partidas de futebol ou queimado com as crianças que se reuniam ao redor dos Guardiões para pedir comida, dinheiro ou ambos. Em vez de desapontá-las, ele compartilhava as próprias rações e brincava com elas, incentivando os outros a participarem também.

Ele comandava homens e mulheres em batalhas que normalmente se resumiam a acalmar revoltas por comida e protestos contra os governos que eram forçados a racionar tudo, posto que o planeta estava prejudicado em muitas frentes ecológicas.

Agora, o secretário-geral solicitara uma reunião com ele. Quando recebeu as ordens na Alemanha, seu comandante demonstrou uma leve inveja enquanto o resto do grupo parecia feliz por ele ter a chance de retornar para casa.

A convocação o preocupava, mas ele fez o que pôde para esconder o problema no fundo da mente e assumir todo o decoro possível. O lugar precisava de uma demão de tinta e de um novo carpete. Na verdade, para um escritório de prestígio, o lugar parecia bem desgastado e necessitando de uma reforma geral. Ainda assim, havia problemas maiores com que se preocupar e o dinheiro estava cada vez mais escasso conforme os recursos eram injetados no programa das arcas. A construção deveria começar em poucos meses e ele suspeitava que sua convocação tinha a ver com isso: debater procedimentos de segurança quando o trabalho começasse no Saara. Ainda assim, ele era só um sargento. O que o tornava tão especial?

Um secretário asiático gorducho surgiu de trás de uma das portas e gesticulou para que Raige se juntasse a ele.

— Takeo Sato — apresentou-se o homem, apertando a mão de Raige. — Nós estamos um pouco atrasados, mas venha comigo, por favor.

Raige entrou em um escritório maior do secretário-geral, que precisava de tantas reformas quanto o resto do lugar. Obviamente, Constantine Lider tinha outras preocupações no momento e pareceu a Raige o tipo de homem que não presta muita atenção nos arredores. Ele sempre admirou os esforços contínuos de Lider em receber as recomendações sobre o Projeto Próxima Geração e torná-las realidade, forçando algumas decisões menos populares pelos meandros das Nações Unidas. É claro, ele tinha todo o poder do Conselho de Segurança o apoiando e foi necessário um bocado de quedas de braço e ameaças para arrebanhar todos eles para o projeto, até o último Estado rebelde.

— Gostaria de algo para beber? Um chá, talvez?

— Só água está ótimo — respondeu Raige. Ele recebeu uma garrafa gelada de um frigobar escondido e aplacou a sede. As elevadas temperaturas globais junto com o ar seco do planeta o deixavam com sede constante. O líquido gelado desceu prazerosamente e o ajudou a se concentrar novamente.

Antes que pudesse terminar de beber toda a garrafa, uma porta lateral se abriu e Lider entrou na sala, com a mão já esticada. Ele ficara completamente grisalho desde que assumira o escritório e parecia ter

perdido peso. Seus ternos nunca foram ajustados, o que agravava sua aparência de abatido. Parecia alguém que precisa desesperadamente de uma semana de folga. Não que ele tivesse tempo para esse tipo de conforto. Havia um planeta a salvar, afinal. Ainda assim, seus olhos eram cheios de vida e o sorriso era sincero.

— É um prazer conhecê-lo, sargento — declarou Lider, com seu sotaque alemão.

— O prazer é meu — respondeu Raige, apertando a mão do homem e reparando na força que ainda possuía.

— Como está a Alemanha?

— Do mesmo jeito que o senhor deixou — relatou Raige. — Eles estão inquietos, mas reconhecem que as opções são cada vez mais limitadas.

— Quisera eu poder me comunicar adequadamente com as pessoas de menos instrução no mundo. Ainda há mais de dois bilhões de analfabetos, todos seguindo somente boatos e rumores boca a boca. Creio que esta seja a maior causa do pânico generalizado. Queria poder fazer mais.

Lider apontou cadeiras confortáveis para eles em volta de uma pequena mesa de madeira. Sobre ela, estavam mapas já acesos, a maioria apontando pontos críticos da Europa. Raige sentou-se e continuou a se perguntar o que estaria fazendo lá.

— Sargento, a próxima década pode muito bem ser a nossa última na Terra — declarou Lider. O tom dele foi de amistoso a morbidamente sério. — Nós estamos juntando suprimentos para iniciar o maior projeto de construção já realizado. Tudo o que estamos fazendo agora é em uma escala sem precedentes. Em alguns casos, nós já temos o material pronto, de modo que podemos reutilizá-lo de um projeto para outro. Mas em outros casos ainda estamos de mãos vazias. E isso inclui os Guardiões.

Raige sabia bem que Lider havia ampliado o recrutamento há quatro anos, tentando alcançar a marca de um milhão de homens o mais rápido possível. Ainda estavam longe do objetivo, mas quase todos os homens e mulheres fisicamente capazes estavam sendo convocados para os Guardiões. As promessas de refeições regulares e roupas limpas eram todo o incentivo de que alguns precisavam, enquanto outros queriam dinheiro vivo, recusando-se a acreditar que em breve o dinheiro não valeria mais nada. Mas Lider estava certo: os baixos níveis de alfabetização e educação atrapalhavam o treinamento, pois cursos básicos precisavam ser adicionados ao currículo, atrasando a formação do grupo.

— Como estão as tropas?

— Não posso falar por todos, senhor, mas meu esquadrão na

Alemanha está cansado. Nós temos recebido missões seguidas com menos de setenta e duas horas de descanso nos intervalos.

— O esgotamento vai ser um problema?

— Eu acho que nós precisamos conseguir tempo para descanso e relaxamento para os homens — respondeu Raige. Ele começou a se perguntar aonde o homem queria chegar. Será que as coisas estavam tão mal que eles teriam que forçar os limites da resistência física?

— Nós estamos suficientemente bem-armados?

— Nós usamos principalmente equipamentos para controle de turbas. Por sorte, nossos rifles e munição raramente são necessários.

— Como está funcionando a nova espuma?

— Ela faz uma bagunça nos uniformes, mas é muito eficiente em acalmar os baderneiros — admitiu Raige. A espuma continha um leve sedativo que era absorvido pela pele e ajudava a acalmar os agressores. Apesar da controvérsia inicial, ela se tornou o meio mais humano de lidar com as pessoas quando diferenças culturais inflamavam os problemas.

— Ótimas notícias, mas eu duvido que o superintendente vá gostar da conta da lavanderia. — A frase saiu com um sorriso. Ele estava brincando, tentando aliviar a tensão no ar, mas parecia tão cansado e desgastado quanto Raige.

— As coisas só vão piorar daqui pra frente, sargento. Nós levamos este planeta além dos limites. Agora só precisamos aguentar até conseguirmos mandar alguns de nós para o espaço. — Raige sabia que o Projeto Próxima Geração havia sido fundado anos antes como uma forma de preservar a vida fora da Terra. Eles encontraram um planeta a vários anos-luz de distância e estavam correndo contra o relógio ecológico para construir as arcas que seriam a última esperança.

— Quantas pessoas você acha que conseguirão embarcar?

— Atualmente estamos planejando construir dez arcas usando os motores de Lightstream, cada uma levando 125 mil pessoas mais peixes, pássaros, animais, plantas e suprimentos. Então serão 1,25 milhão de pessoas de um total de quase 12 bilhões.

Raige ficou estupefato pelo pequeno número, apesar da enormidade do projeto. Ele sabia que não haveria meio de salvar a todos, mas aquele número, pela primeira vez na vida, lhe soou ridiculamente pequeno.

— Sua família conhece os motores, não é? — perguntou Lider, aceitando o chá trazido por Sato. Sem perguntar, Sato entregou uma segunda garrafa de água a Raige e sumiu de vista.

— Sim, senhor. Meu tataravô estava lá no início de tudo — declarou Raige.

Lider assentiu e perguntou:

— O que você sabe sobre o trabalho dele?

— Eu cresci ouvindo a história de que ele fora um cientista em um local na Rússia onde uma nave espacial aparentemente caiu — explicou ele, sabendo que aquilo soaria bem bizarro.

— Você se incomoda com o fato de isso ser evidência de vida fora da Terra?

— Eu acredito na Bíblia, senhor, mas também sei que o universo é grande demais para que nós sejamos os únicos.

Lider assentiu, bebendo o chá e apreciando o momento pacífico.

— Bom saber.

— Thomas Raige, o filho de Viktor, veio para cá e começou uma dinastia do zero — continuou Lider com um pequeno sorriso. — Você teve tias, tios e primos em todas as partes do desenvolvimento dos motores LST. Agora, é a sua vez de prosseguir com o legado.

Raige assentiu, confirmando. Ele sabia que Viktor Radoslav era um cientista na época, e seu filho, Thomas, que foi renomeado Raige ao imigrar para os Estados Unidos, deu prosseguimento às pesquisas do pai. Eles eram parte de uma equipe que havia jurado segredo sobre as descobertas alienígenas. O segredo só era debatido entre os anciãos da família, e assim como outras famílias tinham o bar mitzvah e outros rituais de passagem, os membros da extensa família Raige recebiam o segredo. Ele conhecia vagamente outros Raige que ajudavam a proteger o segredo alienígena.

— Na verdade, seu próprio pai comandou em algumas naves experimentais com a tecnologia Lightstream pela NASA antes de se tornar piloto particular — prosseguiu Lider. Raige ficou impressionado pelo modo como um homem com tantas coisas em que pensar conseguia se lembrar de tantos detalhes sem a ajuda de um relatório. Isso dizia muito sobre a seriedade da conversa. O secretário-geral não teria revirado a vida e o histórico dele se não estivesse preparando algo muito importante.

— A irmã de seu pai, sua tia Sarah, já foi diretora do departamento de segurança nacional e guardou cuidadosamente o projeto Lightstream, considerando-o um tesouro da família e do país — acrescentou Lider, com um sorriso. — Afinal, a tecnologia LST era, na verdade, global, tendo em vista a quantidade de pessoas de diferentes países envolvidas na contribuição do projeto desde a descoberta em 1908.

Lider prosseguiu com o questionamento.

— Diga-me, se você sabia tudo isso sobre o legado, por que escolheu a carreira militar?

— Para dizer a verdade, senhor, eu não nasci com aptidão para ciências. Não consigo ficar sentado em um laboratório fazendo pesquisas e, sendo completamente honesto, não gosto muito de altura — explicou Raige.

— O que deixa você de fora da pilotagem — comentou Lider, assentindo. — Então, você decidiu se alistar e ver o mundo.

— Na verdade, para tentar salvar o mundo de si mesmo — corrigiu Raige. — Obviamente, depois que eu enviei os dados, fui alocado nos Guardiões.

— É verdade. Na época nós já estávamos fazendo pesquisas intensas para encontrar recrutas promissores, e agora, veja só você, nove anos de uma carreira e patente impressionantes. — O secretário teceu o comentário com um certo orgulho paterno. — A promoção que você recebeu em Portugal, por exemplo. Fale-me sobre ela.

— Você certamente leu o relatório, senhor. Um grupo extremista estava ameaçando um porto com suprimentos destinados a combater a fome no Marrocos. Eles colocaram bombas nos navios e no porto e criaram uma interferência nas frequências de rádio. Enquanto nós negociávamos a libertação dos tripulantes, eu fui enviado com uma equipe para liberar o porto. Quando meu oficial superior foi atingido, comecei a dar as ordens e nós capturamos o porto com sucesso. Então, eu enviei mergulhadores para desarmar as bombas dos navios.

— Enquanto isso, as negociações prosseguiram — comentou Lider.

— Os políticos podem falar pelo tempo que quiserem e nós aproveitamos a distração.

— Perda de vidas?

— Do nosso lado, só o meu comandante. Do lado deles, duas dúzias.

— Um trabalho impressionante.

— Obrigado, senhor — respondeu Raige, sentindo-se repentinamente impaciente, querendo que o interrogatório terminasse para que Lider chegasse logo ao ponto.

— Você espera ser colocado na arca e deixar este mundo para trás?

Então era disso que se tratava? Uma posição na arca? Não podia ser. O secretário-geral era ocupado demais para isso.

— Seria ótimo, mas eu não sou ninguém especial. Sou só um soldado tentando dar o melhor de mim — declarou Raige.

— Você parece humilde, mas vem de uma família que não tem nada de humilde. Na verdade, a sua linhagem foi o que me chamou a atenção. Você serve aos Guardiões e ao mundo, mas há algo mais pessoal em jogo também. Você quer que o Lightstream funcione e nos salve a todos, não é?

— Bem, quero salvar o máximo de pessoas possível, sim, senhor — respondeu.

— Você tem uma mistura de credenciais impressionante e relatórios impecáveis do general Rodgers, do coronel Mishkin e do senador McCluskey. Eu vi alguns vídeos de você em ação e estudei a sua ficha por vários dias

— admitiu Lider.

Isso não surpreendeu Raige, mas aumentou sua curiosidade e o deixou intrigado. Ele já estava ali sentado há muito tempo.

— Tudo o que fazemos na ONU, no Projeto Próxima Geração e com os Guardiões precisa funcionar em vários níveis. Nós precisamos levar as coisas em frente, proteger o projeto para salvar a humanidade e precisamos enviar um fluxo constante de sinais de que temos o interesse coletivo como principal motivador. Para resumir, precisamos fazer as melhores escolhas, ignorando antigas regras e protocolos. Francamente, eu provavelmente serei o último secretário-geral da ONU e não preciso me preocupar com legado ou reeleição. Posso agir livremente e pretendo fazê-lo agora mesmo.

Lider se levantou e Raige fez o mesmo.

— Skyler, eu pretendo tornar o Corpo dos Guardiões uma instituição totalmente independente, que não tenha que se reportar a ninguém. O objetivo primário continua sendo preservar a humanidade. Este objetivo não mudará pelo menos até a última arca deixar a órbita da Terra. Cada uma delas levará alguns Guardiões, encarregados de manter a paz durante os próximos cem anos, até as arcas chegarem a Nova Prime. A partir deste momento, os Guardiões precisarão de um rosto no qual as pessoas possam confiar. E também de um líder. Eu criei o posto de general-comandante e gostaria que você aceitasse esta tarefa.

A boca de Raige se abriu. As pernas dele tremeram e o homem precisou se segurar no braço da cadeira para se manter de pé. General-comandante era uma patente poderosa. Mas ele tinha apenas 29 anos; como poderia comandar uma operação global, ordenando pessoas com o dobro da idade dele a lutar? Certamente haveria outros oficiais mais experientes e mais qualificados.

— Senhor?

— Os Raige têm sido guardiões da tecnologia LST há mais de um século e agora ela precisa de um Raige que garanta que ela faça o que nós esperamos que faça. Eu preciso de alguém forte, jovem e, no seu caso, bonito para ser a cara dos Guardiões. Nós precisamos projetar confiança no futuro, portanto, estamos pulando algumas gerações de oficiais graduados. Nós temos pedido algumas tarefas difíceis aos Guardiões e agora passaremos a pedir coisas quase impossíveis ao longo dos próximos anos. Isso significa que os Guardiões protegerão as pessoas escolhidas para deixarem a Terra e também protegerão aqueles que estão sendo condenados a uma morte consideravelmente sofrida. Isso significa resguardar as naves de transporte de trabalhadores que entendem que estão construindo meios de fuga para outras pessoas. Esta oferta de

trabalho não garante que você próprio tenha um lugar na arca. Eu sei que é muito a se pedir de alguém tão jovem, mas confie em mim, esta não foi uma escolha feita às pressas.

A mente de Raige estava a mil, com medos, preocupações, planos, esperanças e com uma certa felicidade pelo reconhecimento. Seus parentes e sua família ficariam orgulhosos, já que sempre quiseram que ele fizesse parte do "negócio da família", e lá estava ele, encarregado de protegê-lo.

— Obrigado, senhor. Onde será a base dos Guardiões? Qual é a estrutura de comando planejada sem a supervisão da ONU?

— Boas perguntas — comentou Lider, com brilho nos olhos. — Isso quer dizer que você aceita?

— É uma grande honra, senhor. E uma enorme responsabilidade. Mas como eu poderia dizer não ao secretário-geral que fala basicamente em nome do mundo?

— Vou considerar isso um sim — declarou Lider, estendendo a mão.

Raige hesitou por um momento com a enormidade do próximo passo fazendo sombra sobre sua cabeça. Com o coração pulsando, ele lutou para manter o controle. Finalmente, a mão cruzou o espaço e selou o negócio. Ele chegara como um sargento e estava saindo como um comandante. Ou melhor, como um general-comandante, algo inédito.

— Sato levará você à sala ao lado para falar sobre a sua programação. Nós anunciaremos a promoção às oito horas da noite de hoje e, a partir de 00:01, você assume o comando. Você vai ver que ele foi muito cuidadoso e deixou meia hora para você ligar para seus pais.

Eles realmente pensaram em tudo. No momento em que ele entrou na sala, a conclusão já era sabida. Se ele dissesse não, seria mantido na sala até transformarem o "não" em "sim".

Raige saiu do escritório com a cabeça cheia de ideias, perguntas, preocupações e cada vez mais empolgado. Isso abria possibilidades tremendas e ele tinha poucos anos para moldar os Guardiões para os próximos cem anos ou mais. Obviamente, as oportunidades significavam que seus últimos anos na Terra seriam bons e produtivos.

Assim que Raige saiu da sala, Lider foi confrontado com uma figura que usou a porta lateral. Claramente, Damian Kincaid estivera escutando a conversa e estava furioso. O homem de rosto vermelho tinha quatro centímetros a mais do que Lider e era uma figura imponente no ambiente. Ele estava vestindo um terno caro, com sapatos bem-polidos. Ele claramente se importava mais com a aparência do que seu superior. Kincaid era um de seus conselheiros de segurança e, apesar de Lider saber que o homem não aprovava a escolha, só agora percebia o quão atormentado ele ficara.

— Seu idiota!

— Veja como fala com o seu chefe! — exclamou Lider, sentando-se na cadeira e cedendo a dominância da sala a Kincaid. O homem gostava de gestos amplos, falar com as mãos e fazer caretas quando não conseguia falar claramente. Agora, ele estava botando tudo para fora e Lider se preparou para o discurso.

— Ele é um garoto inexperiente! — gritou Kincaid.

— Nós tivemos atenção com esta parte. A ficha dele é exemplar, com mais ação do que muitos com o dobro da carreira dele — comentou Lider.

— Como se isso fosse fazer a diferença nos próximos meses! Nós estamos prestes a ir direto para o inferno e precisamos de alguém experiente para coordenar a operação — professou Kincaid, com a voz um pouco mais baixa.

— Pelo menos nós concordamos em deixar o barco correr — comentou Lider, desejando receber uma ligação de algum líder de Estado. Qualquer um serviria, até Kim, da Coreia do Norte. — General-comandante é um cargo tanto de logística quanto de relações públicas. Ele é jovem, bonito e um herói de guerra. Projetará a imagem de confiança que nós precisamos para continuar vendendo ao mundo a ideia de que a nossa ação é a melhor possível. Ele se cercará de pessoas experientes, mas precisará ser o rosto público.

Kincaid exalou, frustrado.

— Damian, você foi vencido na votação. E agora está tentando descontar as suas amarguras em mim. Eu sempre acreditei que você fosse melhor do que isso. Skyler Raige tem tudo o que nós precisamos e queremos para o cargo. Ele é o que o Conselho de Segurança pediu quando eu disse que era hora de os Guardiões se tornarem independentes. É uma presença jovem e vigorosa. Tem demonstrado uma compreensão inata das pessoas, o que o torna um líder ideal. E o que é melhor, ele será uma força calmante quando todos os outros, inclusive você, estiverem gritando a plenos pulmões.

Lider havia dito palavras semelhantes dias antes quando a votação ocorreu e Kincaid foi um dos muitos que insistiram que alguém mais experiente deveria ser chamado. Mas assim como Kincaid acabara de ressaltar, todos estavam indo para um território desconhecido. Experiência ou anos adicionais não eram realmente uma boa medida.

— Nós formamos os Guardiões em 2.052, quando ficou claro que precisávamos de uma força global. Eles estão sendo treinados há menos de quinze anos. Quem realmente precisa de mais do que os nove anos de experiência de Raige na ficha? Eu desafiei você a me dar nomes

alternativos qualificados e você não conseguiu encontrar ninguém melhor. Então por que se opõe tanto a ele?

Kincaid se virou, apontando um dedo na direção de Lider.

— Porque enquanto nós encaramos a aniquilação total, eu gostaria de ter confiança em nosso líder. Ele não tem nem 30 anos e você está prestes a lhe confiar o maior exército que este mundo já viu desde o Império romano.

— Então lembre-se, Damian, que Alexandre tinha 30 anos quando governou a maior parte do mundo civilizado. Não se prenda tanto à idade ao julgar o caráter de um homem. Ele já provou o que tinha que provar.

— É isso que você vai dizer aos generais que terão que bater continência para o garoto?

— Se eles marcarem uma hora e forem até a sala dele, é isso mesmo que eu vou dizer.

— Eu não posso aceitar o desrespeito que você mostra para com a ordem natural das coisas — declarou Kincaid.

Lider já ouvira o bastante. Ele se levantou e olhou nos olhos do homem mais jovem.

— A ordem natural das coisas foi jogada fora há décadas. Nós estamos nos esforçando para preservar um pedacinho deste mundo e precisamos da ajuda de todos, indo na mesma direção e carregando o próprio peso. Escolha seus clichês, mas eu preciso seguir em frente e não continuar perdendo o tempo do qual este mundo não dispõe mais discutindo decisões já tomadas pelo comitê. Ou você apoia o Raige ou sai do caminho.

Kincaid absorveu tudo e pensou cuidadosamente por quase um segundo.

— Tudo bem, eu vou sair do caminho. Enquanto você se ocupa ensinando o garoto, eu vou cuidar da minha demissão, dizendo à mídia que você jogou fora a melhor chance dos Guardiões de fazer um milagre acontecer.

Com isso, o homem saiu do escritório levando toda a energia incontida com ele.

Lider afundou novamente na cadeira, se dando conta de que não sentiria falta nenhuma de Kincaid. Ele era competente, certamente, mas estava longe de ser um jogador de equipe. O que seu ex-funcionário não conseguia entender era que, na mente de Lider, Raige era a última chance de grandiosidade da Terra.

1000 DT

Nova Prime

i

Horas depois da conversa com Velan, Kitai finalmente conseguiu lavar o rosto. Parecia ter demorado dias. Kitai continuou olhando para o espelho e tudo o que conseguia ver era um reflexo de sua tristeza e frustração. Ele sabia que não estava errado em pensar assim, porque quando sua mãe chegou em casa, olhou para ele e abriu os braços sem precisar dizer nada.

Mas ele já estava preparado para isso. Fez apenas um gesto casual com a mão e dispensou o abraço, como se a falha em suas aspirações fosse só um problema qualquer com o qual teria que lidar. Faia obviamente não acreditou nisso nem por um segundo, mas foi parada pela relutância dele em discutir o assunto. Ela cruzou os braços e olhou para ele por alguns instantes, dizendo simplesmente:

— Se você quiser conversar, eu estarei aqui.

Mas ele não estava interessado em falar no assunto. Em vez disso, depois de tomar banho e se vestir para esperar a chegada de seu pai, ele preferiu ficar olhando a janela de seu quarto, que dava vista para toda a cidade. Muitos dos apartamentos no prédio não tinham janelas de verdade. Em vez disso, tinham hologramas que exibiam recriações de diferentes vistas de Nova Prime. Os moradores desses apartamentos juravam que suas vistas eram melhores, pois eles podiam mudá-las quando quisessem. Mas Kitai tinha certeza de que isso era só uma desculpa esfarrapada. Nada era tão bom quanto ver a vida real de Nova Prime.

Os sóis gêmeos estavam prestes a se pôr. Esta era a hora favorita do dia para ele, quando um sol estava desaparecendo e o outro ainda estava no céu. O efeito maravilhoso da luz no horizonte o deixava orgulhoso de ser um residente da cidade de Nova Prime.

Faia já havia colocado a comida na mesa, pois sabia exatamente como seu marido gostava de encontrar as coisas ao chegar em casa. Ela olhou satisfeita e procurou saber as horas. Ele estava atrasado. O marido dela nunca se atrasava e isso era o suficiente para indicar a ela que outra pessoa devia ter se atrasado e o atrapalhado. Sem dúvida, ao chegar em casa, reclamaria do que quer que fosse.

Nada que ela não pudesse minimizar com as boas-vindas quando ele

chegasse.

— Kitai, quer se sentar?

Ele tirou os olhos da vista da cidade e olhou para ela, confuso por um instante. Então, decidiu não dar muita importância. Se a mãe queria que ele se sentasse, ele sentaria. Ocupou a cadeira de costume, alisando as dobras de seu paletó. Enquanto isso, Faia lhe trouxe as comidas de verdade. Um pouco de alface do jardim, para começar, seguido de sartori cozido, uma criatura parecida com os bovinos da terra, nativa de Nova Prime e criada em fazendas por todo o planeta para o abate. Não era uma refeição das mais baratas, mas valia a pena, considerando-se que seu pai estava fora há meses.

Ele sempre está longe há meses.

O pensamento passou rapidamente pela mente de Kitai, que se odiou por pensar sobre isso. Porque sempre que ele pensava nas ausências de seu pai, começava a pensar nos motivos para ele ficar ausente por tanto tempo. Poderia muito bem ser pela razão que ele deu: negócios. E já que os negócios envolviam proteger o povo de Nova Prime, o que Kitai poderia dizer sobre isso?

Eu sei porque você nunca está por aqui. É porque você não aguenta nem olhar pra mim. Porque sabe que eu não tenho o que é preciso pra ser um Guardião. É, isso com certeza acabaria muito bem.

Faia sentou-se em frente ao filho e cruzou os dedos. Então era isso que eles iam fazer? Só esperar o pai dele chegar? Nossa, como seria emocionante.

— Quer falar sobre o que aconteceu?

— Não, mãe. Não mesmo — informou Kitai.

— Tudo bem. — Ela olhou para o terraço do outro lado do apartamento. As portas cortinadas estavam abertas para permitir a entrada de uma brisa constante. Ela lambeu a ponta do dedo e o levantou. — Você percebeu? O vento mudou.

Ele assentiu.

— Para noroeste. — Não era um tópico especialmente interessante, mas pelo menos a conversa sobre o clima os afastava de assuntos que seriam catastróficos.

Então, os dois ouviram o som da porta da frente. Faia se levantou imediatamente. Kitai fez o mesmo. Ele alisou novamente o paletó e perguntou:

— Como estão as minhas dobras?

— Estão perfeitas. — Ela alisou o próprio rosto. — E como estão as minhas dobras?

— Mãe...

Ela riu levemente enquanto caminhava até a porta da frente. Kitai ajustou a postura enquanto Faia abria a porta para seu pai.

Cypher Raige apareceu atrás da porta. Não havia cicactrizes nos dois braços, nas duas pernas e no rosto dele, o que significava que estava tudo bem. Seu uniforme era todo branco, como só os Fantasmas podiam usar. A mala estava jogada por cima do ombro e havia alguma bagagem atrás dele. Considerando que Kitai só vira seu pai vestindo uniforme de Guardião em toda a vida, ele se perguntou o que teria nas malas. Uma dúzia de uniformes? Não fazia ideia.

Seu pai estava tão alto e forte quanto Kitai se lembrava. Ele tinha o mesmo corte de cabelo que seu filho, com um rosto triangular e olhos frios e calculistas, que não mostravam nenhuma felicidade por estar em casa. Isso não era incomum, na verdade. Para Kitai, era difícil lembrar-se de quando seu pai mostrara qualquer felicidade genuína.

Por um momento, nenhum dos dois disse nada. Então, Cypher moveu sutilmente a cabeça.

— Faia.

— Oi.

Eles não se beijaram. Eles nunca se beijavam. Pelo menos não quando Kitai estava por perto. Sabe-se lá por quê, ele nunca perguntou isso a nenhum dos dois. Só deduziu que Cypher achava uma conduta pouco apropriada.

O homem tirou a mala do ombro e seu olhar se voltou para Kitai, que estava parado ao lado da mesa.

— Você cresceu — disse ele. Cypher caminhou à frente, passando por Faia sem dizer mais nenhuma palavra e parou em frente ao filho, avaliando-o. Kitai ficou exatamente onde estava, olhando diretamente para a frente, com os braços ao lado do corpo e as pernas esticadas. Cypher olhou o garoto de cima a baixo, dando uma volta ao redor dele. Com uma voz sem emoção, Cypher falou enquanto observava seu filho: — Sua gola está amassada. Está com uma marca na perna direita da calça que não existe na esquerda. Marca de dobra. — Ele olhou Faia por um momento em uma acusação silenciosa, condenando-a claramente por deixar Kitai se apresentar de forma tão desleixada antes de prosseguir. — Seu paletó está fechado errado. Antes de se apresentar para inspeção, cadete, olhe-se no espelho. Entendido?

— Sim, senhor.

Cypher continuou olhando para o filho chocado por alguns momentos e, finalmente, acrescentou:

— Mas isto não é uma inspeção.

Isso era, é claro, uma tentativa de Cypher de limpar a barra do filho.

Pelo menos era o que Kitai pensava. Seu pai o abraçou desajeitado, dando um tapa em suas costas. Aparentemente, ele pensava que isso compensaria a recepção dura e formal, como se tudo não passasse de uma piada. Porém, Kitai só conseguia ver como o oposto exato disso. Como se ele e Cypher soubessem a verdade sobre as críticas e Cypher simplesmente tivesse aliviado um pouco para compensar e enganar a esposa. Kitai suspeitava que ela não fora nem um pouco enganada.

É. Essa noite vai ser ótima.

Kitai levou alguns minutos para ajudar seu pai a levar as malas para dentro. Optando por esperar até o fim do jantar para guardar as coisas, Cypher sentou-se em seu lugar de costume, à cabeceira da mesa, e começou a comer. Ele se virou para Kitai e fez a pergunta que ele estivera temendo o dia inteiro.

— Então, como foram os exames finais?

Kitai não respondeu. Ele não sabia o que dizer.

A falta de resposta fez com que Cypher deixasse imediatamente os talheres de lado. Ele logo percebeu que algo havia acontecido. Sem ter recebido uma resposta do filho, ele se voltou para Faia e perguntou mais uma vez:

— Como foram os exames finais?

Faia não conseguiu responder de imediato. Ela claramente estava preocupada em dizer algo que Kitai não gostaria. Parte dele quis esperar sem dizer nada, para ver como sua mãe lidaria com a situação, mas ele sabia que era errado. Precisava dizer pessoalmente.

Mas não conseguia olhar para seu pai enquanto dizia. Em vez disso, adquiriu um interesse especial pelas batatas em seu prato e disse em voz baixa:

— Eu não fui promovido a Guardião.

Cypher nem hesitou ao responder.

— Para onde você olha quando fala?

Kitai olhou nos olhos do pai.

— Eu não fui promovido a Guardião.

— Você não foi promovido a Guardião...? — Cypher se inclinou para a frente, esperando a palavra adicional que, obviamente, na opinião dele, Kitai deveria ter se lembrado de dizer no final. Ele ficou tão distraído pelo longo hiato que realmente esquecera. Então, se lembrou.

— Eu não fui promovido a Guardião, senhor.

Um longo silêncio se seguiu. Cypher só olhou para ele, quase como se estivesse tentando se lembrar quem era aquele garoto. O silêncio pareceu se estender infinitamente. Kitai lutou para manter a expressão impassível, como se tivesse simplesmente dando notícias de uma prova

ruim, em vez de uma decisão que parecia capaz de destruir o resto de sua vida

Então, Cypher, para o choque de Kitai, deu de ombros.

— Tudo bem. Você ainda é novo. — E voltou a comer.

Kitai não conseguiu acreditar. Só isso? Desde o minuto em que eu saí do escritório de Velan até agora eu estou me debatendo por causa da sua reação e tudo o que você tem a dizer é "Tudo bem, você ainda é novo"?

Ele sabia que, de certa forma, deveria estar muito grato. Mas, em vez disso, tudo o que conseguia pensar era que o pai dele, o grande Cypher Raige, não dava a mínima para o que seu filho fazia ou deixava de fazer.

Lutando para conter a raiva, ele disse:

— Eu corri o cânion onze segundos mais rápido do que você.

Cypher deu de ombros novamente, como se isso não fosse nada.

— Bem, se estivesse pronto, Velan teria promovido você. Ele é um homem bom. Sabe o que faz. Você não estava pronto. — Depois, olhou para baixo e cortou mais um pedaço de carne.

Era isso. Fim da discussão. Pelo menos, na opinião de Cypher. O homem que não esperava nada além de sucesso de si mesmo, que havia apoiado incansavelmente a filha durante sua época de Guardiã, estava indiferente para a incapacidade de seu filho de se qualificar. Bem, quem sabe da próxima vez você consiga. Esse foi o tom da resposta de Cypher.

Kitai ficou sem ter o que dizer. Parte dele pensava: ele podia ter acabado com você! Ele podia ter feito todas as coisas que você temia. Fique grato e pare por aí.

De fato, esse pensamento tinha alguma razão. O pai poderia tê-lo feito em pedacinhos. Em vez disso, ele aceitou bem a notícia. Kitai deveria estar feliz por isso.

Mas isso só reforçou o pensamento mais obscuro e secreto dele. Estava convencido de que seu pai realmente não se importava com o que ele conseguia fazer ou não.

Kitai se pegou olhando para o prato, perdido. Nada mais parecia interessá-lo. Por fim, ele declarou:

— Eu não estou com fome. Estou indo para o quarto.

A resposta de Cypher foi baixa e extremamente ameaçadora.

— Você está pedindo ou afirmando?

Estou afirmando.

— Eu posso ir para o meu quarto, senhor? — Ele já estava quase se levantando.

— Negado. Sente-se.

Kitai parou por um instante, lutando contra o impulso de se levantar

e ir embora do mesmo jeito. Ir embora não, correr. Talvez isso gerasse uma reação séria nele.

Em vez disso, o garoto sentou-se lentamente.

Então, Faia falou. O tom dela foi direto e cheio de uma raiva contida.

— Eu posso me levantar, general?

Cypher se virou e olhou para ela, surpreso. Ele estava dando uma lição de disciplina em seu filho, o fracassado. Claramente não esperava uma intervenção da esposa.

E ela também não esperou uma resposta. Sem dizer nada, ela afastou a cadeira, se levantou e caminhou para a cozinha. Isso deixou Cypher e Kitai em uma situação terrivelmente desconfortável, os dois sentados lá inquietos em silêncio enquanto a cadeira vazia parecia acusá-los de terem estragado tudo.

— Pode ir — permitiu Cypher, finalmente.

Ao ouvir as palavras, Kitai saiu como uma bala, deixando Cypher sozinho com seus sentimentos e sua comida.

ii

O quarto de hóspedes. Foi lá que Cypher entrou. De fato, se alguém perguntasse de quem era o quarto, ele ou ela teriam dito simplesmente que era o quarto de hóspedes.

O problema era que tanto Cypher quanto Faia sabiam de quem era o quarto. Era dele. Nos dias incomuns em que Cypher ficava em casa, era lá que ele passava a maioria das noites. Faia dormia no quarto de casal e ele dormia ali. Cypher não sabia ao certo se Kitai sabia disso. Se um garoto presume que seus pais dormem juntos, por que ele perguntaria alguma coisa?

Cypher terminou de guardar as malas no escritório e sentou-se na cadeira para recuperar as forças.

Minhas forças. Antigamente eu poderia ter descarregado tudo com uma mão atrás das costas. Agora, eu fico realmente cansado. Ele esticou os braços para os dois lados e sentiu uma fisgada de dor no ombro. A dor decerto passaria em breve, mas quanto mais velho ele ficava, mais frequentemente sentia dores inesperadas e mais elas demoravam a ir embora.

Cypher se deitou na cama e olhou para as paredes do quarto de hóspedes. Elas davam uma outra função ao quarto. Ali ele fizera um relicário para Senshi.

As paredes eram feitas de tecido inteligente e as fotos de família foram todas transferidas para lá. As imagens se moviam lentamente pelo pano. Lá estava Senshi, desde o nascimento até uma foto tirada dois dias antes de sua morte. Uma vida inteira exibida em uma série de fotos. Normalmente, elas ficavam ali paradas. Mas quando Cypher entrava no quarto e dizia "ligar", cada foto começava a desenrolar uma história individual. Lá estava ela, correndo e rindo, ou pegando o alfanje do pai pela primeira vez, ou cantando alguma música feliz.

Cada foto tinha um ícone ao lado e Cypher, como de costume, se concentrou em uma imagem dela uniformizada de Guardiã. Foi tirada no dia da formatura de Senshi na academia, quando se tornou uma Guardiã oficial. Ele sentiu tanto orgulho naquele dia. Tanto orgulho. Era difícil acreditar que qualquer outro pai na história tivesse tanto orgulho de um filho.

Cypher tocou o ícone ao lado da foto.

Instantaneamente, a foto obedeceu ao comando e se transformou em uma imagem enorme que cobria a parede inteira. Não estava mais olhando um pequeno filme. Agora, a cena o envolvia completamente. Ele estava no meio de uma multidão durante a graduação, que gritava e aplaudia não só seus próprios filhos, mas todos os formandos. Todos sabiam muito bem que cada Guardião seria um protetor dedicado de Nova Prime e de seu povo. Por isso, eles mereciam os aplausos de cada um dos espectadores na plateia.

Ele olhou para a direita e viu Faia e ele próprio lá sentados onde deveriam estar. Kitai estava no colo da mãe e havia adormecido. Cypher sabia que não podia culpá-lo. Muitos discursos ocorreram antes da cerimônia em si e isso acabou gastando toda a capacidade de Kitai de se manter acordado naquela idade.

Envolvido na falsa realidade daquele dia maravilhoso, Cypher só podia observar, como se fosse um fantasma. Não tinha como interagir com ninguém na cena.

Senshi desceu os degraus da plataforma quando seu nome foi chamado. O distintivo de serviço foi preso ao uniforme dela sob muito aplauso e comemoração. Então, ela sacou o alfanje e fez alguns movimentos meramente alegóricos. Não fez nada exagerado. Não que não conseguisse, mas porque não queria aparecer mais do que os outros formandos.

Cypher e Faia tinham seu próprio equipamento de gravação, mas este filme fora gravado por uma câmera dos Guardiões, que ofereceu cópias a todos os interessados. Cypher estava obviamente interessado e, ao ver Senshi descendo do palco, não conseguiu resistir. Foi direto na direção dela. Ele se posicionou bem na frente de Senshi e abriu os braços para

recebê-la.

Ela passou direto por dentro dele, como um fantasma, e ele se virou para vê-la indo em direção aos "verdadeiros" pais atrás dele. O Cypher do passado a abraçou carinhosamente e Faia sorriu, dizendo coisas lindas enquanto Kitai continuava a dormir nos braços dela. Senshi sorriu e beijou a cabeça de seu irmão caçula. Ele se moveu um pouco, mas não acordou.

Estavam todos juntos, eram uma família. Uma família da qual Cypher mal conseguia se lembrar.

E a parte mais estranha era que quando ele pensava nesse dia maravilhoso antes, nem lembrava que Kitai estava presente. Ele simplesmente deduziu que haviam contratado uma babá naquele dia.

As lágrimas escorreram pelo rosto de Cypher. Ele nunca se permitiria agir desta forma do lado de fora do quarto, mas lá dentro ele poderia fazer o que quisesse enquanto as pessoas ao redor comemoravam a conquista de Senshi e dos outros Guardiões.

iii

Em seu escritório, Faia estava reclinada sobre a mesa com hologramas de turbinas de vento. Ela passara semanas construindo os protótipos em escala perfeita, mas ainda não havia ligado a fonte de energia para fazer com que elas girassem automaticamente. Mas isso não tinha importância. Afinal, o vento também não soprava de modo automático. Então, ela girava as turbinas cuidadosamente com as mãos e anotava todas as informações que descobria. Era um método rústico, mas os resultados gerados eram tão confiáveis como os de qualquer outro projeto dela.

Foi então que ela ouviu passos na direção da porta. Ao se virar na cadeira, viu Cypher lá parado com um pequeno sorriso sofrido no rosto. Ela o encarou e não viu nenhum traço do homem que havia tratado o filho com uma indiferença cuidadosamente planejada no jantar.

— Olha só — exclamou ela, estudando-o com cuidado. — Nossa. O Cypher voltou. Ele havia sido sequestrado pelo general Raige.

Ele cruzou a sala e se sentou em uma pequena cadeira ao lado dela. Cypher esticou a mão, hesitante, e ela a segurou, apertando com carinho. Raige suspirou. Era como se ele estivesse relaxando através dela.

— Eu tenho uma última missão em Iphitos. Parto amanhã — explicou o homem. Iphitos era um pequeno planeta. Um dos seis ancoradouros no próximo braço espiral da Via Láctea. Morar lá não era uma missão para os medrosos. Havia uma colônia com mais ou menos umas cem pessoas e

eles estavam tentando descobrir se Iphitos poderia ser terraformado e transformado de um local de treinamento e repositório de Ursas em algo mais habitável para os humanos. Eles poderiam facilmente ser atacados pelos Skrel assim como Nova Prime havia sido tão frequentemente durante séculos. Mas, até o momento, nada havia acontecido. Presumia-se que a colônia era simplesmente pequena demais para chamar a atenção dos Skrel, já que os muitos milhões de pessoas que viviam em Nova Prime representavam uma ameaça muito maior.

Faia franziu a testa quando ele disse isso.

— Última missão?

— É. Sabe... depois de terminá-la, eu vou anunciar a minha aposentadoria.

— Aposentadoria?

— Isso mesmo — confirmou Cypher com um aceno de cabeça. — Chegou a hora.

— Não, definitivamente não é a hora disso.

Ele piscou, atordoado. Havia esquecido que ela quase sempre o surpreendia.

Cypher olhou fundo nos olhos dela.

— Eu quero a minha família de volta. Eu quero você de volta.

Ele colocou a mão no bolso da jaqueta e pegou um colar. Não era o tipo de joia que era criado pelos artistas de Nova Prime. Não, isso definitivamente era uma relíquia da Terra. Não era só incrivelmente rara. Era um símbolo. Pelo menos, na opinião de Cypher.

Mas Faia ficou simplesmente olhando para ela. Deu um pequeno sorriso para reconhecer o gesto e as boas intenções dele, mas continuou indiferente. Ela se levantou desajeitada enquanto ele prendia o colar no pescoço dela. Então, acenou na direção do quarto de Kitai.

— Aquele garoto ali dentro está tentando encontrar você — declarou ela. — Ele é... um garoto sensível, intuitivo e eu... Moby Dick.

Ele olhou para ela, confuso.

— O quê? O que isso tem a ver?

— Ele viu você lendo esse livro com Senshi a vida inteira. E está lendo agora. Ele está tentando se aproximar de você...

— Bem, mas como eu poderia saber disso?

— Não poderia. Seria impossível. Simplesmente porque você não pergunta a ele nem as coisas mais simples tipo "como você está?". Cypher... não me entenda errado. Eu respeito muito tudo o que você faz. Mas você tem um filho ali dentro que não o conhece. Ele está se afundando. Sempre se culpou pelo que aconteceu com Senshi. Ele não precisa de um oficial comandante. Precisa de um pai.

Cypher respondeu a ela com uma voz distante, como se falasse de outro lugar ou outro tempo.

— Nós lutamos contra monstros. E antes disso nós aprendemos a lutar contra eles. E antes disso, nós sonhamos em lutar contra eles. E isso é quem nós somos e é minha responsabilidade instigar isso naquele garoto.

— Olha só — disse Faia secamente. — O general voltou.

— Pode ter certeza que sim.

Ela respondeu sem carinho. Não havia raiva na voz dela, só tristeza.

— Deixa eu fazer uma previsão do futuro. Quando o general ficar velho e não se parecer mais com a própria estátua, o pai vai perceber que foi exatamente neste momento que ele perdeu o filho pra sempre.

Ele se levantou, com uma expressão perturbada, e foi embora. Ao vê-lo fazer isso, Faia olhou para o próprio reflexo no monitor e estudou o colar. As pedras frias brilhavam como estrelas distantes.

iv

Kitai estava vestido com uma camisa sem mangas e shorts azuis. Seu uniforme, a roupa que ele mais prezava, estava amassado na cama. Qualquer um poderia ver que fora tirado do corpo sem nenhum cuidado. Ele simplesmente arrancou a roupa e se jogou na cama. Quando estivesse pronto para dormir, simplesmente chutaria a coisa para fora da cama e a deixaria caída no chão a noite toda.

Foi nesse momento que Kitai ouviu passos rápidos e olhou para cima. Cypher estava parado na porta, olhando para ele. Seu rosto estava impassível, como se centenas de pensamentos lutassem na cabeça e ele não tivesse decidido ainda a melhor maneira de abordar o filho.

O que ele queria falar com Kitai? Ia gritar com ele sobre o fracasso nos testes? Ia liberar o verdadeiro déspota que escondia dentro de si? Ia...

— Arrume as malas — ordenou Cypher. — Você vem comigo para Iphitos. Nós partiremos ao nascer do segundo sol.

Kitai piscou, confuso. Ele podia esperar que seu pai lhe dissesse muitas coisas, mas essa definitivamente não era uma delas.

Mas por quê? Por que ele quer me levar para Iphitos? Está planejando simplesmente me deixar por lá? Que diabos...?

Depois da declaração, Cypher se virou e caminhou pelo corredor sem dizer uma palavra. Não foi um convite, foi uma ordem.

Kitai, sozinho novamente, fez a única coisa que pôde: as malas.

1000 DT

Porto Espacial dos Guardiões

i

Kitai não se lembrava da última vez em que estivera no hangar principal dos Guardiões. Era a maior estrutura de Nova Prime, encravada na montanha onde ficava a cidade. Naves de todos os tamanhos saíam de lá em momentos aleatórios. Às vezes, estavam sob comando dos Guardiões. Outras vezes, as naves saíam sob comando da guilda científica dos Savants. Até mesmo o Primus, que era o líder da guilda religiosa, precisava às vezes de várias naves. E o que quer que precisassem, poderia ser encontrado no hangar.

Kitai estava maravilhado com tudo o que via. No momento, ele estava concentrado em observar uma nave de transporte sendo abastecida. Ele se perguntou se era aquela a nave na qual ele e seu pai embarcariam. Era um pouco embaraçoso admitir até para si mesmo que não fazia a menor ideia de por que a nave estava indo para um planeta-colônia. Mas seu pai disse que era para lá que eles iam. E se ele disse isso... bem, então era isso que aconteceria.

Era difícil para Kitai conciliar suas tantas mudanças de opinião sobre seu pai nas últimas horas. Primeiro, ficara morrendo de medo do pai. Depois, ficara furioso com o homem. Agora, ele estava grato por seu pai levá-lo nesta aventura consigo. Tão grato, na verdade, que ele resistiu em perguntar o que estava acontecendo. O fato de seu pai ter ao menos pensado nele, por qualquer que fosse o motivo, era mais do que o suficiente para Kitai.

O garoto decidiu tentar conseguir o máximo de informações possível de sua mãe. Mas ela simplesmente sorriu e disse, enigmaticamente: "Se seu pai quer levar você com ele, eu sugiro que você vá." Essa foi toda a opinião dela sobre o assunto. Kitai odiava admitir, mas isso fazia todo o sentido.

Ele olhou para o local no hangar onde sabia que encontraria seus pais. Ficou chocado ao vê-los abraçados. O garoto abriu um sorriso maravilhado com a imagem. Não era nenhum segredo para ele o fato de que seus pais não estavam se dando muito bem. Ele se encheu de felicidade ao ver tal demonstração de afeto genuína entre eles.

Será que os dois estavam finalmente se acertando? Era impossível saber com certeza, é claro. Talvez ele pudesse perguntar ao pai em algum momento durante a viagem.

Foi então que Kitai percebeu algo extremamente incomum. Algo que chamou sua atenção imediatamente.

Algo estava sendo carregado na rampa de uma nave chamada Hesper. A coisa era grande: dois metros de altura e três metros de comprimento. Era um módulo de carga, desenvolvido organicamente de uma forma que parecia uma pedra enorme.

— Mas que droga é aquilo...? — sussurrou ele.

— Acho que você vai descobrir em breve.

A voz que falou com ele era tão cativante que lhe deu um susto. Depois de soltar um longo suspiro, ele viu que era Rayna. Ela sorriu e acenou para Kitai. Estava uniformizada como Guardiã e ele percebeu o alfanje preso às costas dela.

Rayna conseguiu.

Ansioso para afastar o tópico da conversa da cápsula estranha que chamou tanto a sua atenção, Kitai apontou para a arma dela e disse:

— Parabéns.

— Hmmm. Ah, isso? — Ela apontou para a arma nas costas e deu de ombros. — É, não é grande coisa. Você vai ser o próximo. Com certeza.

— Sei lá, tanto faz.

— Ei, você não tem motivo pra reclamar — declarou ela. — Eu admito: estou com inveja.

— Porque eu vou fazer uma viagem de Lightstream?

— Claro que não. Não é por isso. É porque você vai viajar com seu pai. Ele é um gato.

— Ahhh, claro — disse Kitai, parecendo pouco impressionado.

ii

Cypher observou de longe enquanto seu filho examinava a nave de transporte. Ele odiava admitir, mas a atitude de seu filho o impressionava. O general tentou se lembrar do dia em que vira pela primeira vez as naves espaciais, esses milagres da era moderna, e se perguntou se ficara com o mesmo nível de entusiasmo óbvio. Ele nem sequer conseguia se lembrar de ter experimentado tal estado de espírito.

A tenente Alvarez se aproximou.

— Bom dia, general — saudou ela, empolgada. Depois, acrescentou:

— Senhora — para acomodar o fato de que Faia também estava lá. Em seguida, ela voltou a atenção para Cypher. — Sua nave teve problemas de manutenção. Colocamos você na Hesper, senhor. Pista vinte e sete. É apenas um transportador de carga classe C, mas se me der mais uma hora...

Não importava nem um pouco para Cypher. As naves eram bem parecidas.

— Está ótimo, tenente.

Alvarez sorriu.

— Sim, senhor. Gostaria de comentar, senhor, que os rapazes a bordo estão bem empolgados em viajar com o FO. Nos vemos na nave, senhor. — Ela bateu continência, que foi prontamente retribuída por Cypher. Então, Alvarez partiu para verificar a nave mais uma vez.

Faia olhou Cypher curiosa.

— FO?

— Fantasma Original.

— Ah, sim. É claro. Como pude esquecer?

Ele a olhou incerto, sem saber se ela estava brincando ou não. Percebeu algo em sua expressão. Uma sombra de dúvida, talvez.

— Eu ficarei bem — disse ele, com uma confiança que ele não tinha realmente, mas sabia que precisava demonstrar. Se ela queria que seu marido passasse mais tempo com o filho, era isso que ele faria, mesmo que não fizesse muito sentido. Ele conversaria com Kitai e tentaria entender o garoto incrivelmente sensível ao qual eles deram à luz. Mesmo que ele acabasse morrendo por isso. Ou Kitai. Ou ambos.

De repente, houve um barulho alto e ensurdecedor atrás deles.

Instantaneamente, Cypher segurou o pulso de Faia e virou tão rápido que ela mal entendeu o que acontecera. Tudo o que percebeu foi que em um segundo estava virada para Cypher e no instante seguinte, ele a havia puxado, para protegê-la atrás de si. Com o alfanje já em mãos, ele se preocupou em manter Faia atrás de si enquanto descobria de onde vinha a ameaça.

A resposta chegou em menos de dois segundos. Um dos trabalhadores estava numa grua fazendo reparos quando uma ferramenta escorregou de sua mão e caiu. Ela havia se chocado contra o chão alguns metros à frente deles, fazendo todo aquele barulho.

Cypher olhou irado para o trabalhador que gritou lá de cima:

— Desculpa!

Raige, irritado, pegou a ferramenta caída e jogou de volta sem dar muita atenção.

Ele se voltou novamente para Faia para perguntar se ela estava bem.

Porém, ele a viu sorrindo. Parecia satisfeita e encantada. Cypher demorou um pouco a entender a verdade. Ela estava encantada pela atitude dele de protegê-la automaticamente do perigo.

Então, depois de soltá-la, ele pediu desculpas, um pouco envergonhado por agir de forma tão protetora. Especialmente sem ser necessário. Faia, por sua vez, removeu o lenço que usava no pescoço. Para a surpresa de Cypher, ela estava usando a joia que ele lhe dera de presente no dia anterior. O colar brilhava na pele dela e Cypher sorriu ao perceber o significado disso. Parecia que, pelo menos superficialmente, ele teria uma segunda chance com sua esposa.

Presumindo, é claro, que as coisas dessem certo com Kitai.

Isso fez com que Cypher se preocupasse novamente com o filho. A verdade era que ele ainda não fazia ideia de como conversar com o garoto. Kitai sempre fora um mistério para ele. Cypher abraçou sua mulher, aproveitando o carinho, mas ainda pensando em Kitai. Se seu casamento dependia de consertar sua relação com seu filho, este carinho que ele sentia por Faia e a possível reconstrução do relacionamento deles podia ser uma fantasia.

Ele olhou na direção de Kitai e viu, para sua surpresa, que ele estava conversando com uma Guardiã. Ele gesticulou na direção dos dois e perguntou a Faia:

— Quem é aquela mulher dando em cima do nosso filho?

— Calma — disse ela. — Vai devagar com ele. — Então, com um tom mais leve, ela pediu: — Criem bons momentos juntos para lembrarem. Vamos lá. — Sem dar chance de resposta a ele, ela segurou seu braço e caminhou na direção de Rayna e Kitai. Deixou Cypher com seu filho e a Guardiã. — Rayna. Que bom vê-la novamente.

— Igualmente, sra. Raige. — Rayna apontou para a torre de controle. — Então... Eu vejo vocês partindo da torre, tudo bem?

Assim, Rayna partiu prontamente. Faia observou o jeito que Kitai olhava para ela e sorriu por dentro. Ela se aproximou do garoto e deu um abraço maternal. Enquanto isso, ela disse em voz baixa:

— Pega leve com o seu pai. Ele está um pouco enferrujado.

Pela expressão de Kitai, ela percebeu que ele não fazia ideia do que ela estava falando. A perfeição que ele atribuía a seu pai era impecável. Às vezes isso era bom, às vezes era ruim. Ela se deu conta de que ninguém poderia prever como seria desta vez.

— Você entende o que eu quero dizer, filho?

Obviamente ele não entendia, mas assentiu assim mesmo. Então, com uma última olhada para sua mãe e para a figura de Rayna que se afastava, ele partiu atrás de Cypher.

Antes que eles chegassem à nave, ambos foram surpreendidos por uma voz muito alta em uma rampa acima deles.

— Levantem-me!

Todos os soldados próximos à nave olharam para o interlocutor. Era um Guardião veterano, um homem em uma cadeira de levitação magnética sendo levado para uma nave de transporte. A cadeira flutuava. Havia duas enfermeiras com o homem, uma de cada lado da cadeira, e ambas pareciam confusas.

— General Raige — chamou o Guardião —, eu estava no platô. Você me salvou, junto com mais quatro homens. E eu acabei de ver o rosto da minha filhinha pela primeira vez. — Ao perceber que as enfermeiras não estavam obedecendo seu comando, o homem repetiu mais alto: — Levantem-me!

— Isso não é necessário, Guardião — declarou Cypher.

O Guardião ignorou as ordens do comandante. Em vez disso, gritou ainda mais alto.

— Levantem-me, droga!

As enfermeiras já haviam aturado gritos demais. Olharam uma para a outra e ajudaram o Guardião a sair da cadeira. Todo o apoio estava por conta delas, porque o Guardião não tinha nenhuma condição de se levantar. Suas pernas, uma totalmente enfaixada e a outra cortada pela metade, não o sustentariam. Levantar-se seria impossível, mas sua força de vontade fez com que suas ajudantes o colocassem de pé. Depois de estar suficientemente ereto, ele levantou uma mão trêmula e bateu continência.

Cypher Raige respondeu com uma continência imediatamente. Kitai se sentiu totalmente maravilhado ao ver o Guardião desconhecido forçando os outros a levantarem-no só para que pudesse oferecer a reverência correta. Ele simplesmente imaginou como se sentiria se Cypher o olhasse como um igual, não como um moleque recém-saído da academia.

Cypher terminou a saudação e caminhou até o Guardião. Os olhos do homem se encheram de lágrimas ao ver que o grande Cypher Raige estava indo na sua direção. Cypher sussurrou no ouvido do homem, acalmando-o, e fez um gesto para as assistentes se afastarem. Ele segurou o Guardião com firmeza, cada mão apoiando um dos braços dele, e o colocou de volta na cadeira. Então, Cypher deu um passo atrás e fez uma última saudação. O Guardião respondeu e falou às enfermeiras:

— Tudo bem, podemos ir agora.

Kitai viu o soldado sendo levado para o transporte médico. Então, se apressou para alcançar o pai. Ao se aproximarem da nave, ele sussurrou para Cypher:

— O que você disse a ele?

— O que ele precisava ouvir.

Assim, ele se virou para o outro lado e caminhou bruscamente para dentro da nave.

Como Kitai percebeu depois, era a mesma nave na qual a grande cápsula fora carregada. Por um momento, ele se perguntou se ela era o motivo pelo qual eles estavam indo para outro mundo. Ou será que era só uma missão secundária? Talvez fosse só uma adição a um zoológico. Ele não podia ter certeza de nada disso.

O que ele sabia com certeza era que seu pai não estava exatamente num estado de espírito ideal para explicar as coisas.

Bom, isso não era nenhuma novidade.

iii

Os assentos de passageiros da Hesper eram relativamente simples. Eles ficavam alinhados em um dos lados do corredor, dando espaço para as pessoas passarem do outro lado. Havia cintos de segurança cruzados em cada um deles, para que as pessoas pudessem se prender corretamente.

Havia também uma janela de observação na parede oposta ao assento de Kitai, pela qual ele conseguia ver Nova Prime se transformando em um pontinho, em vez do planeta no qual ele vivera a vida toda. Em instantes, ele desapareceria completamente e se tornaria só mais um pedacinho do espaço.

Cypher Raige estava sentado ao lado. Não estava prestando nenhuma atenção a Kitai. Ele lia o que parecia ser um dossiê sobre seu tecido inteligente. Passava as páginas do documento holográfico lentamente, uma de cada vez. Kitai sempre ouvia dizer que seu pai tinha memória eidética e agora estava tendo uma prova concreta disso. Cypher parecia estar olhando uma página de cada vez, estudando-as até guardá-las na memória, e passando para a próxima.

— Eu estou lendo Moby Dick. — A ressalva sobre a última leitura de Kitai saiu naturalmente, sem pensar muito no que estava dizendo.

— Sua mãe me disse — rebateu Cypher. Ele mal olhou para o próprio filho ao responder, continuando a ler o dossiê. Então, parou como se tivesse percebido que simplesmente informar Kitai que sua mãe lhe havia dito não era uma resposta suficiente. Então, ele abaixou o dossiê por um momento e disse: — Isso é ótimo. — Ou pelo menos foi o que ele tentou dizer. Infelizmente, soou como uma tentativa tosca de evitar parecer indiferente.

Antes de poder prosseguir com uma resposta menos falsa, uma voz

baixa e aguda soou no intercomunicador. Era a voz do piloto:

— A navegação indica que chegaremos a Iphitos em vinte e quatro horas.

Era um aviso geral, direcionado a todos os passageiros da nave, mas Cypher pareceu entender como se fosse direcionado especificamente a ele. As luzes acima se atenuaram e, em vez de continuar a conversa sobre baleias, Cypher disse bruscamente:

— Eu vou tirar um cochilo. Recomendo que você faça o mesmo.

Antes que Kitai pudesse dizer alguma coisa quanto a isso, Cypher recostou a cabeça e fechou os olhos. Estava dormindo em menos de um minuto. Kitai tentou seguir o comportamento do pai, mas não conseguiu. Vários minutos se passaram e ele ficou lá sentado, com os olhos arregalados e os pensamentos divagando furiosamente. Dormir não era uma opção para ele. Talvez seu pai estivesse tão acostumado com viagens espaciais que tivesse que tratá-las como algo que deveria aguentar, e não algo que deveria deixá-lo empolgado. Mas Kitai simplesmente não conseguia. Estava tão radiante com o fato de estar viajando pelo espaço que tudo o que conseguia fazer, mesmo no escuro do corredor, era ficar lá sentado com os olhos abertos, fascinado pelo veículo no qual viajavam.

Em algum tempo, tudo o que restava no local era o som dos outros Guardiões dormindo. Kitai ficou lá sentado tempo suficiente para se convencer de que o sono não chegaria tão cedo. Se esse era o caso, qual vantagem ele poderia tirar por ficar lá sentado no escuro?

Em silêncio, porque tinha certeza de que seu pai ouvia toda e qualquer coisa, Kitai soltou o cinto de segurança. Gradualmente, ele se ergueu da cadeira e se levantou. A única coisa que podia ser ouvida era o zumbido do motor da nave e o ronco suave de alguns dos Guardiões. Todos eles tinham seus próprios alfanjes, presos no peito ou no colo. Se Kitai sequer pensasse em pegar um deles, acabaria se dando mal.

Kitai se esgueirou pelo corredor, passando por todos para entrar no depósito de cargas posterior. Deduziu que, se aquela cápsula que ele vira anteriormente estava guardada em algum lugar, seria lá. Mas no fim do corredor, ele viu uma placa sobre a porta de saída explicando exatamente até onde ele poderia ir de forma bem explícita: área restrita. não entre. carga perigosa.

A placa o deteve por exatamente cinco segundos. Tempo suficiente para olhar para trás e confirmar que todos os Guardiões estavam dormindo em paz. Então, passou correndo pela placa e seguiu para a área de carga.

Na frente dele estava uma pequena escada de metal que levava ao casco da nave. Era uma área escura e assustadora e a única coisa que se podia ouvir era o zumbido distante dos motores da nave. No fim da

passarela estreita, uma folha de tecido metálico cobria o que estava guardado atrás dela.

Kitai respirou fundo para acalmar o coração e soltou o ar lentamente. Então, com cuidado, caminhou até o tecido. Quando estava a menos de um metro da coisa, ele segurou o pano. Permaneceu desse modo por alguns segundos e, quando não percebeu nenhuma reação, puxou o pano alguns centímetros para o lado e bisbilhotou.

Só o que havia além era o depósito de cargas cavernoso e escuro da nave. A cápsula estava lá, definitivamente, mas ele só conseguiu dar uma leve olhada nela. Nada mais interessante além disso.

Ele começara a entrar na área de contenção quando alguma coisa segurou o braço dele. Kitai tomou um susto e tentou se libertar, mas sem sucesso. O rosto de um oficial militar apareceu em sua frente. Segurando firme o braço de Kitai, o homem rosnou na cara dele.

— Você sabe ler?

Kitai não disse nada, até porque a garganta dele estava paralisada, acabando com qualquer chance de produzir palavras úteis.

O chefe de segurança parecia ter cinquenta e poucos anos. O rosto dele era redondo e tinha cabelos ruivos bem-aparados.

— Eu perguntei se você sabe ler! Tem uma placa lá atrás. Está escrito SOMENTE PESSOAL AUTORIZADO. Por que você não leu aquela placa?

Kitai teve uma reação incomum: ele não respondeu a pergunta. Não havia por que responder, pois não acabaria bem para ele de qualquer jeito. Ele viu a placa, ignorou e foi pego. A única chance era tentar ignorar isso e perguntar algo mais pertinente a ele.

— O que tem ali? — perguntou, apontando para a cápsula.

— Ele quer saber o que tem ali!

Parecia estranho o modo como o chefe da segurança estava falando, até que ele percebeu que o homem não estava se dirigindo a ele. Na verdade, havia vários Guardiões sentados em uma pequena mesa ao lado. Estavam no meio de um jogo. Ao que parecia, Kitai era só mais uma diversão.

Um dos outros homens se pronunciou:

— É melhor pegar leve com ele, sargento. Esse aí é o filho do general-
-comandante.

A informação era claramente desconhecida e inesperada ao chefe de segurança. Ele olhou para Kitai como se o visse pela primeira vez.

— Você é o filho do Raige?

Isso deu a Kitai a pequena vantagem de que precisava, sob as atuais

circunstâncias. Eles poderiam fazer o que quisessem com uma criança aleatória, mas o filho de Cypher Raige receberia um tratamento especial e todos sabiam disso. Kitai estufou o peito e falou, dessa vez com peso e convicção:

— O que tem ali? — Ao menos ele achou ter falado dessa maneira.

De fato, a atitude do sargento mudou completamente, de uma forma que beneficiou Kitai. O homem diminuiu o tom de voz até transformá-lo em um sussurro quase inaudível.

— Você quer ver? — perguntou ele, de forma conspiratória.

— Sim, quero sim.

— Então tudo bem. Era só pedir.

Se Kitai tivesse pensado um pouco na situação, provavelmente teria tido alguma dica. Mas estava tão curioso que ignorou completamente quaisquer avisos e ameaças.

O chefe de segurança seguiu de perto enquanto ele se aproximava.

— Então, vai me dizer o quê...

— É um Ursa.

Kitai parou de andar tão abruptamente que o chefe de segurança esbarrou nele.

— Um Ursa? — perguntou o garoto, curioso.

— Sim.

— Um Ursa morto?

— Não.

Foi aí que ele se lembrou de Rayna falando sobre como alguns Guardiões conseguiram capturar um Ursa vivo. Neste ponto, Kitai parou completamente de se mover para a frente. Era isso. Esse era o Ursa que os Guardiões haviam capturado. Esse era o mais perto que ele chegara de um desde... desde Senshi.

— Como... como vocês... onde...? — Ele tentou fazer várias perguntas ao mesmo tempo e nenhuma delas funcionou.

O sargento não mostrou estar nem um pouco impressionado. Ele falou com o mesmo tom de voz.

— Este é um dos três que nós pegamos. Vamos manter os três em Iphitos, longe da população civil. Estamos chamando esse de Víbora. É o maior e mais perverso de todos. — O homem parou e disse, conspiratoriamente outra vez: — Você quer ver se consegue desvanecer?

O desafio chamou a atenção do grupo de homens imediatamente. As cartas foram esquecidas e todos olharam para Kitai, que nem percebeu. Estava ocupado demais olhando fascinado para a cápsula, que estava imóvel.

Claramente querendo reduzir a preocupação de Kitai, o chefe de

segurança prosseguiu, garantindo:

— A cápsula é feita de armadura orgânica bioestrutural. Ele está amarrado e suspenso em um gel lá dentro. Não precisa se preocupar, ele não vai escapar.

— O sargento apontou para um círculo vermelho em torno da cápsula — Você só precisa passar da linha vermelha em torno da cápsula. O gel não permite que ele fareje nada a distância, mas de perto ele vai farejar você.

Kitai olhou a linha vermelha em torno da cápsula. Não havia pegadas nela ou sequer perto dela. Ninguém chegara perto da criatura. Isso significava uma coisa com certeza: eles não estavam se arriscando.

— Você não está com medo, está?

Sem nem pensar duas vezes, Kitai declarou imediatamente:

— Eu não tenho medo de nada.

Os Guardiões pareceram realmente acreditar na palavra dele. Em um grande "Uhh rahh!", os Guardiões o saudaram, parabenizando-o pela coragem.

— Não se preocupe. Mesmo que ele se fixe em você, está amarrado e suspenso.

Isso congelou Kitai por um momento. O conceito de um Ursa fixado nele era certamente desencorajador. A fixação era uma das principais armas dos Ursas. Depois de se fixar em uma pessoa, travando-se completamente em seu DNA, ela se torna o novo alvo do Ursa. E o Ursa continuará atacando a vítima em potencial por... bem, para sempre. Kitai não sabia exatamente se gostaria muito da ideia de se tornar a principal prioridade da criatura, especialmente por um período de tempo tão extenso.

Mas ele deixou de lado a preocupação. Estava sendo desafiado por um grupo de Guardiões; não havia como virar as costas como se não fosse nada. Ou pior, demonstrar medo. Eles acabariam com ele por isso. Acabaria se tornando uma piada. Ele viraria o filho medroso do Fantasma Original e a vergonha do legado da família Raige.

Tudo o que ele fez foi assentir e concordar com a situação.

O chefe de segurança prontamente falou:

— Senhoras e senhores, o filho do FO vai tentar desvanecer. Façam suas apostas!

Para a irritação de Kitai, eles realmente começaram a apostar dinheiro. Não pôde deixar de notar que ninguém apostara em sua habilidade de fazê-lo. Eu vou mostrar pra eles, pensou, irritado.

Lentamente, Kitai caminhou até a parte traseira da cápsula orgânica. Pela primeira vez, ele chegou perto o suficiente para perceber que a casca exterior da cápsula tinha furos pelos quais poderia olhar lá para dentro. Mas

não parecia haver um Ursa ou qualquer outra coisa lá.

— Eu não estou vendo nada — comentou ele, cautelosamente.

— Camuflagem ativa — mencionou o chefe de segurança. — As células fotossensíveis da pele mudam de cor e textura para se igualarem ao ambiente. Ele só baixa a camuflagem pra poder te assustar. Assim, você libera mais feromônios. São uns demônios espertos.

Realmente era uma estratégia ardilosa. O Ursa precisava do medo para encontrar seus alvos. Portanto, sua estratégia de ataque era causar o máximo de medo possível. Ser praticamente invisível permitia que eles aparecessem de uma hora para outra e aterrorizassem a vítima.

Kitai se aproximou da cápsula. Ele parou somente alguns centímetros antes de cruzar a linha.

O chefe da segurança não estava facilitando a vida dele.

— Para desvanecer, ele não pode perceber nenhum traço da sua presença. Boa sorte em fazer isso. Para desvanecer, você precisa estar totalmente livre do medo para ficar invisível ao Ursa. O medo é territorialista no seu coração. Ele se recusa a dividir espaço com outras virtudes. Você precisa forçar o medo pra fora do coração e substituí-lo com qualquer outra virtude. Pode ser amor, felicidade ou fé, mas a virtude é específica do indivíduo e vem do interior de cada pessoa.

"Entendeu tudo, cadete?", perguntou o chefe de segurança. Com um tom sádico, ele acrescentou: "Seu pai escreveu essa dica interessante."

E lá estava ele, não havia como se enganar. O chefe de segurança não estava mais brincando. Estava deixando bem claro: você acha que está no mesmo nível do seu pai? Vamos ver o que você consegue fazer.

Sem hesitar, Kitai passou da linha vermelha que cercava a cápsula. Se o chefe da segurança se impressionou com a audácia de Kitai, ele não demonstrou. Em vez disso, começou a sussurrar.

— A maioria das pessoas congela. Isso é o seu córtex cerebral procurando uma resposta que você não tem. Seu sangue está cheio de adrenalina agora, quer você saiba ou não. Seu coração está batendo mais rápido. Está ficando mais difícil de respirar... Seu sistema neurobiológico está dizendo a você para correr, mas seus joelhos estão muito fracos pra se moverem e já é tarde demais de qualquer modo. Os poros da sua pele já se abriram e estão secretando uma quantidade imperceptível de feromônios no ar. E você só consegue pensar em quando a coisa vai matar você.

Kitai estava a poucos centímetros da cápsula, com os olhos bem abertos. Ainda não havia nenhuma resposta lá de dentro e ele começou a se perguntar se o Guardião não estava apenas brincando esse tempo todo. Talvez não houvesse nada de perigoso na cápsula no fim das contas. Ele nem sequer notou que os Guardiões ficaram surpresos pela proximidade

dele não gerar nenhuma reação violenta lá dentro.

Ou talvez eu esteja desvanecendo. Talvez seja assim que acontece. Eu realmente estou fazendo isso. Desvanecendo como o meu...

Foi aí que a cápsula estourou com sons violentos e movimentos súbitos. Os cabos de tensão presos ao redor da cápsula foram esticados subitamente pelo que estava se debatendo por dentro. Apesar dos cabos, a cápsula balançava tão violentamente que parecia que a criatura se libertaria e saltaria diretamente...

...em cima dele.

Kitai só teve tempo de ver um relance da pele pálida da criatura se batendo contra a lateral da cápsula e saltou para trás, soltando um grito de terror. Porém, seu grito foi abafado pelos urros da criatura presa.

O som não era desconhecido para Kitai. Era o mesmo que o sobrepujara anos atrás, quando o monstro despedaçou sua amada irmã enquanto Kitai se escondia no abrigo arranjado para ele.

Ele se encostou na parede atrás de si, procurando o ar, tentando desesperadamente se livrar das imagens da morte de sua irmã em sua cabeça.

Os Guardiões, obviamente, não sabiam disso. Tudo o que sabiam é que ele era o filho do FO e agora estava encostado na parede, tremendo de medo. Naturalmente, eles responderam da única maneira que parecia apropriada. Riram da cara dele. O chefe de segurança falou:

— Ele está vendo você, garoto.

E, de repente, o chefe de segurança ficou rapidamente de pé. Além disso, a mão dele bateu continência imediatamente. Os outros Guardiões fizeram a mesma coisa.

A reação deles foi tão óbvia que Kitai deduziu na hora o que estava acontecendo e quem estava atrás dele. Só uma pessoa poderia ter gerado uma resposta dessas.

— Kitai — soou a voz severa de Cypher Raige logo de trás dele. — Volte para o seu assento agora. — Sem esperar uma resposta ou explicação, o que não o acalmaria nem um pouco, ele prosseguiu: — Guardiões, entrem em Alerta Vermelho Um.

O chefe de segurança piscou, surpreso. Obviamente, ele estava esperando ser repreendido por ter brincado com seu filho. Colocá-los em alerta certamente nunca lhe ocorrera. Mas ele respondeu imediatamente, ordenando:

— Prendam as cargas!

A tripulação obedeceu instantaneamente. Eles tinham certeza de que o Ursa estava bem preso, mas havia outros objetos sendo transportados também, o que criava a necessidade de uma segunda verificação.

Kitai foi em silêncio de seu assento até o compartimento de carga. No caminho de volta, ele não precisou ter o mesmo cuidado. Correu o mais rápido que pôde para o assento. Antes que pudesse prender o cinto, Cypher já estava atrás dele ordenando:

— Sob o seu assento, há um traje de sobrevivência. Coloque-a agora.

Kitai fez o que foi mandado. Enquanto obedecia, ele perguntou:

— O que está acontecendo?

Cypher claramente não estava com tempo para explicar. Ele só gritou:

— Equipamento completo!

— Sim, senhor — rebateu Kitai. Seja lá o que estivesse ocorrendo ao redor dele, obviamente não dava tempo de conversar. Seu pai tinha problemas maiores com que se preocupar do que responder às perguntas de seu filho e, pelo menos desta vez, Kitai entendeu.

Cypher não esperou para ver se seu filho obedeceu. Ele saiu para o corredor na direção da cabine de comando. Kitai imaginou que Cypher acabaria ficando por lá e se sentiu imediatamente melhor. Ninguém supervisionava as coisas melhor do que seu pai. Com Cypher Raige no comando, não importava o que acontecesse, eles conseguiriam superar.

iv

O piloto e o navegador na cabine de comando acenaram quando Cypher entrou.

— Boa noite, general — cumprimentou o piloto, um homem alto e forte chamado Lewis. — Gostaria de assumir o controle? Sentir a nave?

Cypher não tinha a menor dúvida de que isso era, na verdade, a última coisa que Lewis queria. Tecnicamente, Cypher poderia tomar o controle da nave. Ele era o oficial mais graduado presente. Mas isso não serviria de nada.

— Agradeço a oferta, capitão. Mas faz algum tempo que não sento nesta cadeira.

Lewis e o navegador, um veterano chamado Bellman, deram risadas.

Então, o tom de voz de Cypher ficou seriamente calmo.

— Qual é a última posição conhecida da tempestade de asteroides mais próxima?

— Nós planejamos uma rota ao redor das tempestades, senhor. Não há nada com que se preocupar — garantiu Lewis.

Cypher falou respeitosamente, mas a ordem inerente foi clara:

— Eu gostaria que checasse novamente, capitão.

O piloto obviamente não entendeu por que ele estava pedindo isso, mas sua função não era entender ordens. Só obedecê-las. Eles passaram os dados da área próxima no banco de dados.

— Formação de asteroides quatro, dois mil quilômetros a estibordo mais quatro cinco de declinação. Direção um dois sete, mark quatro.

— Está vindo em nossa direção — observou Cypher. Não havia nenhum traço de nervosismo em sua voz. Estava simplesmente tentando antecipar qualquer coisa que pudesse dar errado.

— Sim, senhor — concordou Bellman. — Mas a essa distância...

— Eu detectei vibrações gravitacionais no casco da nave — explicou Raige. — Uma tempestade categoria quatro é grande o suficiente para gerar seu próprio campo gravitacional, correto?

— Sim, senhor. Mas... você detectou? — Bellman estava olhando confuso. — Como?

O fato é que Cypher a sentiu. Uma vibração suave que o acordou de seu descanso. Ninguém mais percebeu, ou se percebeu, não deu muita importância. Um casco vibrando. E daí? Provavelmente não era nada.

Até Cypher pensou que estivesse exagerando. Na verdade, ele sabia que uma resposta direta à pergunta do navegador não daria em nada além de olhares enigmáticos e garantias de que ele estava se estressando à toa. Sem querer passar por nada disso, ele guardou o motivo em segredo. Então, ele disse:

— Acúmulo de energia gravitacional pode ser sinal de uma expansão de massa. A tempestade pode nos atingir em minutos.

— Senhor — começou Lewis —, se me permite... Expansões de massa acontecem uma vez em cada um milhão.

— Então vamos dizer que eu não gosto desta probabilidade.

O piloto e o navegador trocaram olhares confusos. Mas se era assim que Cypher se sentia, era o trabalho deles garantir que suas preocupações fossem sanadas.

Alguns minutos se passaram e, lentamente, a imagem de uma enorme tempestade começou a aparecer na tela.

— É, eu acho que também não gosto dessa probabilidade — comentou Bellman, conforme a tempestade parecia cada vez mais perigosa.

— Se nós tentarmos navegar pra fora dela, nossa própria gravidade pode acabar influenciando a tempestade — explicou Cypher. — Só mantenham o curso... vamos torcer para que eu esteja errado.

A tempestade parecia estar seguindo o próprio curso, enquanto os homens mantinham os olhos nas leituras dos instrumentos. Lewis, fazendo o possível para manter a nave estável, perguntou a Cypher com casualidade

forçada:

— Só por curiosidade, senhor... com que frequência você está errado?

Dando um leve sorriso, Cypher respondeu:

— Minha esposa daria uma resposta interessante a essa pergunta.

Um longo e sofrido silêncio se seguiu. Somente os bipes digitais dos computadores podiam ser ouvidos. Além da janela de observação, só havia o grande espaço cheio de estrelas.

Estudando os instrumentos de perto, o navegador avisou:

— Contagem gravitacional reduzindo. Oitocentas partes por milhão... Seiscentos e cinquenta...

Ao ouvir isso, o piloto exalou aliviado. Com a contagem gravitacional diminuindo, o risco que poderia acometê-los estava se afastando.

— Bom, senhor — começou ele a dizer —, há sempre uma primeira vez pra tu...

Foi então que os asteroides, que não haviam nem sido levados em consideração no cálculo até aquele segundo, se fizeram presentes.

Era como testemunhar o nascimento de uma supernova. Em um segundo o espaço à frente deles estava vazio, e no seguinte uma enorme onda de asteroides se expandia na direção deles. Os pedaços de pedra gelados estavam chegando tão rápido que não havia tempo para Lewis ou Bellman reagirem. Tudo o que eles conseguiram fazer foi gritar, em choque enquanto o campo de asteroides os engolia, como um trem desgovernado. A nave balançava violentamente enquanto a tempestade de pedras batia neles, criando um tipo de turbulência que antes seria inimaginável.

Cypher se segurou em uma alça no teto enquanto Lewis lutava com o manche para controlar a nave.

— Vire na direção dela! Iguale a direção! — gritava Cypher, e o piloto estava fazendo o melhor possível para obedecer.

Mas não servia de nada. Os instrumentos estavam completamente descontrolados e vários alarmes soaram enquanto a nave girava desgovernada. Asteroides enormes continuaram a acertar o casco da nave. O computador começou a anunciar:

— Atenção, dano crítico ao casco. Atenção, falha na força principal. — Era um tom de voz monótono e agradável, como se a catástrofe total anunciada não fosse nada com que se preocupar.

A cauda da nave foi atingida com força, de repente. A nave começou a girar várias vezes por causa do impacto. Lewis conseguiu parar o movimento, mas avisou:

— Ela virou um peso morto! Motores um e dois desligados! Estamos perdendo a nave!

Em momento nenhum durante a confusão Cypher sequer piscou. Ele

permaneceu calmo, certo e seguro. Se o piloto e o navegador já haviam alguma vez se perguntado por que Cypher era o general-comandante, aí estava a resposta. Ele deu um passo à frente, colocou a mão no ombro do piloto e disse:

— Você pode nos tirar daqui?

Lewis virou o olhar assustado para Cypher.

— Para onde?

— A ancoragem em Lycia. É a mais próxima.

Ao ouvir a sugestão, o navegador reagiu tão negativamente que parecia que sua cabeça ia explodir.

— Negativo, senhor! Nós não podemos tunelar no meio disso tudo.

Cypher sabia que, tecnicamente falando, o homem estava absolutamente correto. Criar um buraco de minhoca em miniatura era complicado o suficiente mesmo sob as melhores circunstâncias. Essas, sem dúvida, não estavam nem perto de serem as melhores. Mas ele não viu opção e suspeitou que se tivesse tempo de debater o assunto com Bellman o homem veria que não havia outra solução. Ele simplesmente ordenou:

— Faça agora — no mesmo instante em que outro asteroide gigante atingiu a nave.

Esse foi o incentivo de que Bellman precisava. Apressadamente, ele começou a digitar as coordenadas.

Por um segundo, Cypher tirou a cabeça da situação. Ele imaginou o próprio filho vestindo a roupa de sobrevivência, preso seguramente no assento, aterrorizado com o que estava acontecendo. Cypher não tinha ideia de por que Kitai estava mexendo com um Ursa e nem se importava. Só estava preocupado com o fato de seu filho estar provavelmente horrorizado com o que estava acontecendo e de não poder estar lá para acalmá-lo. Agora não havia nada que ele pudesse fazer.

Só podia continuar observando com uma sensação de terror enquanto o navegador trabalhava com o equipamento quase quebrado para cumprir suas ordens. Após o que pareceu uma eternidade, ele falou:

— Coordenadas para a ancoragem em Lycia travadas, mas não estamos recebendo sinal de confirmação, senhor.

Cypher viu a única opção.

— Faça o salto agora.

— Senhor, sem confirmação...

Ele não queria ouvir.

— Isto é uma ordem! — gritou ele, enquanto puxava um assento extra de um compartimento no chão. Ele afivelou o cinto preso sobre os ombros enquanto o piloto abria a proteção de uma alavanca de controle.

Lewis colocou as duas mãos na alavanca enquanto a nave ia em direção a outro asteroide.

— Estamos prontos! — gritou Bellman. — Vamos, vamos!

Mais uma pancada de um asteroide e Lewis empurrou a alavanca de emergência para a frente. O espaço escuro começou a se abrir do lado de fora conforme o buraco de minhoca era gerado. Alguns asteroides que iam na direção da nave começaram a ser puxados para dentro da escuridão, para longe da nave, conforme o espaço escuro continuava a aumentar.

Então, o túnel se formou completamente e a nave foi puxada para dentro. Cypher tinha acabado de afivelar o cinto quando foi repentinamente colado na cadeira pela velocidade. Ele viu o piloto e o navegador serem afetados pelas forças do espaço e tempo que convergiam na nave simultaneamente.

Cypher olhou para o cronômetro em seu pulso. Ele havia parado. Então, por alguns momentos, ele rodou para trás antes de ser acelerado novamente cinco vezes mais rápido. Então, eles entraram na escuridão total. Era como se a luz fosse atraída para dentro do buraco de minhoca junto com eles.

Kitai, era a única coisa que Cypher conseguia pensar no momento. Kitai, Kitai...

E então, estavam fora do túnel, assim, de repente.

Em um segundo eles estavam cercados pelo espaço mais escuro e sem expressão que Cypher já vira, e no seguinte, estavam fora.

Mas não estavam fora de perigo ainda.

Cypher viu pedaços da nave passando por ele em diferentes direções. Eles receberam todo tipo de dano e Raige não tinha a menor ideia da possibilidade de sobreviverem tempo o bastante para chegarem em Lycia. Droga, até onde ele sabia, eles não estavam nem perto de Lycia.

O piloto parecia estar adiantado a todos eles. Ele lutava com os controles enquanto o navegador continuava a examinar as leituras.

— Não consigo identificar nenhuma estrela! — gritou ele. — Nós estamos muito fora do mapa.

— Ainda não consegui nada aqui — concordou o piloto. Ele estava lutando com o manche, mas não conseguia uma resposta adequada do sistema de navegação da nave.

— Atenção, falha nos sistema de suporte à vida — avisou o computador da cabine com a mesma indiferença na voz de antes.

O navegador verificou os detalhes da informação do computador.

— A pressão na cabine está caindo — concordou ele, momentos depois. — Dano severo ao casco externo. Possível fenda na cabine intermediária!

O piloto não estava interessado em ouvir sobre as más condições da nave. Ele já sabia de tudo isso. O que precisava saber agora era o que fazer quanto a isso.

— Procure um lugar onde eu possa pousar!

Rapidamente, o navegador fez uma varredura do espaço, torcendo para que houvesse algo perto o bastante para pousarem. Alguns segundos depois, ele conseguiu colocar no painel holográfico um planeta azul e verde.

— Achei alguma coisa! Direção três quatro zero, por nove cinco. Distância oitenta e seis mil. Parece um classe C, com nitrogênio, oxigênio e argônio. Não consigo uma leitura volumétrica...

Neste momento, uma voz desconhecida soou dentro da cabine de comando. Aparentemente, eles acabaram esbarrando em algum tipo de boia espacial que havia sido deixada lá para alertar quaisquer naves que sequer pensassem em pousar no mundo verde e azul.

O alerta soou na cabine:

— Atenção. Este planeta foi declarado impróprio para habitação humana. Foi colocado sob quarentena classe 1 pela Autoridade Interplanetária. Sob as penas da lei, não tente pousar.

A nave virara o suficiente em sua aproximação para que Cypher conseguisse ver os detalhes do planeta pela primeira vez. A boia continuou emitindo o alerta. Ela obviamente fora projetada para continuar fazendo isso até a nave ir embora ou ter de fato ignorado os alertas. Os olhos de Cypher se arregalaram ao perceber mais detalhes de seu possível alvo. Por um momento, ele pensou reconhecê-lo, mas descartou a possibilidade como loucura.

Quando olhou novamente, percebeu que não só não era loucura como era muito provável.

— Não é possível — sussurrou.

— Repetindo, não tentem pousar — prosseguiu a voz computadorizada.

— Mentira! — gritou o navegador quando ele também reconheceu o destino deles. Bellman virou-se para Lewis e Cypher.

— O computador deve ter voltado automaticamente para um ponto de demarcação conhecido...

No momento, Cypher não dava a mínima para o que havia acontecido. Tudo o que ele sabia era que eles precisavam desfazer imediatamente.

— Podemos viajar novamente?

— Negativo, senhor! — gritou Lewis, enquanto a nave se contorcia furiosamente ao redor dele. — Ou nós pousamos ou seremos destruídos aqui mesmo.

Eles não tinham absolutamente nenhuma escolha. Com a voz calma, Cypher disse enquanto se desvencilhava da cadeira e ia para a cabine principal:

— Então vamos pousar.

Atrás dele, o piloto começou a falar

— Mayday, mayday, aqui é Hesper dois nove nove em sério perigo! Nós recebemos dano pesado de uma tempestade de asteroides e estamos descendo com energia mínima! Solicito resgate imediato. Repito, solicito resgate imediato!

O rádio respondeu apenas com estática.

v

A cabine principal balançava com tanta violência que Kitai estava convencido de que a nave ia se despedaçar a qualquer momento. Ele não sabia o que era mais aterrorizante: A sensação de que a nave estava prestes a explodir ou o fato de seu pai não estar por perto.

Parte dele queria condenar no pai por estar em algum outro lugar, mas ele rapidamente descartou essa ideia. Se a nave corria risco de se despedaçar, só havia um lugar no qual seu pai estaria: bem no meio da situação, tentando impedir que isso acontecesse.

Kitai colocara a roupa de sobrevivência e uma máscara de oxigênio, entregue por um Guardião que passava no local. Mas nada disso fazia diferença. Era óbvio que a nave estava danificada e caindo em direção a... a quê?

Ele se virou na cadeira para tentar ver a janela de observação e descobrir para onde estavam indo, mas as coisas estavam se movendo rápido demais. Ele viu pedaços da nave se desprendendo em direção à escuridão e sentiu uma nova onda de terror. Até onde ele podia determinar, eles estavam indo para o nada. Eram só uma nuvem giratória de destroços indo em direção à destruição.

Kitai viu que os Guardiões estavam trabalhando para reforçar a antepara, que estava com luzes de alerta piscando. Eles passavam os equipamentos de um para outro de forma eficiente e precisa.

Eu não estou ajudando em nada sentado aqui. Provavelmente também não vou ajudar em nada se me levantar. Mas pelo menos eu vou tentar ajudar.

Ele começou a soltar os cintos que o prendiam quando viu Cypher vindo em sua direção, balançando violentamente de um lado para o outro.

Cypher parou somente para pegar uma máscara que um dos Guardiões lhe dera para ficar tão seguro quanto Kitai. O garoto, por outro lado, já havia soltado o cinto e estava se levantando.

Cypher nem hesitou. Empurrou o garoto de volta para o banco. Kitai soltou um gemido brusco, mas se recuperou rapidamente. Seu pai estava de volta, era isso que importava.

De repente, ouviu-se um som que parecia o de milhares de ossos se partindo ao mesmo tempo. O som foi tão catastrófico que apagou todos os outros barulhos. O que foi isso?, perguntou-se Kitai.

Cypher parou por um longo instante, olhando ao redor para ver de onde veio o barulho. Então, deixou pra lá e voltou a atenção para Kitai. Ele ajudou o filho a prender o cinto novamente e apertou bem. Depois de ter certeza de que Kitai não iria a lugar nenhum tão cedo, Cypher colocou a própria máscara de oxigênio no rosto.

Então, Cypher olhou nos olhos de Kitai e, lentamente, se esforçou para recuperar a calma do filho. O rosto dele estava próximo de Kitai e ele começou a respirar de forma controlada e lenta. Para tentar ajudar Kitai a controlar a própria respiração, ele levantou e abaixou a mão lentamente. Kitai copiou o movimento com a respiração e sentiu que o exercício estava começando a acalmá-lo. Mais cinco ou dez segundos e Kitai tinha certeza de que tudo ficaria bem.

Tudo pareceu acontecer ao mesmo tempo.

Em um segundo, Cypher estava bem na frente dele, pedindo que respirasse com calma, e no momento seguinte ele sumiu. Simplesmente sumiu. Cypher saiu do chão e foi arremessado pelo corredor, se debatendo como um boneco de pano.

Kitai, com a boca tampada pela máscara, gritava enquanto via Cypher sendo jogado impiedosamente pelo movimento da nave. Kitai percebeu, chocado, que seu pai estava se segurando em alguma coisa presa na parede, como um bastão estendido, enquanto o vento o atingia severamente. Então, um segundo depois, Cypher perdeu a pegada e sumiu da vista de Kitai.

Ele ficou tentado a se soltar e correr atrás do pai, mas sabia que se tentasse isso, ia morrer. Apesar de ser contra o seu instinto primário, Kitai ficou onde estava e continuou a gritar por seu pai, enquanto a nave tremia severamente.

Ele ouviu algo rachando e percebeu que a nave estava se partindo ao meio. Ao meio. O compartimento de carga inteiro se soltara e estava se afastando da nave.

Kitai pensou no que isso significava. Meu Deus, estão todos mortos. O sargento, McQuarrie, os outros... estão todos mortos.

Ele queria que seu pai voltasse para dizer a ele o que acontecera, mas chegou à conclusão de que Cypher Raige provavelmente estava morto também. Pela maneira como ele fora jogado pelo corredor, parecia haver pouca ou nenhuma chance de sobrevivência. Neste instante, Cypher Raige provavelmente não passava de uma massa de carne estraçalhada e Kitai não ia durar muito tempo quando chegassem ao chão. A pobre Faia, sua mãe, estava em Nova Prime fazendo seu trabalho ou relaxando em casa, pensando que veria seu marido e seu filho novamente em alguns dias.

Mas não veria.

Kitai lutou para permanecer consciente, mas não estava conseguindo. A força G sobre seu rosto se mostrou forte demais. Seus olhos se fecharam lentamente. Em um segundo ele estava lá e, no próximo, a escuridão o havia envolvido. Ele hesitou por um instante, mas se entregou à escuridão. Estou chegando, pai. Estou chegando. Estes foram seus últimos pensamentos conscientes antes de cair no nada.

Ele nem ouviu a nave bater no chão.

2072 DC

Antártica, Terra

Lily Carmichael está agarrada à mão de sua mãe, tentando não se perder. Lily, com 15 anos, se julga pelo menos sete anos velha demais para estar segurando a mão da mãe, mas há literalmente centenas de pessoas à frente delas, todas tentando se mover de forma ordenada até a área de organização da plataforma que daria acesso à Espérer, o foguete que prometia salvação.

— Onde está o seu pai? — perguntou sua mãe, Rebecca, com a voz preocupada.

— Estou bem aqui, Bec — gritou o marido, Paul. Ele sempre fora excessivamente educado. Como resultado, havia seis pessoas o separando-o de sua esposa e filha. Lily sabia que isso era típico de seu pai, mas ela o amava por isso.

— Corra — mandou Rebecca, e ele tentou abrir caminho pela multidão. Havia pessoas empurrando para a frente e para trás, aumentando a tensão no ar frio do local.

Lily examinou o bracelete prateado em seu pulso. De alguma forma, ele continha sua vida inteira. Seu nome, idade, peso, histórico médico, histórico escolar e outros dados complexos que garantiriam que sua vida prosseguiria normalmente quando a nave partisse da Terra. Todos na multidão ao redor usavam braceletes idênticos, codificados biometricamente para cada passageiro. A enorme nave estava parada como uma sentinela silenciosa em seu canteiro. A partida seria em seis horas e já era tarde, se perguntassem a Lily.

— Consegui — comentou uma voz atrás dela. Lily olhou por cima do ombro e viu uma mulher mais velha, enrolada no que parecia ser três camadas de roupa, caminhando atrás dela. O ar do ártico era frio, mas nem tanto para aquela quantidade de roupas. Quando entrassem na nave, aquelas vestimentas seriam supérfluas e ficariam guardadas para seus descendentes.

— Como assim, conseguiu? — perguntou o homem ao lado dela. Era um homem escuro e claramente um estranho para a mulher, mas estava tentando conversar, o que era melhor do que a maioria das pessoas que os esmagavam. Havia um sentimento de resignação e tristeza no ar, sobre as pessoas. Lily, por outro lado, estava empolgada pelas possibilidades do

futuro. Isto é, quando não estava choramingando por ter que deixar os outros para trás.

— Os sete continentes! — declarou a mulher gargalhando. — Assim que eu recebi a notícia de que tinha sido escolhida, agendei uma série de viagens. Eu queria visitar todos os continentes enquanto ainda tinha chance. Cheguei aqui ontem à noite, sendo este o sétimo da lista.

— Impressionante — respondeu o homem em uma voz grave, que agradava a Lily. — É claro que você não teve muito tempo pra fazer turismo. — Ele soava como um ator ou comentarista.

— E você? Quantos você conheceu?

— Bom — disse ele, enquanto contava. — Nasci na África, estudei na Europa e tirei férias no Brasil, então foram três.

— E com esse aqui, são quatro. Nada mal — comentou ela. — Corinne Levy.

— Glen Mosri — respondeu ele.

Os dois conversaram amigavelmente enquanto a fila os levava lentamente para a nave. A conversa dos dois foi interrompida quando o pai de Lily tentou passar entre eles.

— Desculpe. Com licença. Estou tentando alcançar minha família.

— Devagar, rapaz — comentou Mosri. — Elas não vão embora sem você.

— Desculpe, tem algum tipo de problema atrás de nós — avisou o homem, ainda procurando na multidão à frente.

— Aqui, pai — chamou Lily.

— Ah, ela é linda — comentou Corinne, alisando o cabelo loiro de Lily. Era um carinho amistoso e Lily a deixou prosseguir, mesmo achando meio estranho. Ela estava se sentindo desta forma nas últimas semanas. De repente, todas as pequenas coisas a perturbavam desde que eles se prepararam para sair de casa e ir para a Antártica, para a partida.

A família dela recebeu a notícia três anos antes, avisando que eles estariam entre os poucos selecionados para deixar a Terra a bordo do programa da arca. Uma nave de transporte os levaria para uma estação de acoplamento fora da atmosfera da Terra. Então, várias naves de todos os continentes formariam as seis arcas enormes, preparadas para deixar o sistema solar para trás e voar por um século para um novo mundo. Uma nova chance para a humanidade. Lily estaria morta antes de a nave chegar ao planeta chamado Nova Prime. Mas os filhos e netos dela estariam vivos para botar os pés no mundo alienígena que chamariam de lar. O resto de sua vida se passaria a bordo da Denkyem, seja lá o que isso significava. A mãe dela sempre dizia o significado, mas ela nunca conseguia lembrar.

Paul finalmente as alcançou, esticando o pescoço para ver além de

Rebecca e garantir que os dois garotos, Max e Zach, estavam por perto. Ele se deu por satisfeito e prosseguiu ao lado da filha.

— Alcancei vocês — comentou ele.

— Você teria nos encontrado alguma hora — respondeu Lily.

— Eu sei, mas eu quero todos nós juntos até termos nos acomodado. Isso aqui é um caos.

— Na verdade — interrompeu Mosri —, parece o mais organizado possível. Nenhum manifestante, nada de pânico, sem muito choro e desespero.

Paul olhou ao redor mais uma vez, absorvendo a imagem de centenas de homens, mulheres e crianças, representando inúmeras culturas e países, todos unidos na esperança de sobreviver. Lily também observou, com um grande temor substituindo o desconforto que sentira antes.

— Acho que temos que agradecer aos Guardiões — comentou Paul. — Eles estão em toda parte. Isso é uma boa coisa. Há outras pessoas tentando furar fila desesperadamente.

Lily viu os homens e mulheres com uniforme marrom dos Guardiões por perto. Eles estavam nas bordas da passarela, espalhados a cada dois ou três metros. A chegada dos Guardiões há mais de uma década significou uma força policial unificada para garantir que as naves fossem construídas e os passageiros selecionados chegassem em segurança ao continente remoto e embarcassem nas naves de transporte.

— Como você conseguiu o bilhete premiado? — perguntou Mosri.

— O quê? — perguntou Lily, confusa.

— Desculpe, o convite para fazer parte do êxodo.

— Ah — exclamou Paul, ainda meio incerto. — Eu sou engenheiro de redes e minha esposa é professora.

— Profissões seguras e necessárias — comentou Levy. — Eu sou botânica. Eles me disseram que eu vou controlar uma horta hidropônica e que eu posso plantar um metro quadrado de qualquer coisa que eu quiser.

— Nossa, parece ótimo — comentou Lily, finalmente se juntando à conversa. — E quanto a você?

Mosri sorriu e disse:

— Eu sou físico. Eles querem que eu trabalhe na parte de astrometria, estudando os buracos de minhoca.

— Quem sabe um dia você me explica como eles funcionam, então. Eu sei que nós vamos viajar mais rápido do que a luz, mas como isso funciona?

— Mágica — comentou Levy, rindo um pouco alto demais na opinião de Lily.

— Parece mágica, não é? — respondeu Mosri, com o tom de voz de

um professor. — Os motores Lightstream conseguem dobrar o espaço em volta de nós. Esses motores geram uma onda poderosa que consegue comprimir o tempo-espaço na frente da arca e expandi-lo atrás dela.

— Tempo-espaço?

Mosri sorriu e pensou em como responder. Lily trocou a mochila para o ombro direito, tentando acomodar o peso. Parecia mais pesada do que era. Suas esperanças, seus medos e memórias estavam todos lá, pesando.

— Tudo bem, você sabe quais são as três dimensões, não é?

— Comprimento, altura e profundidade — respondeu ela.

— Certo. Agora imagine que o espaço tem três dimensões. — Ele pausou e Lily assentiu, prendendo o cabelo atrás da orelha.

— Cientistas com eu consideram que o tempo também tem três dimensões. Enquanto o espaço tem dimensões que funcionam lado a lado, as dimensões do tempo se sobrepõem umas às outras. O espaço-tempo é a combinação dos dois em uma única fórmula que nós usamos para calcular todo tipo de coisa.

— Ela já se perdeu — comentou Paul. — É uma artista. — Lily fez uma careta para o pai.

— Aposto que verá todo tipo de inspiração diferente quando nós deixarmos o sistema solar — disse Mosri.

— Então, você comprime o espaço na nossa frente — prosseguiu Lily, tentando seguir o pensamento para não deixar seu pai saber que está completamente certo. Era simplesmente mais informação do que ela podia absorver, mas era melhor do que ficar lá parada em silêncio com tanta gente ao redor.

— É como o remo de um barco cortando a água para criar uma onda — explicou o homem. — Você consegue visualizar?

— Claro — respondeu Lily. Isso era fácil, tendo em vista que ela adorava sair no barco da família no verão. Sentiria falta disso. Do sol quente, da brisa suave, da água do mar. Coisas que ela nunca mais experimentaria novamente. Então ela tentou guardar essas memórias com carinho.

— As arcas, na verdade, flutuarão em uma bolha pela onda que está sendo gerada, literalmente surfando pelo espaço a uma velocidade mais rápida do que a luz em relação a objetos no exterior da bolha — concluiu Mosri.

— Nossa — exclamou Paul. — Essa é a primeira vez que eu vejo alguém explicar o Lightstream de uma maneira que faz sentido.

— Disponham, isso é parte do meu trabalho — respondeu Mosri.

— É mesmo, obrigada — agradeceu Lily. A imagem do barco realmente a ajudou a compreender como eles poderiam viajar no espaço. A

ideia de que a viagem duraria um século, mesmo a essa velocidade, ainda incomodava.

— Senhor...

— Pode me chamar de Glen — apresentou-se ele, com um grande sorriso.

— Eu sou Lily — respondeu.

— Prazer em conhecê-la. — Eles apertaram as mãos.

— Se nós vamos viajar mais rápido do que a luz e vamos demorar cem anos para chegar, aonde exatamente nós vamos?

— É uma pergunta interessante — respondeu ele. — Nós vivemos na borda da Via Láctea, em um dos braços espirais. Estamos indo para dentro, na direção do centro galáctico. Eu estimo que nós estaremos a trinta e dois parsecs daqui quando chegarmos em Nova Prime.

Um parsec, pelo que ela se lembrava, era uma medida para a velocidade da luz, a que distância a luz viajava durante um ano, e continuava parecendo uma distância impossível.

Então, Lily percebeu que estavam falando com ela, mas sua mente estava em outro lugar. Ela olhou ao redor para ver quem estava falando.

— Desculpe, senhora — pediu ela a Levy.

— Tão educada — elogiou a senhora mais velha, piscando para Paul. — Bom trabalho.

— O que foi que a senhora perguntou?

— Eu perguntei sobre sair de casa. Onde você morava?

— Connecticut — respondeu.

— Foi difícil?

Foi difícil aceitar uma chance de sobreviver enquanto sabia que todos os que estavam ficando para trás, avó, primos, amigos, professores, padres e tantos outros, iam morrer horrivelmente? Foi difícil saber que seus pais receberam ameaças de morte de vizinhos ciumentos quando seu segredo cuidadosamente guardado vazou?

Pode ter certeza que sim.

Parecia impossível. Seus pertences cuidadosamente medidos e pesados tiveram que ser enviados antes do tempo e eles precisaram chegar à Antártica quarenta e oito horas antes da partida. No meio-tempo, eles passaram horas preenchendo dados adicionais na internet, fazendo exames na base militar em Groton e escolhendo o que deveriam levar. O pai dela deixou todos loucos tentando escanear e digitalizar tudo o que eles tinham: diplomas, trabalhos escolares, registros de família, tudo. A mãe deles adorava guardar coisas e tinha gerações de lembranças de família e antigas fotos impressas que ela jurava que um dia pretendia digitalizar e organizar. Agora tudo precisava ser feito às pressas e ela, junto com os irmãos, fora

obrigada a ajudar.

O melhor amigo de Max, Lou, não conseguiu guardar o segredo e quando a notícia se espalhou, foi difícil. Houve choro. Muito choro. Todos tentavam se aproximar dela em casa e na escola. Ela recebia olhares e a família precisou recusar pedidos de entrevista. Tudo o que dizia respeito à Partida era responsabilidade do Projeto Próxima Geração e era uma dificuldade conseguir permissão para falar com a imprensa. Então, eles simplesmente diziam não para acabar com as discussões.

Seus amigos, garotos e garotas que cresceram com ela, ficaram chateados. Por que ela podia viver enquanto eles morriam? Alguns insistiam em passar muito tempo junto e alguns garotos imploravam para fazer sexo com ela, torcendo para que ela ficasse grávida, achando que deixariam o novo pai ir junto. Isso era dureza. Ela só tinha 13 quando receberam a notícia e as mudanças no corpo dela eram só mais um incômodo com o qual lidar. Então, Lily se fechou, limitando seu tempo com os amigos e mantendo só aqueles que ela conhecia e nos quais confiava mais.

Os outros parentes também queriam compartilhar os Carmichael. Uma última chance de contar histórias e mandar suas próprias lembranças escaneadas para serem preservadas. Lily nem podia imaginar quantos terabytes de materiais estariam sendo acumulados por famílias em todo o mundo. Em sua aula de Estudos Globais, ela aprendeu que ainda havia partes da Ásia e de África que não tinham tecnologia para preservar as coisas dessa maneira. Quanta coisa foi perdida?

— É, foi — disse ela, resumindo tudo.

— Eu deixei para trás meu ex-marido, dois filhos adultos e meu dachshund. Então, Lily, você não está sozinha.

Lily a olhou com olhos diferentes.

— Seus próprios filhos?

A mulher assentiu, com os olhos cheios de água.

— Um é museólogo. O outro é cabeleireiro. Não são trabalhos exatamente em demanda em uma nave espacial. Nós somos os sortudos.

Lily estava cansada de ouvir essa frase. Ela passou a ser chamada de "a sortuda" desde que Lou espalhou o segredo deles, mas apesar de ter sido escolhida como viajante, ela não se sentia com sorte. Em vez disso, se sentia muito triste. Ela estava deixando para trás os amigos e o futuro com o qual sonhou. Havia o conforto no fato de os cinco membros da família estarem viajando juntos, mas era terrivelmente difícil se despedir de tanta gente com tanta frequência. Aconteceram muitas festas, visitas de amigos, bate-papos e muito mais quando os meses se tornaram semanas e, depois, dias. A mãe dela insistiu que a semana final fosse só da família, com exceção da avó dela, a mãe de Paul, visitando. Assim, eles podiam tentar

sair de fininho.

A partida pessoal deles não foi nada fácil. Um transporte militar, protegido por três Guardiões, chegou no início da manhã acordando toda a vizinhança. Enquanto um homem grandalhão de uniforme cinza carregava os pertences aprovados, a família caminhou pela casa, olhando pela última vez.

Paul fechou a porta atrás deles e trancou automaticamente, o que parecia uma besteira já que ninguém ocuparia a casa. Não fazia sentido para aqueles que ficaram para trás se mudarem para algum lugar. Não havia como escapar da morte inevitável que os esperava.

Lily cresceu aprendendo que a Terra começou a se rebelar contra seus habitantes décadas antes de ela nascer, dando início a um plano para evacuar o planeta. Mas apesar de todo o planejamento do projeto Próxima Geração, eles continuaram perdendo tempo. Agora ocorriam grandes tempestades regularmente. As aulas passavam a ser virtuais quando ficava perigoso demais sair de casa. Havia escassez de alimentos, o que fez com que governos caíssem e pessoas morressem de fome. Connecticut era um lugar afortunado, mas mesmo lá a privação fora sentida.

A criação do Corpo dos Guardiões ajudou a restaurar parte da confiança no plano louco de salvar o máximo possível da humanidade. Os Guardiões foram criados quando seu irmão era pequeno, mas ela pôde sentir o mundo ao seu redor suspirando, como se finalmente pudessem liberar toda a tensão. Não que eles fossem mágicos e pudessem melhorar as coisas, mas certamente permitiriam que as arcas fossem construídas e estavam lá para garantir que a família dela e todos os outros chegassem às naves ao redor do mundo.

Voando pelas terras brancas e geladas, ela submergiu em sensações e vistas, observando o relevo rigoroso e imaginando como teria sido antes do início da construção das naves. O que ela ouviu da professora da terceira série parecia lenda. A srta. Griffin descrevia o lugar como se fosse mágico, mas agora era como qualquer outro lugar: cheio de estradas, trilhos, planícies e corredores de canteiros onde várias naves esperavam. Houve uma apresentação em vídeo quando eles chegaram na área de reunião na Flórida, antes de os americanos que viajariam serem levados de seu país pela última vez. Um programa tridimensional mostrou como cada nave de transporte assumiria uma posição orbital e depois todas voariam umas na direção das outras, em um balé espacial, juntando-se e reduzindo a velocidade até se conectarem, formando a grande arca.

Esta dança celestial ocorreria cinco vezes, seguindo o sucesso do lançamento da Exodus. Alguns meses antes, ela foi a primeira a fazer um ensaio e tudo ocorreu perfeitamente. Ela se lembrava de ter assistido tarde da noite, prendendo a respiração. Perdeu a conta do número de naves que

se juntavam como um dos brinquedos de Zach para formar uma única nave colossal. Ela não era bonita, mas funcionava. A Exodus conseguiu viajar até a borda do sistema solar e voltar. A nave até deu partida no motor Lightstream na borda do sistema solar para garantir que tudo funcionaria de acordo com o planejado. Depois, ela retornou para perto da órbita da Terra, onde aguardava pacientemente.

Antes do nascer do sol amanhã, algo em torno de mil naves começariam a se lançadas. Em poucos dias, elas formariam as arcas e a frota voaria junta. A Terra encolheria nos monitores, diminuindo em tamanho, mas crescendo em seus corações.

Lily sentiu os próprios olhos ficando úmidos e quentes, conforme a enormidade do momento crescia em seu coração.

Ela olhou para a frente, expulsando as lágrimas, e viu a Espérer ficando maior. Eles estavam próximos da entrada quando Lily viu os Guardiões lá parados. Zach e Max estavam conversando animados com as pessoas ao redor, mas a mãe deles estava em silêncio, olhando para a frente e ignorando todas as conversas ao redor.

Era impossível para Lily decidir para quem isso tudo era mais difícil. Todos, decidiu ela. Não havia modo fácil de dizer adeus aos amigos e à família, sabendo que você tinha grandes chances de sobreviver enquanto os outros certamente morreriam. As coisas saíram do controle nos últimos anos. Havia algo sobre o campo magnético da Terra se desfazendo. Ela pensou em perguntar ao sr. Mosri sobre o assunto, mas naquele momento ela não dava a mínima. Ela não poderia consertá-lo, não poderia salvar sua avó ou o dachshund da srta. Levy.

Não poderia salvar ninguém.

Ouviu-se um grito, seguido de muitas vozes gritando cada vez mais alto e o som de algo se quebrando. Todas as cabeças se viraram para trás. Lily percebeu como eles estavam perto de embarcar e não acreditava que alguma coisa poderia impedir ela e sua família de chegarem à salvação.

Ela foi empurrada e quase perdeu o equilíbrio quando um homem em um uniforme cor de ferrugem passou rapidamente por ela. Ele estava acompanhado por outros três e eles abriam caminho forçado pela multidão. Esticando o pescoço para ver, Lily percebeu que uma das barricadas fora derrubada e as pessoas estavam tentando entrar na fila.

Os guardiões não estavam usando as armas, mas os corpos para formar uma nova barreira e mover a turba para trás. Ela viu um dos Guardiões falando gentilmente com um casal, usando palavras e não armas. Outros Guardiões chegaram dos dois lados da fila e se esforçaram para impedir um tumulto maior. Ouviram-se gritos, xingamentos e muitos gemidos de tristeza. A adolescente não podia deixar de sentir pena das

pessoas que sabiam que estavam sendo condenadas a uma morte desagradável.

O líder dos Guardiões balançou os braços, criando um espaço entre aqueles que esperavam para embarcar e os outros que tentavam se juntar a eles. Flanqueado por outros Guardiões, ele falou com a multidão e, por mais que tentasse, Lily não conseguia entender as palavras. Seus olhos treinados observaram o movimento do corpo do soldado. As ações dele demonstravam postura e confiança. Ele não fazia gestos amplos, só alguns mais simples e diretos. Eles incitavam diálogo, não confronto. Ela o observou fascinada. Liderar parecia uma segunda natureza para ele. Em vez de criar um tumulto, a multidão escutou, entendeu e retornou de bom grado ao outro lado da barricada. Enquanto eles se moviam, os outros Guardiões rapidamente reergueram as partes que foram destruídas e as recolocaram nos lugares certos.

Tudo terminou tão rápido quanto começou. A ordem fora restaurada e o barulho diminuíra, sem sumir. Ainda haveria protestos e reclamações até a família dela estar segura a bordo. Os Guardiões voltaram para seus postos e os cidadãos na fila sabiam que não podiam aplaudir seus esforços, para evitar antagonizar os que seriam deixados na Terra.

Lily e seu pai se viraram, de costas para a multidão, e continuaram a esperar até o processo de embarque ser retomado. Houve um murmúrio atrás dela e ela viu os Guardiões retornando para seus postos, liderado por um homem alto e bonito.

— Você está bem? — perguntou ele, com a mão no ombro dela.

— Claro — respondeu Lily.

— Por favor, me perdoe por esbarrar em você daquele jeito — disse o homem.

— Bem, você estava com pressa — respondeu ela, sorrindo tímida, notando os grandes olhos castanhos dele.

Ele deu uma risada.

— É, pode se dizer que sim. Mas eu não tinha intenção de derrubar você, me desculpe.

— Sem problema.

— Bem-vinda a bordo — desejou ele.

— Olá — foi tudo o que Lily conseguiu dizer, se sentindo uma idiota com o sangue correndo pelas bochechas.

— Eu sou Joseph Raige, um dos Guardiões designados para esta nave — apresentou-se. — Você sabe para onde vai depois de embarcar?

— Sim, sei, sim. Obrigada. — Raige era um nome familiar e Lily perguntou: — Você não está no comando ou algo assim?

Ele balançou a cabeça, sorrindo.

— Não, esse é o meu primo, Skyler, o general-comandante. Eu sou apenas um Guardião.

— General-comandante... foi aí que eu ouvi esse nome — murmurou ela, mais para si mesma do que para o Guardião.

— É, o Sky está no comando da operação toda. Boa sorte para ele. Alguns de nós são líderes natos, outros são melhores servindo — comentou.

— Você tem alguma patente, não é?

Ele apontou a insígnia no lado direito do uniforme.

— Tenente — confirmou ele.

— Legal — foi tudo o que ela conseguiu dizer. Ele tinha sardas e aqueles olhos castanhos... A artista dentro dela percebeu e ela se sentiu encabulada.

— Eu preciso voltar pro meu posto — disse ele, enquanto seguia em frente, assentindo para várias outras pessoas.

A mente dela divagou e, de repente, a família dela era a próxima a embarcar. Eles pararam na entrada, brilhante e com aparência de nova, toda decorada com decalques espalhados, pictogramas e números. Lá dentro, os passageiros liberados eram levados para diferentes plataformas e elevadores, enquanto os Guardiões mantinham a segurança, mesmo dentro da nave. Ela se perguntou se aqueles seriam seus companheiros de viagem.

Lily chegou na entrada, dando adeus à última barreira que a separaria da sua vida antiga. O próximo passo seria o começo de algo novo.

Um por um, sua família teve seus braceletes escaneados, confirmando pela última vez que eram quem deveriam ser. O scanner comparava o peso atual dos passageiros com o peso necessário. Foi difícil manter o peso correto para que a Espérer pudesse decolar. Seu pai teve que abrir mão da Guinness e sua mãe guardou uma última garrafa de vinho para a última noite na casa. Zach e Max passaram sem problemas e a mãe deles acabou ficando três quilos abaixo do peso limite, o que a fez sorrir pela primeira vez em muito tempo.

Depois, Lily entrou no scanner, entregando sua mochila para ser pesada separadamente enquanto o técnico verificava a leitura. Ele assentiu aprovando e mandou-a prosseguir.

Porém, quem devolveu sua mochila foi Raige.

Ele sorriu e disse

— Aqui está, Lily. — Ele se lembrou do nome dela! — Nós podemos conversar mais tarde, se quiser. Eu tenho algumas conexões excelentes nesse negócio de Lightstream. Mas agora, todo mundo tem que seguir em frente. Nós estamos no horário e eu vou acabar sendo rebaixado a cabo se nos atrasarmos.

Ela assentiu, intrigada pelas sardas e pela ideia de que ele queria

falar com ela novamente. Lily se apressou para alcançar a mãe, que estava olhado com um sorriso renovado.

A menina pegou a mão da mãe novamente e elas caminharam em direção a um futuro incerto. O estômago dela parecia inquieto, com uma sensação que se espalhava para o peito e para a cabeça. Era uma sensação reconfortante, que ela não sentira há muito tempo.

Lily estava se sentindo empolgada. A aventura de uma vida, da sua vida, estava começando.

1000 DT

Terra

i

O mundo voltou a ele pouco a pouco. Isso, na verdade, não era ruim. Ele nem esperava que o mundo voltasse.

Primeiro, tudo era escuridão. Era tão intensa que Kitai se convencera de que havia morrido.

Então, se deu conta de sua própria respiração. Parecia improvável que ele estivesse morto, já que estava respirando. Também havia o zumbido leve dos computadores e, momentos depois, algo mais estranho: o zumbido de insetos.

Insetos? Nós... pousamos?

Kitai tentou abrir os olhos vagarosamente. Por um momento, ele ficou apavorado por não conseguir abri-los. Ele estava em uma espécie de estado intermediário: nem morto, nem vivo.

Então, os olhos se abriram.

Bem, isso é um começo.

O mundo ao redor parecia inclinado. Não muito, só o suficiente para atrair sua atenção. Os encostos dos assentos à frente estavam virados e os cabos estavam pendurados no teto de forma angulada.

Lentamente, Kitai tentou se sentar. Não teve sorte e, só depois de alguns momentos de pânico, ele se lembrou de que estava preso pelo cinto. Seus dedos tentaram mexer na presilha lentamente. Pareceram se passar horas até que ele conseguisse desprender tudo, apesar de ter levado menos de um minuto. Tecnicamente Kitai estava em choque, mas ele não conseguia entender isso. Só se sentia sem equilibrio e mole.

Percebeu que algumas janelas de observação haviam sido abertas. Por reflexo, ele se segurou, certo de que seria sugado pelo vácuo. Então, viu a luz do dia entrando pela janela e lembrou de que havia pousado. O rapaz estava com dificuldade de lembrar-se do estado de várias coisas. Morto, vivo, morto, pousado, no espaço... Por um segundo, ele precisou lembrar a si mesmo do próprio estado.

Hesitantemente, muito devagar, ele começou a arrancar a máscara de oxigênio. Não estava pensando de verdade quando o fez. Era só uma coisa que estava incomodando no seu rosto. Nem chegou a pensar em qual

era o propósito básico do equipamento.

Porém, lembrou-se rapidamente quando sentiu dificuldade para respirar. Ele levantou a máscara novamente, olhando perdido para ela, quando viu um aviso piscando: pouco oxigênio: 15%. atenção.

Foi tudo o que ele precisou para lembrar-se de que precisava manter a máscara no rosto. Rapidamente, ele a prendeu na posição e sentou por alguns instantes, enchendo os pulmões de ar. Certo. Máscara de ar. Preciso da máscara de ar. Lembrar disso. Depois de se certificar de que estava com a máscara em uma posição confortável, ele saiu do assento e caminhou pelo corredor.

Seu primeiro choque com a mortalidade veio poucos segundos depois, quando viu um cadáver preso entre os assentos. Estava retorcido em uma posição que não deixava dúvidas de que era um cadáver. Ainda assim, ele não conseguia tirar os olhos do homem. Depois de alguns momentos, ele percebeu quem era: o Guardião que colocara a máscara no rosto dele.

Agora estava morto. Primeiro vivo, depois morto.

Os olhos de Kitai ficaram aterrorizados. Ele não precisava reprimir as reações, pois não havia ninguém lá para vê-lo.

Pai... Eu preciso achar o meu pai.

Lentamente, ele começou a caminhar pelo corredor. Havia mais um cadáver à esquerda, esmagado sob um pedaço da nave. Ele o ignorou. Se parasse para olhar para cada corpo que encontrasse pelo caminho, ele acabaria desabando e deixando a gravidade da situação imobilizá-lo. Ele estava encarando uma realidade tão dura que não parecia uma má ideia ele mesmo deitar-se e morrer, pois não tinha muito por que estar vivo. Mas por haver uma chance remota de seu pai estar em algum lugar nesse desastre, precisando de ajuda, Kitai não ia simplesmente desabar e largar tudo.

Ele continuou pelo corredor até chegar à parte que levava à cabine. A porta estava trancada. Ao redor dele, havia destroços de partes diferentes da nave. Ela foi jogada com tanta força pelo espaço que se despedaçou e se espalhou pelos lugares errados. E isso sem contar a parte de fora, onde a nave provavelmente estava ainda mais despedaçada.

Foi só então que Kitai se deu conta de uma coisa terrível.

O Ursa. A cápsula dele foi uma das coisas que caiu no planeta. Era provável que a criatura no interior não tivesse sobrevivido.

Mas e se tivesse...?

O mais rápido que pôde, Kitai afastou essa preocupação. Ficar pensando nessa possibilidade desastrosa não serviria de nada.

De repente, ele se assustou com um ruído agudo que vinha de toda parte ao mesmo tempo. Uma série de apitos ecoou pelo lugar. Ele nem

conseguia entender de onde o som estava vindo.

Kitai ouviu o som de escotilhas se fechando na parte de passageiros atrás dele.

Ele passou direto por aquela parte da nave, sem dar atenção ao corpo que estava torcido na abertura. O cadáver foi expelido da cabine, mas seu braço deve ter ficado preso na porta, impedindo-a de se fechar. Lentamente, Kitai prosseguiu, vendo algo tatuado no braço do homem. De todas as coisas idiotas para perceber, a palavra escrita na tatuagem do braço do homem foi o que chamou a atenção de Kitai.

Era o nome Anna. As portas continuaram tentando se fechar, obviamente sem sucesso já que um braço teria impedido-as de fechar mesmo em circunstâncias normais. Já que as portas estavam com defeito, elas continuavam se fechando e se abrindo, fechando e abrindo, apesar da obstrução no caminho

— Remover obstrução — começou a repetir uma voz de computador. — Remover obstrução. Remover obstrução.

Kitai continuou olhando, horrorizado. Ele sentiu que não poderia simplesmente ir embora e deixar o braço preso para trás. Mas também não tinha coragem de tocá-lo.

Finalmente, ele chegou a um consenso. Cuidadosamente, com medo de pisar em alguma coisa ou pior, em alguém, ele chegou até o braço. Lenta e timidamente, esticou o pé e com hesitação, levantou o braço com a bota. Jogou o membro para o outro lado da porta, permitindo-a se fechar com um barulho de sucção. O ar começou a soprar pelas pequenas saídas de ar e uma voz computadorizada anunciou:

— Pressurização concluída.

Lentamente, Kitai removeu a máscara de ar. Desta vez, com ar ao redor de si, ele conseguiu respirar normalmente.

Havia uma abertura na parede voltada para o corredor adjacente. Kitai olhou por ela, sem achar que veria alguma coisa útil.

Havia outro braço humano lá e, a princípio, não chamou a atenção de Kitai como algo além de outro pedaço de corpo. Foi então que ele percebeu, repentinamente, que a mão parecia a de seu pai.

Instantaneamente, Kitai correu pela abertura e levantou o primeiro pedaço de destroços que encontrou. Estava preparado para descobrir que estava errado, que o homem enterrado nos escombros era mais um estranho.

Porém, assim que puxou os detritos, ele viu o corpo surrado de Cypher Raige. Os olhos dele estavam fechados e a respiração estava errática, na melhor das hipóteses. Porém, o fato de seu pai estar respirando era um grande alívio para Kitai. Ele sentia que enquanto Cypher estivesse

vivo em qualquer forma, jeito ou maneira, ele próprio também teria uma boa chance de sobreviver. Isso era, claramente, uma razão bem egoísta para ficar feliz por seu pai estar vivo.

Um grande pedaço quebrado da nave estava sobre as pernas de Cypher. Kitai tentou tirá-las de cima dele. O metal não se moveu. Inaceitável, pensou Kitai, tentando planejar outra coisa.

Ele olhou ao redor e rapidamente enxergou um grande bastão de metal caído do teto. Com um pouco de esforço, ele colocou-o como alavanca entre o chão e os destroços. Então, se preparou, plantou os pés e levantou com toda a força que tinha. A princípio, ele pensou que não conseguiria. Mas lentamente, como se fosse um milagre, a parte da nave saiu de cima das pernas de seu pai.

Kitai não teve força para tirar tudo de uma só vez. Precisou de um esforço contínuo para arrancar os vários pedaços de escombro. Por fim, depois do que parecia um esforço infinito, quando todos os músculos da parte superior do corpo dele pareciam queimar, ele conseguiu liberar as pernas de Cypher com um barulho perigosamente alto. A nave estremeceu com o impacto.

Kitai ajoelhou-se ao lado do pai. A máscara de Cypher ainda estava no lugar, levemente embaçada por sua respiração.

Kitai se deu conta de que ele não sabia o que fazer. Ele encontrou o pai, descobriu que ele estava vivo e fez tudo o que pôde para manter a situação. Mas estava sem ideias. Seu pai estava inconsciente. O que ele deveria fazer quanto a isso? Gritar até ele acordar? Como isso ajudaria?

Kitai sentiu o rosto ficando úmido e não entendeu o que estava acontecendo. Ao tocar a face, percebeu que estava chorando. Estava emocionalmente tão desconectado de seu corpo que levou vários instantes para entender o que estava havendo. Depois que entendeu o que era a umidade, ele perdeu todo o autocontrole e começou a chorar desesperadamente. Preciso me controlar, pensou ele, mas não conseguiu fazer nada.

Ele continuou a chorar desta maneira até o sono tomar conta de si.

ii

A primeira coisa que Cypher Raige percebeu foi a presença do filho ao seu lado. Os olhos de Kitai estavam fechados e seu peito se movia lentamente. Cypher não tinha certeza de onde seu filho tinha saído, até lembrar que o levara junto para este... desastre.

Então, ele levou alguns segundos para juntar as peças do que acontecera: os asteroides, o buraco de minhoca, a nave se quebrando e o pouso forçado onde nenhum ser humano consciente gostaria de estar.

Ele notou que Kitai não estava usando máscara, mas parecia não ter problemas para respirar. Estranhando, Cypher removeu a própria máscara. Sem problema, pensou ele, respirando fundo.

Primeiro, as coisas mais importantes.

Ele cuidadosamente balançou Kitai, incerto do tipo de resposta que iria obter. Seu filho acordou lentamente a princípio, mas então, viu o rosto calmo do pai e despertou completamente.

Antes que Kitai pudesse dizer qualquer coisa, o rosto de seu pai transmitiu uma mensagem que passava seriedade.

— Deixa eu ver você — disse ele. A voz do homem parecia embargada, mas ele precisava examinar uma coisa de cada vez. — Consegue ficar de pé?

Kitai assentiu e se levantou. Tudo bem. Ótimo começo.

— Avalie-se — falou Cypher, seriamente.

Kitai fez exatamente o que fora ordenado a fazer. De forma lenta e sistemática, ele começou a testar as juntas. Girou os pulsos, dobrou os cotovelos, mexeu os ombros e o pescoço. Movia-se confiante, de forma que Cypher ficou convencido da integridade física do filho antes mesmo do fim do teste.

— Pronto — declarou Kitai. — Totalmente funcional.

Não era o suficiente para Cypher.

— Vire-se.

Kitai provavelmente não via necessidade disso, mas Cypher não estava preocupado com o que ele queria no momento. O garoto não disse nada, mas se virou lentamente até Cypher estar satisfeito de que ele realmente estava totalmente funcional.

— Certifique-se de que o Ursa está preso — ordenou Cypher.

Com essa ordem, a confiança de Kitai pareceu evaporar-se. Ao tentar responder, sua voz tremeu um pouco e ele claramente precisou lutar para mantê-la sob controle.

— Ele se foi — explicou lentamente. — A parte traseira da nave inteira se foi.

Essa novidade não era bem-vinda. Sem querer aceitar o fato somente baseado no que seu filho estava lhe dizendo, Cypher gritou:

— Guardiões! Contagem!

Ninguém respondeu à ordem do general. Só houve um silêncio mortal.

— A maioria deles estava na parte traseira, que se soltou — relatou Kitai, lentamente.

Cypher absorveu a notícia. Esse era o pior relatório possível... exceto pelo fato de que o Ursa não estava em lugar nenhum por perto. A última coisa de que ele precisava era que a criatura tivesse escapado de sua cápsula para caçá-los.

Cypher chegou na área de carga no momento exato em que a maldita criatura se fixara em seu filho. Se tivessem pousado em um local seguro, isso não seria um problema. Mas como eles pousaram naquele lugar, sob aquelas circunstâncias, era um problema enorme. É claro que, se a parte traseira da nave não havia caído em nenhum lugar próximo e talvez estivesse, na verdade, a centenas ou milhares de quilômetros dali, o Ursa era uma preocupação a menos.

Pelo menos por enquanto.

Cypher percebeu que seu corpo estava desobstruído. Isso era um sinal positivo. Pelo menos, não havia destroços da nave sobre ele.

Mas a avaliação positiva da situação só durou até Cypher tentar se levantar. Kitai tentou alertá-lo, mas foi tarde demais. No instante em que o general tentou se erguer, ele soltou um grito agudo de dor. Era óbvio que ele não poderia colocar o peso sobre nenhuma das duas pernas. Estava aleijado. Nenhuma das pernas funcionava.

Ele caiu novamente no chão enquanto Kitai gritava para ele ficar deitado sem se mover.

— Eu sei, eu sei! — respondeu Cypher, punindo-se mentalmente por permitir que a dor o sobrejugasse daquela maneira. Ele levou alguns minutos a mais para se recompor e avaliar completamente o dano sofrido. Enquanto ele ficou lá parado, os segundos se arrastaram até terminar a avaliação. O resultado não foi nada animador.

Eu não estou nada bem, pensou. Nada bem mesmo.

Olhou para o teto e se localizou em relação ao resto da nave.

— A cabine de controle está diretamente acima de nós. Vá. Agora.

Kitai hesitou. Era óbvio que ele não estava feliz em deixar o pai. Cypher não sabia por que e não se importava. Se Kitai estava preocupado que o pai ficasse inconsciente novamente ou simplesmente com medo de sair de perto dele, não importava.

Cypher precisava que ele fosse até a cabine e verificasse a situação lá. Fim da história.

— Vá, Kitai. — ordenou ele. Kitai se levantou relutante e fez o que foi mandado.

Havia uma escada no final do corredor e Kitai foi em direção a ela. Ele não fazia ideia de por que Cypher insistira para que ele fosse à cabine, mas isso não importava. Qualquer que fosse a razão, quando Cypher lhe pedia para fazer algo, Kitai obedecia. Cypher Raige não costumava pedir as coisas sem pensar. Se ele queria uma coisa feita, era porque tinha um motivo. Ponto.

Ao chegar na escada, Kitai subiu até a cabine. Ele suspeitava que não ficaria animado com o que encontraria por lá. Estava correto. Havia duas pessoas na cabine, o piloto e o navegador, ambos mortos. Uma viga estrutural havia caído do teto e esmagado os dois. Também havia luzes de emergência piscando sem parar em toda parte.

Adjacente à cabine, havia a sala de aviônica. A maior parte dos equipamentos lá ainda estava acesa e piscando. Kitai foi até o painel de controle na parede e tentou determinar se ele estava funcionando corretamente para dar algum grau de controle.

Ouviu a voz do pai soando alto para que ele pudesse entender.

— Vá ao painel de controle — instruiu Cypher. — Em frente ao assento esquerdo. Fileira de comandos superior, quarto botão da direita para a esquerda. Ative os sensores de movimento externos.

Kitai tentou tocar o painel, mas suas mãos tremiam compulsivamente. Logo ele entendeu qual era o problema: estava tremendo porque sobrevivera. Culpa de sobrevivente, era isso que ele estava sentindo.

Ele tentou dizer a si mesmo que não tinha por que ficar tremendo pelo fato de ter sobrevivido. Ficar aterrorizado por estar vivo não ajudaria seu pai em nada. Isso era uma coisa boa.

Kitai segurou as duas mãos juntas para parar de tremer. Respirou fundo e expirou, tentando se recompor. Depois de alguns segundos, tentou novamente procurar o botão chamado sensores de movimento externos. Os dedos dele ainda estavam tremendo, mas conseguiu fazer o que queria.

SENSORES DE MOVIMENTO ATIVADOS apareceu escrito na tela.

— Feito — respondeu Kitai com a voz calma, como se tivesse cumprido a tarefa mais simples da história da humanidade.

Cypher não hesitou em continuar.

— Do lado direito da entrada, há um compartimento de equipamentos. Procure um sinalizador de emergência. Redondo na parte superior como um disco voador, botões embaixo. Precisamos mandar um sinal de socorro. Traga-o pra mim.

Kitai seguiu as instruções do pai. O rack de comunicações estava danificado, o que não era surpresa. Considerando o castigo que a nave recebeu ao entrar no planeta em que eles estavam, Kitai ficou surpreso de encontrar alguma coisa intacta. Ainda assim, ele encontrou o sinalizador de

emergência. Ele pegou e virou o aparelho na mão. O fundo estava esmagado.

É claro.

Desapontado, Kitai desceu da cabine e levou o aparelho para seu pai. Ao entregá-lo, ele comentou com uma voz deliberadamente baixa para esconder as emoções:

— Eu acho que não está funcionando.

Cypher verificou o fato rapidamente tentando ligar o aparelho. Nada. A luz de atividade permanecia desligada. Rapidamente, Cypher abriu e examinou a parte de baixo do sinalizador.

Kitai não entendia nada sobre os detalhes da montagem do aparelho, mas ao ver as expressões de Cypher, deduziu que estavam completamente ferrados. Por um breve momento, ele viu desespero no rosto de seu pai. Que sumiu assim como apareceu. Cypher Raige não era o tipo que cedia ao desespero. E certamente não o faria com alguém olhando, muito menos seu filho.

Cypher não disse nada por alguns longos segundos. Então, estudando o sinalizador na mão, ele disse:

— Kitai, meu ombro esquerdo está deslocado. Venha aqui.

Deslocado?, pensou Kitai. Ah, não. Tá de brincadeira.

Cypher já estava se posicionando deitado de costas, com o rosto impossível de ser compreendido. Então, pegou o pé esquerdo de Kitai e colocou em seu ombro.

— Segure o meu pulso com as duas mãos.

O estômago de Kitai se contraiu.

— Espera... Pai, espera!

Cypher ignorou a preocupação óbvia de seu filho

— Você precisa puxar com toda a sua força.

Não, eu não consigo. Você não pode me pedir isso. Você...

Mesmo com todos esses protestos passando pela cabeça, Kitai sabia que não adiantaria nada verbalizá-los. Todos eles se resumiam a mesma coisa: pai, por favor, não me force a fazer isso. Eu sei que você está sentindo muita dor agora, mas puxar o seu braço com muita força é mais do que eu consigo.

E isso seria inaceitável. Kitai tinha que fazer o que era preciso.

Ele segurou o pulso do pai com firmeza, contou "um, dois..." e puxou com toda a força que conseguiu.

Cypher gritou de dor.

Foi um som tão horrível que fez Kitai largar o braço dele. Kitai caiu para trás e ficou, aterrorizado, enquanto Cypher recuperava o fôlego. Assim que recuperou as palavras, Cypher declarou morbidamente:

— Nós não conseguimos. Não conseguimos.

Um buraco se abriu no estômago de Kitai.

— Vamos de novo! — insistiu Cypher. — Puxe com mais força, cadete. Eu já passei por coisas muito piores.

Kitai se levantou. Não tinha escolha.

Ele se preparou enquanto segurava o pulso do pai. Conseguiria dessa vez. Ele tinha que conseguir.

Desta vez, foi Cypher que contou.

— Um — começou ele, olhando nos olhos de Kitai. — Dois. — Então, sem hesitar e sem mostrar qualquer sinal da dor que ele sabia que sentiria: — Três.

Kitai esticou as costas e puxou com toda a força que tinha. O som do braço de seu pai foi terrível, como pedras se batendo. Mas o pior de tudo foi o longo grito de agonia que saiu dos lábios de Cypher.

Veio de um lugar tão fundo que Kitai nem quis pensar nele. O som ecoou pelos destroços da nave por tempo demais.

Quando tudo acabou, Kitai sentiu como se a dor fosse nele. Ele levou alguns instantes para entender que não era, se separar da dor e olhar no rosto de seu pai para ver se o esforço tinha valido a pena.

Recuperando o ar como se tivesse corrido uma maratona, Cypher testou o ombro. Ele moveu o braço no lugar certo. Não completamente, mas o bastante. O movimento causou dor, mas não tanto quanto Kitai imaginou.

— Você conseguiu — respirou Cypher, com o suor escorrendo pelo rosto. — Você conseguiu. — Ele engoliu a seco e olhou ao redor. — Eu preciso que você me leve à cabine de comando. — Franziu o cenho, sem dúvidas pensando em como conseguiria fazê-lo. Então, uma solução pareceu lhe ocorrer. — Há um elevador de carga na parte traseira.

Kitai assentiu, mas ele ainda estava chocado demais para absorver as palavras. Levou alguns momentos para absorver tudo. Cabine. Elevador de carga.

Preciso me mexer...

E ele o fez. Ele caminhou penosamente na direção do elevador de carga, feliz por ter amenizado a dor do pai. Mais feliz ainda por não ter precisado puxar o braço de Cypher pela terceira vez.

Cypher observou seu filho se deslocando pela nave em direção aos restos da parte traseira. Ele desejou ter tido tempo para refletir sobre o quão duro fora para o garoto fazer o que tinha feito e o quão orgulhoso estava de Kitai por ter lhe obedecido.

Mas ele não pôde, pois sabia que isso era só o começo de tudo o que os aguardava. Dor, dificuldade, sacrifício... Nesse sentido, eles mal haviam

começado.

Apertando os dentes, Cypher se apoiou no cotovelo bom e avaliou a nave danificada. O casco estava torcido como um pano, totalmente inutilizado para transporte.

Considerando o estado das coisas, as chances de Cypher e Kitai sobreviverem à queda eram de uma em um milhão. Uma aberração estatística de ordem maior, mas ele certamente estava feliz por ela.

Infelizmente, não era só a nave que estava danificada e talvez além de qualquer esperança de conserto. Cypher também estava.

Ele olhou para a perna esquerda e observou o que ele havia mantido Kitai ocupado o suficiente para não notar. Suas calças estavam cheias de sangue, com uma mancha vermelha que se espalhava a cada minuto. E não era só a perna esquerda que estava machucada, porque ele não conseguia virar o tornozelo direito sem sentir um raio de dor passando pelo corpo todo.

Dessa vez eu consegui, pensou. Eu consegui me ferrar pra valer.

iv

Kitai desceu a plataforma do elevador de cargas, uma máquina hidráulica com quatro rodas resistentes, ao lado de seu pai. Cypher parecia impaciente ao ver a máquina descendo ao lado dele. Mas Cypher sempre parecia um pouco impaciente, como se tivesse algo mais importante para fazer em outro lugar.

Estava escuro lá fora. Era noite. As escotilhas de observação da nave estavam congeladas.

Deve estar muito frio lá fora, pensou Kitai. Muito mais frio do que qualquer lugar que ele visitara em Nova Prime. Por sorte, não estava frio dentro da nave. Pelo menos, havia isso para ser grato.

Kitai estendeu uma pequena rampa do elevador para o chão. Ao apertar um botão, a rampa começou a se mover como uma esteira rolante. Ele olhou para o pai, que estava com os braços ao lado do corpo. Ele não parecia feliz de estar tão inútil.

A primeira coisa a fazer foi colocar a perna de Cypher na rampa. Até o menor toque de Kitai fazia com que o pai se contorcesse de dor, então ele tentou ser o mais cuidadoso possível. Quando a esteira começou a puxar a perna de Cypher, Kitai levantou a outra perna e colocou-a ao lado da primeira. Então, Cypher moveu a parte superior do corpo até estar na esteira também.

Kitai continuou vigiando até que seu pai estivesse totalmente na plataforma do elevador. Missão cumprida.

Mas isso também deixou claro o quão ferido Cypher estava. Havia sangue na rampa e nas mãos de Kitai, e o esforço de se colocar no elevador deixou Cypher exausto.

Era terrível pensar que seu pai podia se quebrar como qualquer outro ser humano. Cypher sempre esteve muito acima disso para Kitai. Mais do que um herói.

E agora, ele precisa da ajuda de alguém como eu.

Ao pressionar um botão, o elevador começou a se mover. Ele esticou o pescoço para ver seu pai subir.

Cypher gritou para ele:

— Inventário. Todos os recursos. Agora.

Porque eu estou aqui olhando como um idiota. Entendi.

— Imediatamente — respondeu Kitai.

Ocupando o assento onde o navegador ficaria, se estivesse vivo, Cypher analisou a parte do painel de controle do piloto que não foi destroçada pela queda.

Ele precisava acessar o painel, apesar do ferimento em sua perna esquerda. Com isso em mente, ele manipulou os controles do elevador de carga, usando a máquina como uma grua ajustável. Pouco a pouco, ele se virou para a frente até estar sentado reto. Depois, enfiou a perna no console ao lado.

Feito isso, ele colocou a palma da mão no terminal para ativar os computadores da cabine. Ao ver a energia fluindo nos componentes, ele teve esperança de que ele e Kitai pudessem sair de lá, no fim das contas.

Um holograma piscou na frente dele: identidade confirmada: general cypher raige.

Após reconhecê-lo, o computador inicializou com um zumbido suave. Cypher digitou um comando e uma tela holográfica apareceu sobre o painel, exibindo as leituras iniciais: ABERTURA NA CABINE PRINCIPAL... PROCESSO DE VEDAÇÃO AUTOMÁTICA EM ANDAMENTO... NAVE DE TRANSPORTE... CONDIÇÃO CRÍTICA.

Cypher viu um gravador no outro lado da cabine. Então, começou a falar e viu as ondas de voz exibidas em um dos monitores, indicando que a gravação estava sendo realizada.

— General Cypher Raige — começou ele. — Primeiro quarto de dia na Terra. Fizemos um pouso forçado.

Kitai arrastou a forma inerte do navegador pelo convés e tentou o máximo que pôde ignorar o fato de que estava arrastando um cadáver.

Infelizmente, esse não era o primeiro corpo que ele arrastara desde a aterrissagem. Mas é o último. Suas costas estavam doloridas pelo esforço, posto que todos os corpos que ele arrastara pesavam mais do que ele. Mas Kitai não reclamava.

Poderia ser pior. Poderia ter sido eu o cadáver depois da queda.

Ao chegar a uma escotilha aberta, ele parou. Nuvens de vapor brando subiam pela abertura. Uma placa ao lado dizia: depósito de nitrogênio.

Eles eram Guardiões. O navegador e todos os outros. Era correto que seus corpos fossem preservados. Assim, quando alguém de Nova Prime encontrasse a nave ou o que sobrou dela, os mortos poderiam ser transportados de volta para seu mundo natal para receber um enterro digno. Sem mencionar o fato de que corpos em decomposição poderiam atrair predadores e talvez até o Ursa.

Com o máximo de cuidado possível, Kitai colocou o navegador no depósito. O homem parecia mais uma estátua do que alguém que vivera há pouco tempo. Com uma onda de irritação, Kitai fechou a escotilha.

E quanto a mim e ao meu pai?, se perguntou ele. Se nós não sobrevivermos, quem vai preservar os nossos corpos? Estremeceu novamente.

Suprimentos, pensou ele, colocando os pensamentos sobre os mortos de lado. Melhor esquecer os corpos. Preciso pegar suprimentos.

Pouco a pouco, ele arrastou tudo o que encontrara para a cabine onde Cypher o aguardava. Em pouco tempo, ele juntou uma grande pilha. Isso era bom, pensou.

A mancha de sangue na perna de Cypher era mau sinal e ela estava se espalhando. Pior, estava pingando no chão. Kitai percebera antes. Era impossível não ver, apesar do esforço de seu pai para distraí-lo.

— É isso — comentou Kitai, colocando um kit de primeiros socorros e a mala pessoal de Cypher ao lado da pilha. Ele estava desgastado física e mentalmente. Mais do que ele percebeu enquanto coletava as coisas. Quanto tempo se passara desde a queda? Não fazia a mínima ideia.

A mente dele estava ainda mais cansada do que o corpo. As coisas que ele vira nas últimas horas, as coisas que fizera... ele queria esquecer tudo e fingir que nunca aconteceram. Mas estavam todas lá. Os ferimentos de seu pai, por exemplo. Eles não iam embora. Eram reais. E Kitai se perguntou se ele teria que dar um jeito nisso também.

— Eu preciso que você se concentre agora — comentou Cypher, trazendo Kitai de volta de seus pensamentos. — Recursos?

Um adolescente em choque. Um general-comandante gravemente ferido. pensou Kitai.

— Cadete? — chamou Cypher calmamente. — Eu preciso que você me liste os nossos recursos.

Kitai lutou para se concentrar. Olhou para a pilha de suprimentos, ciente de que seu pai estava estudando cada detalhe de sua linguagem corporal: cada movimento do rosto, cada gaguejada, tudo. Afinal, era isso que ele fazia. Era o que o tornava quem ele era.

— Quatro corpos — relatou Kitai. — Eu os coloquei no compartimento de nitrogênio. O rádio não está funcionando. — Isso foi uma decepção, é claro. — Quatro mochilas de Guardiões. Pressão da cabine estável. — O que mais? Ah, sim... — Cinco... não, seis alfanjes. Um kit de primeiros socorros. E eu trouxe sua mochila.

Era só isso? Ele imaginou que sim. Não que isso importasse para seu pai. Cypher havia se virado antes que ele tivesse terminado a lista e começado e a manipular os controles da cabine. De repente, uma imagem holográfica do terreno apareceu sobre o console. Era formada por milhares de linhas onduladas. E havia um marcador piscando no terreno.

Cypher olhou para o marcador piscante, com uma expressão nula, por um bom tempo. Finalmente, ele se virou para Kitai e disse:

— Me dê o kit de primeiros socorros. E a mochila de Guardião.

Kitai não sabia para que seu pai queria essas coisas, mas se moveu para obedecer. Cypher colocou a mochila e o kit de primeiros socorros no colo. Então, segurou o pulso de seu filho e ativou o naviband da roupa de sobrevivência de Kitai.

Instantaneamente, dados se estenderam do naviband, criando o que parecia ser um bracelete holográfico. Kitai nunca vira um naviband fazer algo assim antes.

Ao mesmo tempo, o monitor à direita de Cypher se encheu de números e gráficos parecidos com os que eram exibidos no naviband de Kitai. Ele demorou um pouco para entender o que estava acontecendo: seu pai estava sincronizando o aparelho com o computador da cabine.

Mas por quê? Kitai sentiu o pânico tomando conta de si.

— Cadete — chamou Cypher —, concentre-se.

Kitai o fez. Aos poucos, ele ficou calmo novamente, Cypher pareceu satisfeito. Recostado, ele fitou os olhos de Kitai e o garoto o encarou. A situação difícil pesava para os dois.

Então, Cypher começou a falar:

— O sinalizador de emergência que você me trouxe vai disparar um

sinal de emergência para o espaço.

Kitai assentiu. Mas parecia mais que seu pai estava falando consigo mesmo e não com seu filho, tentando anular a dor ao falar em voz alta.

— Mas ele está danificado — explicou.

— Há outro na parte traseira da nave.

O coração de Kitai parou. A parte traseira se foi e o localizador provavelmente se foi também. Mas Cypher não pareceu ser afetado por esse fato. Só pareceu interessado.

Kitai observou enquanto ele manipulava os controles e alterava o terreno holográfico. Na imagem computadorizada, Kitai conseguia diferenciar montanhas, rios, vales, florestas, desertos, pequenas tempestades, animais, pássaros e mais.

Cypher apontou para a tela.

— Aqui estamos nós. Eu não estou conseguindo uma leitura muito precisa, mas a parte traseira está em algum lugar nesta área, a aproximadamente cem quilômetros daqui. — Ele olhou firme para o filho. — Nós precisamos daquele sinalizador.

Kitai pensou no que seu pai estava dizendo. Cem quilômetros...

— Kitai — continuou Cypher, medindo o tom de voz —, minhas pernas estão quebradas. Uma está muito mal. Você vai precisar pegar aquele sinalizador ou nós vamos morrer. Você está entendendo?

Kitai assentiu.

— Sim. — Ele sentiu lágrimas escorrendo e as enxugou, esperando ordens.

Cypher abriu uma pequena caixa preta médica chamada: GEL DE FILTRAGEM DE AR UNIVERSAL. USAR SOMENTE EM EMERGÊNCIAS. No interior, havia seis ampolas, uma ao lado da outra.

— Esses são inaladores de filtro de ar — explicou Cypher. Ele pegou uma das ampolas. — Você precisa usar um agora. O fluido vai cobrir seus pulmões, aumentando a extração de oxigênio, e vai permitir que você respire confortavelmente na atmosfera.

Cypher demonstrou como usar o inalador. Kitai observou com atenção. Então, colocou a ampola nos lábios, pressionou o botão e inalou profundamente. Ele esperou que o ar na ampola não tivesse gosto de nada. Mas era doce, como o ar das montanhas em Nova Prime antes do nascer do primeiro sol.

— Você tem seis ampolas — prosseguiu Cypher. — Com o seu peso, elas devem durar vinte e quatro horas cada uma. Isso é mais do que o suficiente.

Depois, Cypher ajudou Kitai a entender seu naviband. Um mapa digital apareceu como um holograma sobre o pulso de Kitai.

— Sua roupa e a mochila estão equipadas com câmeras digitais e virtuais — observou Cypher. — Então, eu vou poder ver o que você vê e o que não vê.

Kitai sentiu segurança nisso mais do que em qualquer outra coisa. O equipamento era ótimo, dava muita segurança. Mas saber que seu pai teria acesso a tudo o que ele via dava dez vezes mais segurança.

Cypher pegou a mochila de Guardião e a colocou nas costas de Kitai. Então, girou o filho para que a Câmera estivesse virada para Cypher. Acessando os controles, ele fez com que um monitor acendesse na frente de Kitai. Ele viu o rosto de seu pai na tela, com os olhos fitando-o da forma que seu pai realmente olhava.

No monitor, Cypher disse:

— Eu vou guiar você. — Ele tocou nos mesmos controles e fechou o monitor. Então, virou Kitai e olhou para ele. — Vai ser como se eu estivesse do seu lado. — Ele olhou o filho de cima a baixo por um momento. Então, disse: — Leve o meu alfanje.

Cypher pegou a arma e a entregou ao filho. Kitai olhou meio atordoado. Era o alfanje de seu pai. O que ele usara para matar Ursas e que nunca saía de perto dele.

E ele o estava entregando a Kitai.

Isso, mais do que qualquer coisa, demonstrou a gravidade da situação. Se Cypher estava confiando ao filho seu bem mais valioso, era porque ele queria dar a Kitai toda a vantagem possível.

— Vá em frente — reafirmou Cypher —, pegue. C-40. Com todas as vinte e duas configurações.

Não só as que Kitai usara como cadete: lança, gancho, lâmina e afins. Tinha todas as configurações que os engenheiros Savants conseguiram imaginar. Só os Guardiões mais habilidosos e experientes recebiam o C-40. E agora, apesar de suas habilidades de principiante e sua completa inexperiência, ele também tinha um.

Kitai sentiu o peso da arma nas mãos. Era mais pesada do que as que ele usara para praticar como cadete. Até parecia maior.

Ele olhou para o pai. Cypher podia tê-lo confortado. Mas como era de seu feitio, ele foi para o outro lado, explicando a magnitude da tarefa à frente de Kitai.

— Isso não é um treinamento — explicou. — As ameaças que você vai encarar são reais. Cada decisão que você tomar vai significar vida ou morte. Este é um planeta de classe 1 em quarentena. Tudo o que existe neste planeta evoluiu para matar humanos. — Uma breve pausa. — Você sabe onde nós estamos?

Onde? Nenhum lugar perto de casa, isso com certeza. Nenhum lugar

perto do planeta natal de Kitai.

— Não, senhor — respondeu o cadete.

Cypher franziu o cenho.

— Aqui é a Terra, Kitai.

Terra? O planeta que deu origem aos seres humanos, mas foi destruído pelos abusos da humanidade? Essa Terra?

Kitai muitas vezes se perguntou como seria caminhar pelo planeta de seus ancestrais. Muitas crianças imaginavam isso. Agora, ele teria a chance de fazer isso. Mas havia um perigo além dos que seu pai havia mencionado. Um que estava no fundo da mente de Kitai.

— E o Ursa? — perguntou.

Dizer essas palavras em voz alta parecia tornar tudo pior, como se a criatura estivesse logo ali. Citai viu os olhos de seu pai se encolherem.

— Há três possibilidades — respondeu Cypher. — A primeira e mais provável é a de que ele morreu na queda. — A segunda e um pouco menos provável é a de que ele se feriu gravemente e ainda está preso.

Kitai adoraria qualquer uma das duas. Sem pensar duas vezes.

— E a terceira e menos provável de todas — concluiu Cypher — é a de que ele esteja solto.

As palavras ficaram no ar entre Kitai e seu pai. Cypher disse que essa era a possibilidade mais remota, mas não a descartou completamente. Ele não podia fazer isso.

— Nós vamos proceder com base no pior cenário possível — prosseguiu Cypher. — O tempo todo será sob o protocolo escapar e fugir. Se ele estiver lá fora, eu o verei muito antes de ele chegar perto de você.

Kitai assentiu. Escapar e fugir. O que mais ele poderia fazer? Lutar contra o Ursa sozinho?

— Não se afobe — ordenou Cypher. — Faça tudo o que eu mandar e nós sobreviveremos.

E era isso. Não havia mais nada a dizer. Por um momento, Kitai e seu pai apenas se olharam. O cadete olhou para o alfanje, sentindo o peso da mochila nas costas. Ele era um Guardião. Pelo menos estava perto de ser um. E tinha uma missão a cumprir. Mas ele não era qualquer Guardião e o homem de pernas quebradas sentado na frente dele não era só seu oficial comandante.

Sem pensar, Kitai abraçou seu pai carinhosamente.

Ele mal conseguiu colocar os braços em torno dos ombros largos do pai, mas isso não importava. Kitai o abraçou com força e por um bom tempo. E Cypher o abraçou de volta. Afinal, talvez essa fosse a última chance que eles teriam de fazer isso.

Por fim, o pai de Kitai disse:

— O tempo está passando. Nós temos muito que fazer.

Kitai largou Cypher. Então, se levantou e prendeu o alfanje na placa magnética da mochila.

Ele olhou para o pai uma última vez e saiu da cabine. Por um lado, aquilo era a coisa mais assustadora que ele fizera na vida.

Mas por outro lado, inesperadamente, ele estava empolgado.

vi

Kitai estava na pequena passarela entre duas escotilhas. Do lado de fora da escotilha externa, o gelo estava derretendo por causa do calor dos primeiros raios de sol que penetravam a escuridão.

Só um sol, pensou Kitai. Esquisito.

Ele olhou para o pulso, ativando o naviband com as camadas holográficas e disse:

— Pai, pode me ouvir? Câmbio.

Depois de uma breve pausa, a voz de Cypher surgiu cristalina:

— Alto e claro.

Ótimo, pensou Kitai.

Havia tantas coisas que ele não sabia sobre esse lugar. Olhou ao redor com cuidado. Tanta coisa. E pelo que seu pai dissera, tudo ali era mortífero. Para experimentar, ele digitou uma combinação na manopla do alfanje. Instantaneamente, um dos lados se transformou em uma grande lâmina curva. Uma curva que, se não fosse pela proteção da roupa de Kitai, teria aberto um grande talho em seu braço.

Idiota, pensou ele, estremecido pelo acontecido. Até você saber o que está fazendo, não faça nada. Ele retraiu a lâmina do alfanje e digitou um código diferente, com o qual estava mais familiarizado. No instante seguinte, as fibras do alfanje o transformaram em uma arma de quase dois metros de comprimento.

Assim é melhor, pensou.

Respirando fundo, ele saiu dos destroços da nave para uma ravina pedregosa. Um segundo depois, a escotilha se fechou atrás dele. Ao sair, viu mais Guardiões, mortos como os outros, pendurados pelos cintos de segurança. Kitai suspirou. Ele pensou que tivesse visto todos os corpos. A visão de tantos mortos fez seu coração acelerar novamente.

— Kitai — chamou seu pai —, ajoelhe-se.

Ele fez o que foi mandado.

— Eu quero que você espere um pouco — explicou o pai. —

Acostume-se com o ambiente. Concentre-se no presente. Conte-me tudo e qualquer coisa. Não importa o quão pequena e inconsequente possa parecer. Tudo o que você vê, ouve, cheira e como se sente. Câmbio.

Kitai podia ver a luz do dia acima, além das paredes da ravina. Ele estava respirando com dificuldade.

— Meu corpo está mais pesado.

— Ótimo — comentou Cypher. — A gravidade deste planeta é um pouco diferente da de casa.

Pouco a pouco, Kitai começou a ficar calmo. Ele avaliou a distância até o topo da ravina.

— São mais ou menos quarenta metros até o topo.

— Tudo bem — respondeu Cypher. — Prossiga.

— Entendido — declarou Kitai.

Cuidadosamente, Kitai começou a escalar, prestando muita atenção a onde colocava as mãos e os pés. Não era diferente das paredes de escalada em casa, concluiu ele. E ele já escalara aquelas paredes milhares de vezes.

Não demoraria muito até chegar ao topo. Ao encontrar uma pegada para a mão esquerda, ele sentiu algo coçando. À direita. Ao olhar o que era, ele viu uma enorme tarântula multicolorida parada sobre sua mão.

— Ahhhhhh! — gritou ele, sem conseguir se controlar, e jogou a criatura para longe. Mas ao fazê-lo, ele perdeu o equilíbrio e escorregou alguns metros da ravina antes de conseguir se segurar. Olhou para baixo e balançou a cabeça. Poderia ter sido pior.

— O que aconteceu? — perguntou seu pai pelo comunicador.

Kitai respirou fundo e recuperou a pegada.

— Você não viu isso? Eu pensei...

— Qual é a sua situação? Seus sinais vitais dispararam. Repito, qual é a sua situação? O que aconteceu?

— Sem mudanças — respondeu Kitai, um pouco envergonhado. — Eu escorreguei. Estou pronto pra prosseguir. — Então, para tornar a resposta mais plausível, disse: — Há um pouco de condensação nas pedras. Eu estou bem.

Isso pareceu acalmar Cypher. De qualquer forma, ele não pediu mais informações. Kitai continuou a subir até chegar ao topo da ravina. Antes mesmo de se erguer, ele viu a confusão gloriosa de cores a leste no céu. Roxo, laranja, vermelho. Ele nunca vira nada parecido com aquilo. Em Nova Prime, havia o nascer dos sóis, mas eram basicamente vermelhos e dourados. Essas cores eram novas para ele.

Fascinado, ele chegou ao que parecia um platô elevado. Fez sombra nos olhos com a mão. O sol de lá era maior do que os que se viam da superfície de seu planeta. Será que havia outro por trás dele? Ou será que

ele estava sozinho?

Engraçado... ele estudara a Terra, mas não conseguia lembrar-se de informações simples como o número de luas que tinha. Afinal, na época, parecia informação inútil. Aquela que ele nunca usaria.

Pois é, pensou. Nunca.

Ao redor dele as plantas e os animais estavam acordando. Ele podia ouvir o som majestoso de águias voando alto. A distância, talvez quilômetros ao longe, centenas de búfalos rondavam a planície. Eles se pareciam com os búfalos de casa, mas eram maiores e mais fortes. Tanta vida. Kitai não estava acostumado com isso. Em Nova Prime, ele cresceu em um deserto. Este lugar era barulhento, repleto de cheiros, formas e cores que ele nunca imaginara. O espetáculo tirou seu fôlego.

Repentinamente, a voz de Cypher soou pelo naviband:

— Há uma escarpa onde dois continentes da Terra colidiram. Parece que pode ser uma cachoeira. Está a mais ou menos quarenta e cinco quilômetros. Vamos considerá-la o meio do caminho.

Kitai absorveu a informação. Em Nova Prime, quarenta e cinco quilômetros não eram muita coisa. Uma corrida de um dia para os melhores atletas de longa distância.

— Não há como você voltar depois desse ponto — explicou Cypher. — Vamos avaliar as rações e as condições quando você chegar lá. Enquanto isso, iremos dividir o caminho em partes.

Um instante depois, o naviband de Kitai produziu um novo holograma, gerado por seu pai. Era um mapa com um ícone para Kitai e um grande grupo de árvores ao norte. Enquanto observava, uma linha apareceu e conectou os dois.

— O primeiro trecho é de vinte quilômetros até a entrada da floresta do norte — explicou Cypher. — Vamos devagar. Ajuste seu cronômetro para 180 minutos. Câmbio.

— Cento e oitenta minutos? — perguntou Kitai. — Isso não está certo. Eu consigo fazer 10 quilômetros em cinquenta minutos. Você vai ver.

Kitai começou a correr levemente. Ele só precisava disso, no fim das contas.

— Talvez eu consiga até fazer em menos de quarenta. Câmbio.

Ele esperou uma resposta de seu pai, mas não recebeu nada. Preocupado, Kitai diminuiu o passo.

— Pai? — chamou ele. — Você está me ouvindo? Câmbio.

Continuou sem resposta. Kitai parou totalmente.

— Pai, você está me ouvindo? Câmbio.

Não ouvia nada além do som do vento.

— Pai, você está me ouvindo? Está aí? — perguntou Kitai, já

entrando em pânico. Afinal, Cypher estava mal. E se um de seus órgãos tivesse parado?

Droga, pensou Kitai, correndo de volta para a nave. Ele torceu para que o pai ainda estivesse vivo quando ele chegasse lá.

— Pai — gritou ele —, eu estou voltando!

— Não precisa — chegou uma resposta quase casual pelo naviband de Kitai. — Vá em frente.

Kitai parou imediatamente.

— Ahn? — Ele não estava entendendo.

— Me parece que você está no controle da missão. E pela minha limitada experiência militar, quando duas pessoas estão no comando, todo mundo morre. Então eu passo a você a liderança, cadete.

— Pai, eu só estava dizendo...

— Qual é o meu nome? — perguntou rispidamente Cypher pelo comunicador.

Kitai ficou confuso.

— Eu não estou entendendo.

— Qual é o meu nome? — perguntou novamente Cypher.

Kitai engoliu a seco.

— General Cypher Raige.

— E quem sou eu?

— General-comandante do Corpo de Guardiões.

— Pode ter certeza que sim. E a partir deste segundo, você vai se dirigir a mim como senhor, comandante ou general! Vai seguir todas as minhas ordens sem questionar ou hesitar. Estou sendo claro, cadete?

A cabeça de Kitai estava girando. Seu pai nunca ficara tão furioso antes. Sem pensar duas vezes, ele ficou em posição de sentido.

— Senhor, sim, senhor! — respondeu.

Passou-se um momento de silêncio. Então, Cypher falou:

— Daqui a 180 minutos eu quero você naquela floresta. Ajuste seu cronômetro.

— Senhor, sim, senhor! — respondeu Kitai.

Ele ouviu seu pai falando na cabine, mas não era com ele. Evidentemente, ele estava falando com o gravador.

— General Cypher Raige. Começando busca de sonda para confirmar que o Ursa não está solto.

Kitai aguardou.

— Pode prosseguir — disse o general.

Kitai ajustou o cronômetro e começou a caminhar sem ter ideia dos perigos que encontraria à frente.

Cypher ficou satisfeito com a resposta de seu filho. Ele havia comandando muitos homens em combate e sabia que eles precisavam de coisas diferentes de seus superiores em momentos diferentes. Naquele momento, Kitai precisava de uma mão firme e Cypher a deu.

Ele não podia simplesmente liberar seu filho por um território desconhecido. Precisava ajudá-lo. Com isso em mente, ele criou um projétil-sonda.

Se estivesse do lado de fora da nave, teria visto a sonda indo direto para o alto. Ele a veria subir, cada vez mais alto, e quando chegasse à altura necessária, explodiria. Mas não em uma explosão de autodestruição. Seria uma explosão que produziria dezenas de sondas separadas e as enviaria em direções diferentes.

Ao caírem de volta na Terra, os monitores de Cypher se encheram de imagens enviadas pelas sondas. E não eram só imagens. Elas enviavam dados de telemetria também, como informações sobre a curvatura do planeta, detalhes topográficos e mais.

Uma das sondas se perdeu em uma nuvem iônica, que aparecia como uma massa de ruído branco. Outra caiu em um oceano, retornando dados sobre a vida subaquática. Mais uma se enterrou no solo, dando informações a respeito da composição, do clima e da erosão. Uma quarta caiu em um aglomerado de árvores e sumiu e a quinta passou sobre bandos de animais, milhares deles.

Cypher passou pelas imagens enviadas pelas sondas. E quanto mais ele via, mais aprendia sobre a tremenda variedade de vida na Terra.

Todas eram extremamente mortais.

Periodicamente, ele mudava para a imagem que mostrava o progresso de seu filho do ponto de vista dele. Com o passar do tempo, Kitai chegou a uma série de pastos que pareciam não acabar nunca. Então, passou para uma cordilheira sobre um vale lotado de plantas verdejantes e flores selvagens. Mentalmente, ele começou a compor um relatório sobre o planeta para o Primus e para os Savants, avaliando suas condições e fazendo recomendações para o futuro. Afinal, se ele chegou lá, outros também poderiam chegar. Só precisavam estar preparados.

Cypher estudou os números que passavam no painel de controle do piloto.

— Eu calculo quatro dias para a sua chegada até a cauda — explicou ele a Kitai. — Use seu naviband. Fique em azimute. As temperaturas deste planeta variam drasticamente durante o dia e a maior parte do planeta congela à noite.

— Senhor, sim, senhor! — veio a resposta.

Cypher manipulou o holograma do terreno ao redor de seu filho. Havia áreas demarcadas com uma linha vermelha profunda. Ele sabia o que significavam.

— Há alguns pontos críticos — informou. — Nodos geotérmicos entre você e a cauda que podem mantê-lo quente durante o congelamento. Você precisa chegar a um desses nodos antes do cair da noite. Câmbio.

— Entendido — declarou Kitai.

Ao olhar para os dois lados, Cypher via o mesmo que Kitai. Nuvens se moviam pelas montanhas e pelos campos como enormes fantasmas.

— Procedimento de operação padrão — avisou Cypher —, até segunda ordem.

— Entendido — declarou Kitai mais uma vez.

Cypher olhou para as pernas. O chão ao redor dele estava coberto de sangue. Sangue dele. E havia mais pingando de sua perna a cada segundo e a cada minuto. Ele alcançou um kit médico que Kitai levara para ele e pressionou um controle no console do piloto. Instantaneamente, um holograma de análise médica apareceu.

Cypher pegou uma caixa lisa no kit médico. Então, ativou o aparelho e passou pelas pernas. Uma luz iluminava cada área escaneada. Ao mesmo tempo, a tela holográfica no console exibia muitos dados biométricos.

— Trauma código cinco na perna esquerda — disse a voz da cabine. — Situação crítica. Ponte arterial recomendada.

Cypher aceitou a notícia o mais calmamente possível. Ele esticou a mão e digitou as palavras ponte arterial, o que fez com que uma tela holográfica mostrasse uma silhueta tridimensional de um corpo humano. Ele tocou a silhueta e aproximou a imagem da coxa esquerda, revelando uma rede de artérias e veias. Um dos vasos sanguíneos estava rompido.

As palavras ponte arterial — explicação de procedimento apareceram na tela. A elas, se seguiu uma pequena animação gráfica. Na animação, um bisturi apareceu na tela. Depois, uma linha pontilhada na coxa. Enquanto Cypher observava, o bisturi entrava na carne da coxa animada. Ele se forçou a assistir ao procedimento todo. Afinal, ele precisaria fazê-lo sozinho. Não havia outra maneira de sobreviver. E se ele não sobrevivesse, Kitai também não sobreviveria.

Não havia opção.

Ele olhou para o kit médico. Havia um cilindro marcado como NARCÓTICO. Ele pegou e leu os efeitos colaterais na lateral do objeto. Dizia: PERDA PARCIAL DA VISÃO, TONTURA E ENJOO. Cypher virou-se para a tela que mostrava o ponto de vista de Kitai se deslocando. Era essencial que ele continuasse a monitorar aquela tela e com plena

consciência. Um lapso momentâneo de atenção em sua vigilância e seu filho seria mais uma vítima da queda da nave.

Com um suspiro, ele colocou o cilindro de volta no kit, sem usá-lo. Uma pena, pensou. Teria sido muito mais fácil se ele pudesse usar o narcótico. De repente, uma onda de dor tomou conta dele. Sua perna estava ficando pior.

— Oi, pai — chamou alguém —, você está aí?

Ele se pegou lembrando... Estava em uma trincheira em Nova Prime, vestido com equipamento completo de batalha. Não estava sozinho. Havia outros Guardiões com ele. Eles estavam aproveitando um momento de paz. Senshi apareceu no naviband de Cypher. Ele foi para a sombra para vê-la melhor. Era bem jovem, ainda não se tornara uma Guardiã. Estava sentada no apartamento da família. Kitai, ainda mais jovem, estava brincando no fundo.

— Pai, você está aí? — repetiu.

Cypher sorriu.

— Estou aqui.

Senshi estava segurando uma cópia antiga de Moby Dick.

— Um garoto que eu conheço estava com isso. É um livro de verdade, de um museu. O título é Moby Dick.

A mente de Cypher divagou.

— Mm hmm...

— Ele disse que eu poderia até ficar com ele — prosseguiu Senshi.

Ficar com...?

— Ficar com o quê?

— O livro, pai.

Ela riu. Ele conseguiu sorrir de volta. Ela sempre tinha esse efeito nele. Cypher olhou para sua filha, tão cheia de vida e de possibilidades. Seu futuro era como uma flor que acabara de começar a desabrochar.

— Eles realmente matavam essas baleias? — perguntou Senshi.

— Sim — respondeu Cypher. — Pra extrair o óleo. E elas quase desapareceram. Um pouco antes da era dos combustíveis fósseis...

Então, não era mais com Senshi que ele estava falando. Era a voz de Kitai que dizia:

— Pai, você está aí? Câmbio. Pai?

Cypher respirou fundo para controlar a dor, que estava começando a fazê-lo delirar. Ele limpou a garganta e se aprumou antes de falar.

— Na escuta, cadete. — Ele olhou novamente para a tela holográfica. — O ciclo de rotação da Terra é mais curto do que o do nosso planeta. Você tem seis horas para chegar ao primeiro local geotérmico. Câmbio.

Cypher imaginou a expressão de Kitai absorvendo as informações.

Então, seu filho disse:

— Entendido.

Neste momento, Kitai estava caminhando por um vale, ao lado de uma enorme fissura no chão. As pedras sumiam na escuridão abaixo, formando um relevo que lembrava uma casca de ovo quebrada. O sol estava forte. Cypher verificou a tela holográfica e confirmou. Mais do que muito forte, pensou. Mortal, como tudo nesse planeta.

— Vamos ficar na sombra o máximo possível — aconselhou ele. — A luz solar direta é extremamente cancerígena. Você precisa limitar a sua exposição. Câmbio.

— Entendido — respondeu Kitai.

— A chuva costumava ser ácida — observou Cypher —, mas não parece ser mais.

Cypher verificou a posição de seu filho em relação ao objetivo. O garoto estava fazendo um bom progresso. Mas ele também precisava saber a posição de outra coisa.

Do Ursa.

Cypher verificou as imagens recebidas das sondas enviadas. A sonda 11 mostrava um animal que ele não conhecia, mas devia ter evoluído desde a época em que seu povo ainda vivia no planeta. A criatura se levantou em duas patas e olhou diretamente para a sonda.

O computador enviou a informação para Cypher: Giraffa camelopardalis.

Apavorado, Cypher olhou para a imagem da girafa ao vivo. Ele lera sobre as criaturas de pescoço comprido, mas elas estavam extintas em Nova Prime. Era como ver um dinossauro vivo. Então, a girafa golpeou a sonda com os chifres e foi embora.

Porém, o mais importante foi o que ele não viu. Ele tocou no botão do gravador e disse:

— As câmeras das sondas não conseguiram detectar sinais de Ursa no ambiente. Por enquanto.

viii

Kitai chegou na entrada de um vale coberto de floresta. A vista maravilhosa cheia de árvores verdejantes cobria toda a área à frente. Ele verificou o naviband.

Vinte quilômetros, 184 minutos.

— Preciso de uma pausa, Pa...— ele se pegou errando. — Senhor.

— Negativo — respondeu Cypher pelo comunicador. Uma pausa. — Você tem três horas para chegar ao ponto de calor geotérmico. Isso é tempo suficiente. Hidrate-se e continue andando.

Kitai engoliu a irritação, pegou um tubo de hidratação da mochila e bebeu. Então, adentrou a floresta. Conforme caminhava, as árvores ficavam cada vez mais altas. Algumas com mais de cem metros, estimou. Eram largas também, quase sete metros de diâmetro. Com esse tamanho, elas absorviam a maior parte da luz do sol. Kitai precisava se mover com cuidado pelas sombras, olhando pela folhagem a cada passo.

De repente, ele percebeu que sua roupa mudara. Ela se tornou completamente preta. Mais dura também. E tinha todos os tipos de coisa que poderia se encontrar em uma armadura. Preocupado, ele parou e contatou o pai:

— Minha roupa ficou preta. Eu gostei, mas tenho a impressão de que é alguma coisa ruim. Câmbio.

— Sua roupa é feita de tecido inteligente — respondeu. — Ela tem sensores de movimento. Estou detectando uma forma de vida perto de você a oeste.

Kitai sentiu um frio na espinha. Quando falou, tentou manter o medo fora da voz.

— O Ursa? Câmbio.

— Negativo. É menor. Os sinais de vida estão mostrando só um metro e meio de comprimento.

Kitai ficou imóvel. Atrás dele? Onde estaria?

Não estava confortável com o termo só.

— Eu tenho um metro e meio! Câmbio.

— Está se aproximando rapidamente do oeste — avisou Cypher. — Não se mexa! Seja o que for. Relaxe. Prepare-se. Tente me passar o visual.

Kitai queria dar a si mesmo o visual. Mas se ele não podia se mover...

— As criaturas deste planeta evoluíram, estão diferentes das que temos registros, por causa das ondas de radiação — explicou Cypher calmamente, como se estivesse dando aula para uma turma de cadetes. — Está a cinquenta metros, quarenta, trinta...

Kitai sentiu sua respiração acelerar.

— Está desacelerando. Vinte... dez...

Kitai plantou os pés, tentando estar o mais preparado possível. Ele ouvia as plantas se mexendo conforme a criatura se aproximava.

Com um sussurro, seu pai disse:

— Está bem ali, Kitai.

Onde era ali? Kitai conteve o pânico e sussurrou:

— Eu não estou vendo. Não estou vendo nada.

— Relaxe, cadete — respondeu Cypher. — Reconheça seu poder. Essa será a sua criação.

Então, Kitai conseguiu ver. Ele saiu lentamente do mato: uma pequena criatura que parecia um babuíno. Mas como tudo mais na Terra, ele parecia ter evoluído. O rosto era bizarramente humano, mas caminhava em quatro patas.

— Está tudo bem, Kitai — falou o pai. — Fique parado. Deixe-o passar. Não o assuste.

É fácil pra você dizer. Kitai pegou uma pedra e fez um movimento como se fosse jogá-la na criatura. Ele sentia o pulso acelerado.

— Pra trás! — gritou ele.

A criatura reagiu com um grunhido alto.

— Não faça nada! — insistiu seu pai com uma nota de fúria na voz. — Kitai, não!

Kitai ouviu as palavras, mas continuou a ameaçar a coisa com a pedra. Não conseguia evitar.

— Sai daqui agora! — gritou ele.

— Kitai, pare! Câmbio.

Kitai não conseguia controlar a respiração. Estava bufando como um louco. Sem conseguir continuar a tolerar a presença do babuíno, Kitai jogou a pedra. Ele olhou para a criatura, mas a pedra teve o efeito desejado. Olhando pela última vez para Kitai, ele se virou e foi embora. Mas sua respiração estava descontrolada. O suor escorria pelas laterais de seu rosto. Por um momento, um piscar de olhos, ele se sentiu de volta naquela caixa da infância. Um garotinho assustado. Um covarde.

Cypher estudou as leituras holográficas. Os sinais vitais de seu filho estavam disparados.

— Você está criando esta situação! — insistiu. — Fique parado. Câmbio.

De repente, o monitor mostrou algo ainda mais preocupante. Um grupo de pontos, mais ou menos cinquenta, começou a se mover na direção de Kitai. Movendo-se rapidamente.

— Droga! — Cypher respirou fundo. Então, ainda mais alto para que seu filho pudesse ouvir, ele ordenou: — Cadete, controle-se! Siga as minhas instruções.

Apesar de tudo, Kitai estava satisfeito por ter se livrado do babuíno. Até ouvir a folhagem se mexendo e ver mais seis criaturas surgindo no mato. Gritando ferozmente, elas cercaram Kitai.

Como ele foi treinado, digitou um padrão na manopla do alfanje. Instantaneamente, a arma mudou de forma, mas não para a que Kitai

queria. Em vez disso, as fibras nas duas pontas se retraíram e desapareceram na manopla. Em pânico, ele olhou para os babuínos. Tente de novo, pensou, digitando outro padrão.

Dessa vez, a arma fez o que deveria: separou-se em duas partes. As fibras formaram dois bastões distintos. Kitai girou as armas em todas as direções, planejando expulsar as criaturas. Mas não deu certo. Elas começaram a avançar e voltar, imitando os movimentos de Kitai. Em pouco tempo, elas estavam pegando pedaços de madeira na floresta e usando-os para imitar as duas pontas do alfanje.

— Para trás, cadete! Saia para trás!

Apesar do pânico crescente, Kitai reconheceu a voz do pai. Ele olhou para trás e viu que realmente havia uma abertura. Usando-a, ele escapou do círculo de babuínos e fugiu para a floresta. Mas as criaturas o perseguiram.

Kitai estava se sentindo fraco, mas não podia deixá-las o alcançarem. Ele passou em zigue-zague pela floresta, tentando despistar as criaturas que estavam atrás dele. Ainda assim, elas pareciam cada vez mais perto.

Não, pensou ele, redobrando os esforços. Em vez de correr ao redor das pedras que encontrava, ele pulava sobre elas. Começou a se distanciar dos perseguidores.

Mas eles também mudaram de estratégia. Subiram nas árvores. E lá em cima, entre os galhos abundantes que bloqueavam a luz, eles estavam em seu hábitat natural.

Ele olhou por cima do ombro: as criaturas estavam se aproximando novamente. Elas começaram a pegar madeiras e grandes pinhas e jogar em Kitai. E eram cada vez mais. Se eram seis delas antes, agora eram mais ou menos cinquenta. Todas saltando entre os galhos e lançando tudo o que podiam encontrar contra ele.

De repente, ele sentiu algo atingi-lo nas costas com força suficiente para jogá-lo para a frente. Mas ele não podia cair, ou as criaturas o alcançariam. Então, ele transformou a queda em um rolamento e continuou correndo. Assim que se levantou, ele ouviu a voz do pai:

— Cruze o rio, cadete! Repetindo, cruze o rio!

Que rio?, Kitai se perguntou. Então, ele o viu à frente. Não era só um rio. Era uma torrente poderosa, jogando uma névoa de água ao ar. Vai ser muito difícil cruzar isso, pensou.

Então, se deu conta: esse é o objetivo.

Olhando por cima do ombro, ele viu os babuínos avançando pelas árvores. Ele prendeu o alfanje nas costas e mergulhou na água furiosa. Ao nadar no fundo, viu a superfície da água receber uma chuva de galhos e pinhas. Mas nada o atingia.

Infelizmente, ele precisava subir para pegar ar. Ao fazê-lo, as criaturas lançavam mais uma saraivada. Mas Kitai mergulhou rápido o suficiente para escapar dessa também. Finalmente, ele chegou à outra margem. Saindo da água o mais rápido possível, ele olhou para trás para ver se alguma coisa ainda o estava perseguindo. Nada. Então, ele continuou a fuga frenética.

— Cadete — chamou seu pai —, você não está mais sendo perseguido.

Mas Kitai não registrou as palavras do pai. Ele mal percebeu que a roupa assumira a coloração normal novamente.

— Repito, eles não estão mais perseguindo você. Câmbio.

Kitai continuou correndo. Não conseguia parar. Ele não ousaria parar.

— Cadete, você não está sendo seguido! Kitai, você está fugindo do nada!

Havia uma clareira à frente. Ao chegar até ela, ele puxou o alfanje das costas e empunhou. Então, se virou 360 graus e se preparou para lutar.

— Guarde esse maldito alfanje — ordenou seu pai. — Ajoelhe-se, cadete.

Kitai se forçou a obedecer. Mas continuou olhando para as margens da clareira, procurando evidência da presença dos babuínos.

Cypher observou o filho pelo monitor. Kitai estava com os olhos arregalados, hiperventilando, frenético. O general precisava acalmá-lo.

Cypher esfregou os olhos, Estava cansado e ficando cada vez mais desgastado. Mas a fadiga não podia pará-lo. De repente, ouviu um apito. Os sinais vitais de Kitai. Ele verificou as leituras.

— Kitai — disse ele —, eu preciso que você faça uma avaliação física. Estou vendo uma contaminação sanguínea rápida. Você está ferido?

Seu filho não respondia. Ele parecia estar em choque, não parecia em nada com um cadete dos Guardiões. Droga, ele parecia uma criança. E a roupa dele estava ficando branca. Nada bom, pensou Cypher.

— Kitai — disse ele sério —, eu preciso que você faça uma avaliação física. Você está sangrando? Câmbio.

Lentamente, Kitai recuperou o controle. Respondendo ao comando de seu pai, ele começou a verificar o corpo. Obviamente, a avaliação exigia que ele ficasse de pé, mas ao tentar fazê-lo, ele pareceu inquieto.

Desequilibrado, pensou Cypher.

— Kitai?

— Eu estou tonto — respondeu o cadete.

— Examine seu corpo! — insistiu Cypher.

Kitai olhou para as mãos. Nas costas da mão esquerda, havia algo que Cypher não reconheceu a princípio. Então, ele aproximou a imagem e

viu o que era: uma espécie de sanguessuga. Ou melhor, o que as sanguessugas se tornaram depois da evolução.

Sentindo repulsa ao vê-la, Kitai a arrancou imediatamente. Mas ao fazê-lo, ele arrancou um pedaço de pele. Uma infecção logo surgiu pela pele ferida. Ela não pode se espalhar, pensou Cypher. Ele precisava cuidar dela imediatamente.

O mais calmo que conseguiu, ele instruiu:

— Pegue seu kit de primeiros socorros, Kitai.

Seu filho revirou a mochila cegamente à procura do kit de primeiros socorros. Parecia preocupado. Afinal, ele também estava vendo a infecção. Kitai começou a fraquejar.

— Eu não consigo ficar de pé... — Ainda assim, ele conseguiu abrir o kit de primeiros socorros.

Com uma voz clara e comedida, Cypher disse:

— Você precisa administrar a antitoxina em sequência. Injete o líquido transparente primeiro. Faça isso agora.

Kitai pegou a primeira seringa hipodérmica e abriu a tampa protetora. Suas mãos estavam tremendo.

— Pai — disse ele, ignorando as instruções anteriores de Cypher de chamá-lo de General ou senhor —, eu estou cego.

Cypher queria ajudar seu filho, queria administrar o remédio pessoalmente. Mas não podia. Ele estava sentado na cabine de uma nave despedaçada, com as pernas quebradas, e Kitai estava muito longe.

— O veneno está afetando seu sistema nervoso — explicou. — Relaxe. Mantenha-se no controle.

Kitai derrubou a agulha duas vezes. Ele parou, olhou para cima e ao redor, com os olhos dilatados e inchados. Cypher via o pânico de seu filho se aprofundando. As veias de Kitai estavam ficando escurecidas.

— Pai — suplicou ele —, por favor, me ajude. Eu não consigo ver! Por favor, vem me ajudar!

— Fique calmo — repetiu Cypher. — Injete o líquido direto no coração com o primeiro estágio agora!

Kitai respirou fundo, lutando para tirar a parte de cima da roupa. Não conseguia controlar os dedos, que ele também não conseguia enxergar, e eles tremiam de medo. Estava ficando sem tempo e precisava fazer isso logo, independente de como se sentisse. Ao expor o peito ao sol ele sentiu o calor e o suor escorrendo. Estava convulsionando cada vez mais forte e precisava injetar a antitoxina. Parecia bem simples, mas ele estava tremendo muito. Finalmente, ele cerrou os dentes e cravou a seringa hipodérmica bem no meio do peito. E pressionou o êmbolo.

— Agora, o segundo estágio — instruiu Cypher. — Rápido. — Para a

esquerda — guiou o pai. — Esquerda!

Finalmente, os dedos de Kitai encontraram a segunda seringa hipodérmica. A essa altura, seus olhos já estavam completamente fechados. Com as mãos tremendo, ele removeu a tampa protetora. E enfiou a agulha. Mas não conseguiu pressionar o êmbolo. O dedo dele parecia inchado demais para se mover.

— Não estou sentindo as minhas mãos! — gemeu ele. — Eu não consigo...

De repente, seus olhos viraram. Estavam brancos. Ele caiu de joelhos, prestes a perder a consciência.

Cypher teve uma ideia.

— Pressione contra o chão! Kitai, role e pressione contra o chão!

Por um segundo, ele não sabia se seu filho tinha escutado. Então, com um último esforço, Kitai se lançou para a frente. A seringa ficou pressionada contra o chão quando ele caiu. Depois, seu corpo ficou caído sem movimento.

Mas ele conseguira pressionar o êmbolo? A seringa conseguira liberar o líquido no corpo de Kitai?

Cypher olhou o monitor. Vamos lá, pensou. Funcione, droga!

Lentamente, os níveis de contaminação do sangue de Kitai começaram a mudar, diminuindo lentamente. As luzes vermelhas voltaram a ficar amarelas, mostrando o retorno gradativo dos sinais vitais ao normal. Cypher recostou-se, aliviado.

— Ótimo trabalho, cadete. Agora você vai ter que ficar aí deitado.

É claro que Kitai não conseguia ouvi-lo. Ele estava inconsciente. Mas Cypher continuou falando como se seu filho ainda estivesse acordado, pois era melhor do que falar consigo mesmo.

— O parasita que mordeu você — explicou — tem um agente paralisante no veneno. Você vai precisar ficar aí deitado por enquanto até a antitoxina fazer seu trabalho.

Cypher olhou o retorno da câmera da mochila de Kitai. Ela capturava a imagem bizarra do rosto dele inchado. Uma única lágrima escorria pelo olho deformado. Para Cypher, era uma experiência excruciante. Não havia nada que ele pudesse fazer para ajudar o filho. Nada. Ele trabalhava para se controlar, insistia em se controlar, mas nessa situação, o controle lhe fugia.

Comparado com a floresta na qual Kitai estava caído, ele parecia ridiculamente pequeno. E o sol, como Cypher percebeu, estava começando a passar do ápice. Cypher olhou para o timer. Demoraria um pouco para que o conteúdo da injeção fizesse efeito, mas Kitai não tinha muito tempo.

Conforme o sol descia no céu, aproximando-se do horizonte, a temperatura começava a baixar também. Cypher não gostava da ideia. Ele

via as plantas se contraindo, se fechando para conservar o calor, antecipando o que seria um frio brutal.

Mas Kitai não podia fazer o mesmo. Ele não podia se proteger. E Cypher também não podia protegê-lo. Ele via o rosto de seu filho ficando melhor, o inchaço diminuindo. Mas ele ainda estava inconsciente, com os olhos fechados e a roupa pálida.

— Kitai — chamou Cypher.

Sem resposta. Uma pequena geada começou a se formar ao redor da forma enfraquecida de Kitai. Cypher queria acordá-lo, precisava acordá-lo. Ele ouvia o vento soprando ao redor de seu filho enquanto as folhas da floresta balançavam com força.

— Kitai — chamou ele novamente —, é hora de levantar.

Mas os olhos de Kitai permaneciam fechados.

Por favor, pensou Cypher, olhando para o rosto delicado de seu filho. Ele rezou para qualquer coisa. Qualquer coisa. Um movimento muscular. Uma centelha de vida.

— Kitai — chamou Cypher com mais força —, eu quero que você pisque os olhos.

De repente, ele ouviu algo no comunicador. Era baixo e disperso, mas não havia como confundir. Kitai estava respirando. Respirando.

Era um começo. Mas não havia muito tempo restante. Um pouco de gelo apareceu na sobrancelha esquerda do cadete.

— Filho — chamou Cypher, muito preocupado —, eu preciso que você, por favor, pisque os olhos.

Lentamente, Kitai obedeceu. Com uma voz rasgada, ele disse:

— Oi, pai.

Estava olhando diretamente para a câmera da mochila. Cypher olhou para os monitores e para as leituras e expirou uma respiração que não sabia que estava prendendo.

— Isso foi uma droga — comentou Kitai. Um pouco desequilibrado ele se levantou e começou a juntar os equipamentos.

— É uma afirmação válida — comentou Cypher, pragmático como sempre. — A temperatura está caindo cinco graus a cada dez minutos — acrescentou ele, enfatizando a urgência da situação. — Você está a doze quilômetros do ponto de calor.

Cypher verificou os sinais vitais de Kitai, que no momento eram estáveis. Ele viu o filho juntar os equipamentos e se preparar para ir.

Reassumindo seu modo de general, Cypher disse:

— Vamos ver aquela história de "dez quilômetros em cinquenta minutos" que você falou mais cedo, cadete.

Kitai preparou o naviband e se virou para o norte.

— Senhor, sim, senhor — respondeu, mas sua voz traía a fraqueza que ele devia estar sentindo por causa da provação que acabara de superar. Ainda assim, começou a correr pelo terreno à frente. Ao seu redor havia sinais do congelamento profundo que chegaria assim que a noite caísse. Os animais começaram a se enterrar. Uma neve leve começou a cair.

— Relatório da situação? — indagou Cypher.

— Dez quilômetros faltando.

— Ótimo. Está tudo indo bem.

Lá fora, pelo menos, pensou Cypher.

ix

Dentro da cabine, não estava nada bem. As palavras ponte arterial estavam piscando para ele da tela médica. Ele pegou um pedaço de tubo estreito do kit médico, uma lâmina cirúrgica e um braço de apoio que ele prendeu na cadeira, deixando-o posicionado sobre a coxa esquerda. Depois, rasgou a lateral da calça do uniforme, expondo a perna. Era visível o ferimento por onde o sangue estava vazando. A tela holográfica à frente exibia as artérias e as veias. Um vaso sanguíneo estava partido.

Cypher olhou rapidamente a câmera de Kitai. Ela mostrava o cadete correndo pelo terreno coberto de neve, que ficava mais cheio de gelo a cada segundo. Kitai estava fazendo o possível para conseguir sobreviver. Cabia a Cypher fazer o mesmo. Sem hesitar, cravou a lâmina cirúrgica afiada na perna.

Doeu muito. Cypher queria muito arrancar a lâmina de volta. Mas ele não o fez. Em vez disso, ele cortou a carne, usando a leitura da tela holográfica para guiá-lo e procurou a terminação da artéria danificada.

Por fim, ele puxou a lâmina. Mas só por um momento. Então, cravou novamente, dessa vez em uma parte mais alta da coxa. Novamente, ela cortou o tecido muscular até chegar ao outro lado da artéria partida.

Então, ele arrancou a lâmina de vez. Nessa altura, ele já estava tremendo descontroladamente. Ele olhou fixamente para um ponto a distância e se recompôs por um breve instante. Pela velocidade com que perdia sangue, ele não podia se dar ao luxo de mais do que isso. Com os dentes cerrados pela dor, ele inseriu o tubo em uma das incisões na perna. Via o progresso pela imagem holográfica à frente. Ele deslizou o tubo até a artéria e o colocou dentro dela. Cypher viu a artéria se fechando ao redor do tubo.

Sentiu algo em seu rosto. Demorou alguns segundos para se dar

conta de que era uma lágrima. Afinal, ele não era um robô. Sentia dor como qualquer um. Só não podia ceder a ela.

Com as mãos tremendo, ele inseriu a segunda parte do tubo na segunda incisão. Novamente, usando a tela holográfica para se guiar, ele enfiou o tubo na parte rasgada da artéria partida. Desta vez, o encaixe não foi tão perfeito. Cypher mexeu o tubo, quase desmaiando de dor. A leitura disse a ele que a ponte arterial estava oitenta e sete por cento eficiente. Ao olhar para baixo, ele viu que o sangue estava fluindo pelo tubo que saía de sua perna. Ele havia reparado o dano. Pelo menos, temporariamente. Era bom o suficiente, por enquanto.

Cypher recostou a cabeça, concentrou-se na tela que mostrava o ponto de vista de seu filho e lutou para permanecer consciente apesar de tudo.

Ele podia ouvir a voz de Kitai enquanto corria.

— Cinco quilômetros. — A voz dele estava mais forte, mais confiante. — Quem não foi promovido a Guardião? Quem? Olha como ele corre. Olha como ele corre.

Cypher olhou, quase perdendo a consciência. Seus olhos se fecharam, abriram e se fecharam novamente. Uma memória retornou a ele...

Estava em uma nave dos Guardiões. Estava escuro. Alguém estava gritando

— Cinco quilômetros!

Era um capitão de descida. Cypher não se lembrava do nome do cara, mas lembrava que ele era um dos Guardiões esperando na nave. Ele também se lembrava de ter um pedaço de tecido nas mãos. No tecido, havia um rosto. O rosto de Senshi. Ela estava sentada à mesa com um bolo de aniversário à frente. Havia dezenove velas no bolo. Faia e Kitai, que tinha apenas oito anos na época, estavam observando dos fundos.

Senshi levantou o bolo.

— Pai — pediu ela —, você vai me ajudar.

— Não — disse ele, sentado entre os companheiros Guardiões —, vai em frente. Pode soprar.

— Vamos lá, pai — insistiu Senshi, com um sorriso. — Sopre.

Cypher olhou para os outros Guardiões. Estavam todos olhando para ele, deixando-o envergonhado.

— Bom — comentou ele. —, você sabe que eu realmente não tenho como fazer isso daqui.

— Não — rebateu ela, cheia de fé —, eu acho que você consegue.

Cypher suspirou e falou com a mulher.

— Faia, por que você não ajuda a nossa filha no meu lugar?

Faia apareceu no tecido e disse:

— Você pode fazer isso.

— Eu sei que pode — acrescentou Senshi.

Cypher olhou por cima do ombro. Havia um Guardião lá, olhando com o rosto sério. Cypher olhou de volta para o bolo e para o rosto ansioso de Senshi. Resignado ao próprio destino, ele se abaixou e soprou rapidamente. Como mágica, as velas se apagaram.

De repente, Kitai apareceu no quadro, rindo. Foi ele que soprou as velas. Faia também estava rindo. Assim como Senshi. Cypher gargalhou prazerosamente. Ele sorriu.

— Feliz aniversário, Senshi.

Nesse instante, um alarme soou na nave. Os outros Guardiões se viraram para Cypher.

— Preciso ir — avisou ele.

Tocou no pedaço de tecido e desligou. Às vezes era inquietante ver sua família sumindo com um gesto do dedo. Tudo o que ele conhecia sumia em um instante. Então, ele guardou o tecido. Todos os Guardiões se levantaram, totalmente equipados, olhando para Cypher. A traseira da nave começou a se abrir. Cypher olhou naquela direção.

— Guardiões — ordenou ele —, em formação! Mexam-se!

Eles se mexeram.

— Chegando ao ponto de calor — falou uma voz.

Cypher piscou, saindo da memória, e olhou a câmera de seu filho. Mostrava que Kitai chegara ao nodo geotérmico, elevado em relação ao terreno ao redor. Vapor emanava do chão. Havia árvores caídas com limo em toda parte. Havia fungos em toda parte, produto do ar úmido e quente do local.

— Tempo de chegada: quarenta e oito minutos! — anunciou Kitai, com uma nota de satisfação inconfundível na voz.

Fora da zona geotérmica, a floresta estava entrando em um congelamento profundo. As árvores ao redor estavam criando uma camada de gelo.

Kitai começou a tossir.

— Senhor — chamou ele, esperando uma resposta do pai —, eu consegui. Estou aqui.

Cypher foi arrancado de seus pensamentos. Ignorando as próprias condições, ele verificou os sinais vitais do filho. Eles passaram na tela na frente dele.

— Certifique-se de que você está com tudo de que precisa — instruiu Cypher. — Pegue seu próximo inalador. Sua extração de oxigênio está caindo.

Obediente, Kitai abriu o kit de primeiros socorros. Seu pai o havia

levado até lá. A última coisa que ele queria fazer era desobedecer a uma das instruções de Cypher.

Estamos indo bem, pensou Kitai. Espaçando o oxigênio. Tivemos um pequeno contratempo antes, mas eu vou ficar mais calmo da próxima vez, vou ser mais esperto. Então, ele viu algo ruim, muito ruim. Dos cinco vidros de purificador restantes, dois estavam quebrados. Rapidamente, ele fechou a caixa, escondendo-a da visão de Cypher.

Eu não tenho fluido respiratório suficiente, pensou. O que eu vou fazer? Como eu vou chegar à cauda da nave e alcançar o sinalizador se eu não tiver o suficiente para respirar?

— Use a próxima dose do fluido, Kitai — ordenou Cypher.

Kitai se esforçou para não tossir.

— Eu estou bem, pai. Não preciso por enquanto.

Cypher observou seu filho, sabendo que ele estava mentindo, mas se recusando a julgá-lo por isso.

— Tudo bem — disse ele.

Finalmente, Kitai tossiu profundamente, com o peito fazendo um som oco e dolorido. Estava precisando de oxigênio, não havia dúvidas disso. Ainda assim, Cypher não disse nada. Ele só olhou e esperou, vendo a luta de seu filho ficando cada vez pior. A tosse de Kitai ficava cada vez mais forte, deixando claro o triste fato de que os seres humanos não conseguiam mais respirar em seu próprio planeta.

Para piorar as coisas, o comutador médico da cabine indicava: PONTE ARTERIAL 70% EFICIENTE. Cypher ainda estava recebendo sangue e oxigênio, mas não tanto quanto antes. Por quê?

Então, viu a leitura do holograma: a ponte feita por ele estava escorregando no lado onde o encaixe não ficara perfeito. O sangue estava escapando, escorrendo para o chão. O computador médico aconselhou a começar uma transfusão. Dizia que ele precisava de quatro unidades de sangue O positivo.

Mas ele só se importava e só ouvia a tosse profunda de Kitai. Ele via a dor no rosto do filho, que lutava para conseguir ar. Era uma lição dura, mas que Kitai precisava aprender: escute o seu pai.

x

Kitai arrastou uma respiração atrás da outra, cada uma mais difícil do que a anterior. Finalmente, ele não conseguiu mais aguentar. Se ficasse mais um minuto sem respirar, ele desmaiaria. E esse poderia ser um desastre do

qual não se recuperaria. Finalmente, relutante, ele administrou a segunda ampola de fluido respiratório.

Instantaneamente, ele sentiu o oxigênio se espalhando pelo corpo, saciando sua necessidade. A respiração dele relaxou. A força voltou.

— Segunda dose de fluido respiratório completada — disse ele. — Câmbio.

— Conte os restantes para poder se guiar — avisou o pai. — Câmbio.

Kitai odiava a ideia de mentir para o pai. Porém, não tinha escolha. Ele não podia se arriscar a fazer Cypher cancelar a missão. Principalmente porque era a única esperança deles.

Com o rosto cheio de vergonha, Kitai respondeu.

— Quatro ampolas restantes, senhor.

Nesse exato instante, uma alcateia de lobos passou por ele, procurando um lugar quente e protegido do frio da noite. Um casal de cervos deitou-se para dormir. Bisões também chegaram, ao lado de tigres com os olhos verdes. Todos buscaram o mesmo refúgio. Até os insetos, pensou Kitai. Durante o dia, eles eram inimigos mortais. Mas à noite, quando o mundo congelava, eles compartilhavam uma espécie de trégua.

Senão, nenhum deles sobreviveria.

Kitai viu um grupo de macacos com olhos bioluminescentes o observando. Não pôde evitar de olhar de volta. De repente, o céu se abriu e liberou uma chuva poderosa. Kitai se enfiou no tronco de uma enorme árvore caída, mas não conseguiu se manter muito seco.

Bem na frente dele, uma abelha lutou para se livrar de uma teia de aranha. Quanto mais se mexia, mais enviava sinais para a aranha que fizera a teia. De repente, uma aranha maior do que o punho de Kitai apareceu e se apressou para apanhar a abelha. Mas a abelha não estava indefesa. Quando a aranha se aproximou, ela tentou ferroar sua captora. Kitai observou a luta, absorto. Raios reluziam no céu enquanto a abelha tentava se soltar sem sucesso. A aranha só ficou lá, esperando. Finalmente, a abelha ficou cansada demais para bater as asas. Mas em vez de ir matá-la, a aranha recuou. Ela parecia confusa.

Kitai supôs que a aranha não conseguia achar a abelha a não ser que ela se movesse e mandasse vibrações pela teia. A aranha começou a testar a tensão de cada fio até perceber aquele no qual a abelha estava. De repente, ela investiu outra vez. A abelha se debateu desesperada, tentando escapar da teia. Enquanto isso, a aranha se abaixou, expondo as presas venenosas.

De repente, a abelha ficou parada novamente, deixando de lutar, e mais uma vez a aranha pareceu ficar confusa. Ela recuou, estando a tensão dos fios da teia até encontrar a abelha novamente. Desta vez, a abelha

parecia exausta. Ela quase não lutava, seguindo a aranha que a circundava pela teia. Então, a aranha avançou para matá-la.

De repente, a abelha reviveu e voou, apesar da teia presa à perna. Posicionando-se mais alto do que a aranha, ela plantou o ferrão em seu dorso exposto. A aranha se debateu. Então, a abelha ferroou novamente. A aranha, envenenada pela abelha, foi lentamente para o meio da teia. A abelha tentou tirar vantagem do alívio e fugir. Mas a teia da aranha se manteve. Finalmente, a abelha morreu, pendurada na teia.

Kitai a viu lá, pendurada. Após tudo o que ela conseguiu, parecia merecer um destino melhor.

Uma antiga pergunta veio à mente de Kitai.

— Pai...? — chamou ele. — Pai?

Ele imaginou o pai acordando de um estado de semiconsciência, lidando com os ferimentos da melhor forma possível. Por um momento, ele não obteve resposta.

Então, Kitai ouviu:

— Estou aqui. Relatório da situação?

— Como você conseguiu vencê-lo? — perguntou ele. — Como você desvaneceu pela primeira vez? Como você fez?

Cypher imaginou seu filho, sozinho em um mundo desconhecido e hostil. Com medo do que ele via e especialmente do que ele não via. Agora, mais do que nunca, ele precisava ouvir isso.

— Eu estava no Mar da Serenidade em Nova — começou Cypher, em um tom de relatório. — Os colonos. Todos haviam desembarcado em segurança. Eu fui dar uma corrida. Sozinho. Algo que nós nunca devemos fazer. Um Ursa baixou a camuflagem a menos de alguns metros de distância. Eu tentei pegar meu alfanje e ele atacou, atravessando meu ombro. O que eu vi em seguida foi que nós estávamos caindo de um penhasco. Caindo trinta metros direto em direção ao rio. "Nós chegamos ao fundo. Ele estava em cima de mim, mas não estava se movendo. Eu percebi que ele estava tentando me afogar. Comecei a pensar: Eu vou morrer. Eu vou morrer. Não posso acreditar que vou morrer desse jeito. "Conseguia ver meu sangue se misturando com a água e refletindo a luz do sol e pensei: Nossa isso é muito bonito.

Kitai ficou impressionado como seu pai chegou a essa conclusão em um momento como esses. Era impressionante que seu pai pudesse achar qualquer coisa muito bonita. Era um lado dele que Kitai nunca vira antes. Ou, se vira, fora há tanto tempo que ele não se lembrava

— Tudo ficou mais lento e eu pensei comigo mesmo: Será que um Ursa consegue prender a respiração por mais tempo do que um humano? E eu pensei em Faia. Ela estava grávida de você e quase dando à luz. Meio

ciclo lunar faltando, talvez uns vinte e três dias. Ela era tão linda. E de repente, eu sabia de uma coisa com uma clareza que obliterava todos os outros pensamentos. Eu não vou morrer sem conhecer meu filho. Sem conhecer você.

Kitai sentiu um nó na garganta. Eu?

— Eu olhei ao redor e vi a garra da criatura no meu ombro e decidi que não a queria mais lá. Então, eu a arranquei e ele deixou. Mais ainda, eu pude perceber que ele não conseguia me achar. Ele não sabia nem onde procurar. "Então, cheguei a uma conclusão: o medo não é real. O único lugar onde o medo existe é nos nossos pensamentos sobre o futuro. É um produto da nossa imaginação, que nos força a temer coisas que não existem agora e podem não existir no futuro. Isso é quase loucura, Kitai. Não me entenda errado: o perigo é muito real, mas o medo é uma escolha. Nós estamos todos nos contando uma história. Naquele dia, a minha mudou.

Kitai pensou sobre isso: nós estamos só nos contando uma história. Fazia sentido, como se ele soubesse disso a vida inteira, mas nunca tivesse encontrado as palavras certas para expressar.

Kitai olhou em volta para a zona geotérmica e absorveu a cena dos animais todos descansando próximos uns aos outros. Ele desejou que seu pai pudesse ver a majestade da cena. Quem sabe um dia, pensou. E suspirou. Parecia que ele não ia dormir muito esta noite.

E como poderia, com as palavras de seu pai ainda frescas na mente? Se nós não somos nada além de histórias que contamos para nós mesmos... Podemos mudar a nossa história como o meu pai fez.

E se a história muda, nós mudamos também.

1000 DT

Terra

i

Da cabine da nave, Cypher viu a zona geotérmica se encher de luz. Em algum lugar, o sol da Terra estava subindo no horizonte.

Kitai, que dormia e acordava várias vezes até onde Cypher podia perceber, acordou de vez. Ele pegou o equipamento e se levantou.

— Quatorze quilômetros até a cachoeira — disse ele, dando um objetivo ao filho. — Lá é o nosso ponto de verificação no meio do caminho. Câmbio.

— Entendido — respondeu Kitai.

Ele começou a caminhada diária lentamente. Sem dúvida, estava sentindo o peso da enorme distância que precisava cobrir. E sem ter dormido de verdade.

Cypher deu uma olhada para a perna. A poça de sangue estava aumentando e se espalhando. A leitura holográfica na frente dele dizia: PONTE ARTERIAL - 58%. TRANSFUSÃO CRÍTICA. SETE UNIDADES NECESSÁRIAS. Sete unidades, pensou Cypher. Vou ter sorte se achar uma sequer.

Ele desligou a tela. Eu preciso me concentrar no meu filho. E isso, apesar da dor e da perda intensa de sangue, foi o que ele fez.

Kitai abria caminho pela floresta com o alfanje, transformado por ele em um machete. Era trabalho duro. O alfanje era leve, mas a folhagem que ele precisava derrubar era dura e pesada. Depois de algum tempo, ele parou para beber água. Então, pegou uma barra nutritiva da mochila e comeu.

— Sete quilômetros até a cachoeira — avisou o pai, como um lembrete de que ele não tinha tempo para ficar parado.

— Entendido — declarou Kitai.

Ele embolou o papel da barra nutritiva e jogou no chão. E começou a

ir embora. Antes de se afastar, ele parou e voltou até o papel. Não posso deixar isso aqui, pensou. Foi assim que nós perdemos este planeta no passado.

Exceto pelo fato de que quando ele se abaixou para pegar o papel, um sopro de vento o levou para longe pela vegetação. Ele franziu o cenho. Então, prosseguiu pela vegetação alta. Conseguiu agarrar a embalagem, ficando feliz pela conquista. Mas só por alguns instantes, pois olhou para cima e viu uma cena de devastação inesperada.

Em uma grande área à frente, a floresta fora pisoteada por uma espécie de pé gigante. As árvores foram arrancadas. Carcaças de babuínos estavam caídas por toda parte, algumas partidas ao meio. Kitai teve a impressão de que uma batalha ocorrera ali. Mas contra quem? E por qual motivo?

— O que poderia ter feito isso? — perguntou ele em voz alta, soando estranho no silêncio.

Ele não esperava uma resposta. Mas recebeu uma.

— Aperte o passo — disse o pai em um tom que não dava margem para debate. — Precisamos chegar até a cachoeira. Rápido!

Kitai começou a caminhar novamente. No alto, o vento balançava as copas das árvores. Parecia o som de patas pelo alto. De repente, ele ouviu um bum. Sem saber o que era, ele se agachou com o alfanje na mão.

— Erupção vulcânica — informou Cypher. — Vinte quilômetros a leste. Há vulcões por todo o planeta agora. Você está bem. Continue andando.

Suspirando aliviado, Kitai prosseguiu pela floresta. Por certo tempo, nada aconteceu. Ele gostava assim. Pouco a pouco, o chão começou a se elevar. Então, a elevação ficou mais pronunciada, íngreme demais para atravessar sem ajuda.

Pausando por um segundo, Kitai digitou uma combinação no alfanje. A manopla se separou em duas, formando duas picaretas de cinquenta centímetros cada. Com elas, ele começou a escalar a colina. Estava ficando cada vez melhor em manipular o alfanje do pai. Isso é bom pensou. Havia muitas coisas nesse planeta capazes de matá-lo sem que ele o fizesse por si mesmo.

Enquanto escalava, Kitai sentia a fadiga por não ter dormido. Mas não podia deixar que isso o atrasasse. Ele tinha um objetivo a alcançar. Então, ouviu algo na floresta atrás dele. Ou pensou ter ouvido.

— Tem alguma coisa atrás de mim? — perguntou ele ao pai. — Câmbio.

— Negativo — respondeu Cypher.

Normalmente, Kitai teria confiado na observação de seu pai,

cegamente. Mas ele não conseguia se livrar da sensação de que havia algo o seguindo. Ele parou e virou a cabeça como um cachorro. Então, ele ouviu novamente um barulho. Como uma estática a distância.

— Estou ouvindo alguma coisa — disse enfaticamente. Ouviu mais um pouco. — Eu acho que é água. Muita água.

— Você está perto. Continue subindo — avisou Cypher.

Kitai escalou mais rápido, puxando energia de onde não sabia que tinha. O cansaço que sentia parecia ter sumido, pelo menos por um momento. Abruptamente, ele chegou ao fim da folhagem. Empurrando as últimas folhas com a mão, ele emergiu em um penhasco rochoso. O som ao redor era ensurdecedor, produto de uma enorme cachoeira que se esticava para os dois lados até onde a vista alcançava. Trezentos metros abaixo, ela terminava em uma bacia rasa e criava uma densa nuvem de vapor. Os pássaros circulavam sobre ela em revoadas. Às vezes, eles mergulhavam na nuvem de vapor e saíam com algo no bico.

Lindo, pensou Kitai. Era como se dois continentes tivessem se chocado, uma costa consideravelmente mais alta do que a outra. Sem precisar da ajuda do alfanje, ele conectou as duas metades e digitou um código. Um segundo depois, ele se tornou uma peça única. Então, ele colocou a peça nas costas, onde se prendeu magneticamente.

— Faça um inventário dos suprimentos restantes — ordenou seu pai, puxando-o de volta para a realidade.

Kitai começou a descarregar o equipamento. Enquanto o fez, ele descreveu tudo para Cypher.

— Entendido. Rações: metade disponível. Sinalizadores: cheios. Kit de primeiros socorros: metade disponível. Fluido respiratório...

Ele mordeu o lábio. Ia mentir para o pai novamente? Sim, pensou, mas não sem sentir o peso da culpa.

— Fluido respiratório: quatro ampolas disponíveis — relatou Kitai.

— Por que você não está me mostrando a caixa? — perguntou Cypher. — Deixe-me ver.

Kitai engoliu a seco.

— O quê?

— Mostre agora.

— Por quê? — perguntou.

— Cadete, deixe-me ver a caixa.

Então é agora. Não havia mais como esconder a situação.

Kitai levantou a caixa para que Cypher pudesse vê-la. Só restavam duas ampolas. Ele esperou a resposta de seu pai. E esperou.

— Eu acho que eu consigo, senhor — disse ele, por fim.

Nenhuma resposta. Então, Cypher disse

— Abortar a missão. Volte para a nave. Isso é uma ordem.

Por um segundo, a mente de Kitai voltou para o momento em que Senshi o colocou na caixa de vidro e mando que ele não saísse de lá. Isso também foi uma ordem. E ela morreu.

— Não, pai. Nós, eu consigo, eu sei que sim, não preciso de tantos. Eu consigo chegar lá só com dois.

— Você precisa de três inaladores no mínimo para chegar até a cauda, você gastou seus recursos — declarou Cypher, sem conseguir esconder a raiva e a frustração.

— Eu consigo cruzar — insistiu Kitai. — Eu consigo só com dois, pai.

O pai dele estava irredutível.

— Essa missão chegou a um critério para cancelamento. Eu assumo toda a responsabilidade. Você fez o melhor que pôde. Não tem mais nada a provar. Agora volte para a nave.

Kitai abaixou a cabeça envergonhado. Seu pai estava certo. Ele não conseguiria chegar até a cauda só com os fluidos restantes. Ele olhou para a queda d'água.

A não ser que...

— Qual foi o seu erro? Confiar em mim? Contar comigo? Achar que eu conseguiria fazer isso?

Não houve hesitação na resposta de seu pai.

— Eu estou dando uma ordem direta... vire-se e retorne para a nave.

Eu tenho oitenta por cento, pensou ele sozinho. Eu poderia ir voando.

— Você não daria essa ordem a nenhum outro Guardião — disse ele ao ar.

— Você não é um Guardião e eu estou dando essa ordem a você — gritou o pai.

Não, ele não era um Guardião, mas ele sabia o que era preciso para ser um. Havia se preparado por muito tempo, até aprendido a usar os equipamentos aéreos da roupa de Guardião.

— Volte para a nave, cadete.

Mas de que serviria?

— Você disse que nós dois vamos morrer se eu não chegar até a cauda.

— Um erro de estratégia da minha parte. Eu assumo toda a responsabilidade. Agora eu dei uma ordem direta.

Durante toda a vida, ele sempre teve pavor do pai. Nunca sequer pensou em desobedecer uma ordem direta de Cypher. Até agora.

— Ajoelhe-se, cadete.

Kitai se sentiu sendo tomado por uma onda de emoções. Tudo o que ele havia guardado dentro de si, tudo o que ele queria dizer para seu pai.

Como era tão óbvio que ele não acreditava no próprio filho. Como a simples visão de Kitai deixava Cypher tão envergonhado que ele parara de voltar para casa.

Tudo o que ele sentia, ele ia dizer agora.

— O que eu deveria fazer? — gritou ele. — O que você queria que eu fizesse?! Ela me deu uma ordem! Ela disse, não importa o que aconteça, não saia da caixa! O que eu deveria ter feito? Saído da caixa e morrido?

— O que você acha, cadete? O que você acha que deveria ter feito? Porque é só isso que importa de verdade.

Houve um momento de silêncio antes de Cypher perguntar novamente:

— O que você acha que deveria ter feito?

Kitai caminhou até a borda da cachoeira. Ele via a névoa, os pássaros voando e mergulhando nela. Ouvia o rugido incrível da água lá embaixo.

Kitai estava fervendo com medo, raiva e frustração. A resposta dele foi incontida e cheia de emoção.

— E onde você estava? Ela chamou você. Ela chamou o seu nome! E você não estava lá. Porque você nunca estava lá! E você acha que eu sou um covarde? Está errado. Eu não sou um covarde. Você é um covarde!

— Eu. Não. Sou. Covarde.

Cypher olhou para Kitai, seu filho. O que ele poderia ter feito? Ele sentiu como se tivesse sido atingido por uma pedra, jogada pelo próprio filho. Ninguém jamais havia dito isso em voz alta para ele. Ele pensou isso sozinho várias vezes, em ocasiões demais. Mas nunca conseguira admitir, confrontar, encarar a verdade de que ele não estava lá quando Senshi mais precisou dele.

Kitai era só um garoto, pequeno e assustado. Mas qual é a minha desculpa?, Cypher se perguntou. Onde eu estava quando ela precisou de alguém para defendê-la do Ursa?

Ele se sentiu caindo em um grande poço negro sem fundo. Onde eu estava?

Ele fizera um juramento à colônia. Um juramento aos Guardiões. Era por isso que ele estava longe de casa o tempo todo, por isso que ele nunca se dedicava o bastante à família.

Por causa do meu juramento.

De repente, a raiva, o ressentimento e a dor se desgastaram. E não restou nada além de remorso.

Kitai estava sobre a cachoeira, hiperventilando pela emoção do que ouvira de seu pai e do que dissera em resposta.

Então, antes mesmo de Kitai ter certeza do que estava acontecendo,

ele se virou, deu dois passos e mergulhou do penhasco.

Por um momento sublime, ele ficou lá, de braços abertos, flutuando em uma corrente de ar ascendente. Ele teve tempo de pensar em como era pacífico, completamente sereno. Então, o chão começou a vir em sua direção. O vento forte anulava todo o som que ele poderia ouvir. Seu pai gritou alguma coisa, mas ele não conseguiu entender.

Ao mesmo tempo, a roupa dele liberou tecidos das duas partes das pernas e dos braços, e ele parou de cair. Estava planando como um pássaro. Eles não ensinavam esse tipo de coisa até a Fase 2, mas ele estudou adiantado. E agora ele via o quanto valeu a pena ter tentado burlar as regras. Ele planou baixo, por sobre as águas na base da cachoeira. Ajustando o posicionamento dos braços e das pernas, Kitai mudou a direção e seguiu o fluxo do rio pelo terreno abaixo.

Então, ele percebeu que a roupa tinha ficado preta novamente. Em queda livre em velocidade extrema, ele passou por paredes de pedra e sobre penhascos, enquanto o vento repuxava a pele de seu rosto. Então, ouviu seu pai gritando novamente e conseguiu entender o que ele estava dizendo. Cypher gritou:

— Kitai, estão se aproximando! Mergulhe! Mergulhe!

Por quê?, perguntou-se Kitai. Então, sentiu algo o atingindo com uma força imensa, deixando-o fora de controle. Quando Kitai lutou para recuperar o controle, ele viu uma criatura enorme, uma espécie de ave que lembrava um condor, circulando para passar novamente por ele.

Comida, pensou Kitai. Ele acha que eu sou comida.

Sem a menor vontade de se tornar a refeição da criatura, Kitai fechou os braços e as pernas. A configuração permitiu que ele cruzasse o ar à velocidade máxima. Mas isso não impediu que o predador se chocasse contra ele mais uma vez, com o bico afiado quase atingindo seu rosto. Kitai perdeu o ar e começou a cair desajeitadamente de cabeça. O ar passava tão rápido que era difícil respirar. Começou a perder a consciência. A escuridão tomava os cantos de sua visão.

— Kitai!

Cypher via da cabine a aparência terrível do predador voador que se preparava para tentar matar Kitai pela terceira vez. Ele não sabia se seu filho ainda estava consciente. Tudo o que conseguia ver com certeza era a criatura monstruosa indo na direção de Kitai, com o bico curvado aberto.

Sem pensar, Cypher tentou se levantar. Mas é claro que não conseguiu e a dor forçou um grito em sua garganta. Apesar do terror e da

agonia, ele olhou para a tela holográfica. A criatura soltou um grito terrível enquanto atacava. E bateu com força na câmera de Kitai, encobrindo-a com seu corpo.

651 DT

Nova Prime

i

Vanessa Raige estava correndo. Ela controlava a velocidade e sentia os músculos da perna se esticando para correr mais rapidamente. Ao redor dela, tudo era carnificina enquanto os Ursas criavam uma nova cicatriz na história de Nova Prime. A chegada deles fora inesperada e a casta de três pernas pegou todos desprevenidos. Os primeiros eram criaturas com quatro pernas. Essa nova leva parecia ainda mais mortal.

Nada disso importava no momento.

O naviband tremia no pulso dela enquanto exibia uma série de mensagens e alertas.

Ela ignorou todos.

Em vez disso, Vanessa concentrou toda a força que tinha em correr mais depressa para chegar ao centro médico noroeste. Dentro do peito, ela sentia que seu irmão precisava dela e isso era mais importante do que qualquer coisa. Hunter era o general-comandante e seu irmão gêmeo. As duas características a forçavam a abandonar qualquer coisa e ir ajudá-lo.

Ela rezou para chegar a tempo.

Mais uma vez, os Skrel haviam soltado três dúzias de Ursas sobre a população. Mais uma vez os alienígenas enganaram o sistema de alerta de satélites e conseguiram depositar a carga sem sofrer nenhuma avaria. Mais uma vez o povo ficou sem saber por que isso estava acontecendo. Tudo o que importava era matá-los. As perguntas poderiam esperar.

A linda esposa de Hunter, Jennipher, estava prestes a dar à luz a próxima geração dos Raige. Vanessa pensou que o alarme psíquico sobre Hunter estivesse ligado a ela, e não aos Ursas. Na pior das hipóteses, envolveria os dois. O hospital ficava no andar mais baixo da colina, uma das primeiras estruturas escavadas depois da Chegada e era considerado um dos lugares mais seguros da cidade. Considerando sua localização e a falta de atividade externa para atrair as feras errantes, ela não esperava encontrar nenhum deles no caminho. Ainda assim, levava o alfanje na mão direita, correndo desesperadamente.

Sua respiração ficava mais difícil conforme os metros se passavam sob suas botas. Ela já conseguia ver a entrada do hospital, mas chegar até

lá significava ter que passar por uma trilha de corpos, tentando não escorregar no sangue que encharcava as ruas. Era uma visão que ela queria esquecer, forçando-se a lutar contra o instinto de procurar sobreviventes. O coração dela dizia para tentar ajudar; sua mente dizia que os Ursas nunca deixavam as vítimas vivas.

Os gritos finalmente a fizeram desacelerar. Não era só uma voz, mas um coro de gritos, cheios de terror ou dor. Uma sinfonia agonizante.

Em meio a todos, ela ouviu uma voz especial.

Hunter.

Encorajada pelo fato de seu irmão ainda estar vivo, ela se lançou à frente e tocou o cabo do alfanje, transformando-o em uma espada que poderia atravessar o Ursa. Quando eles chegaram pela primeira vez, há um século, algum gênio descobriu uma forma de transformar a tecnologia F.E.N.I.X. em uma arma de mão. O alfanje podia mudar de forma em um segundo, tornando-se a ferramenta mortal mais versátil já criada. Potencializado por energias quânticas, ele reconfigurava milhares de filamentos em qualquer forma que o programa pedisse e o modelo C-10 podia se transformar em um bastão, uma espada ou um gancho. Vanessa preferia a espada e praticava com ela sem parar.

Agora, estava pronta para abater qualquer criatura que tentasse se interpor entre ela e sua família. Se Hunter estava no hospital, ela deduziu que estaria ferido. Isso ou Jennipher escolhera uma péssima hora para dar à luz.

Desacelerando para avaliar a situação, ela viu as portas arrancadas das dobradiças e o tecido inteligente, que produzia energia e sombra, rasgado. Corpos continuavam espalhados pela área, criando uma trilha escorregadia que apontava na direção que ela precisava ir.

Ao se aproximar, ela começou a entender as palavras de seu irmão. Estava alternando entre gritar ordens e berrar contra o Ursa. Um deles no hospital era uma ideia absurda, até ela se dar conta de que as criaturas cegas podiam ter sido atraídas pelo cheiro do sangue. Ela realmente não entendia como os Ursas funcionavam. Após o primeiro ataque, os Savants tinham poucas coisas com que trabalhar além de especulação. No momento, ela não se lembrava de nenhum dos detalhes e, na verdade, isso nem importava. Se ela encontrasse a criatura, simplesmente atacaria e cortaria até a fera cair e deixar de ser uma ameaça.

Antes de entrar no prédio, ela ouviu outros passos atrás de si e olhou sobre o ombro. Para sua surpresa, oito ou dez Guardiões estavam em formação atrás dela.

— Ordens? — perguntou o mais próximo.

— Um de vocês fica aqui para ver se alguém está vivo — ordenou

ela, sem diminuir o passo. — O resto, alfanjes na mão. Protejam as pessoas!

Os Guardiões soltaram um grito de batalha, um som unificante que mostrava que eles estavam lá. Todos morreriam para realizar seu trabalho, que era proteger a população. Até então, ela sabia que quase um terço dos Ursas fora abatido. Tudo graças ao alfanje.

Vanessa entrou correndo pela porta e fez um gesto silencioso para que dois fossem pela direita e dois pela esquerda no primeiro corredor. Os sons indicavam que a ação real estava acontecendo à frente e, sem se preocupar com mais nada, ela foi na direção da confusão. Ouvia Hunter e esse era o sinalizador dela.

Vanessa correu cada vez mais para dentro do penhasco, sem perceber a falta de médicos, enfermeiras ou pacientes. A evacuação fora bem-sucedida e uma pequena parte de sua mente entendeu o motivo da falta de cadáveres.

Finalmente, ela virou à esquerda em uma entrada, chegando perto do som. Mas, ao virar, teve que parar imediatamente. Logo à frente estava o Ursa, com seu couro cinzento e sua forma trípede obscurecida por sangue e vísceras.

O cheiro da criatura atacou seu olfato, mas Vanessa se forçou a ignorá-lo para ver a cena. Quando a criatura se moveu para atacar, ela viu Hunter, ensanguentado, manejando o alfanje com um braço. O outro braço fora arrancado.

— Hunter! — chamou ela, tentando alertar o irmão e distrair o Ursa com uma só palavra.

A fera não foi dissuadida. Ela saltou e caiu sobre seu irmão, que gritou com o impacto. Uma das pernas o prendia no chão enquanto a outra se erguia para dar o golpe final. A perna traseira permitia a criatura se equilibrar de uma forma estranhamente graciosa.

Vanessa avançou, com o alfanje levantado, e golpeou, cortando o ar e a junta da perna traseira. A lâmina cortou fundo, atravessando o couro, e um líquido negro, o sangue da criatura, escorreu. Todos os sons humanos foram abafados pelo grito de dor da fera. Um som sobrenatural que a fez fechar os olhos de dor. O Ursa se revirou, lutando para manter o equilíbrio, e abriu completamente a boca, cheia de dentes afiados.

A Guardiã continuou em posição, mantendo a mente concentrada enquanto seu coração mandava sinais. Ela sabia que o Ursa havia ferido seu irmão mortalmente e podia sentir seu sofrimento. Mas decidiu ignorá-lo. Ela precisava matar o Ursa. Era a única maneira de chegar até Hunter e tentar salvá-lo.

Vanessa imaginou que um Ursa ferido deveria ser pior do que um

Ursa saudável. Portanto, precisava matá-lo rapidamente. A largura do corredor significava que os outros Guardiões não poderiam ajudá-la. Eles somente olhavam em silêncio, em formação de coluna grega.

O Ursa se ajeitou, sem parar de gritar, ferindo os ouvidos dela. Ao se posicionar, ela viu Hunter deitado no próprio sangue. Uma maré de fúria tomou conta dela, que segurou o alfanje com as mãos e o levantou. Então, ela investiu e atacou com a arma. O Ursa rugiu e tentou acertá-la com a perna direita. Em vez disso, ele fraquejou e caiu, permitindo que o golpe dela acertasse bem atrás de sua cabeça, cortando profundamente seu corpo. Ela sentiu a arma partindo a carne, as veias e os ossos.

Os fluidos corporais da criatura esguichavam pela ferida, e o Ursa caiu morto em frente a Vanessa.

Os Guardiões na retaguarda soltaram um grito ao mesmo tempo e correram na direção dela. Vanessa saltou rapidamente sobre a criatura e caiu de joelhos ao lado do corpo de Hunter.

Era tarde demais. Seu irmão parara de respirar e seus olhos estavam vidrados. A expressão dele era de uma dor inimaginável.

Lágrimas escorreram por seu rosto e se misturaram com o sangue que cobria toda a sua roupa. Antes de decidir o próximo passo, ela ouviu um som diferente. Era fraco, mais um choro do que qualquer coisa, e só podia ser percebido porque todos os outros gritos cessaram. Ela levantou a mão, fazendo com que todos os outros Guardiões parassem para poder se concentrar. Vinha de trás do corpo de seu irmão, de um dos quartos de pacientes. Alguém não fora evacuado.

Novamente, seu corpo lhe disse o que ela já sabia.

Hunter estava aqui por causa de Jennipher.

Ela correu em frente e entrou no primeiro quarto à esquerda e encontrou uma bagunça. Jennipher, ainda presa a vários monitores, estava caída no chão, coberta de sangue e outros fluidos. Ela mexeu as costas e retorceu o corpo.

Ela estava viva!

O movimento também significava que o bebê estava vivo e pronto para vir ao mundo. Parte de Vanessa desejou que o bebê ficasse no útero, onde permaneceria seguro, protegido e amado.

Porém, o bebê tinha outros planos e estava nascendo. Quando Vanessa chegou perto, conseguiu ver a cabeça do bebê no canal vaginal.

— Jennipher, sou eu, Vanessa! Fale comigo!

A mulher não respondeu. Na melhor das hipóteses, ela estava inconsciente. Na pior, o Ursa chegou até ela e ela estava morrendo.

O treinamento médico dos Guardiões não incluía partos. Vanessa teve que se virar com o que aprendera com sua mãe, Paige. Procurando

freneticamente, ela viu alguns cobertores e uma toalha rasgada. Teriam que servir.

— Ei, você! — gritou ela para um dos Guardiões que estava olhando desajeitado na porta. — Encontre uns cobertores limpos ou panos ou alguma coisa esterilizada.

Para o homem atrás dele, ela gritou:

— E você, vá procurar um médico, uma enfermeira ou os dois. Agora!

Ela voltou a atenção para Jennipher, que estava tendo mais uma contração. Elas estavam ficando cada vez mais rápidas, o que significava que o parto, que já estava em curso, não podia parar. Cuidadosamente, Vanessa colocou o cobertor sobre a cabeça dela e pegou a toalha mais limpa para tentar tirar o sangue das mãos.

— Empurre, Jennipher — mandou ela. Nenhuma resposta. Sem a mãe para empurrar, o parto seria consideravelmente mais complicado.

— Vamos lá, bebê. Vem pra tia Vanessa — chamou ela, por mais idiota que parecesse. — Continue empurrando, Jennipher. Se você conseguir me ouvir, continue empurrando e vamos trazer seu filho ao mundo.

Tem que ter algum médico aqui por perto. Cadê ele?

Um apito alertou-a de outro problema. Ao olhar sobre o ombro, ela viu que a respiração da mãe estava diminuindo e a pressão arterial estava caindo rapidamente. Jennipher estava morrendo.

Um outro sistema que estava monitorando o bebê também mudou de verde para vermelho, indicando que o bebê estava correndo risco.

Sem treinamento médico apropriado, ela não tinha escolha senão tentar salvar o bebê da única maneira possível. A cabeça dela se virou, procurando na sala ensanguentada algum instrumento médico. O pânico estava tomando conta dela com a enormidade da situação. Hunter estava morto. Jennipher estava morta. O Ursa estava morto. Ela não poderia deixar o bebê morrer também.

Nesse instante, uma mão passou por cima do ombro dela e entregou um bisturi. Ela olhou para cima e viu uma Guardiã que não conhecia. Vanessa assentiu e respirou fundo.

— Há uma tela holográfica sobre a cama. Ligue-a — ordenou.

A outra Guardiã obedeceu e Vanessa falou:

— Exibir protocolo de incisão cesariana. — Obediente, um holograma apareceu sobre o corpo de sua cunhada e mostrou, passo a passo, onde Vanessa deveria cortar e como retirar o bebê. O primeiro Guardião voltou com toalhas e cobertores. A Guardiã pegou algumas e começou a trabalhar, ajudando Vanessa.

Ninguém disse uma palavra. Os únicos sons eram os dos monitores

e da voz gentil do computador.

A cada centímetro, Vanessa esperava que um médico ou uma enfermeira entrasse na sala e assumisse o procedimento. Mas ela continuou seguindo o protocolo do tutorial holográfico. Essa não era a maneira certa de trazer uma nova vida ao mundo, mas ela continuou o mais cuidadosamente possível. Parecia terrivelmente desrespeitoso cortar sua cunhada e arrancar o bebê de lá de dentro, mas que escolha ela tinha? Seu sobrinho precisava ser salvo e ela não podia falhar outra vez.

Ali! O bebê foi puxado cuidadosamente enquanto o cordão umbilical continuava ligado ao útero. O pequeno ser estava coberto de coisas brancas, azuis e vermelhas que ela não sabia nomear, mas ainda precisava chorar. Droga, se fosse ela, estaria berrando assim que sentisse o ar frio.

Uma tesoura limpa foi colocada em sua mão, que cortou o cordão e enrolou o bebê confortavelmente. Olhando para o rostinho dele, Vanessa desejou que ele respirasse, chorasse, mostrasse algum sinal de vida. Um olho se abriu, depois o outro. A boca se abriu lentamente e, primeiro, ele puxou o ar. Depois um soluço. O soluço se repetiu e se transformou no choro que ela esperava.

As lágrimas embaçaram a visão dela e a outra Guardiã o segurou cuidadosamente e levou para um monitor de diagnóstico próximo.

O bebê nascera. Um órfão em um mundo em guerra.

ii

O General Gustav Hawkins estava esperando ansiosamente a aposentadoria. Ele havia servido aos Guardiões e estava pronto para ir pescar com seus netos. Entrara em ação pela última vez mais de dez anos antes, quando recebeu a promoção e o posto de supervisor dos Guardiões das cidades gêmeas. Sempre fora competente e se mantivera de prontidão, orgulhoso de aumentar o número de recrutas a cada ano. Ao acordar naquela manhã, ele odiou ter que colocar o uniforme e sair da cidade de Nova Terra e cruzar o deserto até a cidade de Nova Prime.

Naquela manhã, pela primeira vez desde que se lembrara, Nova Prime estava sem um líder.

No minuto em que Hawkins ouviu a notícia de que o GC Hunter Raige estava morto, ele sabia que o posto seria dele se quisesse. E bem lá no fundo, ele sabia que não queria. Se lhe fosse oferecido, ele não tinha muita opção senão aceitar. Então, caminhou pelo grande salão para uma sessão emergencial com uma missão na cabeça: encontrar alguém para assumir a

posição.

O que ele não esperava era o vácuo que o aguardava, com os três líderes mundiais agora mortos. Em vez de encontrar-se com o Primus Ione Kincaid e a Savant Sinead O'Brien, ele estava sentado de frente para a vice-comandante do Primus, a Conselheira Maria Pryor e o número dois dos Savant, o Tribuno Suraj Gurang. Eles pareciam tão perdidos quanto ele e claramente não estavam preparados para a reunião. Não podia culpá-los. Eram mais jovens e menos experientes do que ele e ainda estavam lamentando a morte de seus superiores.

A Conselheira abriu a sessão com uma prece e um pequeno memorial ao Primus. Depois, se sentou e olhou para o topo da mesa. Hawkins pelo menos teve o bom senso de pedir ao próprio ajudante para preparar uma ata.

Gurang, com trinta e poucos anos, cabelos negros e olhos grandes, trabalhava como Tribuno dos Savant há dois anos e Hawkins lembrava-se de ter visto seu nome em vários relatórios. Ele era um físico, que trabalhara em melhorias para o alfanje, mostrando empatia pelos Guardiões e suas necessidades. Isso era bom.

Por outro lado, a Conselheira Pryor também estava quase se aposentando e estava lá claramente para servir o Primus, não para sucedê-lo.

Com Hunter morto, lhe restava Vanessa. Mas ela era Guardiã há apenas oito anos. Seria o suficiente para colocá-la em um cargo tão importante? Ele mal conhecia a mulher, tendo-a encontrado pessoalmente somente algumas vezes. Ainda assim, ela tinha uma boa reputação, inclusive por matar o Ursa que assassinou seu irmão e, depois, fazer o parto do próprio sobrinho. Bem corajosa, na opinião de Hawkins, mas isso foi durante uma crise. E quanto aos momentos de paz? É claro que a falta de um líder era um tipo diferente de crise. Então, talvez esse fosse o momento certo para ela também.

— A natureza abomina o vácuo — comentou Gurang, fazendo Hawkins se contrair internamente com o lembrete —, e nosso comitê está revendo os candidatos adequados para substituir o nosso Savant.

— Nenhum candidato óbvio? Ela estava comandando vocês há quase trinta anos. Alguém deveria já estar sendo preparado — comentou Hawkins.

Gurang olhou para a mesa.

— Nós não esperávamos precisar substituí-la tão rapidamente.

Hawkins se virou e olhou para a Conselheira.

— E quanto à sua equipe? Depois de o Primus Bernardo ter chegado aos cento e um, Kincaid decidiu tentar bater o recorde?

Pryor não o fitou e respondeu timidamente:

— Ela estava concentrada na luta contra a Doença de Ressler. Por isso, não gostava de ficar pensando em como seria depois que morresse.

— Então ela deixou vocês sem nada?

Pryor se enrijeceu ao ouvir a menção casual de Hawkins à ordem sagrada. Ela se recusava a olhar para ele e estava agindo de forma soberba demais para seu gosto.

— Como vocês escolhem seu sucessor? — prosseguiu Hawkins.

— Nós... temos um congresso sagrado e pesamos o valor de cada candidato. Muitos se qualificam, mas poucos escolhem servir em uma posição com tantas responsabilidades. Isso não é algo que possa ser feito às pressas.

— Bem — pausou ele, olhando para Gurang —, se vocês não escolherem alguém logo, a liderança deste mundo caberá a nós. Eu não posso falar pela Cidadela ou pelo Mirador, mas sei que os Guardiões poderiam se beneficiar de um líder melhor.

— E quanto ao povo, General? De que eles precisam?

— Um triunvirato para seguirem, um trio de líderes no qual eles possam depositar a confiança. Eles precisam de rostos para verem nas telas e nas ruas. Nós precisamos reconstruir não só a nossa estrutura, mas a fé e a confiança em nós também. Se vocês pararem pra pensar, nós falhamos. Todos nós. Os satélites dos Savants foram facilmente enganados, mais uma vez. E a Primus estava tão ocupada em esconder a própria doença que não esteve presente quando o povo precisou de seu conselho. Os Guardiões não conseguiram abater os Ursas rápido o bastante, nós não estávamos esperando a versão de três pernas. Nós falhamos com as pessoas e agora precisamos reconstruir tudo, colocar uma nova bandagem sobre os ferimentos que deixamos para trás.

— E o mais importante é que precisamos fazer isso rápido — acrescentou Gurang. — A mídia já concluiu que a morte do Savant nos deixou à deriva. As pessoas estão de luto e desgastadas. Elas precisam seguir alguém e essa é a função deste governo.

— Muito bem dito — comentou Hawkins. — Você quer o cargo?

— Nem pensar. Eu tenho outras coisas às quais devotar o meu tempo. — disse ele, defensivo.

— Então voltamos ao início. Nós precisamos de líderes em todas as três pontas e precisamos deles rapidamente — apontou Pryor.

— Posso dar uma sugestão? — Hawkins se levantou e tocou no painel de controle à frente de seu assento. Em frente à Conselheira e ao Tribuno apareceram imagens de Vanessa Raige com sua vestimenta de oficial. Os dois observaram os dados enquanto o general circulava a sala.

— Precisamos de uma liderança antes de estarmos confortáveis com

a ideia. E se escolhermos um líder interino?

A Conselheira assentiu, concordando. Seus olhos ainda estavam revendo os dados.

— Sim, nós poderíamos nomear um Primus pro tempore. Nunca foi feito, mas as regras não proíbem.

— Você disse "líder". Singular — comentou Gurang.

— Boa observação — respondeu Hawkins. — Sim, eu estou propondo algo radical. Como podem ver em seu perfil, a Guardiã Raige é muito religiosa e respeita bastante a Cidadela. Ela também tem notas muito impressionantes em ciências. Ela entende todos os três braços do governo e já provou seu valor em campo. O melhor de tudo é o sobrenome dela.

— Raige.

— Sim, Conselheira. Ela é uma Raige, uma linhagem familiar que se tornou parte da vida deste planeta. Quem melhor para nos guiar do que uma Raige, nessa hora de necessidade? Tornem-na líder interina de tudo por um ano e vamos reconstruir e reorganizar.

— Não — respondeu a mulher. — Ela não é treinada nas nossas tradições.

— Mas você é — rebateu Hawkins. — Guie-a. Deixe Vanessa aliar suas habilidades às suas operações e isso dará a vocês o tempo necessário para escolher alguém apropriado para continuar o trabalho da Primus Kincaid.

— Seis meses — comentou Gurang. Nós vamos escolher alguém muito antes disso, mas isso nos dará tempo para nos prepararmos e fazermos uma transição suave. Esse tempo dará a Raige uma chance de colocar os três governos em ordem novamente.

— Eu posso conviver com isso. Você também não pode? — Ele olhou diretamente para a Conselheira, que franziu a sobrancelha, concentrada.

— Se eu disser não, vocês ainda vencerão na votação em dois a um. Mas pelo bem do nosso povo, eu tornarei isso unânime. Não podemos dar provas de discordância. Agora não é a hora certa para dissensão.

iii

— Ah, comandante Raige. Você conhece a Conselheira Pryor e o Tribuno Gurang?

Vanessa balançou a cabeça, encarando-os brevemente, e observou a sala inteira, se perguntando onde estariam os outros. Ela podia ter sido

convocada para uma missão específica, mas não podia imaginar qual seria o tipo de habilidade que só ela possuía. Finalmente, ela desistiu de pensar e foi com o fluxo.

— Diga-me, querida, por que você não se tornou uma áugure? — perguntou Pryor.

— Eu tenho fé, Conselheira, mas eu senti que meu caminho era com os Guardiões.

— O negócio da família, você quer dizer — adicionou Hawkins.

— Eu tive antepassados no augúrio também — corrigiu ela. Isso conquistou um sorriso de aprovação de Pryor.

— É exatamente da sua família que queremos falar — prosseguiu Hawkins. — O povo tem um respeito muito grande pelos Raige. Pode-se dizer que vocês são a primeira família de Nova Prime.

— Vocês talvez digam isso, mas nós não — defendeu-se Vanessa. — Há muitas outras famílias com histórias longas e ricas. Como os Kincaid.

— Mas nenhuma com a história da sua — interrompeu Gurang.

— Tudo bem. Como minha família pode ajudar?

— Minha querida, nós estamos passando por um momento terrível. Você sabe que não há uma linha de sucessão clara para os Guardiões. Parece que as três partes do governo planetário estão desalinhadas. Certamente não é o tipo de legado que nossos falecidos gostariam de deixar, mas é o que está acontecendo. Nós precisamos de um modo de mostrar rapidamente ao povo que nosso governo ainda funciona.

Raige se virou e Hawkins prosseguiu de onde Gurang tinha parado.

— Nós precisamos fazer isso rápido e nos concentrar na reconstrução, não na liderança. Para isso, nós precisamos ganhar tempo para que as três divisões se reorganizem e se reconstruam. E para podermos fazer isso, precisamos de um rosto único, uma voz única para liderar o povo. Nós estamos oferecendo a você a chance de ajudar o seu povo. Lidere-nos, as três divisões, por um período de seis meses.

Vanessa ficou atordoada. Ela esperava missões, comendas, talvez até uma promoção. Mas ser colocada na liderança do planeta? Sua melhor amiga e Guardiã também, O'Shea, piraria.

— General, você sabe que eu acabei de acolher meu sobrinho, o filho do GC, na minha casa. Ele precisa ser minha prioridade — começou ela.

— Ele vai se beneficiar de um lar estável e de um planeta estável — comentou Pryor. — Neste momento, nós temos um planeta que precisa de um símbolo de união. E isso, minha querida, quer dizer que precisamos de um Raige. De você.

A mente dela começou a divagar. Perguntas se formavam, mas ideias também. Falhas que ela vira que precisavam ser consertadas, melhor

comunicação entre as divisões. De repente, as possibilidades ultrapassavam as objeções. Mas uma memória obscura permanecia. Não havia um líder único do povo em séculos e, da última vez que houve, as coisas não acabaram bem.

Vanessa virou as costas para o trio de rostos cheios de expectativas e tentou colocar os pensamentos em ordem. Ela percebeu que o primeiro sol estava se pondo, pintando o horizonte de vermelho e dourado. Ela estudou a janela e, por um momento, pensou ter visto o rosto de Hunter no reflexo. Seu irmão estava sorrindo, levantando o dedo em sinal de positivo como fazia quando criança antes de Vanessa fazer algo monumentalmente idiota. Isso a fez sorrir. Mas também causou um aperto em seu coração.

Hunter queria que ela aceitasse. Que deixasse a família orgulhosa.

— Eu não posso dizer sim antes de conversar com Trent. Vocês precisam me dar essa chance.

— Tudo bem — concordou Hawkins. — Você tem até amanhã. Nós precisamos de você. Sim, seu bebê também precisa, mas você está prestes a herdar mais babás de prontidão do que pode imaginar.

O marido de Vanessa, Trent, estava brincando com Lorenzo, que estava sorrindo, levantado acima da cabeça do homem. Ele era jovem, mas estava claro que teria os olhos do pai, Hunter. Vanessa os observou brincando felizes e ficou satisfeita por poder cuidar da criança.

— Oi — disse ela ao entrar no quarto. Ele virou o bebê para ela e mexeu a mão de Lorenzo para que ele "acenasse" para a tia.

Ela caminhou para perto, se inclinou e beijou Trent na cabeça, segurando Lorenzo nos braços. Se ela aceitasse o trabalho, momentos como esse seriam cada vez mais raros, logo agora quando ela estava começando a pensar no bebê como seu filho.

— Problemas? — Ele a seguiu até o quarto do bebê, que até uma semana atrás era uma sala de ginástica. Ainda tinha um pouco de cheiro de suor que Trent ficou de ajeitar, mas eles tinham outras prioridades. Ela estava trocando a fralda de Lorenzo, passando talco nele e brincando com o bebê. Ao terminar, ela o cobriu com um cobertor multicolorido.

— Não exatamente — respondeu, pegando uma mamadeira que Trent deu a ela. — A conversa no canal de comunicação está incrivelmente quieta.

— Admita, você gosta quando as coisas ficam um pouco fora de controle — brincou o marido. — Mas tem alguma coisa acontecendo. Senão, não teriam te chamado.

— É, houve uma reunião — admitiu ela, incerta de como tocar no assunto. Havia preparado um discurso mentalmente no caminho para casa, mas agora que Trent e Lorenzo estavam lá com ela, a coisa não sairia facilmente.

— Nós construímos uma vida muito boa, não foi?

— Claro.

— Temos amigos, nós saímos, fazemos coisas — disse ela, mexendo com a mamadeira. Então, se sentou em uma cadeira e alimentou Lorenzo. Era maravilhoso. Pacífico e calmo.

— Você está preocupada que o bebê vá mudar isso tudo?

— Ah, ele vai mudar. Nós não vamos poder sair com tanta frequência, nosso círculo social vai mudar, especialmente quando ele começar as aulas. Mas eu estava pronta pra aceitar essa responsabilidade.

— Aonde você quer chegar? Está sendo vaga e não está me contando sobre a reunião. Foi ruim?

— Não, não mesmo. Meio emocionante, pra falar a verdade. Mas ela trouxe mudanças de planos. Todos os planos.

Trent se aproximou, levantando a sobrancelha, preocupado.

— Você vai ser realocada?

— Eu recebi uma oferta — começou ela.

— Uma das novas colônias?

— Não, aqui na cidade — explicou, fazendo carinho no bebê com a mão livre. Lorenzo mamava, sem perceber a tensão que se formava no quarto.

— Vamos lá, conta logo o que tá acontecendo.

— Você sabe a história da minha família. Você sabe como os Raige estão sempre entrelaçados com os Guardiões. Bom, eles querem usar isso.

— GC? Tá brincando. O Hawkins não deveria assumir esse posto?

— Mais do que isso.

— Como assim, mais? Não existe nada acima de general-comandante — comentou Trent.

— Eles querem que eu assuma o governo e conserte o planeta. Eu teria que controlar não só os Guardiões, mas a Cidadela e Mirador também.

— Isso é loucura! — exclamou ele. — Uma única pessoa como GC, Savants e Primus? Isso nunca aconteceu.

— Na verdade, aconteceu uma vez e não deu muito certo — disse ela, lembrando-o do homem desastroso que assumiu os três papéis em 195 e assumiu o título de Imperator.

— Sério? Eu tinha esquecido disso.

— Bem, eles querem que eu faça a mesma coisa, só que certo.

— Mas você é tão jovem — comentou ele. — Você tem experiência

suficiente pra saber como consertar um governo?

— Eles acham que eu tenho — respondeu ela, colocando a mamadeira vazia no fraldário. — É uma oferta incrível.

— Você aceitou?

— Eu disse que nós precisávamos conversar, e aqui estamos, conversando. — Ela esticou a mão e segurou a mão dele. — Há uma semana, nós tínhamos uma vida e essa semana nós começamos algo completamente novo e maravilhoso. Agora estão pedindo que eu abra mão disso tudo e assuma uma responsabilidade monstruosa. Mas eu gosto da nossa vida. Eu adoro passar tempo com Lorenzo. Isso tudo mudaria.

— Por quanto tempo? — perguntou ele.

— Seis meses, tempo suficiente para todos chegarem à conclusão de quem realmente deveria estar governando o planeta.

— Então você só vai tomar conta das coisas?

— Mais do que isso, Trent. Há coisas que precisam ser consertadas. Há reconstruções a serem feitas. Pessoas que morreram e precisam ser substituídas, além dos nossos líderes. A lista é interminável.

— E você tem seis meses.

— É.

— Parece que você quer fazer isso — disse ele, segurando as mãos dela com força.

— Eu amo tudo o que nós construímos. Eu amo a nossa pequena família. Mas eu sou uma Raige e nosso dever é proteger Nova Prime. O povo também é parte de nossa família e ele está machucado.

— Eu sei. Eu sei tudo sobre os Raige e sobre como vocês treinam. Proteger os outros é característica da sua família.

— Mas você não está feliz.

— Eu me preocupo com você. Emocionalmente, você teve que passar por tantas coisas em tão pouco tempo. Assumir esse peso vai ser esmagador e você raramente confia nos outros, prefere fazer tudo pessoalmente. Cuidar de um planeta é uma responsabilidade enorme e eu quero minha mulher de volta depois de seis meses. Você vai ser a mesma?

Ela se inclinou e o beijou.

— Contanto que eu possa voltar pra casa, pra você e pro Lorenzo, toda noite, eu vou ficar bem.

Cuidadosamente segurando o bebê entre eles, o casal se abraçou e ela absorveu o abraço. Afinal, imaginou ela, quantas noites nos próximos seis meses ela poderia voltar para casa e se dar ao luxo de encontrar um dos dois acordados?

Porém, seriam somente seis meses. E Hunter já dissera para ela aceitar. Ele estava falando pelos antepassados. Ela faria o trabalho, sem o

maldito título, e protegeria não só a família dela como todas as famílias de Nova Prime.

Estava em seu sangue.

1000 DT

Nova Prime

i

Faia Raige estava preparando o jantar para si mesma já que os homens de sua vida tinham saído juntos, quando ouviu batidas na porta. Por um momento ela se perguntou se convidara alguém e tinha esquecido. Não seria provável. Ela era muito boa em se lembrar das coisas.

Ao ouvir a batida outra vez, ela limpou as mãos com um pano e foi abri-la. Do lado de fora, viu dois homens que nunca vira antes. Havia algo de estranho neles. Parecia uma visita... oficial.

— Senhora Raige? — perguntou o mais alto.

— Sim. Posso ajudá-los? — perguntou Faia.

Então, eles contaram o que aconteceu. Por um momento, eram somente palavras. Então, elas fizeram sentido e ela começou a gritar. Os homens olharam para o outro lado. O que poderiam fazer? Eles haviam acabado de rasgar a vida dela e arrancar seu coração. O que poderia se fazer depois disso?

Anos antes, Faia perdera a filha, Senshi. Aquela foi a coisa mais terrível que ela poderia imaginar, a dor mais terrível que ela poderia aguentar. Mas isso...

Isso.

ii

Kitai sentiu uma leve bicada no rosto. O quê...? Ele afastou com a mão, mas ela recomeçou. Finalmente, ele abriu os olhos e viu de onde vinham as bicadas. Se viu olhando para um pequenino filhote de ave, perto o bastante para bicá-lo. Instintivamente, Kitai se afastou e percebeu que estava coberto de um líquido transparente e viscoso. Ele respirou fundo e começou a tirar a gosma do rosto. Só então percebeu o padrão de luz e sombras ao redor e os galhos intrincados que formavam as sombras.

Onde eu estou?, se perguntou.

Levantando-se, Kitai olhou ao redor. Estava cercado de ovos. Não do

tipo que ele conhecia em Nova Prime, mas ovos imensos, cada um maior do que o filhote de ave. E todos começaram a chocar.

Ele viu quando os pássaros surgiram de dentro deles, coisinhas escuras e molhadas, emergindo dos ovos e esticando as asas como se fossem voar. Um ninho, se deu conta. Eu estou em um ninho gigante. Kitai olhou para baixo. Ele podia ver o fundo do ninho, onde havia espaços entre os galhos. Se eu estou em um ninho, pensou, devo estar em uma árvore. Ele identificou o maior galho na estrutura e o seguiu até o tronco. E lá, pousado no galho perto do tronco, estava uma enorme ave de rapina, parecida com um condor, mas com mais de dois metros de altura. Enquanto Kitai olhava, com o coração acelerado, a ave abriu o bico e as asas. Elas tinham uma envergadura de cinco metros. É claro, ele já vira asas desse tamanho antes...

Logo antes de o pássaro derrubá-lo em voo.

Ele parecia estar guardando a base do tronco. Olhando para ele. Como o quê? Comida para os recém-nascidos?

Kitai não tinha a menor intenção de servir como tal. Ele procurou a mochila e a encontrou do outro lado do ninho. Ela estava rasgada no canto, mas o alfanje ainda estava preso nela. Isso era bom. Com o alfanje, ele tinha chance contra o pássaro. Começou a caminhar lentamente na direção da arma, com cuidado para não perturbar a ave. Ao redor dele, os filhotes continuavam saindo dos ovos. Finalmente, Kitai alcançou o equipamento.

Mas quando ele foi pegar a mochila, olhou para baixo pelos furos no ninho e viu uma figura negra subindo no tronco da árvore. Ele não conseguia identificar o que era, mas era maior do que a ave adulta. Um dos recém-nascidos foi na direção de Kitai. Ele esticou o pé e o empurrou para longe. A criaturinha caiu de lado, tão desajeitada que foi engraçado.

Mas Kitai não estava com vontade de rir. Não quando a forma escura continuava subindo no tronco abaixo dele. E menos ainda quando ele viu uma segunda forma caindo no galho de cima.

Com as mãos tremendo, ele soltou o alfanje da mochila. Então, digitou uma combinação na manopla. Instantaneamente, a arma se estendeu completamente, ficando com dois metros de comprimento, com uma ponta em forma de lança e a outra em forma de lâmina. Na hora certa também, porque o galho onde estava o ninho começou a balançar.

De repente, o pássaro adulto atacou o invasor que vinha por baixo. Kitai conseguiu vê-lo melhor desta vez. Seu pelo era dourado. O corpo parecia uma mistura de leão e leopardo. Ele rosnou para a ave, que abriu as asas e saiu do alcance do felino. Mas não foi muito longe. Ainda tinha um ninho cheio de filhotes para proteger. Enquanto Kitai olhava, ele voou na direção do leopardo novamente e o atacou com seu bico afiado.

Essa é a minha chance, pensou ele.

Enquanto as criaturas estavam ocupadas, ele podia fugir do ninho e descer pelos galhos da árvore. Com sorte, nenhuma das duas perceberia sua partida até ser tarde demais para capturá-lo. Kitai rastejou até a borda do ninho, mas antes que pudesse escalá-la, ele sentiu o galho balançando. Olhando por cima do ombro, ele viu outro leopardo aparecendo na ponta do galho. Outros mais estavam escalando o tronco abaixo.

O cadete olhou para os recém-nascidos no canto do ninho. Eles estavam piando para ele. Kitai não sabia por quê, mas sentiu-se obrigado a defendê-los.

Era loucura. Ele tinha a própria pele para salvar e a vida de seu pai também dependia dele. Mas não podia simplesmente deixar os pássaros recém-nascidos à mercê dos leopardos. Voltando para o centro do ninho, ele ficou na frente dos filhotes, com o alfanje preparado.

De repente, uma pata imensa surgiu por entre os galhos e quase acertou Kitai. Foi a primeira de muitas. Enquanto ele olhava, as patas surgiam debaixo do ninho em toda parte. Uma delas acertou um filhote. Os galhos do ninho começaram a se desfazer sob o ataque dos leopardos. Kitai usou a ponta da lança para furar um deles. O leopardo gritou quando a arma perfurou seu couro.

Então, uma parte inteira do ninho se soltou da estrutura principal. Os leopardos que estavam agarrados a ela caíram para o chão. Outra parte se soltou. E mais outra. Logo, só o que restava do ninho era o centro em forma de cuia. Antes que Kitai pudesse reagir, um dos leopardos subiu na borda e encravou a pata em um dos filhotes de ave. O cadete perfurou o leopardo e o viu se afastar novamente.

Mas havia outros, subindo em todas as direções. Kitai girou o alfanje, cortando a pata de um dos leopardos.

— Deixem-nos em paz! — gritou ele.

De repente, ele não estava sozinho na tentativa de defesa do ninho. O pássaro adulto, que havia enfrentado o primeiro leopardo, subiu ao ar com a perna traseira do leopardo no bico. Então, ele largou a criatura que caiu se debatendo até o chão. Livre agora, o pássaro atacou mais um leopardo por trás. Ele o arrastou para longe do ninho e o largou no ar, onde ele se tornou mais uma vítima da gravidade do planeta.

Enquanto isso, outro leopardo tentou atacar um recém-nascido. Durante o ataque, Kitai correu e trespassou o flanco do leopardo. Ele se encolheu com dor, ainda agarrado ao filhote, e caiu pela lateral do ninho.

Kitai e o pássaro adulto continuaram a combater os leopardos. Quando ele viu a última fera sendo jogada ao chão, estava respirando pesado e encharcado de suor. Ele olhou ao redor e não viu nenhum filhote.

Todas as cascas de ovos estavam quebradas e vazias.

Tudo isso por nada?, Kitai se perguntou.

Com um pio alto, a enorme ave mergulhou em direção ao ninho, certamente procurando seus filhotes. Eu tenho que ir, pensou Kitai. Mas ele ficou lá por um momento, com o alfanje na mão, desejando ter salvado pelo menos um dos filhotes. Finalmente, ele retraiu as pontas do alfanje e colocou de volta na mochila. Então, terminou de se arrumar e começou a descer da árvore. Não era tão difícil. Havia muitos galhos e plantas nas quais ele podia se segurar. Por fim, chegou ao chão.

Foi então que Kitai viu a ave em meio à folhagem. Estava parada, entre as carcaças de seus filhotes. Enquanto olhava, ela levantou a cabeça e gritou. Ele podia perceber a dor no som. A dor da perda. O som pareceu quase humano, ecoando pela floresta.

Novamente, a ave abaixou a cabeça e tocou seus filhotes mortos. Então, gritou outra vez, ainda mais alto. Kitai reconheceu o som, o sentimento de perda. Ele já havia sentido isso também, afinal. Todos na família sentiram. Ele olhou mais um pouco. Então, deixou o pássaro para trás, em sua tristeza, e voltou para a floresta.

Porém, antes de ir longe, ele percebeu que havia algo errado. Assustado, ele olhou para o próprio pulso e entrou em pânico novamente ao perceber que o naviband sumira. Devia ter se soltado quando um dos leopardos atacou. Era um novo problema que ele não precisava.

— Ah, não acredito! — gritou Kitai, frustrado. A mata ecoou de volta as palavras para ele.

Já era difícil o suficiente fazer o caminho pela mata com todos aqueles obstáculos, vivos ou não. Mas fazê-los sem um naviband funcional? Kitai olhou ao redor. Estava sozinho, isolado de seu pai, e não tinha ideia de quanto tempo teria até o sol se pôr.

Em pânico, ele correu pela floresta à frente, batendo nos galhos, tentando ganhar altitude para ver o sol antes que sumisse. Ele correu tão rápido e tão desesperado que se viu em um platô alto antes de perceber onde estava. Parando de repente, Kitai viu que estava no meio de ruínas antigas. Uma represa, pensou. Ele nunca vira uma, mas tinha lido sobre elas.

De repente, uma sombra passou sobre ele. Ao olhar para cima, viu o condor gigante no céu, passando pelo topo das árvores, voando desajeitado, quase furioso. Era uma visão assustadora. Será que ele estava tentando se autoflagelar porque tinha deixado os filhotes morrerem? Estava sentindo culpa? Tristeza?

É um pássaro, Kitai disse para si mesmo. Mas não era como nenhum outro pássaro que ele vira em Nova Prime. Ele evoluíra desde que a

humanidade deixara o planeta. Enquanto pensava nisso, o pássaro voou direto na direção do sol. Furioso. Definitivamente furioso.

Mas Kitai tinha mais com que se preocupar do que com o condor. Ele viu que sua respiração estava começando a se condensar no ar. A temperatura estava caindo rapidamente. O pássaro pode se dar ao luxo de voar pela floresta, de deixar suas emoções o dominarem. Mas eu não. Não se quiser sobreviver mais uma noite.

Kitai se aprumou e se controlou. Não podia entrar em pânico, ele não deixaria que as emoções o dominassem. Manteria a cabeça fria, não importa o que houvesse. Estava cansado. Estava perdido. Mas ia ficar bem. Concluindo que o pássaro saberia onde encontrar um local quente, ele foi atrás da criatura.

Não era fácil seguir uma criatura que podia voar, mas ele fez o melhor que pôde. Disparando pela floresta, ele correu na direção do que esperava que fosse uma zona geotérmica ou algum tipo de abrigo. Enquanto isso, o sol descia pelo céu como uma pedra.

iii

Cypher, preso na cabine da nave, sentiu uma onda de pânico quando a conexão com o naviband de Kitai foi cancelada de repente. Algo acontecera com o equipamento, ou pior, com seu filho. Furiosamente, ele digitou comandos, verificando uma sonda atrás da outra. Chegaram várias imagens até ele, de montanhas, selvas, praias... Mas Kitai não estava em nenhuma delas.

Ele tem que estar em algum lugar, pensou Cypher.

— Vamos lá — falou ele em voz alta. — Onde está você? Ele olhou as planícies cobertas de rebanhos de bisões evoluídos, matas cheias de folhagens estranhas, um rio correndo por uma floresta de pinheiros. Por mais que tentasse, não achou nenhuma imagem de seu filho.

Por favor, pensou, que ele esteja vivo. Esteja vivo...

Enquanto Kitai corria pela floresta, as plantas dos dois lados começaram a se fechar dentro de si mesmas. O mundo estava congelando novamente. Kitai olhava de um lado para o outro, mas não via nenhuma possibilidade. Então, conseguiu ver uma criatura que parecia um porco à frente. Até onde podia ver, o porco não parecia preocupado ou perdido. Parecia saber exatamente para onde ia.

Sem ter opções, decidiu segui-lo. Não era fácil. Ele precisava usar toda a rapidez e agilidade que tinha para passar por baixo de galhos e pular

por cima de pedras e troncos de árvores e forçar passagem por galhos cheios de folhas. Finalmente, Kitai viu a criatura entrando em um buraco no chão. Um instante depois, três outras criaturas menores da mesma espécie fizeram o mesmo.

O gelo era como uma onda, congelando tudo para onde ele olhava. Em questão de segundos, o frio o alcançaria. Kitai nem hesitou. Ele tentou mergulhar no buraco da criatura. Infelizmente, ele era muito maior do que as criaturas. Enquanto a floresta congelava, ele pegou uma pedra, desesperado e usou para cavar e tornar o buraco maior. Seus dedos ficavam mais gelados a cada segundo e ele cavou com toda a força. Finalmente, o buraco estava grande o suficiente para entrar. Bem na hora, Kitai enfiou o corpo por lá.

Ele pensou que encontraria uma toca, onde poderia se encolher com os porcos. Em vez disso, ele começou a escorregar por uma superfície lisa e úmida. E não foi pouco também. Ele deve ter escorregado uns dez metros antes de chegar em um lugar macio e com grama. Não que ele conseguisse enxergar lá embaixo. Só estava percebendo o que parecia.

Preciso de luz, pensou, e apertou uma parte de sua roupa. Instantaneamente, uma parte da roupa se iluminou, espantando a escuridão. Ele viu que a toca dos porcos era, na verdade, uma caverna com paredes lisas. Kitai caminhou por lá. A luz de sua roupa iluminou as superfícies de pedra, revelando uma coleção de belas pinturas rupestres. Uma delas mostrava um rebanho de bisões. Outra mostrava uma revoada de pássaros. Outra ainda mostrava uma caçada primitiva.

Kitai se perguntou qual seria a idade das pinturas. Muitos milhares de anos, sem dúvida. Uma, em particular, chamou sua atenção. Ela retratava um homem, aparentemente dormindo, cercado por diferentes animais.

Apesar da técnica tosca, havia muita beleza e majestade no lugar. Quando recuperou o fôlego, ele admirou tudo o que havia ao redor, apreciando o que era realmente: uma janela para o modo como os homens primitivos viam o mundo. Bem abaixo da caverna, que na verdade era apenas um bolsão na terra, um pequenino rio de lava se movia na escuridão. Kitai assentiu para si mesmo. É de lá que vem o calor.

De repente, ouviu um barulho, o som de algo sendo arranhado. Seguindo-o, ele viu uma cobra saindo de um furo na parede. Enquanto ele observava, a criatura esticou a pele dos dois lados do corpo como se fossem asas. Então, ela se levantou e voou pela caverna.

Kitai se afastou, colando as costas na parede. Mas a cobra não parecia interessada nele. Ela simplesmente pousou sobre um roedor que caminhava na escuridão. Com uma velocidade impressionante, a cobra se

enrolou no roedor e esmagou-o até a morte. Então, voou para longe com a carcaça da presa.

Kitai se aproximou do calor da lava. Com o alfanje de prontidão, ele encontrou um bom local e deitou. Finalmente poderia descansar o corpo. Mas não seria tão fácil descansar a mente. Ele precisava permanecer vigilante ali, como em toda parte da Terra. Ficou mais difícil depois que a luz da roupa diminuiu e se apagou.

Delirando, Cypher continuou sua busca pelas câmeras das sondas, por algum sinal de seu filho. Mas por mais que procurasse vezes seguidas, não encontrava nada. Nem uma indicação de que Kitai estava vivo. Então, Cypher o viu... ou pensou ter visto. Mas não. Ele só queria tanto ver Kitai que se convenceu de que o vira por um segundo.

Eu o perdi, pensou Cypher. Eu o perdi. E ele não aguentou. O peso de tudo pelo que ele estava passando, tudo o que fizera seu filho passar, era demais para ele. Ele sacrificara os dois filhos no altar Raige de orgulho e serviço.

Ele lutou contra o sentimento de desespero e voltou a procurar seu filho.

— Vamos lá — sussurrou ele fervorosamente —, vamos lá! Onde você está?

Não adiantava nada.

Relutantemente, com o punho balançando, ele apertou o botão do gravador da cabine.

— General Cypher Raige — começou. — A missão com o cadete Kitai Raige falhou. Eu...

Ele tentou prosseguir, mas não conseguiu. Com um suspiro, olhou para as pernas e para o sangue escorrendo delas e se acumulando no chão. Ao levantar novamente a cabeça, seu tom era outro. Mais suave. Mais humano.

— Esta é uma mensagem para a minha mulher. Faia, eu perdi o nosso filho.

Ela acharia isso um choque, sem dúvida. Como poderia um general não saber o que fazer?

Mas Cypher não se sentia mais um general. Ele se sentia indefeso, incapaz de ajudar seu filho nem sequer a si mesmo. Seus olhos, os olhos de um pai, começaram a se encher de lágrimas.

* * *

Kitai não percebeu quando a luz começou a encher a caverna. Depois de mais uma noite sem dormir, o tempo virava uma confusão na sua cabeça. Ele percebeu que podia ver sem a ajuda da roupa. Seu alfanje estava no chão ao lado dele, junto com o resto do equipamento. Só restava uma ampola do fluido respiratório.

Kitai olhou para as pinturas na caverna e sentiu uma inspiração repentina. Com a ajuda de uma pedra, ele desenhou sozinho um enorme mapa que cobria uma parede inteira. E traçou sua jornada, passo a passo desde que deixou seu pai na nave. Quando os detalhes ficavam complicados, Kitai se lembrava da voz de seu pai guiando-o para cada local, enquanto dava nome a eles: Pai. Babuínos. Rio. Cachoeira. Ninho. Eu estou aqui, eu acho. E, finalmente: A cauda está em algum lugar por aqui, em uma enorme área aberta do mapa.

Enquanto Kitai trabalhava, ele traçou um plano.

Não parou até ver a família de porcos saindo da caverna. Ele juntou suas coisas rapidamente e os seguiu para a luz do sol. Ao sair do buraco, a mãe porca olhou para ele como se dissesse "de nada".

Ele ainda estava se maravilhando com a inteligência da criatura quando viu uma enorme sombra passar por ele. Cobrindo os olhos e olhando para cima, Kitai viu a mãe condor circulando sobre ele.

Por quê? Será que está com fome? Provavelmente sim. Ele segurou o alfanje firme e começou a caminhar para o sul. Enquanto Kitai caminhava pela floresta, ele se sentiu vazio. Não dormira bem na caverna. Depois de um tempo, o olhou para cima novamente e viu que o condor ainda o estava seguindo pelo outro lado das árvores.

— Me deixe em paz! — gritou ele.

Mas não deu certo.

Finalmente, não mais contente em voar ao lado de Kitai, ela pousou em um galho acima dele. Olhando para cima, ele podia vê-la lá parada. Não havia dúvidas de que ela o estava observando. Mas quanto mais olhava para ela, mas a criatura lhe parecia apática, em vez de faminta. Parecia ainda estar sofrendo pela perda dos filhotes. Ainda assim, era uma criatura perigosa e Kitai queria escapar dela. Mas não podia. Estava desgastado demais. Ele caminhou como pôde, sempre de olho na criatura.

Estava diretamente abaixo do condor quando o chão começou a tremer. Kitai olhou para os lados, confuso. O que estava acontecendo? A cada instante, o barulho ficava mais alto, como pedras rolando de uma encosta, e o chão tremia mais violentamente. A roupa de Kitai ficou preta novamente.

De repente, um rebanho de criaturas de quase dois metros apareceu no meio da folhagem. Para Kitai, pareciam uma espécie de ocapis evoluídos.

Ele se jogou para fora do caminho da primeira criatura, mas foi instantaneamente pego pelo estouro da manada. Um deles o acertou e o jogou para a esquerda. Depois, o seguinte o acertou e o jogou no chão. Cascos poderosos pisotearam o chão ao redor dele, deixando de acertá-lo.

O som da manada era ensurdecedor e Kitai lutou para se levantar. Mas havia boas notícias: havia uma parte aberta logo à frente, por onde as criaturas não estavam passando. Se ele se mantivesse lá, talvez ficasse bem. Então foi atingido novamente com força. Sem conseguir se manter de pé, ele caiu entre os cascos outra vez. É isso, pensou. Acabou pra mim.

De repente, Kitai sentiu algo o agarrando e levantando ao ar. Olhando para baixo, ele percebeu que estava flutuando acima dos ocapis, cada vez mais alto e longe da manada. Os ocapis avançavam pelo campo sem parar. Daquela altura, Kitai podia ver como o terreno era verdejante. E podia ver como a manada pisoteava incessantemente.

Mas não eu, pensou. Eles não estão me pisando. Ele estava seguro. De alguma maneira.

Kitai conseguiu visualizar algo brilhando a distância, algo metálico, feito pelo ser humano, destacado no cenário. Ele se perguntou o que seria, por um momento.

Então, caiu em direção ao chão.

E o chão veio em sua direção mais rápido do que ele poderia esperar. Ao atingi-lo, ele rolou e, por sorte, não bateu em um par de árvores colossais quando passou por entre elas. A próxima coisa que percebeu era que havia parado e, por mais improvável que parecesse, estava intacto. Tonto, e desnorteado pela cambalhota que deu, ele conseguiu ficar de pé. E olhou ao redor.

O que aconteceu?, Kitai se perguntou. Em um segundo ele estava sendo esmagado por cascos e no seguinte, estava sendo erguido no ar. Enquanto se perguntava, ele viu movimento entre as árvores. Então, viu o que o salvou dos ocapis. O condor gigante estava pousado em uma árvore, bem acima, olhando para ele.

Kitai olhou para ele, ainda cheio de adrenalina. Com o pescoço duro pela queda, ele mexeu para os dois lados para aliviar a dor. Para sua surpresa, a ave fez o mesmo. Será que eu vi o que acabei de ver?, se perguntou ele. Ficou parado e olhou para o pássaro. Então, moveu a cabeça de lado novamente, dessa vez, intencionalmente. E, de novo, o condor gigante fez o mesmo movimento. Kitai sorriu e agradeceu. Obviamente, esse pássaro não era como os de Nova Prime.

Era muito mais do que isso.

Com essa descoberta em mente, ele voltou para a selva, se virou e correu.

Algum tempo depois, Kitai se aproximou das margens de um rio. Sua roupa estava cor de ferrugem novamente. Exausto, ele largou o equipamento no chão. Remexeu a caixa com o fluido respiratório. Por um momento, ele pensou que fosse desmaiar. Então, fechou os dedos ao redor do último frasco. Kitai olhou, sabendo o que significava. Depois de usá-lo, não teria mais fluido respiratório. Nenhum. Mas que escolha teria?

Como seu pai o ensinara, ele aceitou o conteúdo da última ampola. Então, se sentou. Mesmo com o oxigênio correndo pelo sangue, ele estava muito cansado. Seria mais fácil simplesmente desistir. Tão fácil...

Enquanto Kitai pensava, ele viu um tronco flutuando pelo rio. Ao vê-lo, ele teve uma ideia. Olhou ao redor e viu um grupo de árvores caídas na margem do rio. Ele lutou para ficar de pé, se aproximou de alguns cipós dependurados das árvores e começou a cortá-los.

Em pouco tempo, ele criou uma pequena jangada feita de troncos de árvore caídos e cipós amarrados. Levou até a margem do rio. Então, deu um impulso e subiu na jangada. A correnteza puxou a jangada pelo caminho e Kitai percebeu que a água estava cheia de vida. Ele ficou de pé no centro dela e usou um galho que encontrara como remo.

Estava tão fascinado pelos peixes que passavam pela água que quase deixou de perceber outra coisa: uma anaconda de mais de dez metros que nadava preguiçosamente ao lado da jangada. Kitai controlou o medo. Ele segurou a respiração pelo que pareceu uma eternidade, torcendo para que a cobra não tentasse virar a jangada. Eventualmente, a coisa passou direto por ele.

Ele respirou fundo e soltou lentamente. Fora a cobra, o rio era bem pacífico. A mata era fechada e abundante nas duas margens, com as folhas chegando até a água. Kitai se permitiu relaxar, deitar-se de costas. O cenário incrível passava ao lado dele.

Sem energia, fadigado, ele aproveitou a oportunidade para fechar os olhos pela primeira vez em quase vinte e quatro horas. Os sons da natureza davam sono e o balanço do rio dava vontade de dormir. Não, pensou. Preciso ficar acordado. Mas não conseguiu. Lentamente, ele pegou no sono...

Então, sentiu uma mão tocando em seu braço gentilmente e uma voz feminina dizendo:

— Acorde.

Kitai abriu os olhos e viu sua irmã, Senshi, sentada na balsa com ele. O cabelo dela estava pendurado para o lado. Acariciando seu rosto gentilmente, ela disse:

— É hora de você acordar.

Ele olhou e sorriu para ela.

— Oi.

Kitai se perguntou como ela poderia estar com ele naquele momento na Terra. Mas estava cansado demais para questionar. Só aproveitou a oportunidade de ver o rosto dela, que ele não via há muito tempo. Desde a morte dela. De repente, ele sentiu uma pontada de culpa.

— Eu estava prestes a sair, naquele dia — explicou ele.

Sua irmã sorriu e balançou a cabeça.

— Não, não estava. Mas você fez a coisa certa.

Foi bom ouvi-la dizer aquilo. Mas isso não tirou todo o peso, ainda não.

— Nosso pai disse que eu deveria ter tentado.

— Ele só está bravo consigo mesmo — explicou ela. — Só isso.

— Por que você não conseguiu desvanecer?

A irmã dele olhou para baixo e tocou o rosto dele novamente.

— Você está perto agora.

— Estou? — Ele ficou surpreso por ela dizer isso.

— Você está com medo? — perguntou Senshi.

Estava?

— Não — concluiu ele. — Eu estou cansado.

— Isso é bom. Você encheu seu coração com outra coisa. Agora você tem que se levantar.

Kitai olhou para ela.

— Eu decorei uma parte de Moby Dick. — Ele pensou que isso a agradaria e a convenceria a ficar mais um pouco.

Mas a única coisa que ela fazia era repetir:

— Kitai, levanta.

Talvez ela não acreditasse nele. Bem, se ela não acredita, eu vou provar pra ela.

— "Tudo o que mais enlouquece e atormenta" — começou ele a citar o livro —, "tudo o que desfaz a ordem das coisas".

Senshi assumiu uma expressão preocupada.

— Kitai, acorda. Tá na hora de você acordar.

Ela o estava distraindo. Kitai cobriu os ouvidos para poder se concentrar.

— "Toda verdade que contém malícia."

Senshi falou novamente, cada vez mais urgente:

— Kitai, acorda.

Ignorando-a, ele continuou

— "Tudo o que racha a espinha e embaça o cérebro."

A irmã olhou para baixo, como se tivesse aceitado o fato de que seu irmão não podia ouvi-la. Seu cabelo estava pendurado em frente ao rosto. Então, ela olhou para cima novamente e seu rosto estava rasgado e sangrando como no dia em que o Ursa a atacou. Com os olhos arregalados, ela gritou, com a voz cheia de medo e dor:

— Acorda!

Kitai despertou. Desorientado, ele olhou ao redor. A floresta estava congelando. O rio já estava meio congelado. A balsa estava encalhada num banco de areia. Kitai xingou, com raiva. A floresta estava ficando cinza. A parte inferior resistente das plantas tinha se transformado em uma carapaça contra o frio. Ele perdeu um tempo crítico. Só havia uma maneira de compensar. Ele se levantou e correu como um louco. Mas a cada passo, a temperatura caía. As plantas e as árvores ao redor estavam ficando frigidamente brancas. O gelo estava se formando sobre seu lábio e sobre sua cabeça.

Ainda assim, ele continuou correndo, mexendo os braços e as pernas. Sua roupa começou a congelar, mas isso não o parou. Então, mais à frente, alguns galhos começaram a se quebrar. Pedaços de mato voaram e caíram no chão. Kitai estava tremendo violentamente, com os braços enrolados no corpo, mas não ousou prosseguir até ver o que estava causando a bagunça.

Então, ele avistou. Mais à frente, no alto das árvores, havia um pássaro como aquele que ajudara a proteger o ninho. Ou tentara ajudar a proteger. Ele olhou enquanto a criatura quebrava um galho folhoso depois do outro e os deixava cair ao chão.

Kitai queria saber por quê.

Ao mesmo tempo, o chão da floresta começou a congelar. Kitai caiu de joelhos e para a frente. Logo depois, seu rosto atingiu o chão duro e gelado. Ele sentiu o gelo se formando em seus cílios. O rosto dele estava gelado, tão gelado. Tudo à sua frente se tornou um borrão. Ele teve a vaga impressão de ver garras escavando a terra, da selva virando gelo, de sua roupa ficando mortalmente branca. Então, viu uma confusão de asas escuras e chegou à conclusão de que a ave gigante iria matá-lo.

Meu alfanje. Se ao menos eu pudesse pegar meu alfanje...

Foi a última coisa na qual ele pensou antes de cair na escuridão.

933 DT

Nova Prime

i

Os meses em Nova Prime tinham os nomes dos países da Terra. Brasil era o mês mais úmido na Cidade de Nova Prime, apesar de isso não querer dizer muito. O índice pluviométrico era de quase sessenta milímetros, duas vezes mais do que a média dos outros meses. Ela não ajudava a conter a poeira onipresente que era espalhada pela brisa constante e havia uma explosão de cores nos jardins floridos em toda parte que ganhavam nova vida de repente.

A primavera certamente estava no ar e ela trouxe um sorriso raro para o rosto de Khantun Timur Raige. Junto com o clima levemente úmido, vinha o término de mais um ano de treinamento de cadetes. Nessas alturas, a última rodada dos Jogos de Guerra estava terminando em algum lugar nos penhascos fora da cidade. Ela chegara no dia anterior e observara silenciosamente enquanto a equipe Azul parecia estar pronta para triunfar, mas o relatório noturno mostrava que a equipe Vermelha tinha manobrado melhor do que eles. Se a equipe Verde fosse esperta, deixaria as duas lutarem e passaria despercebida para a vitória.

Em poucas semanas, haveria uma cerimônia de graduação e outra dúzia de Guardiões estaria colocando seus uniformes para ir ao trabalho. Essa era a época favorita do ano para ela, a promessa de grandiosidade enchia o ar junto com a de renovação de dedicação aos ideais da humanidade. Ela ficava maravilhada como havia se passado quase um milênio desde que seus ancestrais saíram da Terra e recomeçaram a vida. Apesar das adversidades inesperadas e do ambiente mais severo do que o planejado, eles estavam cada vez mais fortes. Cabia a ela, como general-comandante, mantê-los fortes e assegurar que o planeta ficasse bem-protegido.

Desde que assumira o escritório dezesseis anos antes, quase todo o tempo que ela tinha era gasto preparando o planeta para a batalha, deixando-o pronto e atento. O último ataque dos Ursas acontecera em 880, então ela previa que o próximo ataque chegaria nas próximas décadas. Nessas alturas, eles eram esperados como os eventos climáticos centenários e, assim como eles precisaram construir estruturas contra

tempestades e terremotos, eles também precisavam garantir que haveria abrigos para a população crescente e que o sistema de alerta de satélites fosse constantemente monitorado e melhorado. Satélites defensivos foram enviados desde o último ataque, na esperança de reduzir o número de Skrels que ousariam atacar Nova Prime. Tais preparações estavam completamente desorganizadas quando ela assumiu o posto de Nathan Kincaid, que nunca deveria ter aceitado a promoção, para começar. O mandato de cinco anos fora uma bagunça, e quando ela recebeu o trabalho, tornou a preparação sua maior prioridade. Levou tempo e esforço, e eles precisaram puxar muito o saco do controle geral dos Savant, mas conseguiram.

Quando ela assumiu, tornando-se mais uma na longa lista de Raige que já ocuparam o posto, ela decidiu priorizar os Guardiões e sua vida. Sabendo o quão desgastante era o trabalho, ela rapidamente engravidou, sem nunca declarar publicamente quem era o pai, para que também pudesse conhecer a maternidade. Brom nasceu um garoto saudável e cresceu cercado pela família extensa, que ajudou a criá-lo. Depois de ter riscado isso da lista, ela se certificou de manter os Guardiões como sua prioridade. Isso significava que Brom frequentemente ia visitá-la depois da aula, já que ela muitas vezes não tinha tempo de voltar para casa. Ele fazia o dever de casa enquanto ela conduzia reuniões ou enquanto vistoriavam as tropas pelo crescente número de comunidades. Agora adolescente, ele já estava ansioso para se inscrever nos Guardiões.

Raige se concentrou em seus planos para os ancoradouros, as válvulas de segurança que estavam finalmente sendo construídas durante o último século em mundos habitáveis no braço Carina-Sagitário da Via Láctea. Heliópolis fora aberto para uso quatro anos antes e ela havia agendado uma inspeção para o final do ano. Ela visitara Lycia e Iphitos, mas precisava fazer uma grande vistoria nos seis. Brom aprenderia muito ao conhecer esses lugares, pensou ela. Qualquer um dos ancoradouros prometia refúgio para os quase cinco milhões de habitantes de Nova Prime, mas o que ainda faltava eram naves para transportar todos eles, quiçá a vida selvagem.

Com Heliópolis riscada da lista enorme de coisas por fazer, ela precisava encontrar-se com o Savant Bruch e com o presidente das Indústrias Tähtiin, Nelson Ben-Greiner. Os planos para estocar materiais e os planos para construção rápida precisavam ser a próxima prioridade. Com o programa de ancoradouros terminando por enquanto, deveria haver uma quantidade suficiente de mão de obra e recursos para a tarefa. Ela parou à sombra de um dos assentos da praça central e consultou as anotações de seu naviband.

Sua última parada antes de entrar no quartel-general dos Guardiões era em seu vendedor de rua favorito, onde gostava de beber um chá quente e ouvir as últimas novidades das ruas. Conversar com Raj sempre a fazia se sentir mais conectada com o que estava se passando pela cabeça das pessoas que ela jurara proteger. Uniformizada, ela raramente tinha a chance de ouvir a verdade nua e crua da população, então, ela absorvia o que podia das fontes confiáveis, começando quase todas as manhãs com Raj.

— Aqui está — disse ele, virando um bule de chá com algo fervendo, cheirando a canela. — Acabou de chegar da guilda dos fermentadores de chá, é uma novidade.

— Eu quero meu oolong de sempre — reclamou Raige, aceitando uma xícara assim mesmo.

— Tente alguma coisa diferente — instruiu ele. — Viva um pouco.

— Pelo menos o cheiro é bom — declarou ela, deixando o aroma a encobrir. — Então, o que há de novo?

— Esse chá, pra começar — respondeu Raj, com um sorriso. Ele tinha quase 70 anos e plantara e vendera chá a vida inteira, começando em uma colônia mais ao norte, mas indo para a cidade quando seus filhos ficaram adultos. Ele já vendia chá para Raige muito antes de ela ser nomeada GC, portanto, era um companheiro confiável.

— A nova performance de Let Me Help parece ser muito boa. Dizem que Mouly está incrível à frente do grupo.

Raige grunhiu ao ouvir isso. Não era fã de artes, mas se o espetáculo estava sendo revisto, ela ficava feliz que estivessem respeitando o trabalho do último século e fazendo bem-feito.

— Há pessoas falando em se mudar permanentemente para Olimpo — comentou Raj. — É o Movimento pela Segurança acontecendo outra vez.

Ela assentiu ao lembrar-se do momento em que o primeiro ancoradouro abriu: muitos solicitaram realocação para colonizar o planeta. Neste momento, os ancoradouros eram somente postos de exploração e pontos de evacuação de emergência. Uma mudança para o próximo braço da espiral galáctica era consideravelmente mais complicada do que uma mudança de continente. A proposta aparecia vez ou outra, mas os líderes do triunvirato acabavam com a discussão rapidamente. Esperança (ou medo) é uma fonte eterna.

Como recompensa, ela tomou um bom gole do novo chá, que já tinha esfriado o suficiente. Tinha um sabor suave, apimentado. Talvez doce demais para o consumo diário, mas certamente não era ruim.

— Isso é muito gostoso, Raj, obrigada. Mas eu vou ficar com o de sempre — avisou Raige, seguindo para a base de operações dos Guardiões. Ela não havia andado mais de três metros quando seu naviband começou a

vibrar. Uma olhada rápida mostrou tudo vermelho. Algo grande estava acontecendo.

Ela correu para dentro, entregando o chá para o segurança na entrada, que bateu continência assim que a viu.

A caminho do escritório, desejando poder se teleportar para lá, a GC estudou o alerta. O sistema de satélites detectou a aproximação de naves Skrel. Eles estavam adiantados. Ela não os esperava ainda por algum tempo. Isso a preocupava, ao mesmo tempo que ficava satisfeita pela melhoria do sistema de vigilância realmente ter funcionado e, agora, eles terem tempo de se preparar.

Passando direto pelo escritório, ela foi para o centro de comando tático, onde todos os retornos eram recebidos e analisados. Quando ela entrou, as luzes já estavam baixas e havia uma corrente de vozes se comunicando. A tela holográfica mostrava um mapa do sistema solar com pontos vermelhos demarcando os satélites. Grandes luzes roxas no limite do sistema marcavam os Skrel. Ela contou seis naves, talvez mais.

— Situação? — perguntou ela.

Só então a maioria deles percebeu que a GC estava entre eles. Sua secretária, a tenente Strongbow, chegou com um tablet nas mãos.

— Eles apareceram na tela há dez minutos e devem chegar em Nova Prime em três dias, seis horas e quatorze minutos.

— Estão com pressa — comentou Raige com a morena alta. Strongbow sabia que era melhor se ater aos fatos.

— A nave Skrel da ponta parece estar alvejando os satélites no caminho.

— Nós abrimos fogo?

— A primeira ficará ao alcance em breve — relatou Strongbow.

— Coloque na imagem principal — ordenou ela. Imediatamente, um mapa tático do sistema solar apareceu no meio da sala. Havia informações sensoriais suficientes para formar a silhueta da nave Skrel, lembrando aquelas que chegaram mais de setecentos anos antes. Formas largas e arredondadas na frente e caudas pontudas com cabos soltos na parte inferior. Sem nenhum cadáver Skrel como referência, ninguém podia estimar a escala ou determinar quantos estariam dentro de cada nave. O que preocupava Raige e os outros era o poder de fogo deles. O quanto melhoraram desde o último ataque?

— Abrir fogo — ordenou. Várias vozes aceitaram o comando e a espera começou.

Longos minutos se passaram até que o primeiro míssil F.E.N.I.X. fosse lançado... e obliterado antes de atingir o alvo.

— Isso acaba com a nossa inteligência. Droga, eu sabia que

precisávamos de naves de guerra — disse ela, não pela primeira vez. Enquanto no último século eles viram surgir uma nova geração de naves com motores Lightstream, todas eram projetadas para viagem em espaço profundo e para o uso de buracos de minhoca que levavam ao próximo braço espiral. Todos os recursos foram destinados a elas e aos ancoradouros, quando seus antecessores reconheceram que precisariam de uma frota de naves de guerra para manter a batalha no espaço. Se o esquadrão Varuna tivesse essas naves, a última leva dos Ursas teria morrido no vácuo. Mas os recursos, mesmo depois de quase mil anos, ainda eram cuidadosamente distribuídos. O sistema tinha seus asteroides para minerar, mas diferente dos que calmamente circundavam o sol, esses eram mais difíceis de domar e acessar. Portanto, cada pedacinho de minério precisava ser alocado cuidadosamente.

— Estou com o Savant e o Primus na linha — avisou Strongbow.

— Eu darei notícias assim que tiver alguma coisa a dizer — gritou a Rainha de Ferro. Todos os vestígios da personalidade amistosa de Khantun sumiram. Agora, ela era uma guerreira concentrada, pronta para a batalha. A GC nunca perguntou aos pais por que eles escolheram o nome Khantun, que significava Rainha de Ferro, mas estava determinada a fazer jus ao próprio nome.

Pelos minutos seguintes, com os olhos praticamente estáticos, agora confirmando oito naves idênticas, a general-comandante foi informada sobre a velocidade, ponto de entrada no sistema solar, ângulo estimado de órbita e especulações sobre a possibilidade de terem trazido as criaturas mortíferas consigo. Ruth Strongbow fez anotações e reuniu a equipe de comando na sala adjacente. Enquanto isso, algumas folgas concedidas foram revogadas e todos os Guardiões foram colocados em alerta. Seguindo uma série de protocolos exaustivamente treinados durante os últimos quinze anos, os Guardiões começaram a verificar os suprimentos, baterias, kits de primeiros socorros e, obviamente, seus alfanjes. Amanhã, o esquadrão decolaria e começaria patrulhas extensivas. O alerta de abrigo não seria soado até os Skrel estarem a um dia de distância, tempo suficiente para todos se prepararem, mas não longo o suficiente para causar pânico e problemas desnecessários.

Raige ficou satisfeita com a inteligência que chegava e com as projeções.

— Confirme esses dados com o Savant — instruiu ela a Strongbow. — Eu vou me reunir com o Savant e o Primus em duas horas. Peça a alguém para levar Brom para Mama Sam.

Strongbow recebeu as ordens e começou ordenando ao Guardião mais próximo para pegar o filho da GC e entregá-lo para Samantha Raige, a mãe

de Khantun. Depois que o garoto estivesse seguro, Strongbow sabia que Raige se concentraria totalmente nos Guardiões. O pai dela, Mark, fora o GC no passado, mas foi ferido em serviço e ficou basicamente paralisado. Brom era um garoto inteligente e podia ajudar a tomar conta do avô enquanto Samantha podia garantir que o garoto não fizesse nenhuma besteira.

Os preparativos agora estavam bem encaminhados, mas a espera pela chegada dos Skrel deixava todos desconfortáveis. Todos menos a Rainha de Ferro. Ela mostraria a eles como é que se faz.

ii

O Primus Jon Anderson era a imagem perfeita do homem religioso. Era alto, com uma expressão sábia e grandes sobrancelhas negras que ajudavam a animar sua expressão. A barba grisalha dele se estendia quase até o peito. Anderson carregava um cajado que se tornara símbolo de seu ofício, mas também servia para esconder um leve mancar. Suas vestimentas de trabalho estavam sempre imaculadas e seu chapéu brilhava na luz do sol.

Hoje, ele parecia amarrotado.

Ele não dormia há dias e, ao que parecia, também não trocava as vestimentas ou tomava banho. A barba do homem era um grande emaranhado, fazendo-o parecer mais selvagem do que sábio. Um leve odor de suor emanava do tecido, aliando-se ao ar desgastado da sala do conselho. Um prato de comida permanecia intocado à frente dele, ao lado de uma taça de vinho cheia. Nem sequer piscava e Raige chegou a pensar que ele estaria catatônico. E estava bem perto disso.

A contraparte dele, o Savant Eric Burch, pelo menos colocou um jaleco limpo e luvas violeta. Ele ao menos parecia ter dormido mais de uma hora.

Os três líderes de Nova Prime estavam sentados em silêncio enquanto telas holográficas ao redor deles mostravam detalhes da devastação que começara três dias antes. Quando ficou claro que os Skrel estavam atacando, eles saíram de sua frágil sala de conselho e prepararam as operações em uma sala de conferências perto do hangar dos Guardiões, tão encravada na montanha que se torna um alvo difícil de acertar. Era um lugar fechado, o que ainda se somava ao ambiente fétido, com uma decoração simples que combinava com o humor dela.

Khantun sentia que tinha falhado com todos eles. Ela preparou os Guardiões e o povo para uma nova leva de Ursas, mas ficou em choque

quando oito naves entraram na atmosfera e começaram a disparar seus raios de energia.

Eles levaram mais de um dia para entender que havia um padrão de voo das naves Skrel. Estavam soltando bombas incendiárias em todo o continente. As bombas se enterravam e eram programadas para explodir quando recebessem pressão. Primeiramente, todos pensaram que fossem animais sendo derrubados do céu, mas depois ficou claro que eles mesmos estavam ativando os aparelhos. O Savant Burch relatou que eram necessários apenas alguns gramas para que o aparelho detectasse e explodisse com força suficiente para matar qualquer coisa em um raio de meio metro, o que significava que era bem mortífero.

Os números de mortes eram incalculáveis.

— Isso é diferente de tudo o que nós enfrentamos nos últimos séculos — comentou Burch.

— O que você quer dizer? — perguntou Anderson.

— O Savant está se referindo ao fato de que, em 243 os Skrel foram bem seletivos quanto aos alvos. Os sistemas de mira deles eram incrivelmente precisos. Miravam sempre em nossas construções. Ou em pessoas. Ou no gado. Mas nunca no planeta em si.

— E isso aconteceu mais de uma vez? — perguntou Anderson.

— Sim — respondeu Burch, finalmente participando outra vez da conversa. — Em 350, eles voltaram e atiraram outra vez, contra nós. Nunca contra o planeta. Seu antecessor escreveu uma tese, especulando sobre por que o planeta sempre ficava intocado. Você deveria lê-la algum dia.

— Desde então, os Skrel passaram a vir até aqui, depositar os Ursas, evitar os disparos de nossos canhões e sair da atmosfera o mais rápido possível — completou Khantun. — Isso desafia tudo o que nós treinamos e nos preparamos para enfrentar.

— Suas naves não têm poder de fogo, não é?

— Não, Primus. Elas não foram projetadas para enfrentar ameaças no espaço. O mesmo ocorre com a frota Suijin. As naves Skrel nunca se aproximaram das vias d'água. Eu guardei as naves para que não se tornassem alvos e realoquei a equipe.

Ela se condenou por ter sido pega de surpresa. Mas, na realidade, como poderia saber que eles decidiriam abrir fogo pela primeira vez em seiscentos anos? Ainda assim, a Rainha de Ferro estava se sentindo vencida e isso a irritava.

Todas as naves voadoras disponíveis estavam sendo usadas para disparar as armas que tivessem contra as oito naves que se espalhavam por todo o continente, atacando a Cidade de Nova Terra e alvejando as pessoas que ignoraram as ordens de se abrigar, pensando que as menores

cidades não seriam alvos. Tähtiinville, onde eram fabricadas as naves espaciais, virara uma ruína fumegante.

Tudo deu errado. Todos os planos e preparações da última década foram inúteis. As pessoas estavam morrendo, os Skrel estavam vencendo e, dessa vez, eles não precisavam dos Ursas.

— Nós precisamos de uma arma de destruição em massa — declarou ela.

— E quanto às bombas F.E.N.I.X.? — perguntou o Savant, empurrando o prato para longe. — Quantas ainda restam?

Burch parou, consultou uma tela à frente dele e levantou quatro dedos.

— Só vão nos restar pedras para arremessar contra eles. Nós temos muitas delas e são tão efetivas quanto as bombas contra eles — resmungou a Rainha de Ferro. — E quanto aos aprimoramentos? — perguntou ela, se recusando a parecer fraca, mesmo que só eles três estivessem na sala.

— Estamos trabalhando neles, mas a escala está se mostrando difícil. Ninguém olha aqueles planos há décadas. Afinal, as malditas naves descem, largam a carga e vão embora rápido demais para nossas baterias acertarem-nas.

— E o que estamos fazendo quanto a isso?

— Meu pessoal mais qualificado está trabalhando no projeto — respondeu.

— Isso não está dando certo — disse o Primus. — Vamos todos morrer.

— Eu não quero ver você perdendo a fé agora. Não com tanta gente lá fora esperando o seu conselho — declarou Raige, com um tom que não dava margem para discussão. — Seus discursos para os desabrigados está dando a eles algo a que se agarrar. É a única coisa que você pode dar a eles que eu não posso. E que ele não pode.

Raige estava frustrada pela falta de um plano, pela falta de ação. Se ela pudesse, pegaria um jetpack, seu alfanje e encararia os Skrel nas próprias naves, nos céus da cidade. Já que o jetpack ainda estava em desenvolvimento em Mirador, a base de operações dos Savants, ela só tinha a opção de controlar as coisas em seu alcance.

Então, tocou no controle e falou ao microfone.

— Aqui é a general-comandante. Strongbow, envie equipes para as armas F.E.N.I.X. terra-ar e deixe-as preparadas para atirar outra vez. Envie um batedor para Mirador para ficar de olho nos aprimoramentos. Depois, entre em contato com a Defesa Civil. Mande-a verificar os abrigos um por um. Certifique-se de que as pessoas estão em segurança. Emergências

médicas são as únicas que têm permissão para deixar o abrigo. Eu quero a Defesa Civil junto com os Guardiões andando pelas ruas.

— Comandante, aqui é Skyes. Strongbow está morta.

Raige ficou atordoada. Ela piscou e se sentou novamente.

— Como?

— Estava trazendo suprimentos de um estoque quando uma das bombas estourou.

— Quando?

— Noite passada.

Droga. Será que ela estava tão envolvida na missão que só foi sentir falta de sua secretária agora? Aliás, será que ela recebeu confirmação de que Brom chegou à casa de Mama Sam? Ele deve ter chegado, pensou. Acima de qualquer coisa, agora era hora de manter-se concentrada na missão, e esta estava longe de ser cumprida.

— Lamentaremos mais tarde, sargento. Você pode cumprir as ordens que dei?

— Afirmativo.

— Então o faça. Parabéns, você é meu novo secretário. Depois de cumprir as ordens, troque as rotinas de trabalho, pegue os materiais de Strongbow e prossiga.

Ela voltou a atenção ao Primus.

— E eu preciso que você mantenha o povo calmo. Estamos em um ponto da batalha que o medo e os boatos espalhados podem nos prejudicar tanto quanto uma bomba Skrel.

Anderson assentiu.

— Isso é um fardo pesado demais.

— Eu sei, ninguém pode treinar você pra isso. Você consegue fazer isso ou não?

— Eu tenho escolha?

— Na verdade, não. Mas eu tenho uma sugestão.

Raige estudou a expressão do Primus, tentando antecipar a sugestão.

— Assuma o controle. Lidere-nos.

Isso não era o que ela esperava.

— Olha, essa é uma boa ideia. Assim eu posso me concentrar mais no trabalho com a tecnologia F.E.N.I.X. se não tiver as outras demandas — respondeu Burch.

— Vocês lembram quando foi a última vez que uma única pessoa exerceu os três cargos? — perguntou Khantun.

— Sim, foi em um momento em que estávamos despreparados e precisávamos de um líder único para nos levar à frente. Se bem me lembro, também era uma Raige. Sua família parece trazer a liderança no sangue.

Então, nos lidere — concluiu Burch.

— Amém — adicionou o Primus, suavemente.

— As pessoas precisarão saber que eu estou no comando. Eu e mais ninguém. Então eu aceitarei o cargo, mas como Imperator.

Anderson olhou para ela confuso.

— Você não se lembra da história do seu mundo, Anderson — comentou Burch. — Por volta de 200 DT, nós tivemos um Imperator e as coisas não acabaram muito bem para ele. Foi por isso que a ancestral da general-comandante recusou o título quando assumiu o controle. Mas eu acredito que precisamos do título agora. Pode usá-lo com orgulho.

A Rainha de Ferro ficou de pé, encarando-os. Pela primeira vez em horas, se não em dias, havia certeza nas expressões deles. Ambos queriam que ela tomasse o controle, liderasse o povo, ou morresse tentando.

Tocando em um controle na mesa, ela disse:

— Computador, a partir deste momento, Khantun Timur Raige não será mais general-comandante.

— Entendido — respondeu a inteligência artificial.

— Iniciando imediatamente, Khantun Timur Raige deverá ser listada como Imperator. Todos os comandos da Cidadela e de Mirador passarão pelos protocolos dos Guardiões.

— Entendido — repetiu o computador.

A Rainha de Ferro foi aposentada e no lugar dela estava a Imperator de Nova Prime, encarregada de proteger o povo do planeta e expulsar os Skrel do céu.

Khantun se aproximou da tela holográfica e viu uma das naves Skrel mergulhando para perto da cidade.

Ela pegou um pequeno aparelho que controlava remotamente a estação.

— Aqui é Raige. Armadas Veruna Alfa e Gama, convergir no alvo noroeste do centro médico. Mirem nas portas de exaustão

— Entendido, general-comandante — respondeu uma voz feminina. — Nós temos confirmação de onde fica exatamente?

— Usem as imagens térmicas para encontrar as emissões de calor. Mirem nos pontos mais quentes e abram fogo.

— Entendido.

Isso nunca fora tentado antes, mas agora era a hora de não ser mais ortodoxos. Se os Skrel entrariam nesse jogo, ela jogaria para ganhar. Silenciosamente, ela estudou dois pontos roxos que representavam os esquadrões de naves convergindo na grande nave Skrel, que estava se posicionando de forma a transformar o centro médico em ruínas.

Os pontos roxos se aproximaram do vermelho a uma velocidade

impressionante.

Khantum se pegou segurando o fôlego e se forçando a exalar pelo nariz. Suspiros profundos.

Os pontos roxos tocaram o ponto vermelho, que sumiu da tela.

— Alvo abatido — declarou a voz feminina.

— Belo tiro — elogiou a Imperator.

Antes que pudesse dar outras ordens a eles, o novo secretário entrou na sala de guerra e entregou a ela o tablet. Escrito na tela estava uma nota de Brom, seguro na casa de Mama Sam, perguntando sobre uma pasta que tinha perdido. Khantun se permitiu um momento muito breve de alívio.

O filho de Khantun estava seguro e o planeta também ficaria.

1000 DT

Terra

i

A escuridão abriu espaço para a luz e o sol começou a brilhar sobre o horizonte. Kitai se assustou ao acordar. Ao tentar se mover, ele se sentiu preso. Esticou-se e sentiu que estava preso debaixo de alguma coisa. O pânico forçou seus olhos a se abrirem e um raio de sol da manhã que brilhou por um buraco quase o cegou. Ele lutou contra o que o estava confinando. Forçado a rastejar, o jovem se moveu na direção da luz, que prometia ser a saída.

Ele estava dentro de um buraco coberto de folhas, empilhadas e grossas, mas ainda assim conseguiu escapar. Com as duas mãos, ele abriu caminho por entre as folhas, alargando o buraco e finalmente rastejando para a liberdade. Recuperando o equilíbrio, Kitai olhou para o céu por um instante, percebendo as nuvens espessas e o azul do céu que refletia o sol. Ele sempre esperava que um segundo sol aparecesse a qualquer momento, mas isso só acontecia em casa, e ele estava preso lá na Terra.

Kitai ficou distraído olhando sua respiração se condensar em uma névoa e percebeu o quão frio ainda estava, apesar de o calor do sol já estar derretendo rapidamente a cobertura de gelo ao redor. Lentamente estudando as redondezas, ele deu uma volta e se assustou ao perceber que em cima do ninho improvisado estava o condor gigante. O pássaro agora era uma figura amistosa. Ele se aproximou, tocou o animal e disse:

— Oi.

Tocando mais uma vez, ele acrescentou:

— Obrigado. — Mas ela não se mexeu. Na verdade, não mexia um músculo no ar frio ou sequer parecia estar respirando. Horrorizado, Kitai examinou o pássaro protetor e percebeu que ele o havia coberto no ninho e o mantido quente sentando-se sobre ele, expondo-se ao frio. A mãe pássaro se sacrificou, congelando até a morte durante a noite.

Atordoado, Kitai lamentou a morte dela em silêncio, apreciando o primeiro ato de bondade que um residente do planeta lhe mostrara. Apesar de querer dizer alguma coisa ou reconhecer o ato dela, sobretudo depois de perder os filhotes, ele não tinha palavras. Essa era uma experiência completamente nova, que sobrepunha todas as outras pelas quais ele

passara nos últimos dias. O pior de tudo era que ele não tinha tempo a perder. Então, virou-se e caminhou solenemente na floresta.

A mente de Kitai era uma floresta de pensamentos, sobrepujada pelo ato caridoso do condor. Ele voltou seu pensamento para Senshi. Naquele dia, ele também estivera indefeso e ela morreu para que ele pudesse viver. Talvez houvesse uma diferença entre ser um covarde e não ter medo de aceitar ajuda. Talvez houvesse força em entender e aceitar que não se está sozinho.

Ele também se preocupou com o tempo e com a distância restante para cumprir a missão, o que o deixou preocupado com seu pai ferido e possivelmente moribundo. Era arrasador, mas a imagem de seu pai, sério e concentrado, exigia que ele continuasse a missão.

Ele estudou a trilha sutil e a seguiu, olhando de um lado para o outro, certificando-se de manter os ouvidos em alerta. A caçada continuou enquanto o sol se erguia no céu e ele começou a perceber que a caminhada constante estava começando a desgastá-lo. Podia perceber como sua respiração ficava cada vez mais pesada, mas estava decidido a ir o mais longe possível antes que a morte o pegasse. Logo, a floresta se tornou menos densa, ele começou a caminhar por uma relva, estreitando os olhos por causa da luz do sol, desejando ter óculos escuros na mochila. Ele admirava os arredores e os animais espalhados que andavam de um lado para o outro, sempre ignorando sua presença, fato pelo qual ele estava grato.

O ar quente o deixava seco. Ele tentou limpar a garganta, mas começou a tossir. Primeiro, foi uma breve irritação. Porém começou a ficar mais grave e logo ele estava se sentindo muito mal. O gel respiratório expirou e seu sistema estava expelindo o que restava dele. A tosse continuou e ele teve dificuldade de respirar, piorando a situação. Levou as mãos aos joelhos, tossindo e sofrendo com a condição.

Uma tossida mais forte finalmente o fez cair de joelhos.

Enquanto estava perto da grama, ele olhou para baixo, tentando recuperar o fôlego. Tudo o que ele via era terra e grama. Então, com a visão periférica, finalmente avistou algo brilhando na luz do meio-dia. Sem conseguir se levantar, ele se arrastou na direção do objeto, sentindo-se menos Guardião e mais uma criança de dois anos com um brinquedo novo.

Ao se aproximar do objeto, Kitai viu que era uma peça metálica branca com um número gravado. Segurando com a mão esquerda, ele a estudou e viu a palavra Hesper escrita no pedaço da nave.

Com energia renovada, ele se levantou, segurando-se no destroço que lhe dera esperança. Seu esforço não foi em vão e ele estava próximo do objetivo da missão. Então, começou a caminhar, e depois a correr pela

floresta. Não demorou muito até perceber que sua absorção de oxigênio decrescente estava lhe custando muita energia. Não tinha escolha senão prosseguir. Então, viu mais um pedaço da nave. Apesar de seus pulmões parecerem estar embalados em plástico e apertados, ele seguiu em frente com determinação. Seu corpo continuava enviando sinais de problemas, fazendo-o tossir repetidamente. Era como se ele estivesse mandando um sinal para os predadores: venham me pegar.

Ainda assim, a cada novo pedaço de destroço encontrado, ele ignorava tudo e continuava se movendo. A frequência das descobertas aumentou e ele seguiu em frente, cada passo e pedaço de destroço pontuado com acessos de tosse.

Parando para respirar, o que agora causava dor a cada respiração, ele viu uma árvore estranha, emaranhada. Estava torta e velha e a casca se despedaçara em pontos onde os animais provavelmente afiaram suas galhadas. Ela se esticava em todas as direções e era realmente muito alta. Encorajado, Kitai saltou para o primeiro galho e subiu com determinação até estar alto o bastante para ver a densa vegetação da selva. Tudo doía e ele queria descansar, mas a imagem de seu pai morrendo o fez seguir em frente.

Ao parar de escalar, ele viu, sobre uma colina, a enorme cauda da nave. Ela brilhava como um sinalizador de esperança. Entre ela e Kitai, havia uma área aberta de terreno, um caminho para a salvação. Ele sorriu. Então, tossiu novamente para se lembrar de que o tempo estava acabando.

Kitai desceu rapidamente, caindo os últimos metros, e sem parar começou a correr na direção do destroço.

Cada passo era acompanhado por uma tossida e, seus movimentos foram acompanhados por um som dolorido. Ele não conseguia se controlar e o som arranhava sua audição. Sentia-se como um garoto doente, apesar de estar no topo de sua condição física. Bem, ele estava antes da queda da nave. Agora se sentia qualquer coisa menos um Guardião. O que o fazia continuar era o fato de que cada passo o levava mais para perto da Hesper e de seu conteúdo precioso.

A subida da colina desgastou suas últimas energias, lembrando-o de que estava faminto e sedento. Ele queria descansar, mas não ousaria parar. Continuou andando, e, ao chegar a menos de cem metros da nave, ele tropeçou. Caindo ao chão, começou a ter o pior acesso de tosse até o momento. Kitai não conseguia respirar, não conseguia recuperar o fôlego e, se doía antes, agora era excruciante. As mãos dele se agarraram ao peito, sem conseguir abrir a roupa, rasgar a pele e os ossos para ajudar seus pulmões a encontrar ar fresco.

Sufocando, ele se concentrou e buscou a força interior. Encheu a

mente de determinação e levantou a cabeça, concentrando-se somente na Hesper. Com um dos braços cobrindo a boca, ele se levantou mais uma vez. Certo de que não tropeçaria novamente, Kitai continuou a árdua caminhada.

A nave surgia imensa à frente, mas Kitai estava ficando tonto, com a respiração muito tênue. Ele se sentia quente sem suar e seu peito estava pesado. Não tinha mais opções, não tinha mais sorte e estava tão perto do objetivo que parecia injustiça não conseguir.

De joelhos, ele se moveu pelos destroços, procurando desesperadamente alguma salvação. Ficou cada vez mais desesperado, com as mãos sendo cortadas nos cantos afiados de metal torcido. Ele só precisava de uma coisa para sobreviver e ela se mostrava difícil de achar. A tonteira estava afetando sua visão e ele tinha certeza de que desmaiaria em poucos instantes. A luz e a sombra se fundiam, prejudicando sua capacidade de enxergar, e ele achou difícil ficar de pé. A ideia de simplesmente se render ao inevitável lutava contra seu instinto de sobrevivência, mas a força de vontade só poderia sobrepujar as necessidades do corpo por pouco tempo.

Quando Kitai estava prestes a cair, sua visão clareou o suficiente para enxergar um kit de primeiros socorros quebrado. Usando mais o tato do que a visão, ele passou a mão pelo conteúdo do kit até encontrar um objeto familiar: um pacote inteiro de gel respiratório. Um último surto de adrenalina o ajudou a abri-lo, apesar de seus dedos tremerem muito. Desajeitado, ele colocou o inalador nos lábios.

Quase instantaneamente, os pulmões pararam de arder. Ele conseguiu respirar sem dor ou ardência. Era maravilhoso.

Enquanto seu corpo normalizava a respiração outra vez, ele usou outra dose. Exausto demais para fazer qualquer coisa além de respirar, Kitai caiu de costas, respirando fundo e apreciando cada lufada de ar. Então, como um calafrio, um fato lhe veio à mente: ele estava deitado no lugar onde o Ursa outrora estivera.

E se o Ursa não estava lá... onde estaria?

ii

Cypher Raige já tivera dias melhores. Afundado na cadeira, ele mal percebia que estava delirando. Imagens de sua carreira passavam diante de seus olhos como um vídeo de entretenimento. Grandes batalhas, muitas perdas e

em todos os lugares para onde olhava, os Ursas estavam caminhando por seu planeta. Não importava quantos ele matava, sempre havia mais. Eles estavam despedaçando Guardiões, se esgueirando pelas janelas da casa da família. Um deles matara sua filha. Havia sangue em toda parte.

Ele continuou se sentindo indefeso e sozinho, sem saber se Kitai estava vivo ou morto. Queria desesperadamente acreditar que o garoto ainda estava na missão, mas isso era improvável.

O que Raige não conseguia ver era que a tela médica indicava a quantidade de sangue que ele havia perdido. Uma luz vermelha indicava que transfusões de sangue eram necessárias. Outra leitura mostrava que os níveis de potássio, creatina, ureia, nitrogênio e mioglobina estavam além das medidas possíveis. Luzes de alerta piscavam, convocando a ajuda médica que não viria.

Em outra tela que Cypher também não conseguia ver, havia uma indicação de que a ponte falhara completamente. O computador oferecia uma última opção: TRANSPORTE MÉDICO IMEDIATO.

Com os olhos meio abertos, Cypher se afastou das imagens de guerra em seu planeta para ver a batalha que seu corpo estava lutando — e perdendo — contra a morte. Ele viu o alerta de transporte e pensou que seria uma ótima ideia. Completamente impossível, mas uma boa ideia.

A única esperança dele estava nas mãos de seu filho adolescente, longe dele no planeta Terra em quarentena, procurando pela proverbial agulha no palheiro. Cypher se viu viajando no tempo novamente, lembrando-se de Kitai ainda menino.

De repente, Cypher estava no velho apartamento novamente. Kitai, com 3 anos de idade, marchava pela sala de pijama, usando as botas enormes do pai, lutando para segurar o alfanje dele.

— Suas linhas estão ótimas, filho — disse Cypher aprovando.

Kitai parecia estar orgulhoso. Enquanto Faia filmava com sua câmera, Kitai abraçou seu pai.

Cypher o abraçou carinhosamente.

— E agora é hora de um oficial júnior ir pra cama.

— Nãaaao... — protestou Kitai.

— Isso é uma ordem direta do seu oficial superior, filho — explicou Cypher.

O garotinho se ajeitou e bateu continência. Cypher se abaixou e falou sério com o filho.

— Nós nunca podemos desobedecer uma ordem — explicou ele a Kitai. — Nem em casa, nem no campo de batalha.

— Sim, senhor! — respondeu Kitai.

— E agora dê um beijo na sua mãe e diga que a ama. — Ele deu uma

olhada para a mulher. — Um dia, eu vou ser o "pai de Kitai".

Um dia, pensou Cypher, lá sentado na cabine arruinada da nave enquanto observava seu filho sufocando no ar sem oxigênio. Seu filho era um Raige. Possivelmente o último da família, mas era um Raige. E um Raige nunca desiste.

Então ele não devia, não podia, desistir de Kitai.

iii

Revigorado mas ainda faminto, Kitai ficou de pé e continuou a revirar os destroços para encontrar o sinalizador que chamaria ajuda e salvaria a vida de seu pai. Cypher explicara exatamente onde procurar e onde estariam os pictogramas nas laterais de várias estações, então ele sabia exatamente o tamanho e o formato do espaço em que o sinalizador deveria estar. Mas havia tanto metal retorcido e partido que ele começou a duvidar de que qualquer coisa estivesse onde deveria estar.

Movendo-se pela área, ele observou os restos da nave sem os membros da tripulação que foi jogada para a morte. Contra a parede, viu um conjunto de alfanjes C-40, o mesmo modelo que se acostumara a usar.

O que ele recebeu na parte frontal da nave, a arma de seu pai, havia se perdido. Ou se perdera durante o estouro da manada ou acabou caindo quando o condor gigante o arrastou para a segurança. Mas especular não serviria de nada agora. Kitai pegou uma nova arma, verificou se estava danificada e prendeu na mochila.

Ter a arma o lembrou de que ela fora criada para matar Ursas e que ele ainda precisava descobrir o que acontecera com aquele que a nave estava carregando.

Kitai caminhou com propósito por entre os destroços mais afastados da cauda e logo encontrou a cápsula que o fascinara no compartimento de carga. Estava de lado, apoiada em grandes plantas esmagadas.

Ele ligou o alfanje e o estendeu completamente, deixando que o zumbido leve da arma enchesse o ar. A cápsula que outrora contivera o Ursa batizado de Víbora estava despedaçada. O gel que impedia o Ursa de se fixar em feromônios estava espalhado por todo lado. Pedaços da casca orgânica estavam espalhados pelo chão, assim como as amarras que o prendiam.

Não havia sinal do corpo do Ursa.

Isso era muito ruim e Kitai recuou, se afastando da cápsula danificada, avaliando as opções. Primeiro, ele precisava encontrar o objetivo

primário da missão: o sinalizador.

Deu trabalho, cada minuto que passava pesava para ele, mas o garoto era metódico ao trabalhar cada vez mais fundo nos restos da Hesper e foi recompensado com a parte do casco onde o sinalizador estava guardado. Surpreendentemente, ele estava intacto dentro de sua caixa, diferente do que estava na parte da frente, e Kitai o retirou. Para ter certeza de que funcionaria, ele se afastou da nave e foi até a clareira criada pela queda. Ao se mover, ele digitou comandos e ficou maravilhado ao ouvir o aparelho fazer um som e acender.

Cypher estava balançando a cabeça, com a mente cheia de imagens de casa. Ele estava lá, fora do uniforme, em roupas casuais que não reconhecia. Ele e Kitai estavam sentados à mesa, com os restos de uma refeição entre eles. Faia não estava em lugar nenhum, mas ele sentia falta dela. Disso ele tinha certeza.

Os dois obviamente estavam conversando por um bom tempo e ele se viu se inclinando e colocando uma mão reconfortante no braço de Kitai.

— Agora preste atenção — disse ele ao filho.

Kitai olhou para ele, sem expressão.

— Você está me escutando? — perguntou ele em um tom que não gostava de ouvir. Ele limpou a garganta e, quando falou novamente, foi com uma voz baixa e forçosa, deixando claro que o que ele dizia era ambíguo.

— Você não é responsável pelo seu pai não estar sempre em casa.

Ele assentiu sozinho porque Kitai não estava discutindo, só ouvindo atentamente.

— Você pode ter achado que eu estava aborrecido com você, e talvez eu realmente estivesse. Mas estava errado.

Ele assentiu mais uma vez. Cypher estava conseguindo falar com seu filho.

— Você era só uma criança. Eu deveria estar lá. Você estava certo. Eu fui um covarde por ficar longe de vocês por tanto tempo.

Kitai abriu a boca para falar, mas em vez de palavras ele emitiu um bipe.

Seu filho não fazia esse som.

O que estava acontecendo?

Forçando-se a abrir os olhos, que ardiam com o suor, Raige percebeu a segunda tela que estava monitorando os sinais vitais de Kitai. O bipe constante era um som bem-vindo que deu a um homem doente um ponto para se concentrar. Picos e vales de uma batida de coração constante eram

uma boa razão para permanecer esperançoso.

De alguma maneira, Kitai ainda estava vivo.

Então, ouviu de uma caixa de som próxima.

— Pai, você está aí?

Parecia a voz de Kitai, mas Cypher estava com problemas para se concentrar. Ele percebeu que não conseguia respirar fundo. Isso não era nada bom. Ignorando tudo, ele olhou para o monitor e viu a imagem embaçada de seu filho na tela. Isso é estranho, pensou. O sinal deveria estar limpo. O tremor parou quando o filho ajustou a câmera da mochila. Era Kitai com certeza.

— Pai?

Cypher não respondeu, não conseguiu responder. Faltava-lhe força. Mas a audição dele estava perfeita e a voz de seu filho era muito bem-vinda.

— Pai, eu cheguei até a cauda. Câmbio.

A cauda? Kitai chegou até a cauda? Seria isso mais uma alucinação? Ele piscou. O rosto granulado de seu filho continuou lá. A expressão foi de feliz para séria ao não ouvir resposta. Limpando a garganta e se esforçando, Raige disse:

— Você... você está bem? Câmbio.

— Pai? Você está aí? Câmbio.

Que estranho. Ele ouviu as próprias palavras. Por que Kitai não ouvira também?

— Kitai?

— Pai, eu cheguei até a cauda. Está aí?

É claro que ele estava. Onde ele poderia ter ido com as duas pernas quebradas?

— Eu estou aqui! — gritou.

— Pai, por favor, confirme.

Cypher tentou mais uma vez:

— Eu estou ouvindo.

Isso funcionou e o rosto de Kitai pareceu aliviado.

— Sou eu, Kitai. Eu cheguei.

A conversa pareceu renovar as energias de Raige de alguma forma, espantando os pesadelos.

— Tem algo errado com o sinal, Kitai.

— ... Pai. — Sim, a estática ia deixar a conversa quase impossível. — Pai, você ainda está aí, não é? Consegue me ouvir? Câmbio. — Seu filho estava quase entrando em pânico e isso não daria certo.

Aumentando a voz, tentando perfurar a estática pela força de vontade, ele disse:

— Kitai! Eu juro que estou aqui!

Mas sua vontade falhou, pois Kitai repetiu:

— Pai, por favor. O Ursa está à solta. Você está me entendendo?

Cypher concluiu que podia ouvir o filho, mas Kitai estava surdo para suas palavras. Não havia como guiar o garoto, o que o deixava agoniado.

— Não — escapou dos lábios de Cypher. A criatura o está caçando. A frustração o energizou e ele socou o console, a solução mais antiga para equipamentos com defeito. Nada mudou.

Quando Kitai conseguiu ir até o lado de fora em direção ao sol poente, o sinalizador avisou que estava pronto para ser usado. Se ele não conseguia falar com o pai, pelo menos poderia salvá-lo. Ele ainda estava vivo e, agora tinha o sinalizador. A ajuda estaria a caminho. É claro, havia trinta e dois parsecs separando a Terra de Nova Prime, mas ainda assim a ajuda salvaria seu pai.

Não servia de nada ficar sentado na cauda inutilmente tentando conversar com seu pai ferido. Em vez disso, ele desligou o equipamento de comunicação que pegara de um Guardião meio soterrado nos destroços e o guardou na mochila. As nuvens estavam espessas, obscurecendo parte do sol, mas elas não significavam nada para um sinalizador que atravessaria as estrelas. Afastando-se dos destroços, ele ergueu o sinalizador e ativou o aparelho. A parte arredondada superior decolou da base e ganhou vida. O indicador em forma de ferradura mostrou que ele estava totalmente carregado e pronto para transmitir.

Kitai respirou fundo (o que ainda era maravilhoso) e disparou o aparelho.

Ele esperou a confirmação de que o sinal havia sido enviado, mas só houve silêncio. Abaixando o braço, ele estudou o aparelho e logo acima da luz vermelha no centro estavam as palavras INTERFERÊNCIA DO SINAL.

De dentro da cabine da Hesper, Cypher viu as leituras e ficou desolado ao ler as palavras INTERFERÊNCIA DO SINAL piscando repetidamente. Ele ficou frustrado e aborrecido por isso estar acontecendo, mas enquanto ele tivesse energia e concentração, ele teria que fazer alguma coisa para ajudar. Seus dedos digitaram os controles próximos e um mapa holográfico apareceu. As dezenas de sondas continuavam a transmitir sinais que o computador juntava em um mapa tridimensional da topografia de onde Kitai estava. Ele reduziu o foco e viu uma montanha logo além do ponto brilhante

que representava sua última e melhor esperança.

Outro ajuste foi feito e a imagem agora era de seu filho. Kitai parecia saudável e em forma, o que deixou Cypher feliz, mas ele viu que a mochila estava afastada dele. Ele andava para um lado e para o outro, balançando os braços e gritando alguma coisa que Cypher não conseguia entender. Isso lembrava os acessos de raiva que Kitai tinha quando era mais novo. Cypher sabia que não podia parar o comportamento inútil, mesmo que entendesse o motivo, mas ele ainda assim sussurrou:

— Ajoelhe-se, cadete.

As palavras não foram ouvidas e agora Kitai estava girando o alfanje loucamente. Eram simplesmente ódio e fúria cega que o abasteciam enquanto ele depredava a cauda da nave. Ele atacava com a arma, atingindo os painéis que ainda tinham energia, espalhando uma chuva de faíscas. Ele se afastou e continuou a gritar e atacar a nave, respirando com força até a fúria se exaurir.

Kitai abaixou a arma. Cypher olhou fascinado quando seu filho expeliu o resto de sua frustração e, sozinho, ajoelhou-se. Assentindo sozinho, o general ficou contente. Limpando as lágrimas que manchavam seu rosto, Kitai chegou à conclusão de que precisava de um novo plano. Alguma coisa estava impedindo o sinalizador de funcionar e cada minuto desperdiçado significava que o sol estava baixando, o Ursa se aproximando e seu pai morrendo. Ele não tinha tempo para acessos como esse e se sentiu mal por seu comportamento. Por sorte, seu pai não estava lá para vê-lo.

Satisfeito por seu filho ter recuperado o controle, Cypher se concentrou no problema atual. O diagnóstico do computador confirmou seus medos e ele disse em voz alta:

— Há uma camada iônica na atmosfera sobre a posição atual. Ela cria interferência elétrica. Era por isso que o sinalizador não estava funcionando. Você precisa ficar acima da camada iônica antes de poder disparar o sinalizador, Kitai. — Cypher sabia que seu filho não podia ouvi-lo, mas continuou falando assim mesmo.

Ele observou sem poder fazer nada enquanto Kitai olhava novamente o sinalizador. O garoto olhou para cima, estudando os arredores, incluindo as nuvens espessas.

— É isso. Você entendeu — disse ele para a imagem holográfica de seu filho.

"Você pode ver uma montanha negra ao fundo, diretamente para o norte. O pico dela está acima da camada iônica. Dispare o sinalizador de lá.

"Por favor, veja... o topo da montanha... ao norte."

Cypher parou de falar, exausto. Ele olhou a imagem em silêncio, implorando mentalmente para seu filho achar a solução. Lentamente, Kitai

continuou a caminhar em círculo, examinando a situação e fazendo um plano. Então, ele viu a montanha e a estudou por um bom tempo antes de começar a caminhar em direção a ela.

Cypher sentiu as lágrimas escorrendo.

— Bom garoto... Bom garoto...

1000 DT

Terra

i

Kitai começou a correr, indo em direção à montanha e à única chance de ser bem-sucedido. Ele deixou de lado a fome crescente e estudou a montanha negra. Os estudos o fizeram concluir que as marcas na montanha indicavam que se tratava de um vulcão, fumegando. Seu pai o avisara que o planeta tinha muitos vulcões ativos e ele ficou feliz por esse ser um, que não estava em atividade. O terreno áspero daria bastante tração, facilitando a subida. Não havia animais ou pássaros por perto, e isso significa que ele poderia se concentrar diretamente no alvo. Seu treinamento de Guardião estava retornando, e ele mostraria a Velan, Bo e Rayna. Ele era um Guardião completo.

Sua subida foi interrompida abruptamente quando ele se deparou com o corpo de um leopardo. Não estava simplesmente caído no chão, mas pendurado em uma árvore, bloqueando parcialmente o caminho. Não era de se estranhar que não houvesse outros animais no local. Sua mente também o alertou do que poderia pendurar a carcaça daquele jeito. Afastando a imagem da mente, ele continuou a caminhar.

Pouco depois, porém, ele parou completamente ao se deparar com um bando inteiro de hienas pendurado nas árvores, quase em linha reta. Isso não era trabalho de um predador aleatório qualquer. Elas pareciam estar mortas há algum tempo. O Ursa estava preparando uma armadilha, tentando atiçar o medo em Kitai. E estava funcionando.

Cypher continuava sentindo muita dor, mas ele a usou para focar sua mente, tentando observar cada passo de seu filho. Seu pensamento foi diretamente para a avaliação de risco quando o leopardo apareceu. Suas suspeitas se confirmaram quando viu as hienas e ele falou em vão, torcendo para que o equipamento de comunicação tivesse melhorado.

— Ele os deixou pra você — disse ele. — É feito pra assustar humanos, Kitai. Continue andando. Não há nada nos monitores...

O garoto não ouviu.

Kitai chegou à base da montanha negra sem nenhum outro incidente, o que era ótimo. Ele se forçou a estudar a área antes de observar a vista magnífica. Havia centenas de pequenos rios de lava escorrendo pela encosta. Talvez o vulcão não estivesse tão adormecido, no fim das contas.

Deixando a floresta para trás de vez, esperava, ele parou ao ouvir algo. Ao olhar por cima do ombro, ele não viu nada. Ainda assim, seu instinto de proteção disse que era uma boa hora para apertar o passo. Começou a correr montanha acima.

Quilômetros depois, algo fez o sensor de movimento na tela de Cypher acordar e chamar sua atenção. Um novo ponto estava indo na direção de Kitai. Não havia como descobrir o que era, mas sem confirmação ele simplesmente falou com a imagem:

— Alguma coisa está se movendo na sua direção do lado oeste... Ele encontrou você. — Como um bom técnico. Cypher falou com seu filho holográfico, que estava progredindo bem. Sem poder ajudar Kitai pessoalmente, ele o instruiu: — Vá pela esquerda, Kitai. Você vai ganhar tempo. É um caminho reto, sem passar por nenhum túnel.

Ele suspirou ao ver Kitai indo para a direita.

— Droga.

Kitai disparou na subida da montanha, rápido e fluido. Era uma escalada mais fácil do que a que ele fizera antes de ser reprovado pelos Guardiões. Chegou à conclusão de que Bo e Rayna já teriam ficado para trás a essa altura. Sentiu falta deles conforme escalava com confiança e logo entrou na nuvem iônica, branca e densa, que estava causando a interferência. Ela encobria a parte superior da montanha e mudava tudo. Kitai concluiu que estava efetivamente cego e não conseguiria ver um predador, fosse nativo ou alienígena, se estivesse a mais de dois metros dele.

Kitai reajustou a pegada e olhou para a manga, reparando que a roupa estava completamente preta, e adotou a textura protetora. O perigo estava próximo. Ele não podia vê-lo, mas estava chegando. Só não sabia de onde. Tentou penetrar a nuvem densa ao redor, mas não viu nada.

Porém, ele ouviu o som de alguma coisa chegando perto. Instintivamente, puxou o alfanje e o ativou. Ele retornou alguns metros e encontrou a entrada de uma caverna, algo que Kitai deixara passar anteriormente.

A caverna era feita de ônix. Kitai nunca vira nada tão preto e tão brilhante na vida. Havia estalactites e estalagmites abarrotando a caverna, tornando a caminhada perigosa. As protuberâncias pareciam ser feitas de diamantes, algo de que Kitai nunca ouvira falar no seu planeta. Ele não tinha tempo de estudar a descoberta fascinante e passou correndo para as profundezas da caverna. Tudo o que importava era que o Ursa estava lá, caçando-o. Tinha que ter uma saída, não é? Ele continuou correndo, tentando controlar o pânico crescente em seu peito, quando viu um raio de luz saindo por uma fenda no teto da caverna. Tudo o que ele precisava fazer era segui-lo e então sairia na montanha, acima das malditas nuvens, onde pretendia ativar o sinalizador.

Os pensamentos agradáveis foram banidos de sua mente quando um rugido aterrorizante ecoou pelas paredes cristalinas. Quando o som sumiu, ele ouviu garras arranhando os cristais e as pedras. Víbora o seguira até a caverna. Ele não tinha escolha senão seguir em frente, torcendo para encontrar uma segunda saída. Uma mão passou pelas estalagmites e uma protuberância diamantina arranhou a palma de sua mão. Precisava se mover rapidamente, mas foi forçado a ter cuidado.

Um segundo rugido o lembrou de que não havia margem para cuidado. Reconhecendo que não haveria outras saídas, Kitai concluiu que era hora de mudar de estratégia. Ele segurou o alfanje nas mãos, incerto de quantas configurações diferentes ele poderia ativar ou usar. Em vez de se preocupar com isso, ele encontrou um agrupamento de estalagmites atrás do qual poderia se esconder. Seus olhos seguiram o raio de luz; ele torceu para ainda ter a chance de usar a rota de escape.

Olhando a fenda, ficou interessado na névoa que entrava por ela. Ao estudá-la, viu algo sobrenatural se movendo pela névoa. Antes que pudesse reagir, o Ursa desativou a camuflagem, mostrando sua forma natural horrenda, e se prendeu ao teto. A fera deixou que Kitai visse sua forma poderosa antes de reativar sua camuflagem e se misturar com o teto pedregoso. Kitai só pôde ouvir as garras da criatura se afastando, brincando com ele, fazendo-o suar de medo, transformando-o em um banquete suculento.

Ele se agachou, tentando usar as estalagmites como um escudo.

Olhando ao redor, viu uma enorme estrutura cristalina caída entre duas grandes perdas, criando uma ponte improvisada. Com cuidado, Kitai passou por baixo dela, procurando se proteger. Olhando para fora, viu a poeira caindo de cima dele. Sem aviso, o Ursa ficou visível e caiu. Ele ficou diretamente sobre a ponte de cristal, rosnando e fedendo terrivelmente. Kitai queria vomitar, mas cerrou os dentes e permaneceu sob o cristal, que estava rachando sob o peso da criatura. Seus dedos tremiam e o alfanje

caiu de sua mão.

Ao olhar novamente para seu oponente, ele viu que dois estilhaços de cristal haviam se encravado no corpo do Ursa, prendendo-o no lugar. Infelizmente, Kitai descobriu que também estava preso quando tentou se mover e viu que seu pé estava preso sob uma parte estilhaçada da ponte de cristal. A bota protegeu seu pé do ferimento, mas, ainda assim, ele ficou preso e precisava se libertar rapidamente. Teria sido cômico observar as duas criaturas lutando para se soltar ao mesmo tempo. Só que não era divertido para Kitai. Isso era questão de vida ou morte, não só para ele, mas para seu pai também.

O pior de tudo era que o Ursa tinha seis membros e estava usando vários para tentar se soltar enquanto um empurrava para baixo, tentando esmagar o pé de Kitai. O garoto estava revidando, tentando se libertar, mas falhava a cada tentativa. Depois de empurrar o cristal, a garra livre do Ursa começou a atacar o ar, tentando alcançar o rosto de Kitai.

De repente, a garra parou e se dirigiu para ajudar os outros membros a libertarem o corpo, dando a Kitai os momentos preciosos de que ele precisava para soltar o pé e rolar para a liberdade. Pegando o alfanje, ele se virou, pronto para matar a fera empalada. Em vez disso, quando se virou, sua arma tremeu com a força de um golpe da criatura. A patada foi tão forte que jogou o garoto a mais de três metros dali, em uma fenda. O ar foi expelido de seu pulmão quando as costas atingiram as pedras.

O impacto deixou Kitai tonto e ele ficou abaixado, tentando absorver a dor pelo corpo e recuperar a força. Quando recuperou a energia, viu aterrorizado que o Ursa se soltara dos cristais e que de seu ferimento escorria um sangue negro. Livre, ele ficou parado por um instante, parecendo verificar seus próprios membros, fazendo com que o sangue se acumulasse no chão. Kitai não tinha escolha senão correr.

O Ursa estava logo atrás, rugindo com dor e fúria. Energicamente, Kitai saltou pela lateral da caverna e fez uma acrobacia para escapar das estalagmites, pretendendo atrasar a criatura. Porém, o Ursa em fúria simplesmente estilhaçou as estruturas de cristal e continuou correndo na direção de Kitai. E ele estava se aproximando.

Kitai viu uma pequena fenda para a esquerda, mais baixo no chão, e mergulhou de cabeça no espaço apertado. Obviamente, ele se machucou ao cair, mas sua ideia deu certo: o lugar era pequeno demais para o monstro. Em vez disso, a criatura enfiou as garras e gritou, mas não conseguiu pegá-lo. Furioso, o Ursa jogou o corpo contra o lugar, estilhaçando as paredes de cristal. Quando os destroços começaram a cair, Kitai se levantou rapidamente e prosseguiu mais para o fundo da caverna. Ele correu, saltou e ultrapassou os obstáculos de cristal por cima e por baixo.

Quando finalmente achou que tivesse se distanciado do Ursa, que estava correndo pela formação natural do túnel, a criatura esticou a pata e agarrou a perna de Kitai, que caiu dolorosamente. Em vez de ceder à dor, ele usou o impulso para rolar rapidamente e continuar correndo. Quanto mais fundo ele ia, mais estreito o túnel ficava.

O Ursa estava se aproximando dele.

Finalmente, Kitai viu uma abertura estreita na caverna, com talvez um metro de largura. O Ursa era grande demais para segui-lo até lá. Ele deslizou pela abertura e recuperou o fôlego, ouvindo os rugidos de fúria e frustração do monstro. Após o rugido terminar, Kitai olhou para o túnel. O Ursa estudou a abertura, espiando Kitai lá dentro, e recuou.

Foi aí que Kitai se deu conta do quão inteligente era o Ursa. Ele nem parara para se dar conta de que pendurar os animais fora um sinal de astúcia. A fera queria assustá-lo, já que usava seu medo para rastreá-lo. Agora, estava esperando ele sair. Esse era um inimigo mais perigoso do que ele poderia imaginar.

Pensando nisso, ele observou o Ursa na entrada estreita. A criatura recuou e colocou uma pata em um cristal e a outra na parede de pedra. Em alguns segundos, ela desapareceu diante dos olhos de Kitai, assumindo as propriedades dos dois minerais. Desafiando-o a escapar. Em vez disso, Kitai caminhou um pouco mais para trás e descansou o corpo ferido contra a parede de cristal. Ele se sentia seguro, mas sabia muito bem que logo ali à frente, em algum lugar, o Ursa estava esperando, camuflado e absolutamente silencioso.

O jogo de espera começou.

Kitai fechou bem os olhos, apagando as imagens de cinco anos atrás. Chamando Senshi, desejando que ela estivesse ali com ele. Ele abriu os olhos lentamente e viu a pequena entrada da caverna. Tentou ver movimento ou qualquer coisa que indicasse onde o Ursa estava se escondendo.

Apesar de não ver nada, ele conseguia ouvir o som de gotas de sangue caindo. Não conseguia enxergar as gotas cinzentas, mas sabia que elas estavam lá.

Foi então que o Ursa apareceu, pendurado no teto mais uma vez, literalmente enchendo a entrada, o mais perto possível do humano. Primeiro com uma garra, depois com a outra, a criatura tentou alcançar Kitai, mas falhou. Isso parecia deixar a fera mais frustrada do que furiosa. Ele se esticou mais da segunda vez e quase arranhou Kitai. Para retaliar, o garoto golpeou com o alfanje, forçando os membros a serem recolhidos. Quando o Ursa recuou um pouco mais, ele se esgueirou ao máximo para o fundo da caverna.

Sem conseguir usar os membros, o Ursa decidiu usar outra de suas armas formidáveis e cuspiu vários glóbulos de veneno negro em Kitai. O agente paralisante errou o rosto dele por centímetros, acertando o fundo da fenda. O ataque seguinte se mostrou mais bem-sucedido quando uma das massas negras atingiu a roupa de Kitai e a pele exposta. O mero toque da substância gosmenta e fedorenta fez o garoto gritar. Ele sabia que isso deixaria seus reflexos mais lentos e daria ao Ursa a vantagem de que ele precisava.

A criatura conseguiu se enfiar pela fenda à força, arrancando pedaços da borda da entrada com o corpo. Ao se aproximar de Kitai, ele cuspiu mais veneno na sua direção e a lei das probabilidades ditou que o segundo cuspe de veneno o acabaria acertando. Ele continuou a se espremer, andando para trás. O Ursa forçava o caminho, centímetro a centímetro. Conforme se aproximava da presa, o Ursa tentou novamente agarrar Kitai com as garras, mas falhou. Ele cuspiu novamente, pressionando a vantagem.

Kitai continuou se esgueirando, sem ousar tirar os olhos da fera. Por isso, ele acabou deixando passar o fato de que estava ficando sem espaço para recuar. Antes que pudesse reagir, escorregou e a gravidade o levou para baixo. De repente, estava caindo. Não foi uma queda alta, talvez dois metros, mas o suficiente para surpreendê-lo antes de bater de costas na rocha. A dor irradiou do local de impacto e ele gemeu mais de uma vez, mas se recusou a gritar. Em vez disso, ele se levantou da pedra, rolou e continuou caindo. Dessa vez, a queda foi bem maior. Ele se lembrou de como os marinheiros caíram para a morte em Moby Dick e pensou que estivesse prestes a se juntar a eles.

Foi então que ele bateu na água e confundiu o livro com a vida real. Ele engoliu um bocado de água ao afundar. Abriu os braços e as pernas para distribuir o peso corretamente. Sem ter tido tempo de prender a respiração, ele sabia que tinha pouco tempo de oxigênio e precisava controlar a situação. Rápido.

Parado mas ainda debaixo d`água, ele abriu os olhos e ficou impressionado ao perceber que sua roupa ainda estava iluminando a área. Dois pontos de luz no ombro dele permitiam ver a dois metros de distância em qualquer direção. Apressado para identificar sua posição, ele viu um pequeno facho de luz refletido na água. Luz significa fuga e, esperava ele, liberdade. Uma chance de completar a missão e salvar seu pai. Mas se ele chegou até lá, poderia o Ursa tê-lo seguido? E ele sabia como nadar? Kitai não sentiu o impacto que uma criatura com aquela massa causaria, mas isso não significava nada.

Sentindo falta de ar, ele começou a nadar em direção à luz. Ao

tentar se lembrar, ele não conseguia dizer quando foi mordido pela primeira vez, mas seu corpo foi envolvido por pequenos peixes cegos com dentes afiados que mordiscavam. Ele ouvira falar de tais peixes no passado, mas não conseguia se lembrar do nome. Mas sentiu as criaturinhas rasgando sua roupa, coisa que ele julgara impossível.

Tão rápido quanto começaram a atacar, eles sumiram. Kitai se perguntou por quê, mas descobriu rapidamente. O Ursa tinha chegado até lá e estava se aproximando, usando as seis patas para se impulsionar pela água, rápido o suficiente para preocupá-lo. Uma das patas atacou Kitai, errando sua perna por pouco.

Virando-se para longe de seu predador, ele nadou o mais rápido que pôde. Estava nadando para salvar a própria vida praticamente na escuridão total, com as luzes piscando graças aos danos causados pelos peixes à sua roupa. Ele prosseguiu em direção à luz. O Ursa estava logo atrás dele e se aproximando.

Kitai, respirando pesadamente, se forçou a ir ainda mais rápido. Agora o desespero estava misturado com suas braçadas precisas. As luzes refletiram brevemente em um grupo de estalactites descomunalmente belas diante dele. Havia uma linha direta e desimpedida para a luz, mas isso também favorecia o Ursa. Enquanto nadava e tentava controlar o pânico, Kitai traçou uma estratégia. Ele mudou de direção e nadou por entre as estalactites, empurrando cada uma para ter um impulso extra. Assim, ele conseguiu abrir uma boa distância da criatura enorme.

O que aconteceu depois foi confuso, principalmente pela desorientação de Kitai. Ele começou a ir tão longe e tão rápido sob a água que ficara sem direção. Não sabia direito qual lado era o de cima, mas precisava descobrir rápido, antes de se afogar. Algumas bolhas saíram de seus lábios e desceram.

Por que as bolhas estão descendo? Isso não está certo.

Kitai se virou e seguiu as bolhas, que subiram para a superfície. Ao chegar na superfície, ele viu a luz e respirou fundo. Ao chegar no ponto de contato entre a luz e a água, Kitai viu que estava no fundo de um poço vertical de pedra que tinha quase vinte e cinco metros até onde ele estava, de onde vinha a luz do dia.

Apesar da fraqueza, Kitai saiu da água, agarrando-se a um pedaço de pedra que agora, sem a roupa completa, cortava partes de sua pele. Ele respirou fundo várias vezes para se concentrar e posicionou os pés nas duas paredes do poço para se equilibrar. Esticou os braços e se puxou para cima, começando uma escalada lenta e constante.

Depois de ter subido vários metros, o Ursa saiu da água e tentou alcançar a presa. Uma das garras da fera agarrou as pernas de Kitai, mas

novamente seu tamanho avantajado não permitiu o sucesso. Ele não cabia no poço para seguir Kitai. Furiosa, a fera tentou puxar o garoto para sua bocarra. Kitai olhou para baixo e viu os dentes afiados, a língua e as entranhas negras. Ele gritou. Duas garras o pegaram e estavam tentando arrastá-lo para trás. Ele cruzou as pernas e empurrou o corpo para cima com os braços. Os dois esforços funcionaram, e, de repente ele se libertou. Enquanto escalava, o Ursa saiu da água em uma última tentativa de pegá-lo e puxá-lo para baixo. Por sorte, o esforço foi em vão e o Ursa caiu de volta no lago subterrâneo.

Kitai sentia dor. Os pequenos cortes não eram profundos, mas havia cortes grandes o suficiente para serem sentidos a cada movimento. Estava cansado. Estava faminto. Não havia ninguém por perto para ajudá-lo. Não havia resgate vindo. Tudo isso girou em sua cabeça. Por fim, ele soltou um grito de dor e medo.

Sem olhar para baixo, Kitai escalou. Ele não tinha escolha, portanto, prosseguiu em direção à superfície, concentrado na próxima pegada. No próximo passo. Enquanto subia, os rugidos da fera ficavam mais distantes, até finalmente pararem e ele conseguir tirá-los da mente. Os metros sumiram abaixo dele, que perdeu a noção do tempo, mas a luz ficava cada vez mais clara e ele sentiu uma brisa começando a surgir. A superfície estava logo ali.

A escuridão atemporal ficou para trás quando ele colocou a cabeça para fora do poço e viu as nuvens, o céu e a montanha negra. Ele se ergueu na superfície, respirando fundo. Sua roupa ainda estava úmida e as gotas de água caiam na superfície escura, que estava brilhando com a luz do sol poente. Para sua surpresa, estava nevando. O ar ao redor dele estava cheio de flocos de neve, mas quando eles tocavam a pele e a roupa, ele percebeu que não eram cristalinos como água, mas algo cinzento. Então, ele se lembrou. Isso era um vulcão e ainda estava bem ativo. Do ponto onde ele estava, não havia nenhum lugar para subir. Ele estava basicamente no limite de uma cordilheira, e era um longo caminho até o chão.

ii

Na Hesper, Cypher Raige estava em guerra consigo mesmo, afastando os flashbacks provocados pela febre. Ele continuou frenético, temendo que o pior acontecesse com seu filho. Não havia comunicação há algum tempo e o sinal de Kitai se perdera. O Ursa também sumiu, o que o fez ficar louco de preocupação. Se o Ursa matara Kitai e sobrevivera, ele continuaria

caçando e eventualmente o encontraria lá. De alguma forma, ele localizaria o último ser humano da Terra e o mataria. Ou ele morreria por causa da hemorragia, deixando apenas um cadáver destroçado para o Ursa.

Um bipe chamou sua atenção e ele viu os sinais vitais de Kitai novamente. Ele está vivo! A tela que mostrava a câmera da roupa do garoto foi ativada novamente e Cypher viu a montanha negra. Seu filho estava vivo e acima da interferência iônica. Tudo o que ele precisava fazer era ativar o sinalizador. O que estava esperando?

Kitai se aprumou, tendo confirmado sua localização e situação. Sua respiração estava controlada, mas seu estômago pedia atenção. Estava sem barras de alimentação e teria que resistir. Ele havia começado a procurar o sinalizador quando foi distraído pelo som de uma avalanche. Ou era o que parecia. Ele se virou na direção do som e viu o poço sendo destruído. Pedras caíam na entrada e havia o som claro de garras contra as pedras. O Ursa estava se forçando a subir para continuar a caçar Kitai.

McQuarrie estava certo. Depois que a fera se fixasse em Kitai, não pararia até um dos dois estar morto.

Kitai estava começando a achar que poderia ser ele.

Mas, primeiro, ele precisava salvar o pai.

Ele alcançou o sinalizador, mas antes que pudesse ativar o sinal, uma garra puxou suas pernas. O rosto do garoto bateu na pedra. As duas mãos se abriram com o impacto. O sinalizador voou para um lado e o alfanje para o outro.

Kitai tentou ficar de pé novamente, mas o Ursa, ainda tentando sair do poço, o jogou contra outra pedra e o lançou como um boneco para o alto. Ao bater no chão, ele sentiu o sangue escorrendo de seu nariz e a dor no pescoço. Ele queria se levantar, fugir, mas não conseguia. Estava muito dolorido. Era isso.

Assim que o Ursa chegasse à superfície, pegaria a presa.

995 DT

Cidade de Nova Prime

Senshi era certamente filha de seu pai preferia que as coisas fossem de um jeito específico e metódico. Ela acordava todos os dias no mesmo horário, estivesse ou não de serviço. Tinha sempre a mesma rotina: ginástica para ficar em forma, seguida de um café da manhã leve e uma corrida antes de tomar banho e se vestir. Invariavelmente prendia os longos cabelos negros em um rabo de cavalo, sem parar para notar a pele morena e os olhos brilhantes. Na maioria dos dias, se vestir significava colocar o uniforme.

Ela amava os Guardiões, com seu senso de camaradagem e comunidade. Apesar de poder ter se inscrito aos 13 anos, ela preferiu ter certeza de que tiraria nota máxima nos rigorosos testes mentais e físicos. Para isso, trabalhou duro por dois anos. Em uma de suas raras idas para casa, fez seu pai, o general, vê-la praticar partes do teste em um campo deserto. Ela escalou paredes de pedra, desceu em cordas de tirolesa e demonstrou habilidades e combate corpo a corpo. Estava tão orgulhosa de seu bom desempenho que a última parte, com o alfanje de treinamento, não seria problema.

Em vez disso, ela acabou ficando roxa por vários dias. Atlético e gracioso, seu pai e a arma eram um só, dando uma demonstração singular de formas antes de usar o alfanje para dar uma rasteira nela, fazendo-a bater com o traseiro no chão.

Ele se abaixou para ajudá-la a levantar com um sorriso de aprovação, algo que havia guardado durante as últimas horas.

— Eu acho que você vai conseguir — comentou ele.

O raro elogio deu a ela a confiança para se inscrever no teste na manhã seguinte.

Depois de completar o período de treinamento em duas fases, ficou emocionada ao cruzar a plataforma e receber o distintivo, enquanto sua família observava. Cypher parecia mais alto do que nunca em seu uniforme completamente branco. Nada se comparava com o sentimento de dever cumprido. Os olhos deles se encontraram e ela viu todo o amor e o orgulho dele, como se fosse a primeira vez. Ela não pôde evitar olhar para sua mãe, Faia, e seu irmãozinho, Kitai, que comemoravam na segunda fila.

Uma semana depois ela se mudou do pequeno apartamento da

família, preferindo morar com os companheiros Guardiões até conseguir comprar a própria casa. Ela sempre se juntava à família nas refeições e uma vez levou o alfanje para mostrar a Kitai.

Depois do jantar, fez uma demonstração para ele, com os pais olhando atentamente. Ela mostrou várias configurações do modelo C-10, girando-o e explicando várias formas de ataque que havia aprendido. Ele a observou com os olhos atentos e bateu palmas, feliz.

Faia estava cheia de orgulho, mas Cypher apontou alguns erros e a levou para fora de casa para praticar por algumas horas. Ela não ficou ofendida ou discutiu, mas trabalhou intensamente. Afinal, essa era a forma dele de demonstrar que se importava. E ela o amava por isso.

Agora, quatro anos depois, ela tinha 19 anos e já tinha sido promovida a Guardiã de segunda classe. Senshi Raige estava caminhando rapidamente para se tornar comandante, para deixar seu pai orgulhoso. Mais do que isso, ela sabia que a partir do momento em que fez o juramento dos Guardiões, estava se comprometendo com um modo de vida que sua família abraçara desde a época em que vivia na Terra. Enquanto seu irmãozinho brincava, ela se aprofundava na história da família, começando com o primeiro comandante supremo dos Guardiões, Skyler Raige II. Não foi muito depois da chegada a Nova Prime que o título de comandante supremo foi aposentado e substituído por general-comandante. Mais recentemente, sua bisavó, Khantun, até se tornara Imperator por algum tempo. E agora, seu pai era o general-comandante. Apesar de ele provavelmente estar esperando que ela o substituísse um dia, ela queria o posto.

Kitai podia ter tido resultados muito acima da média em termos de potencial de Guardião, mas ainda era jovem e não mostrava interesse. Sua mãe parecia conformada com sua entrada para os Guardiões no futuro, mas agia como um contrapeso para os comentários infrequentes de Cypher sobre o que era esperado dele. O garoto atualmente estava muito interessado nas festividades do Dia do Pouso, como um garoto qualquer, não um Guardião em potencial.

Ela adorava ser Guardiã. Gostava de sair em patrulha, conhecendo os cantos obscuros da cidade e vendo como os negócios arrumavam novos usos para o incrível tecido inteligente. O céu vivia repleto de transportes magnéticos e a cidade pulsava com vida.

Ultimamente, tudo estava bem calmo, dando a ela a chance de melhorar suas habilidades de pilotagem. Tinha se interessado pelo esquadrão Varuna e estava tendo umas aulas extras no centro de comando. Agendada para seu primeiro voo solo em semanas, ela já havia convidado Branden para ir observar. Ele podia ser um civil, mas era um civil bem

bonito. Já estavam namorando há alguns meses. Faia até começou a questionar o quão sério era o relacionamento, mas Senshi preferia viver o momento e não se concentrar no futuro. Ainda não. Haveria tempo para isso. Os Raige costumavam se casar e formar família mais tarde do que as pessoas comuns e, ela não via problema nisso. Era menos pressão.

Tudo isso passou pela cabeça dela enquanto colocava uma camisa e shorts antes de ir para o centro de recreação. O espaçoso ambiente de treinamento e recreação física ficava nas profundezas da montanha onde estava o quartel dos Guardiões, sendo resfriado pelas pedras naturais e pela falta de janelas. Havia uma área discreta para treinamento com pesos e ginástica, e um chão elevado para outras atividades.

Ela começou uma corrida leve pelo perímetro para se aquecer antes de ir para a patrulha mais tarde. No meio do caminho, viu Kiara Kincaid, outra Guardiã de 19 anos que estava levantando pesos sozinha. Ao passar, ela chamou amistosamente:

— E aí, Kay! — e continuou correndo. Na volta seguinte, Kincaid largou os pesos e se juntou a ela na pista.

Kincaid era cheia de curvas, enquanto Senshi era magra e forte, um contraste que ficou marcado várias vezes quando o grupo de Guardiões da turma delas saía para beber. De alguma forma, Kincaid esbanjava sensualidade a cada movimento, ganhando muitos admiradores entre Guardiões e civis. Senshi não podia deixar de notar as diferenças, pois suas famílias sempre se comparavam o tempo todo. Ela cresceu sendo constantemente comparada aos feitos de Kincaid e se via mentalmente competindo com a colega, de quem gostava genuinamente, em quase tudo, desde o tamanho dos seios até o tempo na corrida de obstáculos.

— Turno calmo? — perguntou Senshi à parceira de corrida. Ela já estava começando a suar.

— Trabalho no portão é chato — respondeu ela. — Nada acontece.

— Isso é verdade — concordou Senshi. — Mas ainda é melhor do que a outra opção.

— É? Você não preferia que, sei lá, um bando de bandidos viesse do deserto?

— Você está vendo filmes de mais. Não existem bandos de bandidos. Um ou outro bandido solto, com certeza. Mas eles são loucos e solitários, não organizados.

— Uma garota pode sonhar, não pode?

— É claro, e é melhor que sejam bandidos do que Ursas.

— Qual é o problema? A filha do FO não quer abater um Ursa pessoalmente?

Senshi virou a cara para a brincadeira, não sendo a primeira vez que

ela ouvia. Sim, ela era a filha de Cypher Raige, e, sim, ele era o Fantasma Original, o que significava que ela estaria sob pressão para replicar seus feitos maravilhosos. Ela se juntou aos Guardiões porque é isso que os Raige fazem, mas ela queria fazer tudo o que seu pai fazia?

— Eu preferia bombardeá-los do céu — disse.

Isso gerou uma nova avaliação da ruiva. Elas continuaram correndo em silêncio, até que Kincaid perguntou:

— Você vai tentar?

— Já estou treinando para me qualificar — respondeu Senshi.

— Esquadrão Veruna. Hum.

Senshi reconhecia esse tom. Significava que Kiara Kincaid estava pensando seriamente no Esquadrão Veruna pela primeira vez. Afinal, como a mais recente geração de Raige e Kincaid a servir nos Guardiões, a rivalidade secular entre as famílias continuava através delas. Ela não se lembrava de como tudo começou na Terra, mas, de alguma forma o sentimento permaneceu durante a viagem centenária para Nova Prime e floresceu quando o governo tripartidário foi formado. Um Kincaid desenvolveu a tecnologia F.E.N.I.X. para repelir os Skrel e outra Kincaid a transformou no alfanje que era usado até hoje. Os Raige mantiveram o planeta seguro. Membros das duas famílias podiam ser encontrados nas listas dos Guardiões, dos Savants e dos Primus. As duas famílias serviam Nova Prime com orgulho, mas as tensões entre elas sempre oscilavam. No início do século, um Kincaid foi considerado o pior general-comandante de todos os tempos e foi substituído pela bisavó de Kincaid, que foi considerada a melhor. E agora o pai dela estava no comando dos Guardiões, enquanto o melhor que os Kincaid tinham era um chefe do departamento médico.

É, nem um pouco de pressão para as garotas.

Elas continuaram correndo quando outros Guardiões chegaram para malhar. Homens e mulheres começavam suas séries enquanto duas preparavam o que parecia ser uma rede para um jogo de vôlei.

— Agora, o Santana... ele sabe se mexer muito bem — comentou Kincaid, apontando o queixo para um homem musculoso. Ele estava levantando pesos só de shorts.

— E como você sabe disso?

— Nós dançamos — respondeu Kincaid. — Algumas vezes.

— Eu gosto de namorar homens mais próximos da minha idade — comentou Senshi.

— E mais perto do seu peso — comentou Kincaid.

— Eu gosto dos magros, e daí?

— Eu prefiro meus Guardiões fortes e viris — rebateu Kincaid,

acenando para Santana.

— E eu prefiro os meus com mais flexibilidade — brincou Senshi. Ela e Braden Turner estavam namorando há algum tempo e estava começando a ficar sério. — Tenho que ir — disse ela. — Entro em serviço daqui a pouco.

— Espero que você encontre alguma ação — comentou Kincaid, com um tom de quem não necessariamente se referia aos Guardiões.

Senshi engoliu a resposta e saiu da pista, indo diretamente para os vestiários para tomar banho antes de sair em patrulha.

Ela estava no turno da noite do mês de Egito e patrulhando com Janus McGuiness, um homem um pouco mais velho do que ela. Ele tinha ombros largos e belos cabelos loiros.

— Você viu o jogo dos Meteoros na noite passada? — perguntou ele, em uma esquina perto da casa da família dela.

— A defesa deles é uma....

— A palavra que você esta procurando é "porcaria". O quarto tempo foi ridículo — comentou.

— Os Cometas aproveitaram todas as chances — concordou. — Kochman estava impossível. Quantos ele marcou? Sete ou oito nos últimos minutos?

— Com alguma sorte, eles poderão vencer os Safiras na próxima e continuar com chance de ir pras finais. — explicou McGuiness. Ele ficou pensativo por um instante e acrescentou: — Por que você e aquele cara...

— O nome que você está procurando é Braden — explicou ela, com um sorriso nos lábios.

— É, ele mesmo. Você, ele, Mallory e eu — sugeriu.

— Claro. Se as estrelas se alinharem, parece ótimo.

Senshi estava prestes a adicionar outro detalhe sobre a defesa horrível dos Meteoros quando os navibands dos dois soaram simultaneamente.

— Ursas — disse McGuiness, com a voz em um tom muito sério que lembrava a do general. — Quatro foram vistos na cidade.

Ela estava estudando as informações no próprio naviband quando viu que um deles estava perto. Perto do prédio onde sua família vivia. Ele se tornou a prioridade e ela começou a correr. McGuiness estava logo atrás.

— Está vendo alguma coisa?

— Nós temos que evacuar as pessoas. Eu vou começar pela minha casa — declarou ela. Ele simplesmente seguiu ao lado, o que era esperteza

de sua parte. A família era tudo para ela, que precisava se certificar de que Faia e Kitai estavam em segurança.

O prédio, entalhado nos rochedos que formavam a cidade de Nova Prime, era um aglomerado de apartamentos. A casa deles ficava alguns andares acima do solo, o que significava que ela precisava ter certeza de que eles já estavam indo para o abrigo mais próximo.

— Você já viu algum? — perguntou ele, correndo atrás.

— Só nos vídeos de treinamento — respondeu ela. Ninguém sabia ao certo quantos restavam depois da última incursão, quarenta anos atrás. Alguns haviam sobrevivido e eles temiam que as criaturas estivessem se reproduzindo. Porém, ninguém sabia onde eles viviam, portanto, eram uma ameaça constante.

— Estão ficando mais ousados, entrando na cidade quando querem.

— Por que não conseguimos descobrir onde eles moram?

— Se você pudesse se camuflar, seria fácil achar seu ninho?

— É verdade — disse ela, alerta enquanto a sirene cortava o ar da noite.

Instantaneamente, eles ouviram sons de pânico e movimento. Senshi apertou o passo ao ver os prédios. Outros Guardiões vinham na direção oposta e McGuiness, o oficial mais velho na área, gesticulou para que eles se espalhassem, entrassem nos outros prédios e escoltassem as pessoas para os abrigos.

— Um deles está a dois quarteirões daqui! — gritou um dos outros.

— Vamos mais rápido então! — respondeu McGuiness.

Ele seguiu Senshi para o prédio da família e gesticulou.

— Eu vou para o andar mais alto. Vá pegar o garoto e leve-o para um lugar seguro.

Ela subiu correndo as escadas, três degraus de cada vez, e chegou rapidamente ao andar da família. Senshi bateu nas portas, mandando todos irem para locais seguros, enquanto caminhava para a própria porta.

As trancas automáticas reconheceram o naviband dela e abriram a porta.

— Mãe! — gritou ela. Ninguém respondeu, então ela devia estar no laboratório, trabalhando até tarde novamente. Kitai, com 8 anos, tinha ido dormir sozinho.

— Kitai! — gritou ela, esperando que ele não estivesse assustado, apesar das sirenes.

Esforçou-se para ouvir sua voz aguda entre os sons de pessoas e Guardiões gritando. Ignorando a comoção no local, ela entrou no quarto dele.

— Kit?

— Senshi! — respondeu ele, finalmente se fazendo ouvir.

Ele não quis sair do quarto, então ela correu até lá e o encontrou na cama, com o tablet de leitura ao lado. Ela passou pela porta de tecido inteligente, com o alfanje na mão, e ele sorriu para ela.

— Kit! — disse frustrada. — Por que você não está no corredor? Por que não veio quando deveria?

Ele não respondeu e ela percebeu que o irmão estava assustado. Quem não estaria, com um alerta de Ursa e nenhum responsável no apartamento? Parte do preço de ser um Guardião era ouvir muitas histórias de Ursa.

— Deixa pra lá — comentou ela, decidindo que descobrir o motivo da paralisia dele não serviria de nada. — Kit, nós temos que ir. Agora.

Ele a encarou, os olhos fixos na arma dela.

— Agora! — gritou ela, insistindo.

Isso pareceu funcionar e ele lutou para sair da rede, mas ficou com o pé preso em uma das cordas que a seguravam. Ela se enrolou no garoto, que caiu com força no chão.

— Ah, pelo amor de Deus —, murmurou ela, enquanto ia na direção dele para soltá-lo.

O som de fundo foi um rugido alto e aterrorizante. Ela ouvira o som antes, mas só em vídeos. Dessa vez, era ao vivo e perto demais para dar conforto. Afinal, ela estaca na própria casa, tentando proteger o irmão. Não era a hora certa para encontrar uma máquina mortífera de seis pernas pela primeira vez.

O grito do Ursa fez seu irmão ficar paralisado, ainda preso na rede. Honestamente, se ela não fosse onze anos mais velha e uma Guardiã treinada, ficaria imóvel também.

O instinto a dominou e ela tocou nos comandos do alfanje. Milhares de filamentos ganharam vida, formando lâminas duplas.

— Isso é um... — disse Kitai, sussurrando.

Senshi assentiu.

— Eles nos surpreenderam — explicou ela a Kitai. — Estão sempre invadindo a cidade em momentos aleatórios — repetiu o que McGuiness havia acabado de dizer. Ela deu um passo a frente e golpeou com o alfanje. Quando a lâmina se aproximou, Kitai deu um grito assustado, mas o alfanje cortou apenas a rede. Ele caiu ao chão e se libertou das amarras.

Senshi se virou, com o alfanje nas duas mãos, e ficou tensa, esperando um novo grito para saber onde a criatura estaria. Ela rezou para que pudesse proteger seu irmão, mas se a criatura já estava no prédio, as chances eram quase nulas. Por sobre o ombro, ela perguntou o mais confiante que pôde:

— Você não está com medo, está?

— Não — respondeu Kitai, mas ela sabia que ele estava em pânico.

Lá!

Um segundo rugido agudo de fúria animalesca foi ouvido e Kitai saltou de susto.

— Sim — admitiu ele.

Ela assentiu, mas se recusou a admitir que ela também estivesse sentindo um nó no estômago. Ela fora treinada para isso, mas não estava preparada para enfrentá-lo ali, em casa. Em vez de responder, ela se virou e olhou na direção da porta, com o corpo tensionado.

Ele estava vindo.

Havia sons inconfundíveis de garras no chão do corredor. Todos os sons humanos sumiram. Enquanto ela tentava fazer Kitai se mexer, seus companheiros Guardiões esvaziaram o andar. Aparentemente, bem na hora.

— Kit — disse ela suavemente —, vá para debaixo da cama.

Kitai se arrastou para baixo da rede torcida e rasgada, inútil para suportá-lo, mas boa o suficiente para escondê-lo. Depois de puxá-la completamente sobre a cabeça, Kitai foi para um canto.

— Senshi, vem logo — chamou ele.

Ela sequer olhou para ele ou respondeu, mas sabia que não havia espaço suficiente sob a cama para se esconder. E ela se lembrou de algo de que seu irmão claramente havia se esquecido. O Ursa usava predominantemente o olfato. Esconder-se debaixo da cama não funcionaria tão bem quanto ela esperava.

Tudo o que ela podia fazer era proteger Kitai. Ela era a irmã dele. Ela era uma Guardiã.

Não havia muito tempo ou opções. Finalmente, ela viu uma caixa de vidro arredondada com plantas no interior. Era uma tentativa de Kitai de criar um jardim interno, mas agora teria uma utilidade ainda maior. Rapidamente, Senshi pressionou um botão na parte inferior do objeto. A tampa se abriu e ela guardou o próprio alfanje no suporte magnético. Com as mãos livres, rapidamente retirou as plantas da caixa, largando-as no chão e espalhando terra por toda parte.

É apertado, mas vai servir. Os resíduos de plantas e terra vão ajudar a mascarar o cheiro dele.

Ela empurrou a caixa na direção de Kitai, que não havia movido sequer um músculo. Agachando-se para ficar da altura dele, ela disse apressada:

— Entre aqui, tá bom?

— Mas... por quê?

Ele não estava pensando com clareza, apesar de todas as histórias que o general contara.

— Para que ele não consiga farejar você. Rápido!

Isso o fez se mexer. Ele entrou enquanto ela prestava atenção aos sons do apartamento.

Onde ele está?

Satisfeita por ele estar em segurança, ela colocou o controle remoto nas mãos de Kitai.

— Segure isso.

— Mas para que eu uso? — perguntou ele.

— Você vai usar quando eu mandar. Ou quando outro Guardião mandar. Se não for assim, não saia. Não importa o que acontecer. Isso é uma ordem — acrescentou ela, seriamente.

Ela sabia que essas eram palavras que Kitai respeitaria.

Os dedos dele passaram pelo controle quando ela aproveitou um instante e colocou as mãos no rosto dele. A pele dele era macia, suave e imaculada pela vida. Ela preferia morrer a ver isso mudar. E provavelmente morreria.

— Você ouviu o que eu disse, irmãozinho?

— Sim, Sen...

Mais uma vez, eles foram interrompidos pelo rugido do Ursa. Dessa vez, ele anunciou sua presença na casa deles. Pode ter sido a conversa, ou o cheiro repentino de terra no ar. Não fazia diferença. Ele estava lá.

Sem hesitar, ela pressionou um botão do controle e a caixa de vidro se fechou. Então, pegou o alfanje e ativou. Ela sentiu o peso do C-20, apreciando sua solidez, e ativou as lâminas duplas. Kitai estava seguro e ela poderia se concentrar totalmente no Ursa, que estava, no momento, se esgueirando pela sala de relaxamento de sua mãe. Um dia, a sala fora o quarto de Senshi, antes de ela decidir morar permanentemente no quartel, completando sua transição de filha para Guardiã.

O Ursa era silencioso e furtivo, mas ela sabia que ele estava lá, assim como ele sabia que ela estava por perto. Calmamente, Senshi assumiu a base clássica, com o alfanje sendo segurado nas duas mãos, pronto para girar e golpear assim que visse a criatura.

Senshi deu uma última olhada para trás, vendo o olhar apavorado de Kitai. Ela fez um gesto com a mão, mandando-o se manter abaixado, em segurança. Ela assentiu com confiança, garantindo-o que ficaria seguro. Era isso que irmãs mais velhas faziam.

O mais cuidadosamente possível, mantendo o alfanje atrás do corpo, ela caminhou para seu antigo quarto. Então, vendo a sombra do Ursa e reparando sua posição, ela mudou de ideia e começou a girar o alfanje na frente do corpo, fazendo a forma de um oito. Ao fazê-lo, ela deu um comando de voz que ativou seu naviband.

— Aqui é Raige, no segundo andar. O Ursa está aqui. Na minha casa. Eu estou com uma criança, mas ela está segura. Eu preciso de algum reforço. Um Fantasma ou dois, se estiverem sobrando.

Seu pai se tornara o primeiro Fantasma, anos antes. Desde então, alguns poucos outros exibiram a mesma habilidade impressionante de mascarar sua presença dos Ursas. Havia Daniel Silver, que ela conhecera certo dia. E Blackburn, mas ele sumira e seu pai não gostava de falar sobre o assunto.

McGuiness confirmou o recebimento do sinal, mas avisou que os reforços ainda demorariam alguns minutos. Ela não sabia se aguentaria esperar, não com aquela coisa na outra sala. Era por isso que os esquadrões de combate tinham oito membros.

— E onde você está?

— Voltando do abrigo. Devo chegar aí em dois minutos — avisou.

Ela duvidou. Sabia onde ficava o abrigo e qualquer um levaria mais de dois minutos. Não havia escolha: para salvar Kitai, ela teria que enfrentar a fera sozinha.

Era para isso que ela havia treinado. Era para isso que ela vivia.

O Ursa escolheu exatamente esse momento para entrar no quarto. Ele se movia devagar em suas seis patas e claramente havia sentido seu cheiro. Se tivesse se fixado nela, Raige estava morta. Se ela conseguisse evitar, ainda teria uma chance de sobreviver. O Ursa provavelmente percebeu que a área era apertada e começou a andar para a frente e para trás, bloqueando sua única saída. Ela girou o alfanje, deixando claro para a criatura que ela não cairia sem lutar.

Os movimentos em forma de oito eram bons para demonstração e para soltar os músculos, mas também permitiam que ela acumulasse energia cinética. Quando chegou a hora certa, ela golpeou a criatura. Esperava acertar um belo golpe e desacelerá-la o suficiente para que os reforços aparecessem. Quando a arma se aproximou do Ursa, ele se afastou alguns metros. Um golpe rápido com uma das patas e pedaços de móveis voaram por todos os lados.

Senshi deu um passo para o lado, desviando dos fragmentos que voaram em sua direção. Ao mesmo tempo, o Ursa tentou investir contra ela. Senshi girou e golpeou. A criatura aparou a ponta da arma dela para o lado, mas falhou em arrancá-la da mão. Cerrando os dentes, Senshi contra-atacou e começou uma troca de golpes. O Ursa encolheu as poderosas pernas traseiras e saltou sobre ela. Senshi se abaixou levantando o alfanje em um movimento que certamente empalaria a criatura.

Mas não deu certo.

O Ursa caiu longe da arma. Isso pegou Senshi de surpresa, fazendo-a

fraquejar por um momento. Com a confiança abalada, ela tentou atacar novamente com o alfanje para rasgar o corpo da criatura.

Aquela hesitação, a lentidão de pensamento, custou caro. O Ursa foi mais rápido do que ela imaginou, e antes que pudesse perceber seus movimentos, a garra dele a atingiu. As unhas se encravaram no ombro direito dela. Senshi sentiu a pele se partindo e o sangue correndo, seguido por uma dor intensa que irradiava do ombro em direção ao pescoço e para o braço. Seus gritos de dor pareciam fracos em comparação com o rugido da criatura.

O impacto a jogou para trás, abrindo um espaço entre eles. Ela tentou recuar ainda mais, para aumentar a distância, mas a dor era muito forte. A fera diminuiu a distância e ela levantou o alfanje com o braço bom, pronta para retaliar. Com um movimento rápido, a fera arrancou a arma da mão pouco firme da Guardiã. Ela ouviu a arma batendo no chão, mas não teve coragem de tirar os olhos da criatura, certa de que ela atacaria se ela tentasse recuperar a arma.

O Ursa mudou de posição e ela usou a oportunidade para ir na direção da arma. Mas a fera rugiu novamente, paralisando-a. Ela era uma Raige e eles nunca ficavam sem agir em batalha. Mas ela estava imóvel e isso lhe custou caro.

Uma pata agarrou sua perna, rasgando o uniforme e a carne. Ela se fechou e puxou, e Senshi sentiu os tendões, os músculos e as veias sendo rasgados. Outra pata penetrou seu estômago, repetindo a ação sanguinária.

A visão de Senshi ficou embaçada. Ela ficou agradecida por não precisar ver suas entranhas expelidas. Sua mente ficou anuviada com imagens de Kitai, seguro em sua caixa; de Faia, longe em algum outro lugar, sem saber que sua única filha estava morrendo naquele instante; de Cypher Raige, o general-comandante, vendo suas ações com desapontamento e apontando todas as manobras de alfanje que ela deveria ter usado.

Tudo o que ela queria era agradá-lo, seguir seus passos e levar o nome Raige com orgulho. Em vez disso, ela estava morrendo, sem conseguir mais sentir dor.

Senshi sabia que a criatura a tinha derrubado, o que não era muito difícil, considerando que uma das pernas dela estava despedaçada. Apesar de não poder mais focar ou sentir dor por causa do sistema nervoso em choque, seus ouvidos funcionavam perfeitamente e o Ursa soltou mais um rugido. Ela soltou seu próprio grito de agonia, um dueto de vida e morte.

A fera estava em cima dela agora, prendendo-a com as patas e provocando novos ferimentos em seu corpo destroçado. A criatura babava uma saliva fedida sobre ela.

A visão dela foi de embaçada a obscura. Estava morrendo. Teria sido fácil pensar que ela havia falhado com os Guardiões, e talvez tivesse, mas ela encontrou algum consolo ao saber que seu irmãozinho ficaria vivo. Ela não tinha falhado com a família.

Família. O pensamento lhe trouxe um pouco de paz. Ela esperava que eles a perdoassem por deixá-los. Esperava que seu pai a perdoasse. Em uma voz fina, como se ele estivesse perto o suficiente para ouvi-la, ela sussurrou:

— Pai.

O Ursa esmagou seu corpo dilacerado. Senshi abraçou a morte.

1000 DT

Terra

i

Kitai estava caído de costas, como um anjo de neve moribundo. O sangue vermelho se misturava às cinzas brancas. Ele tentou alcançar o alfanje nas costas, mas voltou de mãos vazias, lembrando que a arma tinha caído. Deixou o braço cair e olhou, vendo as cinzas grudarem em sua pele úmida.

Pensou: Isso é muito bonito.

Ao fechar os olhos, lá estava Senshi, olhando-o carinhosamente.

Então, ele viu a mãe condor, lutando para defender os filhotes.

Os olhos de Senshi passaram pelo quarto e encontraram uma caixa com plantas.

A abelha lutando contra a aranha passou por um segundo.

Senshi se abaixou e sussurrou.

Ele se arrastou do ninho, protegido pelo condor morto.

A abelha para de lutar e se livra de suas amarras.

Kitai está nadando no poço de luz, com os pulmões prestes a explodir.

Senshi olha para ele uma última vez. Ela acena com a cabeça confiante e faz um gesto com a mão, indicando que ele deve permanecer escondido.

Que vai ficar tudo bem.

Estava na balsa com Senshi. Os lábios dela encostam-se em seu ouvido para compartilhar um segredo. Ele a ouve dizer:

— Perdoe-se.

Kitai abriu os olhos no ar frio. Cinzas leves cobriam seu corpo. Ele se estudou e percebeu que estava coberto dos pés a cabeça. Pele, sangue e tecido inteligente estavam sumindo sob a camada cinzenta.

Sua reflexão foi interrompida pelo som do Ursa que finalmente tinha atravessado a parte superior do poço. Apesar de não conseguir enxergar a fera camuflada, ele conseguia ouvir as seis patas caminhando pela montanha. Agora ele estava livre para matar.

Kitai não estava preocupado. Respirava calmamente, com a mente concentrada em outra coisa.

O Ursa se aproximou em um passo deliberado, sem pressa para matá-lo. Enquanto se aproximava, ele não percebeu que as cinzas também estavam cobrindo sua forma invisível, tornando-o visível. Dessa forma, ele não podia mais depender da camuflagem.

O Ursa continuou seguindo na direção do alvo, com cinzas cobrindo cada centímetro de seu corpo horrendo. O sangue negro escorria de suas feridas, servindo como cola para as cinzas. Kitai viu a criatura andando mais devagar, parecendo confusa pela primeira vez. Ela virava a cabeça e o pescoço de um lado para o outro, claramente tentando recuperar o faro. E falhando.

Um pequeno sorriso se formou nos lábios de Kitai pela primeira vez em muito tempo. Ele se levantou e ficou parado de joelho, com cuidado para não fazer barulho, mas sem se preocupar com a criatura. Levantando-se completamente, ficou de costas para o Ursa, concentrado nos arredores.

Os sinais vitais de Kitai voltaram à leitura básica e as luzes de alerta se apagaram. Cypher o estudou, certo de que o sistema não estava com defeito, e resistiu a uma pontada de dor, enquanto olhava as telas ao redor. Tudo permanecia estável e controlado. Seu filho estava no controle da situação. Foi então que ele percebeu uma lágrima caindo em sua mão. Cypher olhou para ela. Olhou novamente para a tela, que parecia sem mudanças. E deixou as lágrimas fluírem. Era a única coisa física que podia fazer sem sentir uma dor absurda. Isso e ver seu filho fazer o que pouquíssimos foram capazes de fazer antes.

Kitai sabia que estava no topo de uma montanha negra vulcânica. Que um Ursa, que tinha se fixado nele, estava a apenas alguns metros de distância. Isso significava que a salvação estava em suas mãos: um alfanje para acabar com o Ursa e o sinalizador para salvar seu pai.

O tempo parecia passar mais lentamente quando ele se concentrava em respirar, dominando as emoções e alcançando um estado de espírito que nunca vivenciara antes.

Ele finalmente estava controlado. Antes, não estava. Não com Senshi e nem com a bondosa mãe condor. Mas não tinha problema. Naqueles momentos ele estava fraco, mas elas arriscaram suas vidas para que ele pudesse continuar a própria. Isso demonstrava o quanto elas o amavam.

Isso era aprovado quanto Kitai amava o próprio pai.

Certo do que precisava fazer, Kitai andou quase despreocupadamente ao lado do Ursa, que continuava caminhando em círculos, procurando sua presa, e abaixou-se para pegar o alfanje. Armado, ele retornou até o Ursa e parou, desafiadoramente, na frente dele. As cinzas continuavam a cair, grudando em seu rosto, praticamente ungindo-o no planeta de seus ancestrais.

Segurando a arma com as duas mãos, ele digitou um comando que a dividiu em duas partes idênticas. Agora empunhando duas espadas, ele apertou as mãos e correu em direção ao Ursa.

O fantasma cinzento correu pelo terreno pedregoso, quase invisível.

A outra figura cinzenta finalmente ouviu os passos e se preparou para uma nova batalha.

Mas a batalha não ia acontecer.

Em vez disso, Kitai se lançou ao ar e caiu com precisão nas costas do Ursa. Vendo onde os ferimentos continuavam a escorrer o sangue fétido, Kitai encravou os dois alfanjes nos pontos de acesso e os encravou com força.

O Ursa gritou novamente, mas em um tom que Kitai nunca ouvira antes. Era claramente um grito de dor. Talvez pela primeira vez a fera tenha sentido a própria mortalidade. O Ursa tremeu e se revirou, tentando desesperadamente remover o pequeno humano das costas, sem sucesso.

Enquanto o Ursa saltava, Kitai segurou com força as duas partes da arma e as arrancou, encravando novamente repetidas vezes no mesmo lugar. Ele bateu com o cotovelo em um pedaço de metal inteligente que os Skrel incluíram na estrutura da fera para conceder proteção adicional. Isso o fez soltar uma das mãos e ele quase perdeu o equilíbrio sobre a fera. Cansado de cavalgar e desejando terminar logo com aquilo, ele tocou outro código com as duas mãos e a arma mudou de configuração.

Novamente, o Ursa rugiu de dor quando as duas partes da arma cortaram a carne e os ossos da fera ao mudarem de forma. Kitai foi mais fundo e a ponta de lança da arma atravessou o corpo da criatura. Com um toque, a ponta de lança se retraiu, deixando um buraco enorme, com mais sangue se esvaindo.

Outro toque e o alfanje se transformou em uma foice que entrou o suficiente para cortar a boca do Ursa e emergir com pedaços de entranhas. O humano continuou despedaçando a fera, literalmente estripando-a.

Ele não pensou na crueldade do ato. Nada importava além de eliminar a ameaça e completar a missão. Kitai estava concentrado na tarefa, em estar no controle pela primeira vez e em tomar o comando da situação. Foi assim que ele foi treinado.

Isso era o que ele era.

Era Kitai Raige, a culminação de seus ancestrais.

Outro toque.

Outro grito.

Outro toque.

Outro grito.

Mas dessa vez, o Ursa fraquejou, sem conseguir se manter sobre as seis pernas. Sentindo a própria morte, a criatura deixou os instintos levarem-na para a beira do abismo. Ela morreria na queda, mas levaria a presa junto.

Outro toque.

A fera não se rendeu. O Ursa caminhou mais lentamente para a beira da montanha.

Um último toque e dessa vez a criatura se abaixou, com as energias esgotadas. A menos de um metro do abismo, ela caiu.

ii

Observando com uma mistura de preocupação, elação e alívio, Cypher comemorou as ações de seu filho. A câmera se movia tão violentamente que ele teve medo de ficar enjoado. Mas já se sentia tão mal, para começar, que nem perceberia.

As coisas ficaram mais lentas com os estertores de morte da criatura e agora a câmera mostrava seu filho nas costas do Ursa morto, com as pernas finalmente parando.

Seu filho desceu da carcaça, arrancando as partes do alfanje, ainda pingando com vísceras e sangue. Com os músculos doloridos e cansados, Kitai observou a criatura, desafiando-a a se mexer.

Mais dois toques e as partes do alfanje se transformaram em uma foice e uma espada. Cypher sentiu um frio na espinha ao ver seu filho, agora um homem. Um guerreiro.

Um Guardião.

Kitai não estava feliz. Mas também não estava com medo. A ameaça estava morta e ele ficou parado, observando a fera. Percebeu que sua roupa rasgada voltara a ficar cor de ferrugem, com o tecido deixando de detectar o perigo imediato.

Limpando o sangue das lâminas na carcaça cinzenta, ele juntou novamente as duas partes da arma e formou um único alfanje. Afastando-se da fera, ele caminhou até a mochila e a recolheu. Depois que estava no lugar, ele recolocou o alfanje e começou a subir mais ainda a montanha.

Ainda se sentindo no controle do ambiente, Kitai estava explodindo com energia e a direcionou para subir graciosamente a montanha. As pedras e as cinzas logo foram acompanhadas por neve, até que sua bota afundou no branco macio. A temperatura caía a cada metro, mas ainda assim, ele subiu determinado. Pensamentos sobre exaustão, fome e dor não existiam mais. Só a missão importava.

Ele precisou piscar duas vezes para limpar a mente ao chegar ao topo. Lá, no topo daquele mundo, ele conseguia enxergar centenas de quilômetros ao redor. Em vez de admirar o mundo e a paisagem natural, Kitai se concentrou em energizar o sinalizador e em segundos ele ganhara vida, pronto para ser usado. Com uma das mãos, ele o levantou no ar frio, tocando o botão que chamaria ajuda.

O sinalizador tremeu e uma luz branca disparou em direção ao céu estrelado. Ele sabia que os humanos foram sábios ao deixar a Terra. No caminho entre lá e Nova Prime, as arcas deixaram satélites de comunicação. Eles serviam como uma trilha e como uma ligação entre os mundos. Agora, os antigos satélites serviriam como retransmissores, garantindo que o sinal chegaria até a casa deles.

Com o sinal enviado, Kitai ficou satisfeito ao saber que a missão estava concluída. Ele podia retornar ao pai e tomar conta dele até a ajuda chegar.

1000 DT

Em algum lugar do espaço

i

Cypher Raige não sabia ao certo o que acontecera depois que viu Kitai começar a escalada final rumo ao topo da montanha. A febre estava muito alta e ele não tinha mais a adrenalina para manter-se concentrado. Em vez disso, delirando, ele sucumbiu, satisfeito pela ajuda que estava a caminho.

O que viu em seguida foi um feixe de luz vertical. Algo que penetrava na escuridão. Não tinha ideia de quanto tempo se passara ou por que a Hesper ficara tão escura.

Viu algumas figuras, duas, três, talvez seis. Ele só conseguia ver as formas, com a luz brilhando atrás de si. Viu algo prateado também, mas não fazia ideia do que era. As pessoas dizem que quando você morre às vezes vê uma luz e deve caminhar na direção dela. Ele nunca imaginou que o céu teria Guardiões esperando para recebê-lo. Talvez ser general-comandante realmente tivesse suas vantagens.

Se eu estou morrendo, não deveria estar sentindo tanta dor, deveria? E se eu já estou morto, por que estou sentindo como se estivesse sendo levantado?

Ele fechou os olhos e se deixou levar.

Depois, percebeu que estava sendo carregado. Era um sentimento conhecido, o que significava que ele não estava morto. Pelo menos ainda não. Estava em um local prateado. Será que estava dentro da Moby Dick? Será que as entranhas do Ursa são prateadas? Não, parecia um ambiente artificial, não orgânico. Foi então que sua mente deixou claro que ele estava sendo levado entre duas naves, entre os destroços da Hesper e uma nave de resgate.

O sinal de Kitai fora enviado.

Kitai, finalmente se sentindo descansado e renovado depois de ser resgatado, desejou ter outra roupa que não estivesse tão rasgada e suja para vestir. Ele gostaria de um uniforme de Guardião, mas isso viria no tempo certo. Dessa vez, Velan não poderia recusá-lo.

Ele sonhava em ultrapassar todos os Raige que vieram antes, incluindo o general. Depois da experiência na Terra, ele talvez não estivesse pronto para ultrapassar seu pai, mas sentiu que estava muito mais perto disso do que alguns dias antes. Incrivelmente, uma semana antes ele estava em Nova Prime, pensando que a vida tinha lhe dado um chute no traseiro. Agora, tinha visitado a Terra, visto coisas incríveis e matado um Ursa sozinho. Kitai ainda precisaria de tempo para processar tudo pelo que passou e realizou.

A nave de resgate chegou magicamente, uma das propriedades da engenharia Lightstream que ele queria tanto conhecer melhor. Mas, por enquanto, estava simplesmente feliz por terem resgatado seu pai primeiro. Ele estava à beira da morte e o procedimento médico deles permitiu aos Guardiões estancar o sangramento e reparar o dano. Cypher fez o que pôde para estabilizar a própria condição, mas agora os médicos precisavam cuidar das infecções e curá-lo. Demorariam algum tempo até saber a extensão completa de seus ferimentos e o tempo de recuperação.

Kitai estava simplesmente feliz por seu pai estar vivo.

Caminhando pelo corredor principal da nave classe C, ele viu os Guardiões fazendo seu trabalho com precisão e pouco bate-papo. Então, viu um técnico estudando um monitor que parecia familiar. Era um equipamento prateado conectado fisicamente com um console. Ele era um gravador que toda nave possuía, que guardava todos os dados pertinentes e registros, para ocorrências como essa. Na tela, ele viu uma imagem: o Ursa perdido. Kitai diminuiu o passo e viu fascinado, mal conseguindo se lembrar do que passara. A criatura realmente não tinha ideia de onde Kitai estava. Ele havia perdido o faro completamente.

Percebendo que não estava mais sozinho, o técnico, um homem mais velho, se virou e estudou Kitai. Ele olhou para a tela e olhou de volta. O garoto viu uma mudança na expressão do homem. Ele estava claramente impressionado pelo desempenho de Kitai na Terra. A curiosidade foi substituída por outra coisa.

Respeito.

Somente depois de ter sido resgatado, depois de ter dormido e tomado uma sopa quente, é que Kitai teve a chance de refletir sobre tudo o que fizera. Ele queria seguir os passos do pai, queria ser um Guardião. O que ele nunca pensou é que pudesse ser um Fantasma também. Era o oitavo, parte de um grupo de elite.

Kitai continuou caminhando pela nave até chegar ao pequeno quarto onde seu pai, o Fantasma Original, descansava em uma maca, sendo tratado por dois médicos. Ele parecia bem melhor do que estava na Terra, o que agradou Kitai. Ainda assim, estava mais pálido do que o normal, com

uma expressão de dor que nenhum remédio poderia tratar. Sob os cobertores, Kitai sabia que a perna dele estava sendo curada, porém nunca mais seria a mesma.

Eles estavam verificando seus sinais vitais e fazendo várias outras coisas, o que fez com que Cypher demorasse a perceber que seu filho estava parado na porta. Ao vê-lo, ele os interrompeu e falou:

— Levantem-me.

Os médicos olharam um para o outro e para o homem na maca. Kitai sentia tristeza ao ver seu pai tão frágil. Tão... normal.

— General... — começou um dos homens.

— Eu mandei me levantarem!

Sem esperar, Cypher começou a se sentar, o que fez com que os médicos começassem a se mexer. Eles o ajudaram a se levantar e foi aí que Kitai percebeu como as duas pernas dele estavam tão machucadas. Elas estavam em talas que ajudavam a administrar analgésicos, aceleravam a regeneração e davam suporte. Os médicos ajudaram a colocar as pernas no chão. Depois, cada um pegou um braço e os dois ajudaram-no a ficar de pé. O esforço foi grande para seu pai, que cerrou os dentes, mas conseguiu ficar de pé.

Pai e filho se estudaram em silêncio por um momento.

Cypher levantou uma das mãos e fez uma continência para seu filho.

Kitai ficou atordoado e feliz ao mesmo tempo.

Ele retribuiu a continência com seriedade e abriu um grande sorriso, caminhando para abraçar o pai.

Ficando perto de seu pai pela primeira vez no que parecia uma eternidade, Kitai chegou perto do ouvido dele e sussurrou:

— Pai...

— Sim.

— Eu quero trabalhar com a mamãe.

Cypher deu uma risada. Kitai entendeu que seu senso de humor ainda precisava ser trabalhado, mas estava bom para o momento. Nenhum dos dois queria largar o abraço, mas os médicos respeitosamente os separaram, deitando Cypher novamente na maca.

Quando a nave saiu da órbita da Terra, preparando os motores para a viagem para casa, Kitai olhou os monitores, vendo o planeta pela última vez. Estava chovendo quando eles decolaram. Uma chuva fresca e refrescante que encheria novamente os lagos que sustentavam a vida.

A selva resistiria. O ciclo da vida continuaria.

Um monitor diferente mostrava o oceano. Para a surpresa de Kitai, algo estava emergindo. Era do tamanho de uma baleia, mas não se parecia em nada com as baleias que ele vira no passado.

Kitai ficou ao lado de seu pai, que dormia. Cypher ficaria assim durante a maior parte da viagem para casa, se curando.

O planeta deixado para trás estava se curando lentamente e a vida continuaria a evoluir.

Com os olhos no planeta azul e verde que sumia no monitor, Kitai pegou uma cadeira e sentou-se ao lado de seu pai.

Logo, a nave sairia do sistema solar e ativaria os motores Lightstream, enviando-os por um buraco de minhoca que os levaria de volta para Nova Prime.

Ninguém poderia culpar Kitai se ele passasse a viagem toda sonhando com condecorações e admiradores que ele, o Fantasma mais jovem, certamente ganharia ao chegar a Nova Prime. Mas seu único pensamento era no homem deitado em silêncio, ali ao lado.

Cypher Raige era muitas coisas para muitas pessoas: o Fantasma Original, o general-comandante, o motivo pelo qual os Skrel não estavam mais vencendo a guerra... Mas, para Kitai, Cypher só tinha um nome: pai.

E Kitai era seu filho.

Cypher Raige foi o primeiro Fantasma, tornando-se uma arma de matar Ursas e a nova esperança de sobrevivência de Nova Prime.

Kitai Raige, seu filho, tornou-se o oitavo humano a exibir tal autocontrole.

Entre eles, houve seis indivíduos incríveis que também conseguiam mascarar sua presença dos Ursas.

Abaixo, estão três dessas histórias incríveis.

As outras três podem ser encontradas no livro Depois da Terra: A Fera Perfeita, por Michael Jan Friedman, Robert Greenberger e Peter David, disponível agora nas livrarias ou em e-book.

Sumário

Capa	3
Folha de Rosto	4
Créditos	5
Sumário	7
Dedicatória	8
Agradecimentos	9
Prelúdio	10
1000 DT – Campo de Treinamento dos Guardiões	20
	38

1000 DT - Nova Prime
2065 DC – Sede das Nações Unidas, Manhattan 43
1000 DT – Nova Prime 53
1000 DT – Porto Espacial dos Guardiões 63
2072 DC – Antártica, Terra 84
1000 DT – Terra 95
1000 DT – Terra 133
651 DT – Nova Prime 140
1000 DT – Nova Prime 154

933 DT – Nova Prime 166
1000 DT – Terra 177
1000 DT – Terra 188
995 DT – Cidade de Nova Prime 197
1000 DT – Terra 209
1000 DT – Em algum lugar do espaço 214